



~~~~~  
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS  
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

---

*O Regimento de*  
**S H A R P E**

~~~~~  
JULHO A NOVEMBRO DE 1813

*AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS*





B E R N A R D
C O R N W E L L

O Regimento de
S H A R P E


JULHO A NOVEMBRO DE 1813
AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS


Traduzido por Kleber de Souza Andrade
Da Edição Espanhola em 29/09/2014

Sinopse

Richard Sharpe e seus homens aguardam na fronteira os reforços do segundo regimento do South Essex, porém, apesar da situação desesperadora, os burocratas de Whitehall não enviam a ajuda prometida.

Incapaz de permanecer impassível ante o sofrimento de seus homens, Sharpe decide ir à Inglaterra e averiguar por si mesmo que obscuros motivos retêm na pátria o regimento que lhe prometeram. Lá se vê imerso em uma trama de confusões políticas e econômicas com a qual alguns dos membros mais importantes do Estado Maior britânico estão se enriquecendo.

Sharpe deverá mostrar o mesmo valor no coração da Inglaterra que no campo de batalha se quiser conseguir os homens que por justiça lhe correspondem, mas seus adversários são tão temíveis como a cavalaria napoleônica.

O regimento de Sharpe é dedicado,
com todo respeito, aos homens dos
Royal Green Jackets, sucessores de Sharpe.

Prólogo

Espanha, junho de 1813

MacLaird, o sargento-mor do regimento, era um homem forte, e a pressão de seus dedos, que agarravam a mão esquerda do major Richard Sharpe, era dolorosa. Os olhos do sargento-mor se abriram lentamente.

— Não vou chorar, senhor.

— Não.

— Não poderão dizer que me viram chorar, senhor.

— Não.

Uma lágrima rolou por seu rosto. Seu chapéu havia caído. Estava no chão, a curta distância da cabeça.

Sharpe agarrou o sargento com a mão esquerda e retirou suavemente a casaca vermelha.

— Pai nosso, que estás nos céus. — A voz de MacLaird se afogou de repente. Estava deitado sobre as duras pedras da estrada e algumas estavam manchadas com seu sangue. — Oh Cristo!

Sharpe tinha o olhar fixo no ventre destroçado do sargento-mor. A camisa sebosa de MacLaird estava metida dentro da ferida da qual manava sangue. Sharpe deixou a casaca cair suavemente por cima daquele horror. Não se podia fazer nada.

— Senhor — disse o sargento com voz débil —, por favor, senhor.

Sharpe se sentia violento. Sabia o que aquele homem duro, que havia atemorizado e humilhado em sua passagem cumprindo com seu dever, queria. Sharpe percebia a luta que transluzia o rosto daquele homem tão forte para não deixar ver sua fraqueza ante a morte, e agarrou a mão de MacLaird como se pudesse aliviar este último momento de orgulho de um soldado. MacLaird ficou olhando o oficial.

— Senhor?

— Pai nosso que estás nos céus, santificado seja teu nome... — As palavras iam saindo inseguras dos lábios de Sharpe. Não sabia se lembraria de toda a oração. — Venha a nós teu reino, faça-se a tua vontade assim na terra como no céu. — Sharpe não era crente, mas talvez quando morresse também ele quisesse o consolo das antigas frases. — O pão nosso de cada dia dai-nos hoje e perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores. — Com meio quilo de pão ao dia teria sido o sacana do francês o morto. Quais eram as palavras seguintes? — Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, pois Seu é o reino, o poder e a glória, amém.

Percebeu que havia recordado de tudo, mas agora já não importava. MacLaird havia

morrido, fora morto por um pedaço de pedra do tamanho de uma baioneta que se desprendera de uma rocha com o impacto da bala de um canhão francês. O sangue havia deixado de manar e já não se notava o pulso no pescoço.

Sharpe lhe estirou os dedos, colocou-lhe a mão sobre o peito, secou-lhe as lágrimas do rosto e se levantou.

— Capitão Thomas?

— Senhor?

— O sargento-mor está morto; leve-o e enterre-o. Capitão D'Alembord!

— Senhor?

— Faça que esses piquetes se situem cinquenta metros colina acima, hoje não é dia de manobras. Anda!

Os piquetes estavam perfeitamente postados e todos sabiam, mas Sharpe descarregava sua ira onde podia. O terreno estava molhado, empapado pela chuva da noite anterior. Havia charcos no caminho, alguns pintados de sangue. À esquerda de Sharpe, ali onde a ladeira se suavizava, um grupo de homens picavam a terra para escavar tumbas. Dez corpos, despojados das jaquetas e botas, muito valiosas para serem enterradas, esperavam junto a uma trincheira pouco profunda.

— Tenente Andrews!

— Senhor?

— Dois sargentos! Vinte homens! Para recolher rochas!

— Rochas, senhor?

— Façam-no!

Sharpe se virou e gritou a ordem. Estando nesse humor, era tonto o homem que contrariava o oficial alto e de cabelo negro que ascendera desde a tropa. Seu rosto, sempre selvagem, estava tenso de raiva. Foi caminhando para o lugar protegido junto às grandes rochas, onde os feridos se resguardavam do vento cortante. A bainha de Sharpe, que continha a pesada espada de cavalaria que ele brandia com a força de um boi, ressoou contra o solo quando se agachou.

— Dan?

Daniel Hagman, fuzileiro e antigo caçador furtivo, sorriu com malícia.

— Estou bem, senhor. — Tinha o ombro esquerdo vendado, a casaca e a camisa lhe cobriam a ferida como se fossem capas. — Mas não posso recheiar minha pipa, senhor.

— Eu recheio.

Sharpe pegou a curta pipa de argila, rebuscou na bolsa de munições de Hagman atrás do pedaço de tabaco escuro e gordurento, mordeu um pedaço, o triturou e o meteu na pipa.

— O que houve?

— Um maldito franchinote. Eu pensava que o porco estava morto, senhor.

Hagman era o homem mais velho do batalhão; talvez já passasse dos cinquenta, na realidade ninguém sabia. Também era o melhor atirador do regimento. Pegou sua pipa de Sharpe e observou como o oficial pegava seu caixa de isca.

— Eu disparei no sacana, senhor. Avancei e ele me espetou. Canalha. — Chupou a pipa, soltou a fumaça e voltou a chupar. — Angel se ocupou dele, estocou-lhe bem. — Sacudiu a cabeça. — Sinto muito, senhor.

— Não seja bobo, Dan. Não é culpa sua. Regressará logo.

— Derrotamos esses canalhas, senhor.

Hagman, assim como Sharpe, era fuzileiro; porém, como havia ocorrido com muitos outros, tinha acabado nas filas de casacas-vermelhas do South Essex. Contudo, seguiam usando as casacas verdes com obstinação e orgulho. Eram fuzileiros; os melhores.

— Sempre derrotamos esses canalhas, senhor.

— Sim — sorriu Sharpe, e o aspecto sardônico e brincalhão que mostrava seu rosto por causa da cicatriz na face esquerda desapareceu de repente. — Derrotamos os canalhas, Dan.

O South Essex, um batalhão com menos da metade da tropa, minguido pela guerra assim como uma baioneta vai afinando pelo uso e a afiação, havia derrotado os bastardos. Sharpe pensou em Leroy, o americano que fora o oficial ao comando do batalhão. Leroy teria se orgulhado deles.

Mas Leroy tinha morrido, fora morto na semana anterior em Vitória, e Sharpe sabia que logo haveria um coronel substituto novo, oficiais novos, homens novos. Vinham da Inglaterra, e Sharpe ia deixar temporariamente o comando daquele batalhão tão reduzido que nesse momento nem sequer podia combater em uma batalha.

Estavam avançando para *Pasajes*; como lhes haviam ordenado ir após o grande triunfo de Vitória. As ordens, que chegaram ao lombo de um cavalo suado pelo galope, mandavam o South Essex bloquear a vereda que saía das montanhas. O oficial do Estado Maior não sabia bem o que estava sucedendo. Em pânico, apenas explicou que um destacamento francês saía da fronteira, e que o South Essex, por casualidade, era o que estava mais perto. Deixaram as suas mulheres e bagagens no caminho principal e se dirigiram ao norte para deter os franceses.

E conseguiram. Bombardearam a vereda e seus mosquetes estalaram com o ritmo mortífero do fogo de pelotão, desbaratando a aproximação do norte, fazendo em pedacinhos as filas inimigas de casacas-azuis.

O South Essex não cedeu terreno. Seus feridos se arrastaram em busca de refúgio ou sangraram aonde haviam caído. Mesmo quando o canhão inimigo abriu fogo na montanha, varrendo filas inteiras e destroçando-as, eles não retrocederam. Lutaram contra os canalhas até pará-los e vê-los partir, e agora o major Richard Sharpe, com o sabor amargo do tabaco ainda em sua boca, avaliava o preço que havia pagado. Onze mortos e mais alguns que morreriam por causa das feridas. Pelo menos doze dos feridos não regressariam para a tropa. Outra dúzia, como Hagman, viveria para voltar a lutar, a menos que suas feridas se infectassem. Mas não havia nem que pensar naquela morte lenta, consumindo-se pela febre.

Sharpe cuspiu. Não tinha água, uma bala inimiga havia acertado seu cantil.

— Sargento Harper!

— Senhor?

O enorme sargento irlandês se dirigiu para ele. Este fuzileiro talvez fosse único do batalhão que não temesse a ira de Richard Sharpe. Harper havia lutado ao lado de Sharpe em todas as batalhas daquela longa guerra. Haviam avançado por toda a Espanha até que, nesse verão de 1813, encontravam-se perto da própria fronteira francesa.

— Como está Dan, senhor?

— Viverá. Tem água?

— Tinha, mas alguém fez um milagre com ela. — Harper que, contra o regulamento, tinha vinho tinto no cantil, o ofereceu a Sharpe. O major tomou um gole, depois colocou a tampa de cortiça.

— Obrigado, Patrick.

— Tenho muito mais se precisar, senhor.

— Não por isto, mas por estar aqui.

Harper havia se casado somente dois dias antes e, quando receberam a ordem de combate, Sharpe ordenara ao enorme irlandês que ficasse com sua nova mulher espanhola, mas ele se negara. Agora Harper olhava para o norte, para o horizonte vazio.

— O que os franchinotes faziam aqui?

— Estavam perdidos.

Sharpe não via outra explicação. Sabia que algumas unidades francesas, que depois da derrota de José Bonaparte em Vitória haviam se extraviado, regressavam em grupos dispersos para a França. Este era superior em número ao regimento de Sharpe, e se perguntava por que interromperam o combate. A única explicação que encontrava era que o inimigo percebera de repente que o South Essex não lhes cortava o caminho para a França e, por isso, não havia nenhuma necessidade de seguir lutando. Simplesmente, tinham se perdido, tropeçaram em um combate inútil e haviam partido.

— Canalhas — disse Sharpe com ira, pois seus homens haviam morrido por nada.

Harper, que com um metro e noventa e três, era inclusive mais alto que Sharpe, franziu o cenho.

— Foi terrível o que aconteceu com o sargento-mor, senhor.

— É.

Sharpe estava olhando para o céu e se perguntava se voltaria a chover. Aquele verão fora o pior que se recordava na Espanha.

— O posto é seu.

— Senhor?

— Já ouviu.

Enquanto estivesse ao comando do batalhão, Sharpe podia pelo menos promovê-lo a sargento-mor do regimento. O novo coronel não estaria em posição de mudar a nomeação.

Sharpe deu meia volta e se afastou.

— Tenente Andrews!

— Senhor?

O tenente dirigia um grupo de homens mal-humorados que cambaleavam pelo peso das pedras que levavam.

— Ponham sobre as tumbas!

As pedras impediriam que os animais escavassem em busca da carne enterrada a pouca profundidade.

— Todas as tumbas, senhor?

— Somente as nossas.

Sharpe não se importava se as raposas e os corvos se abarrotassem com a carne francesa apodrecida, mas seus homens descansariam em paz.

— Sargento-mor?

— Senhor?

Harper sorria pela metade, sem saber com certeza se um sorriso era aceitável naquele momento.

— Sim, senhor?

— Necessitaremos de uma maldita carroça para nossos feridos. Peça a um oficial montado que consiga uma da bagagem. Talvez então possamos reiniciar esta maldita marcha.

— Sim, senhor.

Naquela noite a chuva caiu sobre o desfiladeiro onde o South Essex havia aguentado e sofrido, onde jaziam seus mortos e de onde fazia tempo os vivos tinham partido. Os franceses mortos não foram enterrados, mas apenas cobertos escassamente com terra, e a chuva da noite anterior a havia levado. A carne branca e dura ficou a descoberto, e pela manhã os animais carniceiros vieram em sua busca. O desfiladeiro não tinha nome algum.

Pasajes era um porto na costa norte da Espanha, próximo à linha costeira que vira para o norte em direção à França. Era uma passagem profunda fendida nas rochas, que conduzia a um porto abrigado e a salvo, transbordante de navios britânicos. As provisões que alimentavam o Exército de Wellington chegavam agora a *Pasajes*, já não iam para Lisboa e eram transportadas além das montanhas por carretas puxadas por bois. Em *Pasajes* o Exército reunia as provisões que permitiriam invadir a França, mas o South Essex, que mesmo antes do combate no desfiladeiro sem nome era considerado muito dizimado pela guerra por ter um

lugar na linha de batalha, fora enviado a *Pasajes*. Até que chegassem reforços, seu trabalho consistiria em proteger dos ladrões os cais e armazéns. Eram soldados de combate convertidos em vigilantes.

— Maldito país, maldito fedor, maldita gente.

O general de divisão Nairn interrompia cada comentário lançando uma laranja pela janela. Fez uma pausa, com a esperança de ouvir um grito de dor lá embaixo, mas apenas se ouvia o som da fruta que golpeava contra os paralelepípedos.

— Você deve estar realmente decepcionado, Sharpe.

Sharpe deu de ombros. Sabia que Nairn se referia ao trabalho de vigiar os armazéns.

— Alguém tem que fazê-lo, senhor.

Nairn zombou de sua docilidade.

— Só o que se pode fazer aqui é impedir que esses malditos espanhóis mijem em nosso caldo. Sinto muito por você! — levantou-se e se dirigiu para a janela. Observou dois oficiais de aduaneiros espanhóis com botas altas que percorriam lentamente os cais. — Sabe o que aqueles bastardos estão nos fazendo?

— Não, senhor.

— Nós libertamos seu maldito país e agora eles querem nos cobrar uma taxa de aduana por cada barril de pólvora que trazemos à Espanha. Isso é como salvar a mulher de um homem de ser estuprada, e depois ter de pagar por esse privilégio! Estrangeiros! Sabe Deus por que fez os estrangeiros. Não servem para nada. — Deu uma olhada para os dois homens da aduana, debatendo-se entre lançar a última laranja neles ou não, depois se virou para Sharpe:

— Com que forças você conta?

— Duzentos e trinta e quatro efetivos. Noventa e seis em vários hospitais.

— Jesus!

Nairn ficou olhando para Sharpe com incredulidade. Conhecera o fuzileiro pelo Natal e desde o início ambos haviam se dado bem. Depois Nairn havia cavalgado até *Pasajes* desde o quartel general do Exército em busca de Sharpe. O general de brigada grunhiu e voltou para sua cadeira, tinha umas sobrancelhas brancas e revoltas que cresciam surpreendentemente para cima até alcançar uma mata de cabelo branco.

— Duzentos e trinta e quatro efetivos?

— Sim, senhor.

— Suponho que perdeu alguns no outro dia.

— Uns poucos. — Mais três homens já haviam morrido das feridas recebidas no desfiladeiro. — Mas estamos esperando substituições.

O general de brigada Nairn fechou os olhos.

— Está esperando substituições. De onde, por favor?

— Do segundo batalhão, senhor.

Durante uma boa parte da guerra, o South Essex apenas havia contado com um batalhão, mas agora, no acampamento inglês de Chelmsford, formara-se um segundo. A maioria dos regimentos tinha dois batalhões, o primeiro para entrar em combate e o segundo para recrutar homens, instruí-los e depois enviá-los conforme as necessidades do primeiro batalhão.

Nairn abriu os olhos.

— Você tem um problema, isso sim. Sabe como afrontar os problemas?

— Senhor? — inquiriu Sharpe temeroso ante a incerteza.

— Você os dilui em álcool, isso é o que tem que fazer. Graças a Deus que roubei do general um pouco de seu conhaque. Aqui tem, homem.

Nairn havia tirado a garrafa de sua pasta e verteu um par de doses generosas em dois copos sujos que encontrou sobre a mesa.

— Fale-me de suas malditas substituições.

Não havia muito que dizer. Antes de morrer, o tenente-coronel Leroy havia mantido uma correspondência muito ativa com o acampamento de Chelmsford. No inverno passado as cartas da Inglaterra mencionavam oito companhias de recrutamento que iam a caminho, procedentes de amplos quartéis nos quais tinham recebido instruções entusiasmadas. Nairn escutava.

— Você pediu que lhe enviassem homens?

— Certamente!

— E onde estão?

Sharpe deu de ombros. Isso era exatamente o que ele se perguntava, e se consolava com a ideia de que os substitutos podiam ter se visto implicados no caos que teria sido a mudança de base de suprimentos do Exército de Lisboa para *Pasajes*. Os novos recrutas podiam estar em Lisboa, ou no mar, ou atravessando a Espanha; ou pior ainda, esperando ainda na Inglaterra.

— Nós os pedimos em fevereiro. Agora estamos em junho; devem estar a caminho.

— Faz mil e oitocentos anos que dizem o mesmo de Cristo — gemeu Nairn. — Disseram a você com certeza que os enviavam?

— Não — respondeu Sharpe dando de ombros. — Mas assim tem que ser!

Nairn olhava fixamente dentro de seu copo de conhaque como se fosse a bola de um adivinho.

— Diga-me, Sharpe, ouviu falar alguma vez de um homem chamado lorde Fenner? Lorde Simon Fenner?

— Não, senhor.

— Um político infecto, Sharpe. Um político sacana de merda. Sempre odiei os políticos: um dia se arrastam ao seu redor, com a língua para fora para lhe pedir o voto, e no dia

seguinte são tão asquerosamente vaidosos que nem ao menos lhe veem. Canalhas insolentes e mequetrefes! Eu os odeio! Espero que também odeie os políticos, Sharpe.

— Lorde Fenner, senhor?

Sharpe percebia que havia más notícias. Sabia que os generais de brigada, por mais amigáveis que fossem, não cavalgavam grandes distâncias para compartilhar um copo de conhaque com os oficiais.

— Um bastardo sujo e pomposo, é o que é. — Nairn cuspiu o insulto. — É o ministro da Guerra, e provavelmente ninguém em todo o Ministério saberia o que é uma guerra ainda que se lhes colasse no fundo. Assim que nos escreveu. — Nairn extraiu um pedaço de papel de sua pasta. — Ou seja, um de seus secretários picados de varíola o fez. — Mais que para a carta, olhava fixamente para Sharpe. — Afirma que não há reforços disponíveis para o South Essex, que não enviaram nenhum e que não vão enviar nenhum. Nenhum, aqui o põe. — Estendeu-lhe o papel.

Sharpe não podia acreditar. Pegou a carta com temor e viu que era uma longa lista, enviada pelo Ministério da Guerra, via Guarda Real, das substituições que se esperavam nas semanas seguintes. Ao final da lista estava o South Essex, junto a seu nome se havia escrito “2.º bat., agora batalhão de reserva. Reforço impossível”. Isso era tudo, e se era verdade, significava que o segundo batalhão do South Essex passava a se converter em um mero batalhão de reserva; um lugar em que os garotos de treze e catorze anos, jovens demais para combater, esperavam seus aniversários; um lugar onde enviavam os homens em trânsito ou feridos enquanto esperavam novos destinos. Um batalhão de ralé, sem orgulho e com poucos objetivos.

— Não pode ser! Há recrutas! Tínhamos oito companhias de recrutamento!

Nairn grunhiu.

— Em uma carta de explicação ditada por sua maldita senhoria em pessoa, e que não vou lhe mostrar para não ofendê-lo, recomenda que seu batalhão seja dissolvido.

Durante uns breves segundos, Sharpe pensou que não havia ouvido bem o que Nairn tinha dito. Um muladeiro espanhol gritava do outro lado da janela, do porto chegava o som chiante de um torno, e para Sharpe lhe ressoava na cabeça a palavra “dissolver”.

— Dissolver, senhor? — no quente aposento Sharpe sentiu um arrepio.

— Lorde Fenner sugere, Sharpe, que seus homens passem para outros batalhões, que suas bandeiras sejam enviadas para casa, que seus oficiais troquem de regimento, comprem sua ascensão, ou se ponham à nossa disposição.

Sharpe não dava crédito ao que ouvia.

— Não podem fazer isso!

Nairn soltou uma risada amarga.

— Sharpe! São políticos! Não pode querer que esses canalhas tenham senso comum! — Inclinou-se para frente. — Vamos necessitar de todas as unidades experimentadas que

possamos arranjar e reunir; todas, mas não espere que lorde Fenner o entenda! É o ministro da Guerra, mas não distinguiria uma baioneta de uma baqueta. É um civil! É quem controla o dinheiro do Exército, e por isso mesmo não entenderá.

Sharpe não disse nada. Pensava nas bandeiras do batalhão penduradas em alguma igreja inglesa, bem elevadas em um presbitério empoeirado enquanto os homens que lutaram por elas eram repartidos por todo o Exército. Sentia raiva, raiva e amargura, porque esses homens, que lutaram por essas bandeiras, que sofreram, homens cujos companheiros jaziam em tumbas sem sinais em uma dúzia de campos de batalha, iam ser dispersados. Pensava em um batalhão que, assim como uma família, tinha suas brigas e seus risos, seu calor e seu orgulho. Sacrificar tudo isso!

— Dissolver a você — disse Nairn com brutalidade. — Pena que seja verdade. Busaco, Talavera, Fontes de Onor, Cidade Rodrigo, Badajoz, Salamanca, Vitória, grande maneira de acabar! É como enviar uma matilha de sabujos para o matadouro, hem?

— Mas se tínhamos a oito sargentos de recrutamento!

— Não tem sentido algum que explique isso para mim, Sharpe, eu apenas sou um burro de carga. — Nairn sorveu pelo nariz. — E mesmo se o transformássemos em um batalhão provisório seguiria perdendo homens. Você necessita de um destacamento de substituição!

Era verdade. Se o South Essex se unisse a outro batalhão seguiriam tendo baixas, até que o batalhão ao qual se unissem fosse reduzido e de novo diluído. Em lugar de ver-se dissolvido, o South Essex murcharia e morreria, suas bandeiras seriam esquecidas, seu moral se desperdiçaria.

— Não! — Sharpe quase gritou a palavra como um protesto atormentado. — Não pode fazê-lo!

— Esperemos que não seja assim — sorriu Nairn. — O general não está contente, tudo isto lhe põe de mau humor, Sharpe. — Nairn falava de Wellington. — Tem a estranha ideia de que o South Essex lhe seria útil na França.

O cumprimento era verdade. Um batalhão veterano como o South Essex, ainda que suas filas estivessem meio cobertas com novos recrutamentos, tinha um moral e um conhecimento que multiplicava por dois seu valor de combate. O South Essex se convertera em uma máquina de matar que podia enfrentar tudo que os franceses lhe lançassem contra, enquanto que um batalhão recém chegado, ainda que fosse muito bem instruído na Inglaterra, poderia tardar meses em conseguir a mesma eficácia. Nairn serviu mais conhaque nos dois copos.

— O general, Sharpe, não confia nesses bastardos de Londres. Ministério da Guerra! Guarda Real! Ministério de Assuntos Exteriores! Departamento de Armamento e Material! Temos mais ministérios dirigindo esta maldita guerra que batalhões! Fizeram muito mal, perderam os papéis, têm as calças nos tornozelos e não encontram a sua mamãe para que lhe suba! Quem está a cargo de Chelmsford?

Sharpe tinha que pensar. Tinha a cabeça confusa entre a ira e a surpresa ante a ideia de que seu batalhão se dissolvesse.

— Em Chelmsford, senhor? Um homem que se chama Girdwood, o tenente-coronel Girdwood.

— Você o conhece?

— Nunca o vi.

— Girdwood tem homens! O que ocorre é que não quer perdê-los! Sucede continuamente, Sharpe! O homem tem um segundo batalhão, ele os instrui, converte-os em soldados de brinquedo, e não suporta tê-los que enviar para fora onde o primeiro batalhão os sujará. Assim que vá ver esse Girdwood! — Nairn disse aquele nome em tom de zombaria. — Convença-o a lhe dar alguns homens para esse suposto batalhão de reserva! Lamba-lhe as botas! Embebede-o! Ofereça-se para satisfazer a sua mulher! Encontrará alguns homens em Chelmsford. — Nairn deu uma risada ao ver a expressão de Sharpe e lhe lançou um envelope selado com ordens. — Uma autorização para você e outros três homens mais para ir à Inglaterra para selecionar substituições. Volte pelo outubro, isso são quase quatro meses.

Sharpe ficou olhando para o escocês.

— Para a Inglaterra?

— Já sei que é desagradável — disse Nairn, sorrindo brincalhão —, mas aqui não vai acontecer nada, nada! Os malditos políticos não nos vão deixar invadir a França até que a Prússia decida se participará do baile outra vez. Só o que vamos fazer é tomar San Sebastián e Pamplona e depois nos sentar em nossos traseiros sem fazer nada. Pode ir para casa tranquilamente, aqui não vai perder nada. Vá embora para Chelmsford.

— Não posso regressar! — O que queria dizer era que não podia deixar seus homens.

— Pois, diabos, terá que fazê-lo! Quer que o South Essex morra? Quer ser um armazenista? — Nairn bebeu um trago de conhaque. — O general não quer dissolvê-lo. Ele o converterá em um batalhão provisório se não lhe restar mais remédio, mas preferiria que você completasse suas filas. Vá a Chelmsford, busque homens! Se não encontrar nenhum, procure-os em outro lugar!

— E se não houver homens em nenhum lugar?

O escocês passou o dedo pela garganta.

— Assistirá à morte de um regimento.

Maldita lástima.

Precisamente agora? Agora que o Exército reunia suas forças no limite da terra de Napoleão, na fronteira francesa? Breve, talvez este outono ou na primavera seguinte, os homens que haviam desembarcado primeiro em Lisboa penetrariam na França, e o South Essex tinha que estar com eles. Haviam ganhado este privilégio. O dia em que o império do inimigo fosse finalmente derrubado, as bandeiras do South Essex ondeariam vitoriosas. Sharpe indicou a carta de lorde Fenner.

— Como poderei opor-me a isso?

Nairn sacudiu a cabeça.

— É um erro, Sharpe! Tem de ser! Mas não se podem corrigir erros enviando cartas! Escrevemos para esses malditos inúteis, mas metem as cartas dirigidas à Guarda Real em uma gaveta onde está escrito ASSUNTOS URGENTES PARA ESQUECER. Mas não podem se esquecer de você. Você é um herói! — Ele o disse com zombaria amistosa. — Vá a Chelmsford, busque seus homens e traga-os. Levará a metade do tempo que o fazendo por carta.

— Sim, senhor — disse Sharpe aturdido. — Ir à Inglaterra!

— E traga-me um pouco de uísque, é uma ordem! Há uma loja em Cornhill que o compra na Escócia.

— Sim, senhor.

Sharpe respondeu de forma distraída. Regressar? Para a Inglaterra? Ele não queria ir, mas se a alternativa era ver morrer o batalhão que tinha ganhado o direito de pisar os caminhos da França, então iria ao próprio inferno. Por seu regimento e pelas bandeiras que haviam ondeado entre a fumaça de canhão de meio continente, regressaria à Inglaterra para poder avançar na França. Voltaria para casa.

Capítulo 1

Inglaterra, julho e agosto de 1813

Ao chegar a Chelmsford, Sharpe não recordava o caminho para o acampamento do South Essex. Apenas havia visitado o quartel uma vez, uma breve visita em 1809, e se viu obrigado a perguntar a um vigário que estava dando de beber a seu cavalo em um bebedouro público. O vigário olhou com desconfiança o uniforme desalinhado de Sharpe, e lhe ocorreu uma boa explicação para o aspecto do soldado vagabundo:

— Vem da Espanha?

— Sim, senhor.

— Muito bem! Muito bem! Estupendo! — exclamou o vigário, e apontou em direção leste, indicando aos soldados o campo aberto. — E que Deus os abençoe!

Os quatro homens se dirigiram para o leste. Sharpe e Harper eram olhados com má vontade, tal como havia sucedido em Londres; parecia que tinham chegado diretamente de um campo de batalha da Espanha e ainda esperassem, inclusive nas ruas tranquilas da cidade deste condado, encontrar-se com uma patrulha francesa. O capitão D'Alembord ia vestido com mais elegância que Sharpe ou Harper, ainda que seu uniforme, como o do tenente Price, delatava os estragos da batalha.

— Teria que me proporcionar um êxito incrível com as damas — disse D'Alembord, tocando um rasgão em sua casaca escarlata feito por uma baioneta francesa em Vitória.

— A propósito — interveio o tenente Harry Price, que havia desembainhado a espada ao sair da cidade e ia dando golpes na erva que cobria o caminho —, vai nos dar alguma licença, senhor?

— Você não quer uma licença, Harry. Pois se meteria em problemas.

— Todas aquelas garotas de Londres! — exclamou Price com tristeza. — A maioria não conhece um herói como eu! Regresso da guerra e... Por que está sorrindo, sargento?

Harper exibia um amplo sorriso.

— Estou feliz, senhor.

Sharpe deu uma risada. Começava a acreditar que essa viagem era totalmente desnecessária. Estava convencido de que a carta de lorde Fenner era um erro; certo de que haveria substitutos esperando em Chelmsford.

Em Londres, Sharpe visitou a Guarda Real fazendo constar sua presença para as autoridades, e o secretário que havia no empoeirado escritório lhe confirmou que o segundo batalhão estava em Chelmsford. O homem não pôde lhe dar uma explicação de por que agora era chamado batalhão de reserva e, entediado, tinha sugerido que talvez fosse uma

conveniência administrativa. Só o que podia confirmar era que se destinavam rações e pagamentos para setecentos homens.

Setecentos homens! Semelhante número lhe havia dado esperanças. Agora estava seguro de que o segundo batalhão estava salvo, de que no espaço de umas semanas, inclusive dias, ele conduziria os substitutos para o sul, até *Pasajes*. Caminhava para o quartel com grandes esperanças, seu otimismo crescia com o esplendor daquela campina de verão.

Parecia um sonho. Sharpe sabia que a Inglaterra estava tão cheia de mendigos, cortiços e horrores como qualquer cidade da Espanha; contudo, depois das planícies de Leão ou as montanhas de Galiza, esta paisagem parecia como uma antecipação do céu.

Atravessavam uma Inglaterra repleta de comida e de suave vegetação, um país de reservatórios, rios, riachos e lagos. Um país de mulheres de bochechas rosadas e homens gordos, de crianças que não se mostravam cautelosas com os soldados ou os estranhos. Era anormal ver galinhas bicando nas bordas do caminho tranquilamente, sem que os soldados lhes retorcessem o pescoço; ver vacas e ovelhas que não corressem perigo por parte dos oficiais de intendência, celeiros sem vigilância e as portas e janelas das humildes casinhas sem estar destroçadas para alimentar as fogueiras, nem marcadas com os hieroglíficos feitos com giz dos sargentos de alojamento. Sharpe notou que considerava cada colina, cada bosque, cada curva do caminho como um lugar para combater. Aquela cerca, com a vereda descendo atrás, seria um lugar perigoso para a cavalaria, enquanto que um pasto aberto que se elevava por uma granja sobre uma suave colina, seria um lugar a ser evitado como a peste se os *cuirasseurs* franceses andassem pela zona. A Inglaterra lhe parecia um país pródigo, abundante e amável. Contudo, isso não era nada comparado com a reação da mulher de Harper.

Este havia pedido a Isabella que fosse com eles. Estava grávida, e o grande irlandês não queria que seguisse o Exército até a hostil e estranha França. Harper tinha um primo que vivia em Southwark, e deixaria Isabella ali até que a guerra acabasse.

— Um homem não necessita ter sua mulher pendurada na saia — havia afirmado Harper com toda autoridade que lhe outorgava ser um homem casado há menos de um mês.

— Não lhe importava que estivesse conosco antes de se casar com ela — Sharpe havia lhe respondido.

— Isto é diferente! — disse Harper indignado. — O Exército não é lugar para uma mulher casada, não é mesmo.

— Será feliz na Inglaterra?

— Certamente que será feliz!

Harper se surpreendeu com a pergunta. Para ele a felicidade consistia em estar vivo e bem alimentado, e a ideia de que Isabella temesse viver em um país estranho não lhe havia ocorrido.

Para Isabella, a Inglaterra era muito estranha. Durante o trajeto de Portsmouth a Londres havia feito algumas perguntas a seu marido, timidamente. Onde ficavam as oliveiras? Não

havia laranjas? Nem vinhedos? Nem igrejas católicas? Não podia acreditar no quão cheios e transbordantes estavam os rios, na despreocupação que os lugareiros esbanjavam a água, no verde, frondosa e enredada que era a vegetação, no quão gordas estavam as vacas.

E mesmo três dias depois, saindo de Chelmsford, para Sharpe continuava parecendo irreal que um país pudesse ser tão pródigo. Passaram por hortos em maturação, luminosos campos de cereais com papoulas e porcos correndo em liberdade, que poderiam alimentar a um corpo do Exército durante uma semana. O sol brilhava, a terra era quente e aromática, e Sharpe sentiu a alegria despreocupada de um homem que esperara por um trabalho difícil ou mesmo impossível de realizar e que de repente se apresentava tão simples.

Seu otimismo se desvaneceu no quartel com a mesma brusquidão que seria se a Guarda Imperial de Napoleão tivesse aparecido na praça do mercado de Chelmsford. Tinha ido ali com a esperança de encontrar setecentos homens, e parecia que o quartel estava vazio.

Nem sequer havia um guarda na porta. O vento levantava a poeira, cresciam ervas daninhas entre as pedras do pavimento e uma porta chiava para um e outro lado sobre as dobradiças sem lubrificar.

— Guarda! — gritou Sharpe com voz furiosa. Só o silêncio lhe respondeu.

Os quatro soldados penetraram na sombra projetada pela arcada. O depósito não estava totalmente abandonado, pois no outro extremo do campo de instrução uma fila de cavaleiros avançava a pé com seus cavalos. Sharpe empurrou a porta, que chiou, e olhou no interior de um quartel da guarda vazio. Durante alguns segundos, perguntou-se se o batalhão teria sido enviado para a Espanha, se em algum lugar do oceano açoitado pelos ventos teria afundado em seu caminho, e esta missão fosse completamente inútil; porém, provavelmente, se o batalhão tivesse se trasladado, a Guarda Real teria sabido.

— Há alguém em casa? — perguntou D'Alembord.

Fez um sinal com a cabeça para a bandeira da União, que ondeava debilmente em um mastro situado diante de uma elegante construção de tijolos que hospedava o refeitório dos oficiais e os despachos do regimento. Junto ao mastro com os varais vazios, havia uma carruagem aberta.

Harper retirou sua boina da frente.

— O que diabos faz a cavalaria aqui?

— Sabe Deus — respondeu Sharpe com voz severa. — Daily?

— Senhor? — respondeu D'Alembord limpando o pó das botas.

— Pegue o sargento-mor. Dê um volta por este lugar e descubra os bastardos.

— Se é que há alguém aqui — replicou D'Alembord melancólico.

— Harry! Você, comigo.

Sharpe e Price se encaminharam para o edifício do quartel general. Price viu como no rosto de Sharpe se desenhavam os maus presságios, quem havia deixado o quartel da guarda

vazio e o depósito sem vigilância?

Sharpe subiu os degraus do elegante edifício e, assim como na entrada principal, não havia sentinela na porta. Conduziu Price ao interior de um saguão comprido e frio, nele penduravam retratos de homens com casacas vermelhas dispostos para a batalha. De algum lugar da casa surgia o som de uma música e o ruído de gargalhadas.

Sharpe abriu uma porta pintada de branco e se encontrou em um escritório vazio. Uma mosca zumbia junto a uma janela suja sobre os corpos mortos de outras moscas. Os papéis que estavam em cima da mesa tinham um dedo de poeira, sobre a chaminé, um relógio pequeno de caixa negra havia parado às seis.

Sharpe empurrou uma segunda porta que havia no outro extremo do saguão. Deu uma olhada no interior de uma sala de jantar elegantemente mobiliada, tão vazia como o escritório, com uma mesa grande e polida sobre a qual repousavam estatuetas de prata. Um tonel de vinho meio vazio continha uma vespa que se afogava lentamente. Sharpe fechou a porta.

O saguão estava carpetado, os móveis eram pesados e caros e as paredes estavam recém pintadas. Em cima de uma escada curva pendia um lustre enorme, os braços dourados com um dedo de cera. Sharpe pôs sua boina em cima da mesa e franziu o cenho ao ouvir que os risos aumentavam.

Distinguiu a voz de uma garota por cima do trinar da espineta. O tenente Price sorriu zombeteiro ao perceber a bagunça.

— Soa como um bordel, senhor.

— Verdade — respondeu Sharpe. Sua voz denotava a ira que sentia. Ira ao ver um quartel sem guarda onde o riso de mulheres se misturava com o som da música.

Dirigiu-se para a última porta do saguão, que sabia dava ao refeitório dos oficiais e de onde vinham os risos. Empurrou a porta lentamente, ficou na sombra do saguão e observou. Três oficiais, vestidos com as bordas amarelas e a insígnia da águia acorrentada do South Essex, se encontravam no aposento. Junto deles se encontravam duas garotas, uma sentada à espineta, a outra com os olhos vendados no centro do aposento. Estavam brincando de cabra-cega.

Os oficiais riam e se esquivavam das arremetidas da garota dos olhos vendados. Um deles montava guarda para que ela não tropeçasse com uma mesa baixa sobre a qual havia uma merenda com finos sanduíches, bolinhos e delicadas xícaras de porcelana. Esse oficial, um capitão, foi o primeiro a ver Sharpe e equivocar-se com ele. Era um erro bastante frequente: na Espanha os homens amiúde o confundiam com um soldado raso, pois o fuzileiro não usava as insígnias próprias de seu posto nos ombros e fazia tempo que havia perdido a faixa vermelha de oficial. Usava uma arma de oficial, uma espada, mas na sombra do saguão o capitão não podia vê-la. Apenas viu o rifle que levava ao ombro, e supôs, como era natural, que apenas um soldado raso levaria uma arma comprida. Harry Price, cujo uniforme era mais convencional, estava escondido atrás de Sharpe.

O capitão franziu o cenho. Era um jovem com um rosto de traços duros, lábios magros e

cabelo loiro cuidadosamente cacheado. O sorriso que brilhava enquanto brincava se viu repentinamente substituído por um gesto de irritação.

— Quem diabo é você?

Sua voz soou segura, como a de um jovem amo em seu pequeno domínio, e deteve a garota com os olhos vendados. Os outros dois oficiais eram tenentes. Um deles franziu o cenho ao ver Sharpe.

— Vá embora! Está equivocado! Vá embora!

O outro tenente ria tontamente.

— Meia volta! Marcha rápida! Um, dois, um, dois!

Achava que havia feito uma boa brincadeira e voltou a rir. A garota que estava à espineta deu uma risada com ele.

— Quem é você? Então? Fale, homem!

Para Sharpe, a voz do capitão lhe chegou com petulância, mas se desvaneceu subitamente ao mesmo tempo em que o fuzileiro surgia das sombras. A percepção de que talvez tivessem cometido um erro veio à mente dos três oficiais ao mesmo tempo. De repente ficaram calados e assustados ao verem o homem alto, de cabelo negro, rosto curtido pelo sol estrangeiro e a cicatriz de uma espada inimiga. Um rosto forte ao qual a cicatriz da face esquerda proporcionava um aspecto brincalhão. Esse aspecto brincalhão desapareceu quando Sharpe sorriu, mas ninguém mais sorria quando entrou no refeitório dos oficiais. Talvez não usasse as insígnias de seu posto, mas havia algo em seu rosto, na espada ao lado e na empunhadura gasta do fuzil pendurado ao ombro que falava de algo além de seu entendimento. A garota que estava no centro da sala tirou a venda e emitiu um grito sufocado ao ver a aparição repentina e surpreendente de Sharpe.

A sala estava bem iluminada por altas janelas que davam para o sul; o tapete era grosso. Sharpe foi avançando lentamente e o capitão juntou os pés em posição de sentido e ficou olhando a casaca descolorida, tentando se convencer de que as manchas escuras sobre o tecido verde não eram de sangue. Harry Price, vendo a beleza de uma das garotas, se apoiou com indiferença contra a jamba da porta com o que ele considerava uma expressão digna de um herói. Sharpe se deteve.

— De quem é a carruagem lá fora?

Ninguém disse nada, mas uma das garotas fez um gesto hesitoso para sua companheira. Sharpe girou.

— Harry?

— Senhor?

— Encarregue-se de pôr os arreios na carruagem lá fora. — Olhou para as duas garotas. — Senhoritas, o que vai acontecer aqui não é adequado nem para seus ouvidos nem para seus olhos, façam o favor de ir para sua carruagem com o tenente Price.

Price, encantado com as ordens, se inclinou para cumprimentar as garotas, enquanto que um dos dois tenentes, o jovem que havia rido de sua própria brincadeira e que parecia não ter mais de dezessete anos, franziu o cenho.

— Eu digo, senhor...

— Silêncio!

Era uma voz acostumada a mandar através do caos dos campos de batalha, e sua brusquidão fez as garotas gritarem e atordoar os três oficiais, que permaneceram em silêncio.

Sharpe voltou a olhar para as jovens.

— Senhoritas? Por favor, saiam.

Elas fugiram, agarrando as echarpes com pressa e abandonaram as partituras musicais, os bolos sem comer, as xícaras de chá e um pote de doces de chocolate. Sharpe fechou a porta atrás delas, deu meia volta, tirou o fuzil do ombro e o colocou bruscamente sobre uma delicada mesa envernizada. O ruído fez os três oficiais estremecerem. Sharpe olhou para o capitão que estava junto à espineta.

— Quem é o senhor?

— Carline, senhor.

— Quem é o oficial de guarda?

Nervoso, Carline engoliu saliva.

— Sou eu, senhor.

Sharpe olhou para o tenente que lhe havia ordenado sair.

— E o senhor?

O tenente se esforçou para que sua voz não parecesse assustada:

— Merrill, senhor.

— E o senhor?

— Pierce, senhor.

— A que batalhão o senhor pertence? — perguntou voltando a olhar para Carline.

Carline, pouco mais velho que os dois tenentes, tentava mostrar a dignidade de sua graduação com um rosto imperturbável, mas sua voz surgiu como um grito assustado:

— South Essex, senhor. — Clareou a voz. — Primeiro batalhão.

— Quem é o oficial superior do depósito?

— Sou eu, senhor — disse Carline.

Não podia ter, pensou Sharpe, mais de vinte e dois ou vinte e três anos.

— Onde está o tenente-coronel Girdwood?

Não houve resposta. Uma mosca batia inutilmente contra uma janela. Sharpe repetiu a

pergunta, e o capitão Carline passou a língua pelos lábios.

— Não sei, senhor.

Sharpe caminhou para um enorme aparador cheio e botijões e adornos. No próprio centro da exposição se encontrava a réplica em prata de uma águia francesa e a pegou. Tinha uma placa na base: “Esta águia francesa foi capturada em Talavera pelo South Essex sob o comando do coronel sir Henry Simmerson. Com orgulho, o coronel Simmerson ofereceu esta réplica aos oficiais do regimento em memória da valente façanha”. Sharpe fez uma careta: sir Henry Simmerson fora exonerado do comando antes de Sharpe e Harper capturarem a águia. Girou para os três oficiais, segurando a águia entre suas mãos como se fosse uma arma.

— Sou o major Richard Sharpe.

Deveria ter uma alma de pedra para não se alegrar com a reação dos três oficiais. Desde o momento que havia saído das sombras do saguão notara que lhe tinham medo, mas agora era quase palpável. Um homem que acreditavam a milhares de quilômetros de distância havia vindo a esse lugar pródigo, amável e luxuoso, e cada um dos três homens sentiu um medo terrível e estremecedor. Pierce, que tinha rido enquanto ordenava a Sharpe que desse meia-volta, tremia visivelmente. Sharpe deixou que o medo se apoderasse deles antes de falar em voz baixa.

— Já ouviram falar de mim?

— Sim, senhor — respondeu Carline.

Estes oficiais, Sharpe já o sabia, eram os restos do primeiro batalhão; os homens que se ocupavam dos arquivos e que supostamente enviavam os substitutos para a Espanha. Salvo que não havia recrutas, não havia substitutos, o depósito estava morto e vazio e seus oficiais estavam divertindo a jovens damas. Olhou para os dois tenentes e viu seus rostos lustrosos e cuidados que sobressaíam de ricos uniformes que, apesar de serem tão bem cortados, não podiam ocultar as cinturas largas e as coxas grossas. Merrill e Pierce, um após o outro, ficaram olhando para o fuzileiro alto e curtido na batalha como se fosse um visitante de algumas ilhas selvagens e estranhas ainda sem descobrir.

Sharpe devolveu a águia ao aparador.

— Por que não havia nenhuma guarda destacada na porta?

— Não sei, senhor.

O fuzileiro viu que Carline usava lustrosos sapatos de baile abotoados sobre meias de seda.

— O que diabos quer dizer? O senhor é o oficial de guarda, não? — perguntou alçando a voz repentinamente e os surpreendendo.

— Deveria ter sido, senhor — respondeu Carline com impotência.

Richard Sharpe olhou através da janela como a fila de cavaleiros, em traje de faxina, passava a trote.

— Quem demônios são esses?

— Milícia, senhor. Usam nossos estábulo.

Os três jovens, firmes e rígidos, observavam Sharpe passeando pelo aposento; examinou os adornos, arrumou um jornal, tocou uma das teclas da espineta e deixou que a nota fosse morrendo até converter-se em silêncio antes de voltar a falar em voz baixa.

— Quantos homens do primeiro batalhão existem aqui, Carline?

— Quarenta e oito, senhor.

— Enumere-os!

Carline o fez: ele mesmo, três tenentes e quatro sargentos, todos os outros eram armazenistas ou secretários. O rosto de Sharpe se mostrava impassível; contudo, a frustração e a ira ferviam em seu interior. Quarenta e oito homens para reviver um primeiro batalhão ferido e nenhum sinal do segundo batalhão! Parou junto da janela e foi olhando para um oficial atrás do outro.

— Realmente me surpreendem! Não há guarda montada, mas têm tempo para brincar de cabra-cega e comer uma merendona. O que fazem quando trabalham duro, regam as flores?

Os três guardaram um silêncio sensato mas incômodo, esquivando os olhos de Sharpe, que os olhava fixamente.

— Começarão às seis desta mesma tarde, e depois a cada hora em ponto, cada hora, dia e noite até que me canse dos senhores. Os senhores se apresentarão com o uniforme do regimento ao sargento-mor Harper, que, lhes agradecerá saber, regressou da Espanha comigo. O senhor! — disse Sharpe apontando para Merrill, cujo rosto refletia um terror atroz ao ter que formar ante um inferior. — E o senhor! — Moveu o dedo em direção a Pierce. — Acharão o capitão D'Alembord lá fora. Peçam-lhe que faça formar aos homens e digam que passarei em revista dentro de dez minutos. Quando tenha acabado de inspecionar o quartel. Movam-se!

Saíram correndo da sala como lebres escapando de uma armadilha e deixaram Carline sozinho.

Sharpe comeu um sanduíche. Deixou que o silêncio se fizesse incômodo.

As paredes do confortável aposento resplandeciam com pinturas de caça nas quais cavaleiros com casacas vermelhas perseguiram uma presa. A repentina pergunta fez que Carline desse um salto.

— Onde está o tenente-coronel Girdwood?

— Não sei, senhor.

O capitão Carline parecia agora aborrecido, como um menino ao qual arrastaram até o temível diretor da escola.

Sharpe ficou olhando com repugnância para aquele homem magro e petulante.

— O tenente-coronel Girdwood está ao comando do segundo batalhão?

— Sim, senhor.

— Pois onde diabos ele está? E onde demônio está o segundo batalhão?

— Não sei, senhor.

Sharpe se aproximou dele. O hálito de Carline cheirava a chá e seu cabelo cuidadosamente cacheado com fixador.

— Capitão. — Sharpe, mais alto que Carline, baixou a vista até os olhos pálidos do capitão e fez que sua voz soasse mais familiar.

— Suponho que terá ouvido falar do sargento-mor do regimento, MacLaird.

Carline consentiu com a cabeça levemente.

— Ouvi falar dele, senhor.

— Faz menos de um mês, Carline, vi suas tripas ensanguentadas. Tinha o ventre aberto. Não foi uma visão agradável, capitão; teria estragado a sua merenda. Mas vou lhe mostrar, capitão Carline. Vou tirar suas tripas com minhas próprias mãos a menos que me responda a alguma destas malditas perguntas! Ou vou sacar seu espinhaço pela garganta! Ouviu? — Parecia que Carline fosse desmaiar.

— Senhor?

— Onde está o segundo batalhão?

— Não sei, senhor.

Ele o disse suplicante, o medo se refletia em seus olhos e Sharpe acreditou nele.

— Então o que diabos o senhor sabe, capitão Carline?

Lentamente, vacilante, Carline explicou sua história. O segundo batalhão, disse, fora retirado há seis meses, transformado em um batalhão de reserva; o recrutamento havia parado. Então, bruscamente, o segundo batalhão tinha partido.

— Assim sem mais nem menos? — perguntou Sharpe grunhindo. — Simplesmente desapareceram?

— Sim, senhor — respondeu Carline com lástima.

— Sem nenhuma explicação?

Carline deu de ombros.

— O tenente-coronel Girdwood disse que iam para outras unidades, senhor. — Fez uma pausa. — Comentou que a guerra estava chegando ao fim, senhor, e que o Exército estava se reduzindo. Mandaríamos nossa última leva ao primeiro batalhão e depois, simplesmente, deixaríamos o depósito vazio.

Voltou a se dar de ombros com um gesto de impotência.

— Os franceses estão reduzindo nosso maldito Exército, Carline, e precisamos de recrutas! O senhor está recrutando para o primeiro batalhão?

— Não, senhor. Ordenaram que não fizéssemos!

Sharpe viu Patrick Harper que alinhava uma minguada companhia no campo de instrução. Voltou-se de novo para Carline.

— O tenente-coronel Girdwood disse que os homens eram levados para outras unidades?

— Sim, senhor.

— O senhor se surpreenderia, Carline, se soubesse que o segundo batalhão segue recebendo o pagamento e as rações para setecentos homens?

Carline não disse nada. Sem dúvida, estava pensando o mesmo que Sharpe, que os setecentos homens não existiam e que seu pagamento ficava com o tenente-coronel Girdwood. Era um escândalo tão velho como o Exército; retirar o pagamento de alguns homens inexistentes. Com um gesto de irritação, Sharpe deu um tapa em uma mosca e a enterrou no tapete com a bota.

— Portanto, o que faz o senhor com o correio do segundo batalhão? Suponho que algum seguirá chegando até aqui.

— Nós o mandamos ao Ministério da Guerra, senhor.

— O Ministério da Guerra!

Sharpe levantou a voz assombrado. Supunha-se que o Ministério da Guerra se encarregava de dirigir a guerra, e imaginava que a papelada ia parar na Guarda Real, que era quem administrava o Exército.

— Para o secretário de lorde Fenner, senhor.

Agora Carline falava com mais confiança, esperando que a menção do nome do político intimidasse Sharpe.

E foi assim. Lorde Fenner, o ministro da Guerra, havia sugerido em um despacho enviado a Wellington que o primeiro batalhão fosse dissolvido. Agora parecia que era o responsável pelo desaparecimento do segundo batalhão, um desaparecimento que, obviamente, devia ter o respaldo dos altos oficiais. Se não fosse assim, coisa que não parecia muito verossímil, lorde Fenner seria cúmplice da malversação do tenente-coronel Girdwood para roubar dinheiro através de uma lista falsa. Ouviram fortes pisadas no saguão e Patrick Harper apareceu, enorme, na porta do refeitório dos oficiais. Ficou em sentido.

— Os homens estão em formação, senhor. Os que restam.

Sharpe girou.

— Sargento-mor do regimento Harper: este é o capitão Carline.

— Senhor!

Harper olhou para Carline como um tigre olharia para uma cabra. Carline, com seus sapatos de baile e uma mão sobre a espineta, parecia incapaz de falar. Sentir-se um soldado na presença destes dois homens altos e implacáveis era ridículo.

— Sargento-mor — disse Sharpe com voz afável —, o senhor acredita que a guerra me fez perder o juízo?

Um sorriso brincalhão quis aparecer no rosto largo, mas respondeu respeitosamente:

— Não, senhor!

— Então escute esta história, sargento-mor. O South Essex recruta um segundo batalhão cujo trabalho consiste em encontrar homens, adestrá-los e enviá-los ao nosso primeiro batalhão na Espanha. Correto, capitão Carline?

— Sim, senhor.

— E assim o fez. De acordo, capitão?

— Sim, senhor.

— E faz seis meses, sargento-mor — Sharpe se virou —, se converteu em um batalhão de reserva. Não há mais recrutamento, certamente, trata-se meramente de um monte de merda pronto para que o Exército o rechace. — Ficou olhando para Carline. — Ninguém sabe por quê. Nós, pobres bastardos, morremos na Espanha, mas algum pastrano decide que não necessitamos de recrutas. — Voltou a olhar para Harper. — Ele me informa, sargento-mor, que o batalhão de reserva foi dissolvido, desapareceu, se esfumçou. Seu correio vai parar no Ministério da Guerra; contudo, segue recebendo rações para setecentos homens. Sargento-mor Harper?

— Senhor?

— O que lhe parece esta história?

Harper franziu o cenho.

— É uma autêntica trapaça, senhor, isso é o que é. — Sorriu. — Talvez, se quebrássemos algumas cabeças, senhor, alguns indesejáveis deixariam de mentir.

— Gosto dessa ideia, sargento-mor. — Sharpe fixou o olhar em Carline e sua voz deixou de ser afável. — Se mentiu para mim, capitão, o farei em pedaços.

— Não menti, senhor.

Sharpe acreditava que não, mas dava no mesmo, estava decepcionado, e a inutilidade de tudo o pôs furioso. Depois saiu para inspecionar os poucos homens que D'Alembord havia reunido. Ou não existiam homens no segundo batalhão, em cujo caso não haveria substitutos adestrados para a invasão da França ou, se existissem, Sharpe teria que encontrá-los através de lorde Fenner, a quem, sem dúvida alguma, não lhe agradaria receber a visita intrometida de um simples major.

Avançou com passo irado por entre os barracões abandonados, perguntando-se como faria para entrar em contato com o ministro da Guerra, e foi inspecionar a armaria. O sargento da armaria, um ex-combatente com uma só perna, sorria com otimismo.

— Recorda-se de mim, senhor?

Aquele rosto curtido e cheio de cicatrizes lhe era familiar, e se maldisse porque não era

capaz de pôr-lhe um nome. Então Patrick Harper, que estava junto dele, deu uma risada estrepitosamente.

— Ted Carew!

— Carew! — exclamou Sharpe, como se tivesse sido ele quem recordasse o nome. — Talavera?

— Isso mesmo, senhor. Perdi minha velha perna ali. — Deu uma palmada na perna direita, que acabava em um toco de madeira. — Alegra-me vê-lo, senhor!

Foi magnífico ver ao sargento Carew, sozinho no acampamento de Chelmsford. Conhecia seu trabalho e o fazia bem. As armas estavam cuidadas, a armaria estava ordenada, a papelada era exata e deprimente. Deprimente porque quando o tenente-coronel Girdwood havia feito sair o segundo batalhão, os arquivos revelavam que havia deixado todas as armas novas ali. Aqueles mosquetes tão novos, lubrificados e com a boca tampada estavam no armeiro debaixo de baionetas engraxadas e embainhadas. Isto sugeria que os homens foram enviados para outros batalhões onde lhes proporcionariam armas de suas próprias armarias.

— Não levou nenhum mosquete? — perguntou Sharpe.

— Quatrocentos dos velhos, senhor. — O sargento Carew ia passando as páginas manchadas de óleo do livro mestre. — Aqui está, senhor. — Sorveu com o nariz. — Tampouco levou os uniformes novos, senhor.

Homens inexistentes, pensou Sharpe. Não necessitavam nem de armas nem de uniformes, porém, justo no momento em que estava decidindo que aquela busca era inútil porque o segundo batalhão já fora dividido e disseminado por todo o Exército, o sargento Carew lhe proporcionou um pouco de esperança de uma forma tão repentina como extraordinária.

— Há algo que é engraçado, senhor.

O sargento ia dando tombos para cima e para baixo com sua perna de madeira e se virou para olhar atrás, temeroso de que alguém pudesse ouvir.

— O que é engraçado?

— Disseram, senhor, que o segundo era só um batalhão de reserva. Não mais recrutas, foi o que disseram, senhor, mas faz três semanas, como me chamo Ted Carew, vi um de nossos grupos com um punhado de recrutas! O sargento Haverkamp, era ele, Horatio Haverkamp, os dirigia. Eu lhe disse olá, sim, e ele respondeu que me fosse e me ocupasse de meus assuntos. A mim! — Carew se ficou olhando para Sharpe indignado. — Portanto fui e falei com nosso capitão e lhe perguntei o que estava ocorrendo. Quero dizer, que os recrutas não chegaram nunca aqui, senhor, nem um deles. Não vejo um garoto há seis meses!

Sharpe ficou olhando para o sargento e entendeu a importância que tinha o que Carew estava lhe contando. Os batalhões de reserva não recrutavam. Se havia recrutas, então é por que havia um segundo batalhão, e os setecentos homens existiam, e o regimento podia partir para a França.

— Você viu um grupo de recrutamento?

— Com meus próprios olhos, senhor! Também disse ao capitão!

— E o que ele lhe disse?

— Disse que eu estava bêbado, senhor. Disse que já não havia mais grupos de recrutamento nem nada parecido! Disse que eu estava imaginando coisas; mas eu não estava bêbado, senhor, e, tão certo como o senhor está aí e eu aqui, lhe digo que vi a Horatio Havercamp com um grupo de recrutas. Pois bem, pode me explicar por que não chegaram aqui, senhor? Pode me dizer por quê?

— Não sargento, não posso. — Mas ia averiguá-lo, por Deus que o averiguaria. — Está seguro do que viu, sargento?

— Estou, senhor.

— Este sargento Havercamp não estava recrutando para outro regimento?

Carew deu uma risada.

— Usava nossa insígnia, senhor! Os garotos dos tambores usavam nossa águia em seus instrumentos. Não, senhor. Uma coisa bem estranha, isso é o que eu acho.

Foi coxeando para a porta, suas chaves tilintavam penduradas do aro metálico.

— Mas ninguém mais me escuta, senhor, ninguém. Quero dizer, eu era um autêntico soldado, dos que cheiravam os malditos canhões, mas eles não querem saber nada de mim. Muito altos e poderosos. — Carew fechou a porta de ferro maciço, depois se virou para se assegurar de que nenhum dos oficiais do depósito estava por perto. — Estou no maldito Exército desde que era um menino, senhor, e sei quando as coisas estão mal. — Levantou o olhar para Sharpe com aflição. — Acredita em mim, senhor?

— Sim, Ted.

Sharpe permaneceu sob a luz enviesada do entardecer, e quase desejou não acreditar no que dizia o sargento, pois se Ted Carew tinha razão, havia um batalhão que não só não havia desaparecido, mas também estava deliberadamente oculto. Foi inspecionar os estábulos.

Um batalhão desaparecido? Oculto? Parecia a fantasia de um louco; contudo, em Chelmsford nada tinha uma explicação racional. Ao meio-dia seguinte, Sharpe e D'Alembord haviam revistado os papéis do depósito e não haviam encontrado nada que lhes indicasse aonde tinha ido o tenente-coronel Girdwood, ou se o segundo batalhão existia realmente. Porém, Sharpe acreditava em Carew. O batalhão existia, ainda se estava recrutando, e entendeu que tinha que regressar logo a Londres, ainda que temesse pensar nisso.

Temia porque teria que pedir uma entrevista com lorde Fenner, e Sharpe não se sentia cômodo entre a alta sociedade. Também suspeitava que sua senhoria se negasse a responder suas perguntas e lhe diria, talvez com razão, que não era assunto seu.

Contudo, viera de tão longe para fracassar? Encaminhou-se para o campo de instrução e viu Carline, Merrill e Pierce que estavam firmes e indignados enquanto Patrick Harper ia inspecionando minuciosamente seus uniformes. Os três oficiais tinham olheiras e os olhos avermelhados porque ficaram acordados a noite toda. Harper, habituado às noites de guerra,

estava descansado e contente.

— Alto! — gritou o sentinela na porta de entrada, com vontade de impressionar ao major Sharpe. Este parou.

Um oficial a cavalo apareceu na arcada, glorioso e esplêndido sobre um magnífico cavalo, resplandecendo com o uniforme vermelho, azul e dourado do primeiro regimento de cavalaria, que estava diretamente ao serviço do rei. O oficial estava totalmente fora de lugar naquele quartel sombrio e remoto.

— Um pouco difícil de encontrá-lo, hem? — O oficial deu uma risada ao desmontar junto de Sharpe. — O senhor é o major Sharpe, não?

— Sim. — O capitão cumprimentou.

— Lorde John Rossendale, senhor! É uma honra conhecê-lo!

Lorde John era um jovem alto, magro como um junco, bonito e divertido, e tinha uma voz amistosa e lenta.

— É a primeira vez que estou aqui. Disseram-me que há uma boa matilha de sabujos caminho acima.

— Não saberia dizer — respondeu Sharpe sem humor. — Está me procurando?

— Melhor — disse Rossendale sorrindo alegremente. — Tenho algo para o senhor, senhor. Ou tinha.

Esgaravatou em sua bolsa, mas não encontrava o que tinha trazido. Estalou os dedos, se maldisse pelo bobo que era e então, felizmente, lhe veio à memória, e encontrou na alforje o que estava buscando.

— Aqui está, senhor! São e salvo. — Deu-lhe um gordo envelope de papel, bem selado. — Posso almoçar aqui, senhor? Que tal se come no refeitório dos oficiais? Ou me recomenda a cidade?

Sharpe não respondeu, havia aberto o envelope e estava lendo a escrita florida.

— É uma brincadeira?

— Senhor, não! — De toda forma, lorde John deu uma risada. — Um pequeno privilégio, não lhe parece? Sempre desejou conhecê-lo! Ficou mais contente que se estivesse bêbado quando a Guarda Real lhe disse que o senhor voltava para casa! Disseram-nos que havia morrido neste verão, mas aqui está, hem? Ficou muito contente! Esplêndido, hem? Será divertido, não acha?

— Divertido?

— Claro! — Lorde John ofereceu a Sharpe o sorriso mais amistoso e encantador que pôde. — O senhor tem que ir com o melhor que tenha.

— O melhor de quê?

— O uniforme, senhor. Faça polirem tudo muito bem. Para dar um pouco de brilho, hem?

— deu uma olhada para a casaca de Sharpe e deu uma risada. — Não pode ir com essa aí, né? Acharão que o senhor veio para limpar as chaminés. — Voltou a rir para mostrar que sua intenção não era ofendê-lo.

Sharpe ficou olhando fixamente o convite e notou que a sorte havia mudado. Há apenas um momento se sentira inquieto, e com razão, ante a ideia de ver lorde Fenner. Que explicações um simples major podia pedir a um Ministro da Guerra? Agora, de repente, a resposta surgira com este mensageiro elegante e sorridente que lhe havia trazido um convite, uma ordem, para que Sharpe fosse a Londres para conhecer um homem. O mesmo homem que ao longo do último ano havia insistido para que Sharpe fosse promovido, um homem a quem nem mesmo lorde Fenner se atrevia a ofender. O príncipe de Gales, príncipe da Inglaterra, pedia ao major Richard Sharpe que se apresentasse na corte, e ele, se fosse inteligente o bastante, deixaria que aquele cavalheiro real exigisse saber onde havia se ocultado o segundo batalhão. Deu uma gargalhada. Passaria por cima da cabeça de lorde Fenner e, com a ajuda real, entraria na França com as bandeiras de seu regimento.

Capítulo 2

— Há uma linha amarela no tapete. Observe-a.

— Sim — disse o major Richard Sharpe.

— É ali onde deve deter-se. — O fidalgo fez um pequeno e gracioso gesto com seus dedos calçados em uma luva branca, mostrando-lhe como tinha que deter-se. — Incline-se. — Outra floritura com os dedos. — Responda brevemente, dirigindo-se a sua alteza real como “sua alteza real”. Depois volte a se inclinar.

Sharpe estava a dez chatos minutos observando as pessoas que se aproximavam do trono. Duvidava que, depois de ter visto tantos exemplos, fosse necessário que lhe dessem instruções tão minuciosas, mas o cortesão insistia em voltar a dizer. Com cada um dos elaborados gestos que fazia a mão enluvada do homem lançava uma baforada de perfume que lhe alcançava o nariz.

— E quando tenha se inclinado pela segunda vez, major, volte de costas. Faça-o lentamente. Pare ao alcançar a cauda do leão. — Indicou com seu bastão um leão rampante bordado sobre o luxuosa tapete vermelho. O cortesão, com olhos que pareciam feitos de gelo, olhou para Sharpe de cima abaixo. — Alguns de nossos cavalheiros militares, major Sharpe, se atrapalham com as espadas quando caminham para trás. Posso sugerir que mantenha a bainha afastada do corpo?

— Obrigado.

Um grupo de músicos, luxuosamente vestidos com uniforme cortesão, com perucas empoadas, sobrancelhas depiladas e expressões concentradas e forçadas, tocava violinos, violoncelos e flautas. As melodias não diziam nada para Sharpe, nem uma delas era uma marcha enérgica que animasse o coração e que fosse capaz de conduzir um homem à batalha. Eram melodias frívolas e tilintantes; melindrosas e delicadas, adequadas para uma corte real. Sharpe se sentia como um idiota, e se alegrava de que nenhum de seus homens pudesse vê-lo nesse momento: D’Alembord e Price estavam a salvo em Chelmsford, dando um pouco de energia àquele depósito meio vazio, enquanto que Harper, ainda que permanecesse em Londres, estava com Isabella em Southwark.

Sobre a cabeça de Sharpe se encontrava um teto pintado com deuses altaneiros, que olhavam o enorme salão com aparente chateação. Um grande lustre de lágrimas de cristal, que convertia a chama das velas em um milhão de luzes, pendia do centro da habitação. O fogo, um luxo desnecessário em uma noite quente, ardia em uma grande lareira, e o odor da fumaça se misturava, em um aposento já muito quente, com o odor da maquiagem das mulheres, o suor e a fumaça dos charutos que penetrava desde a câmara contígua.

Naquele momento estava sendo apresentado um almirante. Soaram alguns aplausos chateados dos cortesãos que se amontoavam na tarima. O almirante se inclinou uma segunda vez, retrocedeu de costas, e Sharpe viu que o homem separava a espada delgada do corpo

enquanto mudava o sentido à altura do leão rugidor.

— Lorde Pearson, sua alteza real! — disse o laçaio carregadamente vestido que anunciava os nomes.

Lorde Pearson, enfeitado com traje cortesão, avançou confiante e se inclinou. Sharpe sentiu que seu coração batia aceleradamente quando pensou que, em alguns momentos, teria que seguir àquele homem pelo tapete. Nada de tudo isso tinha sentido, certamente, não eram mais que ridículas bobagens, mas seguia nervoso. Desejava não estar ali, teria desejado encontrar-se em qualquer outro lugar e não naquela habitação que fedia e era muito quente. Observou como lorde Pearson pronunciava algumas palavras e pensou, com fatalidade, o impossível que seria sacar o tema do batalhão desaparecido naqueles poucos e temíveis segundos de conversa.

— O melhor é — murmurou o cortesão ao seu ouvido — dizer o menos possível. “Sim, sua alteza real” ou “Não, sua alteza real” são muito adequados.

— Sim — disse Sharpe.

Nessa noite apresentavam a cinquenta homens. A maioria vinha com suas esposas, que riam servilmente quando os cortesãos que estavam sobre a tarima riam. Ninguém era capaz de ouvir a agudeza que havia provocado o riso, mas de toda forma riam.

Os homens resplandeciam com seus uniformes ou seus trajes cortesãos, os gabões carregados de adornos de pedras preciosas e faixas brilhantes. Sharpe não usava condecorações, somente a insígnia de tecido descolorido que mostrava uma coroa de louro poderia considerar-se como um adorno. Ganhara por penetrar em uma brecha defendida; fora o primeiro homem em subir pelas pedras destroçadas e cobertas de sangue em Badajoz, mas era uma insignificância junto aos esmaltes deslumbrantes e adornados com pedras preciosas nas grandes estrelas que brilhavam nos outros uniformes. Havia tirado a insígnia com a coroa de louro de sua casaca velha e insistira em que o alfaiate a costurasse em seu uniforme novo. Estranhava ver-se vestido com tanta elegância, com a cintura ajustada por uma faixa vermelha com borla e as ombreiras brilhantes com as estrelas de seu posto. Calculava que a noitada já lhe havia custado cinquenta guinéus, a maioria gasta no alfaiate que se havia desesperado para fazer o uniforme novo a tempo. Sharpe grunhiu que iria à Corte Real vestido com seu uniforme velho e diria que o responsável fora o alfaiate, que, tal como esperava, terminou o uniforme a tempo.

O uniforme era novo, mas Sharpe seguia usando suas botas, velhas e cômodas. Negou-se terminantemente a gastar dinheiro nos sapatos de couro negro regulamentares, e o cavalariaço real que o recebeu no saguão de Carlton House franziu o cenho ao ver as botas até os joelhos. Por mais que as houvesse lustrado, não havia podido tirar-lhes os arranhões ou dissimular os pontos que fechavam o corte que uma faca inimiga havia feito na bota esquerda. O cavalariaço real, cujos sapatos com fivela brilhavam como um espelho, perguntou-lhe se gostaria de pegar emprestado um calçado adequado.

— O que há de ruim nas botas? — havia perguntado Sharpe.

— Não são regulamentares, major.

— São para os coronéis da Guarda Imperial de Napoleão. Eu matei um desses bastardos para conseguir estas botas, e maldita seja se as tirar para você.

O cavalariaço real suspirou.

— Muito bem, major. Se assim o deseja.

No lado de Sharpe, dentro da bainha amassada, pendia sua espada de cavalaria pesada e barata. Em Hopkinsons, da Rua Saint Albans, os agentes do Exército, que eram meio banqueiros, meio correios e meio prestamistas dos oficiais, tinha uma espada de presente procedente da Fundação Patriótica. Tinham lhe entregado como recompensa por ter capturado a águia francesa em Talavera, mas se sentia incômodo com uma espada tão frágil e decorada em excesso. Era um soldado, e iria à corte com sua própria espada. “Mas por Deus — pensou — preferiria estar de volta à Espanha”. Preferiria enfrentar-se a um batalhão de veteranos franceses que a este sofrimento.

— Um passo adiante, major?

Sharpe obedeceu, e o passo o aproximou da borda da gente, de maneira que pôde ver melhor. Não lhe agradou o que viu; gente gorducha, suficiente, embutida em roupas ricas e elegantes. Seus risos soavam tão vácuos como a música. Os que o olhavam mostravam uma mistura de surpresa e pena ante sua falta de elegância, como se um galo de briga manchado de barro tivesse se metido em um quintal de pavões-reais. A maioria das mulheres estava de branco, com trajes franzidos abaixo do peito que logo caíam em vertical até o tapete, decotes generosos, e colarinhos rodeados de pedras preciosas e ouro. Abanavam-se laboriosa e delicadamente com marfim e plumas. Uma mulher que estava junto de Sharpe se elevou por cima do ombro de um homem que estava na frente dela, e deixou ver um decote pelo qual corria o suor, abrindo pequenos sulcos na maquiagem de seu peito.

— Teve uma boa viagem, major? — perguntou o cortesão em um tom que significava que não lhe importava em absoluto.

— Sim, muito boa, obrigado.

— Outro passo adiante, acho.

Sharpe deu o passo obedientemente. Ia ser a última pessoa a se apresentar a sua alteza real. De outro cômodo da enorme mansão se ouviam o tilintido de taças e gargalhadas. Os músicos seguiam arranhando seus instrumentos. As caras da gente alinhada ao longo do tapete brilhavam sob a luz das velas. Todos, exceto Sharpe, usavam luvas brancas, inclusive os homens. Não conhecia ninguém ali, mas parecia que todos conheciam uns aos outros, e se sentiu bobo e inoportuno. O ar que respirava lhe parecia pesado, quente e úmido, não com a umidade de um dia de verão, mas com um odor forte de suor e maquiagem que pensava que ia afogá-lo.

Uma mulher chamou sua atenção e ele ficou olhando. Durante um segundo pensou que ela lhe sorriria para agradecer-lhe o momento em que seus olhares se encontraram, mas nem sorriu nem desviou a vista; ficou olhando-o com uma expressão de curiosidade depreciativa.

Antes Sharpe já se havia fixado nela, porque naquele cômodo quente demais e cheio de gente era como uma jóia entre detritos. Era alta, magra, de cabelo ruivo escuro arrumado bem alto sobre seu rosto delgado e surpreendente. Tinha os olhos verdes, tão verdes como a casaca de Sharpe, e agora aqueles olhos o olhavam fixos e desafiantes. Sharpe afastou a vista. Começava a se sentir tosco e rebelde, chateado ante tanta charada, e se perguntava o que sucederia se, simplesmente, desse a volta e partisse daquele lugar. Mas estava ali com um propósito: fazer uso do privilégio daquela apresentação e pedir um favor. Disse a si mesmo que fazia aquilo pelos homens que esperavam em *Pasajes*.

— Recorde-se, major, de afastar a espada quando se afaste de sua presença. — O cortesão, uma cabeça mais baixo que o metro e oitenta de Sharpe, sorriu-lhe com delicadeza. — Eu o verei logo, talvez? — disse com um tom que não mostrava alegria alguma.

O momento havia chegado. Estava diante da multidão, em frente ao amplo tapete, e via os olhos que o olhavam de marcos em marcos e ao criado vestido carregadamente ao pé da tarima. O criado o olhou e lhe fez um sinal com a cabeça.

Sharpe avançou. “Cristo!”, pensou, ao pensar se ia tropeçar ou desmaiar. De repente, sentiu as botas pesadas como se fossem ferro em lingotes, parecia que a bainha de sua espada balançasse malevolamente entre os joelhos. Então franziu o cenho, porque à sua direita haviam começado a aplaudir e os aplausos cresciam, e alguém, uma mulher, gritou “bravo!”.

Ficou ruborizado e os aplausos o irritaram mais. Era culpa sua, não tinha que ter atendido à ordem real; e contudo, estava caminhando por aquele maldito tapete. Os rostos lhe sorriam e estava seguro de que ia se atrapalhar com a enorme espada que ressoava dentro da bainha metálica que levava ao lado.

A mulher que o havia olhado fixamente, a dos olhos verdes, observava como se aproximava da linha amarela. Aplaudia educadamente mas sem entusiasmo. Um homem de aspecto perigoso — pensava ela — e muito mais atraente do que esperava. Só o que lhe haviam dito era que vinha dos cortiços, um filho bastardo de uma prostituta camponesa. “Não quererá deitar-se com ele, Anne”. Recordava estas palavras e o tom de zombaria da voz que as havia dito. “Fala com ele, contudo. Averígue o que sabe”.

— Talvez não queira falar comigo.

— Não seja tonta. Um camponês como este se sentirá bajulado de falar com uma dama.

Nesse momento estava vendo como o filho bastardo de uma vulgar puta se inclinava, e era óbvio que o major Richard Sharpe não estava acostumado a inclinar-se. A dama sentiu que a invadia uma excitação que a surpreendeu.

O cortesão esperava que Sharpe acabasse a desajeitada reverência.

— O major Richard Sharpe, sua alteza real. Destinado ao Regimento do South Essex de sua majestade.

As palavras do cortesão provocaram mais aplausos, e o homem sentado no trono dourado com almofadas de veludo vermelho os alentou ao golpear ligeiramente seus dedos calçados em luvas brancas contra a palma da mão. Ninguém havia recebido tal aplauso, ninguém.

Sharpe se ruborizou como um menino, enquanto olhava fixamente os olhos glaucos e o rosto largo do príncipe de Gales, que essa noite estava usando o uniforme de gala de general britânico; um uniforme que lhe ficava um pouco apertado nas coxas e em sua gorda barriga.

O aplauso terminou. Parecia que o príncipe de Gales ria, encantado. Ficou olhando para Sharpe como se o fuzileiro fosse algum doce delicioso que lhe tivessem trazido para seu deleite; então falou com uma voz afrutada e que parecia maravilhada.

— O senhor está vestido de fuzileiro, hem?

— Sim, sua majestade.

“Oh Deus — pensou Sharpe. — Tinha que tê-lo chamado sua alteza real”.

— Mas o senhor está com o South Essex, não?

— Sim, sua alteza real. — Então Sharpe lembrou que depois da primeira pergunta se supunha que tinha que chamá-lo “senhor”. — Senhor — acrescentou.

— Sim?

Sharpe pensou que ia desmaiar, porque aquele homem gordo e de meia idade se inclinava para frente achando que ia dizer algo. Sharpe movia a mão direita, desejando que a terra lhe tragasse, e segurou a empunhadura da espada.

— Estou muito honrado, sua majestade.

Estava seguro de que ia desmaiar. A sala estava carregada, um torvelinho confuso de poeira, rostos brancos, música e calor.

— Não, não, não, não! A honra é minha. Certamente! A honra é unicamente minha, major Sharpe!

O príncipe de Gales estalou os dedos, sorriu e, de repente, a reduzida orquestra parou de tocar a delicada melodia que havia acompanhado Sharpe em seu caminhar pelo tapete e se pôs a tocar uma melodia militar. A música se viu agasalhada por exclamações de assombro do público acompanhados por mais aplausos que foram crescendo e que engrossaram os vivas que obrigaram os músicos a tocar mais alto.

— Olhe! — disse o príncipe de Gales sinalizando para a direita de Sharpe. — Olhe!

Os aplausos continuavam. Richard girou; a multidão que aplaudia havia aberto um corredor. Por ele, avançando com o passo de ganso, tão fora de moda que Sharpe não o via há pelo menos vinte anos, vinham três soldados vestidos com uniformes de tão prístina perfeição que lhe deviam ter costurado sobre seu corpo posto de pé. Usavam o cabelo empoado ao antigo costume e peitilhos altos; mas não era a aparição dos três soldados, por mais impressionantes e pouco práticos que fossem, o que havia provocado os novos aplausos.

— Bravo!

Os gritos se elevaram enquanto Sharpe se fixava no que levava o soldado do centro.

Já havia visto antes aquele objeto, em um vale tórrido cheio de fumaça e que fedia a carne chamuscada. Os feridos, recordava, não foram capazes de escapar do fogo do capim e se

queimaram ali onde haviam caído no campo de batalha. As chamas tinham feito explodir as bolsas de munição e o fogo havia se estendido ainda mais.

Já o tinha visto antes, mas não assim. Nesta noite o bastão estava polido e o adorno dourado brilhava à luz das velas. Antes, naquele dia quente em que as buchas dos mosquetes haviam ardido e os feridos tinham chamado aos gritos por Jesus ou por suas mães, Sharpe segurara o bastão abaulado e ensanguentado e o brandira como uma alabarda, atacando ao inimigo, enquanto que junto dele, gritando em sua língua materna irlandesa, o sargento Harper havia triturado os porta-estandartes e Sharpe havia conseguido aquela águia, a primeira águia francesa capturada pelas forças de sua majestade.

Essa noite estava polida. Ao redor da base da águia havia uma coroa de louro. Não lhe ia bem; uma vez, esses olhos orgulhosos, esse bico curvo e essas asas meio abertas haviam estado em um campo de batalha, e ainda era ali onde pertencia, não aqui, não com esta gente gorda e suada que aplaudia. Os presentes observavam, sorriam e lhe cumprimentavam com a cabeça ao mesmo tempo em que lhe davam o bastão.

— Pegue-o! Pegue-o! — disse o príncipe regente.

Sharpe se sentia como um animal de circo. Ele o pegou, desceu o bastão e ficou olhando fixamente a águia. Não era maior que um prato e viu que o extremo de uma asa que estava um pouco dobrado, porque ele mesmo havia golpeado um homem na cabeça com o estandarte, e sentiu lástima pela águia. Assim como ele, ali estava fora de lugar, pertencia à fumaça da batalha. Os homens que a haviam defendido foram valentes, lutaram o melhor que podiam, e não estava certo que aqueles bobos reconfortantes aplaudissem o troféu humilhado.

— O senhor tem que me recordar como tudo aconteceu! Exatamente! — O príncipe descia da tarima e avançava para Sharpe. — Insisto, tudo, tudo! Durante o jantar!

Para horror de Sharpe, o príncipe, que durante a loucura de seu pai havia se tornado regente e monarca da Inglaterra, lhe passou um braço pelos ombros e o acompanhou pelo tapete.

— Todos e cada um dos detalhes, major Sharpe, com todos os detalhes. No jantar! Traga seu pássaro! Oh, sim, não se encontra todo dia com um herói. Ande! Venha!

Sharpe ia jantar com um príncipe.

O jantar foi de vinte e oito pratos, a maioria deles chegava morno à mesa porque a distância das cozinhas era enorme. Serviram champanhe, vinho e mais champanhe. Os músicos seguiam tocando. O príncipe de Gales foi extraordinariamente solícito com Sharpe: enchia seu prato de comida, animava-o a explicar histórias, lhe repreendia quando pensava que era muito modesto, e finalmente lhe perguntou por que havia regressado à Inglaterra.

Sharpe respirou fundo e lhe contou. Por um breve momento se sentiu satisfeito, porque estava fazendo o que se havia proposto desde o início: salvar um regimento. Percebeu que alguns comensais franziam o cenho quando falou do batalhão desaparecido, como se o tema não fosse adequado para uma noitada como aquela, mas o príncipe ficou encantado.

— Alguns de meus homens desapareceram, hem? Isso não é bom. Fenner está aqui? Fenner? Procurem Fenner!

Sharpe sentiu de repente o ardor da vitória, como o momento da batalha em que a retaguarda do inimigo retrocede e a frente está a ponto de desmoronar. Aqui, na sala de jantar de Carlton House, induzira o príncipe regente a fazer a pergunta que ele mesmo tivera tanto medo de formular a lorde Fenner.

— Ah, Fenner!

Um cortesão acompanhava ao ministro da Guerra para a mesa do príncipe. Lorde Fenner era um homem alto, vestido com traje de corte, de rosto magro e pálido dominado por um nariz aquilino e proeminente. Sharpe pensou que seu rosto mostrava uma expressão de preocupação que parecia perpétua, como se acarretasse com solenidade as cargas da nação sobre seus magros ombros. Supôs que era um homem que já havia completado os cinquenta. Sua voz, quando se dirigiu ao príncipe, era forte e nasal; uma voz aristocrática conseguida sem esforço algum.

O príncipe exigiu saber por que lorde Fenner queria extinguir o South Essex.

— Desembuche!

Fenner deu uma olhada para Sharpe, o tipo de olhar de um homem que mede o seu inimigo.

— Não é desejo nosso, senhor, mas do próprio regimento.

O príncipe se virou assombrado para Sharpe; depois voltou a olhar para lorde Fenner.

— Seu próprio desejo?

— Escassez de recrutas, senhor.

— Havia um bom número de recrutas! — replicou Sharpe.

Lorde Fenner sorriu com lástima.

— Menores de idade, mal alimentados e ineptos. — O príncipe estava começando a arrepender-se de sua saída em favor de Sharpe, mas insistiu no ataque com elegância.

— E o segundo batalhão desaparecido, hem? Fale-me disso, Fenner!

— Desaparecido, senhor? — Lorde Fenner deu outra olhada para o fuzileiro e depois voltou a olhar para o príncipe. — Não desapareceu, senhor. Ele se foi.

— Ele se foi? Sumiu, esfumou-se?

Fenner sorriu com uma sutil mistura de chateação e adulação.

— Existe nos papéis, senhor. — Fez que o caso soasse trivial. — É um procedimento burocrático normal. Permite-nos dar uma designação a alguns homens que se não fosse assim não receberiam nada até que se lhes encontrasse um destino adequado. Estou seguro de que se ao major Sharpe lhe fascina nossa papelada posso encarregar-me de que um secretário lhe explique. Ou mesmo a sua alteza real.

Esta última afirmação riscava a descortesia, e insinuava que o príncipe regente, apesar de

exercer a monarquia britânica enquanto seu pai estava enfermo, não tinha autoridade sobre o Exército ou o Ministério da Guerra.

Não tinha autoridade, mas sim influência. O irmão do príncipe, o duque de York, estava ao comando do Exército, enquanto que o Ministério da Guerra era governado por políticos. O príncipe regente não estava ao comando de nada, ainda que tivesse o imenso poder do patronato. Sharpe havia tentado, e tinha conseguido, aproveitar-se dessa influência, mas parecia que lorde Fenner não estava preocupado. O ministro sorriu.

— Seu irmão, senhor, sem dúvida se alegraria de vosso interesse.

— Meu Deus! — exclamou o príncipe rindo.

Todo mundo conhecia o ódio que havia entre o príncipe e o duque de York, comandante-em-chefe do Exército.

— Freddie acredita que o Exército é seu! — A perspectiva de falar com ele lhe era obviamente aborrecível. — Assim, Fenner, não há tal batalhão desaparecido, hem?

— Temo que não, senhor.

O príncipe voltou o rosto extraordinariamente empoado para Sharpe.

— Ouviu isto, major? Perdido em uma bagunça de papéis, hem?

Lorde Fenner estava observando Sharpe. Sorriu tão levemente que parecia uma ameaça.

— Certamente, senhor, faremos tudo o que possamos para encontrar para o major Sharpe um regimento novo.

— Certamente! — O príncipe sorriu amplamente para Sharpe, depois para Fenner. — E rápido, Fenner, rápido! De imediato, inclusive!

Fenner sorriu com cortesia.

— O senhor está em Londres, major?

— Na Taberna da Rosa.

— Receberá novas ordens amanhã.

O major Sharpe tentara ultrapassar lorde Fenner e havia fracassado. O príncipe de Gales não se permitia interferir no Ministério da Guerra ou na Guarda Real, e o tom utilizado por lorde Fenner sugeria que as ordens seriam uma vingança cruel por sua temeridade.

— Mande-o para a Espanha! Ouviu?

O príncipe fez um sinal autoritário para Fenner com a mão, devorou com deleite o vinho que lhe havia servido um criado e pôs sua gorda mão sobre o braço de Sharpe.

— Uma viagem em vão, não é verdade, major? Pelo menos nos deu a oportunidade de ver-nos outra vez, hem?

Sharpe ficou surpreso ao ouvir “outra vez”, mas um olhar de advertência de lorde John Rossendale, que estava sentado em frente, fez que desse uma resposta evasiva.

— Certamente, senhor.

— Diga-me major, não fazia calor no dia em que nós capturamos a águia?

Lorde John estava fazendo sinais para que não protestasse pela palavra “nós”. Sharpe consentiu.

— Muito calor!

Perguntava-se se o príncipe havia perdido a razão, como seu pai. Falava como se tivesse estado lá, naquele vale de *Porrina* onde os feridos imploravam clemência. Havia pequenas serpentes negras, recordava Sharpe, que se afastavam do fogo arrastando-se. Sua mente era um redemoinho de serpentes negras, lembranças e o repentino golpe que supunha que a viagem tivesse sido inútil. Lorde Fenner lhe ordenaria que se fosse amanhã; não haveria substituições para o South Essex e o regimento morreria.

O príncipe lhe deu uma leve cotovelada e voltou a sorrir.

— Os deixamos bem surpresos, major, hem?

— Sim, senhor.

— Que dia, que dia! — O príncipe sacudia a cabeça, polvilhando o vinho de Sharpe com o pó branco que lhe caía do cabelo. — Ah! Um milk-shake! Esplêndido! Sirva um ao major. Temos um chefe de cozinha francês, major. Sabia?

Deu quatro da manhã antes de poder escapar. Fora convidado para jogar *uiste*, e recusou porque não sabia. Só conseguiu abandonar a companhia do príncipe depois de lhe prometer que iria a uma recepção dois dias mais tarde.

Ficou na entrada de Carlton House sentindo raiva e zombando de si mesmo. Havia suportado a adulação e as bobagens para depois fracassar. Lorde Fenner, mesmo diante do requerimento do príncipe, havia se livrado das perguntas como se fossem moscas. E, estava seguro, também havia mentido. Ou isso, ou o sargento Carew, de Chelmsford, não havia visto nenhum grupo de recrutamento; mas Sharpe acreditava em Carew, não em Fenner.

Viera à Inglaterra para nada. Ali estava, vestido com um uniforme que não quisera comprar, com a cabeça cheia de fumaça de charuto, e refletia que, longe de conseguir a vitória pressentida no momento em que o príncipe chamara lorde Fenner, fora derrotado sem o menor esforço.

Desceu os degraus, devolveu os cumprimentos dos sentinelas e se adentrou em Pall Mall, onde, para assombro da Europa, as luzes a gás iluminavam e sussurravam na noite. Ainda fazia calor, ao leste o céu começava a clarear com a luz do amanhecer por cima da névoa da fumaça de Londres. Foi caminhando para o amanhecer, as botas altas ressoando na rua vazia.

Ainda que não tão vazia: uma carruagem tamborilava atrás dele. Ouviu os cascos, as correntes e as rodas, mas não se alterou. Supôs que se trataria de outro dos convidados do príncipe que se dirigia para casa. A carruagem reduziu a marcha ao se aproximar. O cocheiro, sobre o assento adornado com borlas, puxou as rédeas para deter o veículo, e Sharpe, incomodado pelo intrometimento, apertou o passo. O cocheiro fez os cavalos irem mais

depressa até que a carruagem se encontrou junto ao fuzileiro, que ia caminhando. A porta se abriu de repente e iluminou o pavimento com uma luz amarelada da lâmpada.

— Major Sharpe?

Sharpe girou. O interior da carruagem estava atapetado de cor azul-escuro e em seu luxuoso interior, como uma jóia em uma caixa forrada, se encontrava a mulher magra dos surpreendentes olhos verdes. Estava sozinha.

Sharpe tocou na aba da boina.

— Senhora.

— Talvez possa acompanhá-lo para casa?

— Ainda falta um bom trecho, senhora.

— Para a minha não — disse sinalizando o lugar junto dela.

Sharpe parou, assombrado com o atrevimento da dama, e então pensou que uma conquista tão fácil seria um consolo adequado para uma noite de derrota. Subiu na carruagem e se adentrou na noite londrina.

Muito mais tarde, depois que o sol tinha se levantado e já houvesse transcorrido meia manhã, muito depois da hora na qual Sharpe dissera a Harper que se reunisse com ele na Taberna da Rosa, ela se deitou em cima dele. Seu cabelo ruivo caía desgrehado sobre a face brincalhona.

— Você é o último brinquedo de Prinny. E o meu.

Disse isso com amargura, como se odiasse a si mesma por estar na cama com ele. Havia feito amor como se não o tivesse feito em uma década; febril, selvagem, faminta; contudo, depois, ainda que estivesse nua, havia dado a entender que, em comparação ao grande favor que ela lhe havia feito, o do fuzileiro era bem pequeno. A dama não sorriu até que chegaram a seu quarto; agora tampouco sorria.

— Suponho que vai se gabar disto com seus amigos soldados.

— Não.

Sharpe acariciou a pele de suas costas, suas mãos percorreram suavemente a curva profunda e delgada da cintura. Pensou que era uma mulher bonita mas amargada, e que teria mais ou menos sua própria idade. A dama não lhe dissera como se chamava, tinha se negado a responder a essa pergunta.

Ela lhe cravou as unhas nos ombros.

— Vai lhes dizer que se deitou com uma das mulheres de Prinny, não?

— Você é?

Ela fez um gesto de desdém.

— Prinny só gosta das avós, major. Quanto mais velhas, melhor. Gosta das rançosas e antigas. — Passou uma de suas afiadas unhas pela cicatriz do rosto de Sharpe. — E o que

achou de lorde Fenner?

— É um sacana mentiroso.

Pela primeira vez ela deu uma risada, e procurou seu rosto com aqueles grandes olhos verdes.

— Tem uma boa pontaria, major. Também é um político, comeria merda por dinheiro ou poder. Como sabe que está mentindo?

O fuzileiro seguia acariciando-a, suas mãos percorriam o corpo da mulher dos omoplatas até as coxas.

— Disse que meu segundo batalhão estava dissolvido, uma conveniência administrativa. Não é verdade.

— Como sabe? — perguntou a dama com certo desprezo, como se um simples soldado de regresso da guerra não pudesse saber nada.

— Porque ainda estão recrutando homens. Os regimentos dissolvidos não recrutam.

— E o que vai fazer?

— Vou procurá-los.

A dama ficou olhando-o; depois, com um gesto surpreendentemente suave, retirou seu cabelo negro do rosto.

— Não faça isso.

— O quê?

Pareceu que ela voltava a zombar, depois o rodeou com as pernas.

— Fique em Londres, major. A corte de Prinny está cheia de putinhas. Divirta-se. Fenner não lhe disse que lhe encontraria outro regimento? Deixe que o faça.

— Por quê?

— Vire-se.

As mãos da dama se apoderaram dele, as unhas lhe arranhavam a pele. Sentiu-se com tantas cicatrizes como se tivesse combatido em uma grande batalha.

Ela não ia lhe dizer como se chamava, apenas lhe daria seu magro corpo faminto. Era como um gato, pensou Sharpe, um gato ágil e de olhos verdes. Enquanto ele se vestia, permaneceu despida, deitada sobre os lençóis de seda, observando-o com seus olhos desdenhosos e misteriosos.

— Permite que lhe dê algum conselho, major?

Sharpe já havia posto as botas.

— Sim.

— Não procure esse batalhão, major.

— Portanto existe?

— Se você o diz... — A dama cobriu seu corpo com os lençóis. — Fique em Londres, deixe que Prinny babe ao seu redor, mas não converta lorde Fenner em seu inimigo.

Ele sorriu.

— O que ele pode me fazer?

— Matá-lo. Não o procure, major.

Inclinou-se para beijá-la, mas ela se afastou e ele se endireitou.

— Vim à Inglaterra para achá-lo.

— Vá embora, major — disse enquanto observava como se afivelava a espada. — Tem uma escada na parte de trás; ninguém o verá partir. Vólte para a Espanha!

Sharpe ficou olhando-a desde a porta aberta. Do quarto a casa parecia vazia.

— Há homens na Espanha que necessitam de mim, que confiam em mim. — Ela o olhou fixamente, sem dizer nada, e ele sentiu que suas palavras eram inadequadas. — Não são homens especiais, não ficariam muito bem em Carlton House, mas estão lutando por todos vocês. Por isso estou aqui.

A dama zombou dele com um sorriso de desprezo.

— Vá embora.

— Se sabe algo de meu batalhão, diga-me.

— Estou dizendo que vá embora. — Repetiu de uma maneira selvagem, como se desprezasse a si mesma por ter se deitado com ele. — Vá embora!

— Estou na Taberna da Rosa, em Drury Lane. Se me enviar um carta farão que chegue a mim. A Taberna da Rosa.

Ela se virou sem responder, e Sharpe pestanejou pela repentina luz do sol, enquanto ia adentrando-se no beco traseiro. Desejava estar realmente em casa, na Espanha, com seus homens, no lugar em que se travava a guerra. Essa cidade de luxo e enganos lhe parecia repentinamente repugnante. Viera a Londres e não tinha conseguido nada. Lentamente, foi caminhando de volta para Drury Lane.

Capítulo 3

Os soldados britânicos, com as casacas vermelhas novas e os mosquetes com as baionetas preparadas, se adentraram na fumaça. Animaram, carregaram, avançaram ao redobre do tambor.

Os franceses corriam; subiam desesperadamente pela ladeira da colina enquanto que, debaixo deles, os casacas-vermelhas surgiam da fumaça e disparavam uma única descarga. Dois dos franceses, com as casacas azuis intactas, giraram e caíram. Em um deles brotou sangue da boca, seus braços se elevaram, girou lentamente, gritando de uma forma horrível, e caiu aos pés da infantaria britânica que avançava e cujas botas brilhavam de forma anormal. Um oficial francês, com sua peruca torta, se ajoelhava tremendo de medo e juntou as mãos para pedir perdão aos soldados britânicos vitoriosos.

— E então, senhoras e senhores, a cavalaria!

A orquestra se pôs a tocar com garbo uma melodia descarada enquanto quatro homens montados, com sabres de madeira nas mãos, cavalgavam sobre o amplo palco. O público os animava. Os dez franceses derrotados, que voltavam a ser necessários, formaram uma linha no pé da colina de gesso, brandiram os mosquetes, e os quatro cavaleiros se alinharam bem erguidos, tocando-se os joelhos. Os faróis se refletiam nos estribos e nas correntes das bainhas.

— Através da orgulhosa planície de Vitória, damas e cavaleiros, o trovejar de seus cascos ressoava fortemente! — Os tambores redobravam ameaçadores. — Levavam as espadas no alto para que reluzissem sob o brilhante sol daquele grande dia! — Os quatro sabres se levantaram um após o outro. — E então, senhores, damas e cavaleiros, o orgulho da França se viu humilhado: as tropas do ogro foram derrotadas, e o mundo contemplou com admiração a terrível proeza de nossa cavalaria britânica!

A orquestra do fosso entoava uma cacofonia frenética e os quatro cavaleiros trotavam pelo cenário, gritando e agitando seus sabres. As espadas de madeira desciam segando sobre os dez homens, que, uma vez mais, esmagavam as bolsas com sangue falso e se espalhavam de forma artística pelo palco.

O sargento Patrick Harper observava cativado. Sacudiu a cabeça com admiração.

— Isto é impressionante, senhor.

Os tambores voltavam a redobrar, cada vez mais forte, e afogavam os gritos dos atores moribundos e os gritos de excitação do público.

O fundo do cenário estava se abrindo. Sharpe admitiu que era impressionante: ali onde há um momento havia um campo de capim com algumas colinas rochosas cuidadosamente dispostas, envolvidas no mistério graças à fumaça que soltavam umas painéis pequenas, via-se agora um castelo magnífico que, ao mesmo tempo em que surgia, afastava de lado as colinas e a fumaça.

O bumbo começou a tocar com um ritmo estrondoso, um ritmo que fez o público aplaudir seguindo-o e se animar de antemão. Os pratos fizeram tremer o teatro e o narrador, elevado em um púlpito junto ao palco, levantou as mãos pedindo silêncio.

— Senhores! Damas! Cavalheiros! Rogo silêncio para sua majestade, sua indizível majestade, sua asquerosa, orgulhosa, napoleônica majestade, o rei José!

Um ator, montado sobre um cavalo negro, com uma espada na mão e uma careta de extrema ferocidade desenhada no rosto, pulou sobre o palco e, simulando dar-se conta da existência do público pela primeira vez, ficou olhando com arrogância para o teatro abarrotado.

A gente das poltronas o vaiou. Ele lhes cuspiu, agitou a espada, e as vaias cresceram. O cavalo urinou.

— O rei José! — gritou o narrador por cima do alvoroço do teatro. — Irmão do próprio ogro, um Bonaparte! A quem fez rei da Espanha seu irmão! Um tirano para a orgulhosa nação espanhola, odiado ali onde se ama a liberdade!

O público animou com mais força. Isabella, a quem foram pegar em Southwark, se apoiou na almofada felpuda na parte dianteira do camarote e observou assombrada. Era a primeira vez que ia ao teatro, e pensava que era mágico.

O rei José gritava ordens para a maltratada fila de soldados franceses ressuscitados.

— Matem aos ingleses! Massacrem-nos!

O público assobiava. Um canhão foi arrastado sobre rodas desde a porta do castelo, apontou para o público e uma chuva de faíscas e de fumaça surgiu de sua boca.

Isabella ficou boquiaberta. Patrick Harper tinha os olhos bem abertos de admiração ante o espetáculo.

As entradas para aquele camarote foram dadas a Sharpe pelo dono da Taberna da Rosa. “Tem que ir, major — dissera o homem em tom confiado. — O senhor esteve lá, senhor, recordará de tudo! E terá ostras e champanhe grátis por conta da casa, senhor”.

Sharpe não queria ir, mas Harper e Isabella tinham muita vontade de ver *Vitória em Vitória* e desejavam que Sharpe compartisse a diversão. Ele havia cedido por Harper, e agora que o espetáculo chegava ao seu fim, percebeu a si mesmo desfrutando das palhaçada muito mais do que acreditara. “Os efeitos — pensou — eram inteligentes, enquanto que algumas das garotas, convenientemente apresentadas como camponesas perseguidas ou viúvas desconsoladas na matança do cenário, eram de uma beleza luminosa. Havia maneiras piores — refletiu Sharpe — de passar uma noite”.

O público gritou encantado quando o rei José começou a fugir no palco em pânico. As tropas britânicas, que saíam dos lados, os perseguiam, e ele se foi despojando-se sucessivamente da espada, o chapéu, as botas, o gabão dourado, o colete, a camisa, e finalmente, ante os gritos de excitação das mulheres do público, as calças. Ficou somente com uma diminuta bandeira tricolor sobre o traseiro; tremia em cima do canhão agarrando a bandeira. Os tambores redobraram. Um soldado britânico fez gesto de pegar a bandeirinha, o

tambor redobrou mais e mais forte, o público gritava para que o soldado puxasse a bandeira; ouviu-se um choque dos pratos e Isabella deu um grito de satisfação e assombro quando o soldado arrebatou a bandeira do rei José no mesmo instante em que caiu a cortina.

O público gritava pedindo mais, a orquestra se inflamou até encher os camarotes com música triunfal, e a cortina, depois de uma breve pausa, se levantou e se viu toda a divisão. O rei José agora coberto, de frente para o público com as mãos dadas, e cantava *Proud Britons*. Uma grande bandeira da União se levantou sobre seus cabeças.

Sharpe estava pensando em uma mulher bonita, faminta e sensual que se agarrara a ele e lhe dissera que regressasse para a Espanha. Richard não queria outra coisa, mas sabia que lorde Fenner havia mentido e que o segundo batalhão existia. Sentado no teatro e vendo as bobagens que se desenvolviam no palco lhe ocorrera a maneira perfeita de achá-los. Os atores e seu vestuário lhe haviam sugerido, e se disse que era bobo ao pensar em se meter em coisas que não entendia. A misteriosa mulher de olhos verdes lhe dissera que lorde Fenner o mataria, e, ainda que tal ameaça não lhe assustasse, pressentia que tinha inimigos em sua terra natal tão mortíferos como as tropas com casaca azul de Napoleão.

Isabella abriu a boca e aplaudiu. De cada lado do palco, sentadas sobre trapézios pendurados de cabos, duas mulheres vestidas de deusas da vitória se balançavam sobre as cabeças dos atores. Iam pouco vestidas, a gaze se agitava sobre suas pernas despidas enquanto se balançavam sobre os atores e lançavam coroas de louro a seus pés. Os homens do público animavam cada vez que o movimento dos dois trapézios levantava a gaze de suas pernas.

As deusas da vitória desapareceram do palco quando se acabou *Proud Britons*, e a orquestra entoou animadamente *Rule Britannia* que, ainda que pouco apropriada para a vitória de um soldado, tinha a vantagem do público conhecer a letra. Os atores permaneceram firmes e solenes, cantando com o público, e quando a canção terminou e o público começou a aplaudir, o narrador levantou uma vez mais as mãos pedindo silêncio. Alguns dos jovens que havia no pátio de poltronas gritavam para que fossem buscar as deusas meio despidas, mas o narrador lhes fez calar.

Um tambor ia redobrando suavemente e foi subindo de tom. “Senhores, damas e cavalheiros!” Um redobre mais forte e de novo suave. “Hoje viram, apresentado com nossa humilde arte, aquela grande vitória obtida pelos nobres britânicos sobre as horríveis forças do ogro corso!” Ouviram-se vaias contra Napoleão. Os tambores redobraram fortemente e depois outra vez mais suave. O narrador fez calar ao público. “Foram homens valentes, senhores, damas e cavalheiros! Nossos galhardos homens, através dos disparos e das bombas, através dos sabres e das espadas, através do sangue e do fogo, venceram naquele dia!” Outro redobre de tambor e mais aplausos.

A porta do camarote se abriu. Sharpe girou, mas não era mais que uma das mulheres que procuravam clientes, supôs, dado que o espetáculo estava acabando e se iam abrindo os camarotes para a escada.

“Sem embargo! Senhores, damas e cavalheiros! De todos os valentes, de todos os galhardos, de todos os valiosos homens naquele campo sangrento, não houve nenhum mais

valente, mais ardente, mais determinado, nenhum com o coração de leão mais...”

Sem acabar a frase, apontou para os camarotes e, para horror de Sharpe, a luz deslumbrante das lâmpadas se dirigiu ao seu. As duas deusas da vitória estavam na frente deles, cada uma com uma coroa de louro. O público estava de pé e aplaudia, desafiando os pratos que soavam pedindo silêncio.

“Senhores, damas e cavalheiros. Vejam em nosso humilde teatro os homens que capturaram a águia em Talavera, que penetraram na sangrenta brecha de Badajoz, que humilharam ao orgulhoso tirano em Vitória. O major Richard Sharpe e o sargento Harper...”

O que o narrador acrescentou ficou afogado pelos aplausos.

— Levante-se, querido — sussurrou uma das deusas ao seu ouvido. Levantou-se e, para maior mortificação, lhe pôs a coroa de louro na cabeça.

— Por Deus, Patrick, vamos... — Mas Sharpe viu que Harper estava encantado por aquilo. O sargento juntou as mãos levantando-as para o público, os aplausos eram cada vez mais fortes e a verdade era que, no pequeno camarote, o gigante irlandês parecia enorme o bastante para poder com todo o Exército francês ele sozinho.

— Cumprimente-os, querido — disse a deusa da vitória. — Pagam bem.

Sharpe cumprimentou com a mão sem entusiasmo algum e o público voltou a dobrar o estrondo. A deusa lhe tocou a espada.

— Mostre-a, querido.

— Deixe-me em paz!

— Não se chateie tanto, homem!

A mulher sorriu para o público, indicando Sharpe como se fosse um cachorro levantado sobre as patas traseiras e ela a adestradora. Tinha a cara tão lambuzada de pintura e pó como a do príncipe regente. Os tambores redobram pedindo silêncio, o narrador agitou as mãos e o ruído foi diminuindo lentamente. Os rostos, como uma grande massa uniforme, ainda olhavam fixamente para os dois soldados. Sharpe quis livrar-se da coroa de louro do cabelo negro, mas a deusa da vitória agarrou sua mão e a segurou sobre sua cabeça.

— Senhores, damas e cavalheiros! Os galhardos heróis que veem ante o senhores estão, nesta mesma noite, alojados junto a este teatro, na Taberna da Rosa. Fui informado que ali mesmo, nesta noite lhes entreterão com as histórias de suas façanhas; regadas, sem dúvida, pela boa cerveja britânica com a qual os senhores lhes agradarão!

O público voltou a aclamá-los e Sharpe amaldiçoou porque havia se deixado enganar e os converteram em um anúncio para uma pousada sórdida, famosa por suas putas e atrizes. Retirou a mão da deusa, tirou a coroa de louro da cabeça e a lançou para o palco. O público se encantou, pensando que era um gesto dirigido a eles, e os aplausos se fizeram mais fortes.

— Sargento Harper!

— Senhor?

— Vamos embora.

O sargento Patrick Harper conhecia muito bem aquele grunhido. Cumprimentou pela última vez ao público, lançou a coroa de louro para o torvelinho e depois seguiu seu oficial para as escadas. Isabella, temendo as deusas e os homens com lâmpada, apressou-se atrás deles.

— A bobagem maior de todas as que existem neste mundo de merda! — Sharpe abriu bruscamente a porta do teatro e se adentrou em Drury Lane. — Deus do céu!

— Não pretendiam molestar, senhor.

— Converter-me em um macaco de merda! — Na noite anterior a corte real fedendo como o sovaco de uma puta, e agora isto. — Não havia nenhum castelo de merda em Vitória! — disse sem ficar para a história. — Saíamos daqui!

O público ia saindo para a luz das lâmpadas que pendiam debaixo do toldo do teatro e alguns aplaudiam os dois soldados.

— Senhor! — gritou Harper para Sharpe, que tinha se metido em um beco. — Errou o caminho!

— Não vou para aquela taberna de merda!

Harper sorriu. Seu major de mau humor era algo temível, mas o enorme irlandês estava tempo suficiente com ele para não se preocupar.

— Senhor — disse pacientemente, como se falasse a um bobo.

— O que foi?

— Não tinham intenção de molestar, senhor. São bebidas grátis, hem? — disse isto último como se fosse um argumento irrefutável.

Sharpe ficou olhando-o com agressividade. Isabella ia agarrada no braço do sargento e olhava fixamente os olhos escuros do major com temor. Richard pigarreou, grunhiu e deu de ombros.

— Vá você.

— Senhor, é ao senhor que querem ver!

— Irei mais tarde. Dentro de uma hora.

Harper consentiu com a cabeça, sabendo que não conseguiria nada mais.

— Uma hora, senhor.

— Talvez.

Sharpe pôs a boina na cabeça, ajeitou a espada e entrou caminhando pelo beco.

— Aonde vai? — perguntou Isabella.

— Sabe Deus — respondeu o sargento dando de ombros. — Vai encontrar outra vez a mulher com a qual passou a noite, suponho.

— Disse que estava caminhando! — exclamou Isabella indignada.

Harper deu uma risada. Virou-se para a multidão, inclinou-se e, como o flautista de Hamelín, conduziu seu público para a taberna onde poderiam lhe pagar uma taça e escutar as histórias; as adoráveis, compridas e esplendidamente contadas histórias de um soldado irlandês.

Anne, a condessa viúva de Camoyne, escutou um pouco a orquestra que tocava na grande sala de mármore onde essa noite um conde recebia alguns amigos íntimos. Os amigos, uns quatrocentos ou quinhentos, estavam muito impressionados com a generosidade do conde. No jardim havia construído uma cascata artificial que caía em uma pletora de pequenos tanques nos quais, iluminados por lâmpadas de papel, brilhavam jóias. Os convidados podiam pescar as jóias usando redinhas com cabo de marfim. O príncipe regente, que estivera pescando durante meia hora, assegurava que o espetáculo era magnífico.

Lady Camoyne, vestida com seda púrpura, abanava seu rosto com um leque de renda. Sorriu para os conhecidos, depois foi para o fora e ficou nos degraus do jardim. Ela, mais que todos os convidados que estavam ali, necessitava pescar nos tanques artificiais as esmeraldas e os rubis que brilhavam abaixo dos peixinhos coloridos, mas não se atrevia a fazê-lo por temor dos risos. Toda a sociedade estava a par de suas dívidas, e todos se perguntavam como mantinha luxos próprios de seu status, como a carruagem e os criados com libré. Nas casas elegantes da nobreza corria o rumor de que vendia seu magro corpo em troca de algum dinheiro, e ela não podia fazer nada para lutar contra os fálatórios porque era pobre demais para permitir-se ter orgulho, e ademais, havia um pouco de verdade nos cochichos e risinhos.

Bebeu de uma taça de champanhe e observou como o príncipe regente avançava majestoso entre as mesas colocadas na borda do gramado. Naquela noite estava vestido com uma casaca de tecido prateado debruado de renda dourada. Lady Camoyne pensou com prazer malicioso na gente da Inglaterra que, com senso comum, odiava esta família real com seu rei louco e seus príncipes vaidosos, ostentosos e esbanjadores.

— Minha querida Anne.

Virou-se. Lorde Fenner estava atrás dela nos degraus da casa. O ministro observou o príncipe, depois pôs uma pitada de rapé no dorso da mão.

— Tenho que lhe agradecer.

— Pelo que, Simon?

Lorde Fenner desceu até colocar-se a seu lado. Sorveu o tabaco em pó com o nariz aquilino, arqueou as sobrancelhas ao conter o espirro e fechou a caixa de golpe.

— Por sua conversa a sós com o major Sharpe. Confio em que tenha sido tão satisfatório para você como para mim. — Sorriu com malícia.

Lady Camoyne não disse nada. Seus olhos verdes olhavam a cascata, sem se importar com lorde Fenner, que ria.

— Creio que não tenha se deitado com ele.

Ela se divertia com seus ciúmes. Lorde Fenner pedira uma vez a Anne Camoyne que se casasse com ele, mas ela havia recusado e o lorde havia insistido encarregando-se das dívidas de seu marido morto. Anne seguiu recusando ser sua mulher, mas dependia dele e se viu obrigada a meter-se em sua cama. Agora a familiaridade havia dado passagem ao desprezo. Fenner já não queria se casar com ela, a queria como escrava.

— E então, Anne, deitou-se com seu herói camponês?

— Não seja ridículo.

— Só o que me preocupa é a estranha sífilis, deve ter trazido da Espanha. Acho que me deve uma resposta, Anne. Tem a sífilis?

— Não tive ocasião de sabê-lo.

A dama ficou olhando para a gente que ria e que metia as redes nos reservatórios cheios de jóias.

— Se perceber que necessito dos serviços de um médico, colocarei em seu conta.

Fenner deu uma risada e meteu a caixa de rapé em um bolso do colete.

— De acordo, mas obrigado por sua nota.

À primeira hora da manhã, Lady Camoyne havia lhe escrito que Sharpe pretendia procurar o segundo batalhão. Percebera a importância desse assunto para Fenner e de repente se perguntou o que podia fazer para tirar proveito do assunto. Olhou para Fenner.

— O que vai fazer com o major Sharpe, Simon?

— Fazer? Nada! Milorde! — Inclinou-se ante um homem que subia os degraus, depois deu uma olhada para os olhos surpreendentemente verdes de lady Camoyne.

— Dei ordens de que os devolvam para a Espanha. Amanhã.

— Isso é tudo?

Pensativo, lorde Fenner ficou olhando para a dama.

— Importa-se se tiver algo mais? Você o preveniu, Anne?

Ouviram gargalhadas do fundo do jardim; alguém havia pescado um rubi de grande qualidade de um reservatório. Lorde Fenner ficou olhando para o homem que havia encontrado o rubi e que agora o colocava, com grandes risos, no decote de uma jovem que era uma dessas atrizes tão amadas pelo príncipe e seu séquito.

— Ficaria preocupada, Anne, se lhe dissesse que o major Sharpe estará morto amanhã?

— É?

Lorde Fenner a olhou com os olhos descaradamente cravados no corpo debaixo da roupa de seda.

— Sabia, Anne, que chegou um informe que dizia que o haviam enforcado neste verão?

— Enforcado?

— Era falso. Portanto será uma morte atrasada. Isso lhe preocupa? Ele lhe agradou, talvez?

— Falei com ele, isso é tudo.

— O que, sem dúvida, o bajulou. — Fenner a olhou fixamente nos olhos. — Não tente preveni-lo, Anne. Não a menos que queira que execute a hipoteca de sua propriedade de Gloucester. — Sorriu sabendo que a vitória estava de seu lado e deixou cair uma bolsa aos pés da dama. — Deixarei que se agache por isto, Anne. É seu pagamento por falar com o camponês. — Fez uma levíssima inclinação. — Se as duas lâmpadas de minha casa estiverem acesas quando passar pela frente, venha me ver.

Afastou-se dela e se dirigiu para os farristas que estavam na cascata. Anne, condessa viúva de Camoyne, se moveu para que a bainha de seu vestido ocultasse a bolsa e quando achou que ninguém observava se agachou rapidamente e a recolheu. Estava úmida; devia conter — pensou —, jóias procedentes dos reservatórios do jardim; jóias que lhe ajudariam a pagar as dívidas que a morte de seu marido lhe havia legado e que ela pagava no leito de Fenner. Saldava as dívidas para que seu único filho, no colégio, pudesse herdar as propriedades de seu pai. Odiava Fenner e desprezava a si própria, mas não via a maneira de escapar da armadilha que lhe havia armada a prodigalidade de seu defunto marido. Apesar de sua beleza, nenhum homem se casaria com ela, pois sua pensão de viuvez era uma monstruosa e odiosa dívida.

Regressou para casa, incapaz de olhar por mais tempo como pescavam as jóias da água, e pensou no fuzileiro. Sua intenção não fora levar Sharpe para a cama, não havia querido mostrar nenhuma fraqueza para aquele soldado de subúrbio; contudo, vira-se surpreendida pela repentina necessidade de aferrar-se a um homem. Havia odiado Sharpe na noite anterior porque não podia possuí-lo para sempre, porque o desejava, porque era amável. Também era, pensou de repente a condessa, o inimigo de Fenner, e qualquer homem que fosse inimigo de lorde Fenner tinha que ser amigo seu.

Essa noite, se Fenner falara a verdade, Sharpe morreria. Lady Camoyne parou, a bolsa úmida cheia de pedras na mão, e de repente sonhou com a vingança. Se Sharpe sobrevivesse a essa noite, se demonstrasse que podia ganhar essa batalha ao inimigo, então talvez fosse um aliado valioso para conseguir uma vitória absoluta. Deu uma olhada para o jardim e seu rosto afiado e amargurado sorriu. Teria um aliado, um soldado, um herói, portanto se arriscaria. Se naquela noite de risos e luxos seu soldado sobrevivesse, poderia se vingar.

Richard Sharpe entrou caminhando em uma zona perigosa. Mas foi com conhecimento de causa, deliberadamente, sem medo algum. Era um antro, um dos muitos de Londres, mas este era um dos mais asquerosos que se podia encontrar na cidade. As casas eram diminutas, apertavam-se umas nas outras e sua construção era tão frágil que algumas vezes, sem causa aparente, desabavam no beco provocando uma cascata estrondosa de madeiras, tijolos e telhas que matava as pessoas que viviam simples em um único cômodo. Era um lugar de doenças, pobreza, fome e sujeira impensáveis. Era o lar de Sharpe.

Vivera ali quando criança. Nesse lugar havia aprendido as primeiras coisas, como abrir fechaduras e postigos trancados. Ali havia transado com uma mulher pela primeira vez e matara sua primeira vítima; ambas as coisas antes de completar treze anos.

Caminhava lentamente. Era um lugar escuro, iluminado intermitentemente pelos faróis das tabernas. Os becos estavam abarrotados, a gente tinha olhos desconfiados afundados em caras magras, famintas e viciosas; vestiam farrapos. Os meninos choravam. Em algum lugar, uma mulher gritava e um homem lhe gritava. Não havia intimidade em um lugar como esse, toda a vida passava sob o olhar de vizinhos predadores.

— Senhor?

Uma mão magra lhe fazia sinais de uma porta. Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação, seguiu caminhando e depois girou de repente. A garota, com a cabeça envolvida em um lenço, estava junto de um homem pestilento e sem pernas que segurava uma faca. O indivíduo fez um sinal com a cabeça.

— Pode ir ao beco com ela.

Sharpe se inclinou para ele.

— Onde posso encontrar a Maggie Jones?

— Quem é você?

— Onde posso encontrar a Maggie Jones?

Não levantou a voz, mas o rufião aleijado percebeu a crueldade, a ameaça; e tampou a lâmina da faca com a mão esquerda para mostrar que não tinha intenção de feri-lo.

— Conhece um lugar chamado Bennet?

— Conheço.

— Faz a vida lá.

A notícia confirmou a Sharpe o que lhe dissera um mendigo no exterior da Taberna da Rosa e, como agradecimento, deu uma moeda para a garota. Provavelmente morreria antes de completar dezoito anos.

Aquele lugar fedia como já não recordava: toda a sujeira das vidas daquela gente era lançada nas ruas; a merda, a urina e a morte se misturavam com a escória nas sarjetas. Notou que, sem sequer pensar, sabia desenvolver-se por aquele labirinto no qual criminosos desapareciam com tanta facilidade.

Ninguém se atrevia a perseguir um homem por aquelas ruelas; não, a menos que tivesse amigos dentro que pudessem ajudá-lo. Era necessário um Exército para limpar aqueles lugares escuros e gelados. Aqui os pobres, os que não tinham nada, eram os amos daquele reino miserável. Seu orgulho radicava em ter reputação de brutalidade e sua proteção residia no fato de que ninguém, a menos que fosse bobo, atrever-se-ia a se meter naqueles becos. Aqui mandava a pobreza e o crime era seu fiel servente. Cada noite se cometia assassinatos, estupros e mutilações, e nenhum criminoso se veria atraído jamais porque o estrito código

daquele mundo era o silêncio.

Os homens observavam Sharpe passar. Fixavam-se nas botas, na espada, na faixa e no tecido de sua casaca. Qualquer dessas coisas podia ser vendida por um xelim ou mais, e em Saint Giles um xelim era um tesouro pelo qual valia a pena matar. Não tiravam a vista da grande bolsa de couro que o fuzileiro levava, uma bolsa que, salvo durante a escaramuça de Tolosa em que fora guardada por Isabella, não havia abandonado seu lado ou o de Harper. Os homens daquele lugar também viam os olhos de Sharpe, suas cicatrizes, suas dimensões e, ainda que alguns homens cuspissem junto a suas botas à medida que ia avançando pelos becos úmidos e escuros, nenhum levantava a mão contra ele.

Chegou a uma lâmpada acesa em um suporte velho e oxidado sobre uns degraus onde havia umas mulheres sentadas. Tinham garrafas de genebra em uma mão e bebês na outra. Uma havia perdido um olho, na outra a cabeça sangrava, outras duas agarravam algumas crianças que mamavam de seus peitos despidos enquanto Sharpe subia os degraus e empurrava uma porta de madeira várias vezes recomposta.

Entrou em um aposento iluminado por velas de sebo inclinadas em alguns ganchos de ferro que penduravam do teto. Estava cheia de homens e mulheres, havia inclusive algumas crianças. Todos bebiam genebra, a bebida mais barata daquele mundo. Ficaram em silêncio quando ele entrou, seus rostos refletiam hostilidade. Sharpe abriu caminho entre eles; com uma mão segurava a bolsa na qual havia umas poucas moedas e com a outra agarrava a boca da bolsa de couro rígido que era o motivo pelo qual visitava aquele lugar. Grunhiu uma vez porque um homem negou a se mover, e quando os clientes viram que o soldado alto e bem vestido não lhes tinha medo, foram se separando de má vontade para dar passagem. Dirigiu-se para o fundo do aposento, atravessando um fétido odor equiparável ao de Carlton House. Chegou até uma mesa bem iluminada com velas, na qual havia filas de garrafas de genebra de ambos os lados de um barril de cerveja. Dois homens, com rostos implacáveis e cheios de cicatrizes, vigiavam a mesa: um deles tinha uma pistola e o outro um garrote. Nesse momento, alguns dos clientes vaiavam Sharpe, gritando para que se fosse.

Um mulher estava sentada atrás de uma mesa, era uma mulher enorme com um rosto como uma pedra e os braços como cordas retorcidas. Tinha o cabelo ruivo e grisalho arrumado em um coque. Junto dela, contra a parede, havia outro garrote com a ponta de ferro. A mulher ficou olhando-o com hostilidade.

— O que quer, soldado? — disse. — Os oficiais não vêm aqui com seus trajes feitos sob medida para zombar da pobreza de um cortiço.

— Maggie?

Ela o olhou com desconfiança. Que soubesse seu nome não queria dizer nada, todo mundo ali conhecia Maggie Jones; deusa da genebra, parteira, alcoviteira, e oito vezes viúva. Sharpe notou que havia engordado; estava gorda como um barril, mas supôs que seu corpaço era de músculo duro e não de carne macia. Seu cabelo estava ficando branco, tinha a cara enrugada e marcada, e contudo sabia que não era mais que três anos mais velha que ele. A mulher sinalizou com a cabeça para um dos dois vigilantes e este se aproximou do soldado. Depois

cravou o olhar em Richard.

— Quem é você?

Sharpe sorriu.

— Onde está Tom?

— Quem é você? — voltou a perguntar ela com uma voz dura como o aço.

Sharpe se tirou a boina e sorriu para a mulher como se a repreendesse.

— Maggie! — exclamou sentindo-se ferido porque não recordava dele.

A mulher franziu o cenho. Olhou a faixa de oficial, a bolsa de couro, a espada, seguiu até o pescoço comprido e moreno e o rosto duro e marcado com uma cicatriz, e, de repente, começou a chorar de uma forma alarmante.

— Céus, é você? — Não havia conseguido perder o sotaque de Kilkenny, o único legado de seus pais além de uma viva inteligência e uma força descomunal. — Dick? — perguntou com incredulidade absoluta.

— Eu mesmo — respondeu Richard Sharpe sem saber se devia rir ou chorar.

Ela se aproximou, o abraçou e os assombrados bebedores de genebra observaram com incrível surpresa que o oficial lhe devolvia o abraço. A mulher sacudiu a cabeça.

— Santo Deus, homem! Você é um oficial?

— Sou.

— Santo Cristo em sua cruz! Só falta me fazerem o próximo Papa! Tomará cerveja, não?

— Tomarei cerveja. — Sharpe largou a boina em cima da mesa. — E Tom?

— Está morto, querido. Já faz dez invernos. Deus, olha só você! Quer uma cama?

Sharpe sorriu.

— Estou na Rosa.

A mulher enxugou os olhos.

— Houve um tempo, Dick Sharpe, em que minha cama era a única que queria. Venha aqui, deixe que estes pecadores o olhem boquiabertos.

O fuzileiro se sentou junto dela no banco. Pôs a bolsa no piso, bem apertada contra suas compridas pernas, debaixo do rudimentar balcão. Ela o olhava maravilhada.

— Meu Deus! Tem um ótimo aspecto!

A mulher deu uma risada e ele pôs suas mãos entre as dela. Maggie Joyce fora como uma mãe para ele; resgatara-o quando havia fugido do orfanato. Conheceram-se quando começava a fazer a vida; depois, quando já se convertera em uma especialista em arrombar portas, ela regressava ao amanhecer, metia-se em sua cama e lhe ensinava as coisas da vida. Então era ágil, aguda como um chicote. A mulher tinha lágrimas nos olhos.

— Meu Deus, e eu achando que já estava há tempos no inferno!

— Claro que não — respondeu o fuzileiro, dando uma risada.

Os dois riram, talvez pelo que fora e o que poderia ter sido. E enquanto riam e ela ia pegando as moedinhas dos clientes e lhes servia genebra nos copos de latão, os dois homens que seguiram Richard Sharpe desde Drury Lane permaneciam despercebidos na parede do fundo e o observavam. Eram dois, um usava um gabão apesar de ser uma noite quente, o outro era um assíduo do lugar. Ambos estavam armados, eram bons atiradores e tinham muita, muita paciência. Esperavam.

Capítulo 4

Os dois homens, por não emboscarem Sharpe em seu caminho para Maggie Joyce, tinham perdido uma fortuna.

No quarto dos fundos de Maggie, Sharpe abriu a bolsa de couro e derramou, sobre a cama, o resgate de um rei em diamantes. Ela olhou para ele, cutucando as gemas com o dedo, como se não pudesse acreditar no que via.

— Cristo do céu, Dick! Isto é real?

— É real.

— Maria, Mãe de Deus! — Ela pegou um colar de ouro em filigrana, pendurado com pérolas e diamantes.

— É limpo?

— É.

O que não era totalmente verdade, mas os proprietários da joalheria não tinham nenhum direito sobre ele agora. Isso foi parte do saque de Vitória, o tesouro de um império que havia sido abandonado pelos franceses em seu pânico para escapar de Wellington. Os homens se tornaram ricos naquele dia, e ninguém mais rico do que Sharpe e Harper que tinham tomado esses diamantes em um campo de ouro e pérolas, sedas e prata. Maggie Joyce mergulhou na pilha de tesouro que outrora deslumbrava a aristocracia da corte espanhola.

— Você é um homem rico, Dick Sharpe. Você sabia disso?

Ele riu. Esta foi a sorte de um soldado e que, ele sabia muito bem, poderia azedar em um flash de um mosquete.

— Você pode vendê-los para mim?

— Claro que eu posso! — Ela segurava um anel com a luz de uma vela. — Você se lembra de Cross?

— Aquele de casaco verde e um pau grande?

— Ele mesmo. Seu filho, agora, ele é seu homem. Vou ter que fazer isso por você. Você vai ter um melhor preço se disser que está doente. — Ela estava empurrando as jóias de volta na bolsa.

— Leve o tempo que quiser.

Sharpe poderia ter deixado os Srs. Hopkinson, os agentes do exército, lidarem com as jóias, mas ele não confiava que lhes dessem o valor total, mais do que ele teria confiado nos joalheiros da moda de Londres. Maggie Joyce, uma rainha neste reino do crime, era gente sua, de seu passado, e era impensável que o enganasse. Ela levaria comissão sobre a venda, o que era esperado, mas melhor ela que os mercadores arrogantes que veriam o fuzileiro como uma ovelha para ser espoliada.

Ela empurrou a bolsa em um armário que parecia cheio de trapos. — Você esta querendo dinheiro agora, Dick?

— Não. — Ele tinha conseguido ouro em Vitoria também, tanto ouro que as moedas tinham derramado na lama para serem avermelhadas pelo sol poente. Ele tinha colocado o pagamento de um ano em ouro francês em segurança no agente do exército, dinheiro do qual viveria enquanto estivesse na Inglaterra e que se reuniriam juros quando ele voltasse para a Espanha. Ele anotou o endereço dos Srs. Hopkinson para Maggie Joyce.

— É aí que você deve colocar o dinheiro, Maggie. Em meu nome. — Ele e Harper iriam dividir os rendimentos mais tarde. — Ela riu.

— Cristo, Dick, mas você sempre foi um sortudo! Quando o vi pela primeira vez eu não sabia se afogava você ou dava de comer, você era magro, mas o bom Deus me disse para ser gentil. Ah, Cristo, e Ele estava certo! Agora, você vai ficar bêbado comigo?

Ele foi, e o fez; esplendidamente, rindo, bêbados, e até mesmo os problemas da mentira de Lord Fenner desapareceu na neblina de genebra. Deixou-a tarde. Os sinos da cidade estavam tocando um quarto para as três, e sua cabeça estava girando com muita genebra e muita fumaça em uma pequena sala. Mesmo o beco fedorento tinha um cheiro bom para ele.

— Cuide-se! — Ela gritou para ele. — E volte aqui, em breve!

Estava escuro como o pecado nos becos. Havia uma lua, mas pouca luz passava pelos telhados das casas coladas que pareciam se inclinar juntos em seus topos.

Sharpe estava bêbado, e ele sabia disso. Estava feliz, também, ficou sentimental por uma visita a um passado que ele tinha meio que esquecido. Atravessou um pequeno beco, passou sob um arco, e lhe parecia agora que o cortiço, em vez de ser um lugar sujo de pobreza e doença, era um labirinto quente, intrincado de amigáveis e atenciosas pessoas. Ele riu em voz alta. Deus amaldiçoe a todos os senhores! Especialmente os bastardos dos políticos. Ele decidiu que não odiava ninguém, nenhuma alma má em todo o mundo louco, tanto quanto odiava os políticos sanguinários.

Os dois homens que o seguiram foram sensivelmente cautelosos, mas não apreensivos. Eles tinham se espantado quando o oficial havia entrado no cortiço. Um deles era um matador de aluguel dessas mesmas vielas. E sua vítima tinha sido tolo o suficiente para entrar em um lugar onde sua morte seria fácil e inquestionável. No beco da Rua Bow ousou entrar no cortiço de Saint Giles.

Os dois homens sabiam quem era sua vítima, mas o conhecimento não os preocupava. Estes homens não temiam um soldado, nem mesmo um soldado famoso, e certamente não um bêbado. Nenhum homem, por mais rápido e hábil com armas, poderia resistir a uma emboscada. Sharpe estaria morto antes mesmo de saber que estava em perigo.

Sharpe não tinha conhecimento deles. Em vez de seus passos, ele ouviu as crianças chorando. Isso era uma lembrança que veio inundando de volta. A colônia foi sempre cheia de crianças chorando, crianças pequenas, que depois de quatro ou cinco anos que aprendiam a não chorar. O som o fez pensar em sua própria filha, órfã, na Espanha, e que o pensamento era

piegas. Ele descansou contra uma parede.

Havia poucas pessoas. O cortiço, ele sabia, estava vivo e assistindo, mas apenas algumas prostitutas estavam nas ruas, seja em paredes ou voltando para casa a partir de Drury Lane. Seus homens, os mestres duros que tomaram seus pences, ficaram em pequenos grupos onde uma tocha acesa um pedaço de barro e tijolo.

Ele respirou fundo. A última vez que ficara tão bêbado assim fora no Castelo de Burgos, na noite anterior à explosão, e a guerra na Espanha, de repente pareceu distante, muito distante, como se pertencesse à vida de outro homem. Ele seguiu em frente, atravessando uma das valas abertas por onde corria um lodo grosso como sangue na escuridão.

Ele ouviu pés correndo atrás de si e se virou, sempre sabendo que devia enfrentar um som estranho, e viu uma menina vindo de baixo de um arco, parar, virar, e depois a pé desajeitadamente em direção dele. Ela tinha um lenço envolto sobre um rosto magro e luminoso. Atravessou a vala, levantando a saia, então desajeitadamente balançando seus quadris chegou perto dele.

Ela lhe deu um sorriso nervoso.

— Lonely?

— Não. — Ele sorriu de volta. Achava que ela o tinha visto passar e tinha sido enviada para lhe tirar algumas moedas.

Para sua surpresa, ela colocou os braços finos em seu pescoço, o rosto em sua bochecha, e pressionou seu corpo contra o seu.

— Maggie me enviou. Dois homens lhe seguiram e estão atrás de você. — Ela disse em uma pressa truncada.

Ele a segurou. À sua direita havia uma abertura. Lembrou-se que era uma passagem entre duas casas. Na sua extremidade distante havia uma escada que subia para um sótão velho. Um judeu tinha vivido lá, era estranho como as memórias voltaram, um judeu que tinha usado o cabelo em cachos longos e andava com o nariz profundamente em livros. A colônia tinha deixado o velho em paz, sabendo que ele era inofensivo, mas depois de sua morte, havia rumores de que mil guinéus de ouro tinham sido encontrados em seu quarto. A colônia sempre foi cheia de tais rumores.

— Venha comigo. — Pegou na mão dela. Riu em voz alta como se fosse um bêbado descuidado, mas a mensagem da menina o tinha deixado sóbrio tão rápido quanto um tiro francês de doze libras quebrando o ar perto dele. Levou-a através do portão, para o beco, e para as sombras profundas da escada de madeira.

— Aqui. — A menina estava erguendo suas saias.

— Eu não preciso disso, meu amor. — Ele sorriu.

— Você quer isso. — Em sua cintura estava um cinto e, pendurado no couro, um gancho. Era um dispositivo antigo para esconder mercadorias roubadas, mas agora a menina tinha a enorme pistola presa pelo seu gatilho. Era uma arma temível com sua boca de bronze alargada

que, como um bacamarte, pulverizaria sua carga de fragmentos de metal em um leque de dispersão. Uma arma ideal, Sharpe supôs, com a qual Maggie Joyce guardava a genebra. O cano, Sharpe viu, foi recheado com um trapo para manter os projéteis no lugar, e ele o puxou para fora, em seguida, bateu a coronha no chão para compactar as pedras e pregos de volta com carga. Puxou o percussor pesado para trás. Estava duro, mas se encaixou.

— Quem são eles? — Um se chamava Jem Lippett, ela não sabia o nome do outro. Jemmy é um cartola. Um assassino profissional, falou isso sem qualquer tom de alarme. Esta era uma colônia.

Sharpe sacou sua longa espada. — Fique atrás de mim.

Ela se agachou. Sharpe achou que ela tinha quinze anos, talvez catorze, e supôs que se prostituísse para se sustentar. Poucas meninas escapavam do cortiço, a menos que fossem de uma beleza surpreendente, e depois seus homens as negociavam mais a oeste, onde os preços eram mais elevados. — Como você sabe de Maggie?

Ele falou baixinho, sem se preocupar com o silêncio, porque os homens, se o estavam seguindo, esperariam ouvir as vozes da entrada.

— Eu trabalho para ela.

— Ela já foi linda, uma vez.

— Foi? — a menina parecia desinteressada.

— Ela disse que cresceu aqui.

— Foi.

— Nascido aqui?

— Não. — Ele estava observando a forma escura do portão. Sua espada estava ao seu lado no chão. — Nasci em Cat Lane. Vim para cá de um orfanato.

— Maggie disse que matou um homem?

— Foi. — Ele se virou para olhar para seu rosto magro. — Qual o seu nome?

— Belle.

Ele ficou em silêncio. Tinha matado um homem que estava batendo em Maggie. Sharpe tinha cortado a garganta do homem, e o sangue tinha encharcado o cabelo de Maggie que riu e agarrou Sharpe por volta da cabeça brincando. Ela enviara Sharpe para fora do cortiço, sabendo que os amigos do homem assassinado desejariam vingança. Sharpe tinha matado um dos reis de Saint Giles, um dos líderes dos criminosos que viviam em tal miséria, seguros no labirinto escuro. Maggie salvou a vida de Sharpe, então, e estava fazendo isso de novo agora, mesmo que pudesse tê-lo deixado desprevenido, esperando sua morte, para ficar com as jóias de Vitória para si mesma.

Em algum lugar um cachorro latiu, feroz e urgente, e então houve um grito, uma vez que foi silenciado com um golpe.

Uma voz cantou em um beco. Havia risadas em uma loja de genebra, e sempre os choros

de bebês, gritos de raiva e os gritos de homens e mulheres que viviam e lutavam juntos na apertada imundície das pequenas salas, onde duas famílias poderiam compartilhar um quarto com uma terceira no corredor fora.

A menina tossiu, uma violenta, profunda e terrível tosse que iria matá-la antes que dois invernos se passassem, e Sharpe sabia que o som traria os homens ao beco, se, de fato, o procuravam.

Uma garrafa quebrou nas proximidades. O portão da entrada se abriu uma polegada, parou, e rangeu novamente.

As mãos da menina estavam em suas costas, como se sua proximidade lhe desse conforto. Ele segurava a arma com as duas mãos, a sua extremidade sobre o solo, a frente virada para cima de modo a que a carga de fragmentos soltos não escorresse pelo cano. Ele esperou. O portão abriu apenas alguns centímetros.

O portão era a única entrada para este lugar. Ele não voltou a se mover. Sharpe se perguntou se os dois homens esperavam que ele saísse, preferindo emboscá-lo quando passasse pela porta da entrada, em vez de buscá-lo no beco escuro.

— O quê?

— Faça um ruído! — Ela sabia o que ele queria dizer. Ela começou a gemer, a dar pequenos suspiros, e esfregou as mãos para cima e pelas costas como os ruídos ficaram mais altos.

— Vem — disse ela. — Vem, meu amor, vem!

Os homens obedeceram, movendo-se tão rápida e silenciosamente que no começo Sharpe mal percebeu que tinham passado pela porta; então viu o brilho de uma faca e apertou atrás com sua coluna para manter Belle gemendo e o barulho chamou os dois homens para o espaço escuro ao lado das escadas.

Sharpe puxou o gatilho. Ele meio que esperava que a arma antiga que não funcionasse, mas o rastilho brilhou; ele tinha fechado um dos olhos para manter sua visão noturna; e a enorme pistola escoiceou em suas mãos quando a carga explodiu e o cano tentou saltar para cima.

Era uma arma desagradável. Seu efeito, na entrada estreita, foi como se uma lata de metralha tivesse sido atirada por um canhão de campanha. Os pedaços de pedra e metal pulverizados para fora do cano atarracado, espalharam-se em leque e ricochetearam nas paredes para jogar os dois homens para trás no sangue e fumaça e, enquanto eles caíam, Sharpe estava se movendo. Deixou cair a arma vazia, pegou a pesada espada e deu seu grito de guerra.

Um dos homens, aquele vestido com o sobretudo e em cuja mão havia uma pistola, estava morto. Metade de sua cabeça estava faltando e tinha se espalhado na parede do beco, mas o segundo homem, xingando e soluçando, estava tentando se levantar e na mão direita tinha uma longa faca.

A espada tirou a faca da mão manchada de sangue e Sharpe deixou cair seu joelho sobre a

barriga do homem ferido. Ele colocou a enorme espada contra a garganta do homem.

— Quem é você?

A resposta do homem foi curta. Sharpe moveu a espada um centímetro para o lado atingindo o ombro do homem ferido pelo disparo.

— Quem é você?

— Jemmy Lippett!

— Quem o mandou? Sharpe deixou a espada cair outra fração.

— Ninguém me enviou. Eu vim com ele! — Os olhos de Lippett, seus brancos brilhantes na escuridão, olharam para o homem morto. A fumaça da pistola ainda permanecia na entrada. Sharpe ouviu a menina se mover atrás dele. Empurrou a lâmina para baixo, fazendo com que o homem desse suspiro.

— Quem era ele?

— Eu não sei!

— Quem queria me ver morto?

— Não sei!

Sharpe afundou a lâmina mais um centímetro.

— Quem?

— Eu não sei! — O homem sentiu a pressão do aço e choramingou. — Apenas um soldado sangrando! Honest! Ele conhecia meu pai! — Sharpe moveu sua cabeça em direção ao homem morto. — Ele era um soldado?

— Sim! — Os olhos de Lippett, olhando para o rosto de Sharpe, de repente mudou. Belle tinha chegado atrás de Sharpe, estava olhando para Lippett, e o reconhecimento em seus olhos era sua sentença de morte. Se ele vivesse poderia se vingar na garota, mesmo em sua senhora, e além disso, seria capaz de dizer que Sharpe ainda vivia.

Sharpe empurrou o joelho. — Ouça!

— Estou ouvindo!

— Diga ao seu pai... — Mas não havia mais palavras para ser dito, porque a espada, com a súbita habilidade, tinha cortado para baixo na garganta do homem, impulsionado pela mão direita de Sharpe no punho e sua esquerda na lâmina, agora o homem não poderia trair Maggie. Seu sangue jorrou para cima, atingindo Sharpe na cara, mas o fuzileiro manteve a lâmina em movimento até atingir osso.

Sharpe há muito tempo sabia de uma coisa, que se a morte de um homem é encomendada, então é bom para o homem que se finja de morto. No início deste verão ele havia enganado os franceses, porque acreditavam que tinha sido enforcado, e agora faria o mesmo para quem tinha encomendado sua morte. Ninguém iria entrar neste cortiço para procurar corpos. Pela manhã, os dois homens mortos seriam despojados de suas roupas, e seus corpos nus seriam

jogados em um esgoto a céu aberto. Ao matar os dois homens, Sharpe tinha garantido o mistério.

Não voltaria para a Espanha, não ainda. Se nada tivesse acontecido esta noite, se tivesse voltado para a taberna, dormiria e acordaria de ressaca, então talvez tivesse decidido que descrição era a melhor parte da coragem. Mas não agora, porque alguém tinha declarado guerra a Sharpe, alguém o queria morto, e Sharpe não fugia de seus inimigos.

— Cristo! — Belle estava correndo as mãos rápidas pelo primeiro homem morto, em busca de moedas. — Olhe!

Ela abriu o casaco escuro. Embaixo dele havia um uniforme; um uniforme vermelho com bainhas amarelas, e com botões com o emblema de uma águia acorrentada. Sharpe tinha matado um homem do South Essex, e ele afastou o capote do uniforme sangrento e viu na manga do homem as divisas de sargento.

— Ele é um soldado sanguinário! — disse Belle.

Sharpe pegou o pano que tinha tapado o cano da pistola, enxugou o rosto com ele, depois a lâmina de sua espada. Ela raspou ao ser colocada na bainha. Ele pegou a arma e a entregou à menina que ergueu as saias e a pendurou no gancho, em seguida, ajoelhou-se desajeitadamente para vasculhar através da roupa do segundo homem morto. Encontrou algumas moedas e sorriu.

Sharpe olhou para fora do beco. Ninguém esperava por ele, ninguém veio ver por que um tiro fora disparado. Em vez disso, como sempre, no cortiço, houve um silêncio estranho enquanto as pessoas esperavam para ouvir se o problema estava vindo em sua direção. Ele pegou a pistola que havia sido levada pelo soldado e a empurrou em seu cinto, em seguida, pegou duas moedas de ouro de sua bolsa. — Belle?

— Cristo! — Ela olhou fixamente para elas.

— Essas são para Maggie, e estas são para você. — Deu-lhe mais duas. — Você não viu nada, não ouviu nada, não sabe de nada. — Ela correu, uma mão segurando a arma através de suas saias, e Sharpe esperou até que o som de seus pés descalços sumisse, então, no silêncio estranho, voltou para Drury Lane.

— Você não viu nada, nem poderia, até que tivesse visto isso! — Mesmo às 03h30min da manhã o enorme irlandês ainda estava conversando alegremente. — Mais homens mortos do que o Senhor Deus matou em Sodoma e Gomorra.

Eles cobrem a terra como gafanhotos, e em seu centro, no coração deles, ficam os tambores. — Harper começou a bater as palmas das mãos sobre a mesa. — A grande massa sólida de homens! Eles vão chegando e a própria terra treme, isso mesmo, e eles estão vindo para você! — Suas mãos ainda batiam na mesa, sacudindo as garrafas que tinha feito bom uso.

A multidão escutava.

— E as armas! As armas. Se puderem imaginar, se puderem imaginar toda a poeira que

lotaria barris, e os artilheiros disparando seus canhões, e um barulho como o do fim do mundo! Os tambores, as armas e os franceses com suas baionetas, e há apenas você e alguns companheiros. Não muitos, mas você está lá! Você está esperando, e sabe que os bastardos estão vindo para você, só você! — Sharpe estava na porta, com o capote civil do sargento morto cobrindo seu uniforme. Ele sorriu, então assobiou umas breves notas aparentemente desafinadas.

Patrick Harper levantou as mãos como se estivesse empurrando uma porta grande. — Eles estão vindo e não se pode ver o céu pela própria fumaça, não se pode ouvir coisa alguma, além das armas e dos gritos; e você pensa que é um grande passo para um garoto de Donegal a Salamanca, e está querendo saber se verá sua mãe de novo! — Ele balançou a cabeça de forma dramática.

Sharpe assobiou as notas mais uma vez, uma chamada de batalha dos fuzileiros que significava "perto de mim". Ele repetiu.

O sargento olhou sobre os rostos.

— Você não vai embora, vai?

Mais de uma dezena de pessoas ficaram, ouvindo encantados, e Sharpe quase desejou que tivessem vindo aqui para recrutar, pois ele e Harper poderiam ter caminhado para fora da taberna com uma dúzia de bons jovens.

O sargento empurrou sua cadeira para longe da mesa e sorriu para o seu público. — Só um instante, rapazes. Podem esperar! — Ele foi até a porta, pegou no casaco escuro e viu sangue que ainda estava no rosto de Sharpe. — Senhor?

Pegue meu rifle, a minha mochila, tudo! E as suas coisas! Traga Isabella. Estamos partindo. No beco em dez minutos.

— Sim, senhor.

Sharpe foi para fora. Ninguém o tinha visto, nenhum proprietário ou servo da taberna seria capaz de dizer que tinha visto o major Sharpe vivo. Agora, ele e Harper levariam Isabella de volta para a casa de Southwark e então, com a inspiração que tivera ao assistir os atores, iriam à busca do Segundo Batalhão do Sul Essex.

Era madrugada quando Isabella foi devolvida com segurança à casa de Southwark. Ela aceitou o súbito pânico graciosamente, embora tenha ficado curiosa quando Sharpe e Harper tiraram seus uniformes e deram suas armas ao primo de Harper.

— Guarde-as para nós! — disse Harper.

— Elas ficarão seguras.

O senhor Reilly trouxe roupas velhas e esfarrapadas, e Sharpe trocou as confortáveis botas francesas por um par de sapatos gastos e surrados. Cada homem escondeu algumas moedas em seus trapos.

— Como estou? — Harper perguntou, rindo.

— Horrível — Sharpe riu com ele.

Quando Harper tinha vindo da Taberna da Rosa, agarrando Isabella em uma mão e os pertences de Sharpe na outra, ele havia trazido as ordens que tinham sido entregues na taberna durante a noite. Sharpe as tinha lido. Lorde Fenner lhe ordenava se apresentar imediatamente ao depósito em Chatham para embarcar de volta para a Espanha. Se Lord Fenner estivesse por trás da tentativa de assassinato, essas ordens, Sharpe supôs, seriam apenas um disfarce, ou talvez uma precaução contra a sobrevivência de Sharpe.

Os Reillys tinham uma caneta, um pouco de tinta e papel velho, amarelado. Sharpe escreveu suas próprias ordens no papel, dirigido ao capitão D'Alembord, dizendo que ele e o tenente Price, deveriam sumir, sair de Chelmsford, e se esconder em Londres. — Espere por mensagens na Taberna da Rosa. Não usar seus uniformes e não relatarmos à Guarda Real. — Eles seriam enganados, mas obedeceriam. Sharpe, pensando no futuro, sabia que iria precisar de D'Alembord e Price, e não se atrevia a correr o risco de Lord Fenner ordenasse aos dois oficiais, como a ele, voltarem para a Espanha. Sharpe ia postar a carta no expresso da manhã, pagar extra para que fosse transportada por um cavaleiro.

O serviço de correio acharia estranho que um vagabundo pagasse essa quantia por uma carta, pois Sharpe, como Harper, estava em farrapos e com um propósito. Em algum lugar na Grã-Bretanha havia um Batalhão escondido, e Sharpe não sabia como encontrá-lo. No entanto, o batalhão estava recrutando, e isso significava que seus recrutadores estavam nas estradas da Grã-Bretanha, e esses sargentos, Sharpe sabia, levaria seus homens de volta para onde o Batalhão estava escondido.

Sharpe não conseguiu encontrar o Batalhão, mas o Batalhão conseguiu encontrá-lo. Major Richard Sharpe e Sargento Patrick Harper, que na noite anterior tinham sido coroados pelas Deusas da Vitória, estavam indo para se tornar recrutas novamente. Tinham vestido trajes de mendigos e deviam agir como homens desesperados cujo último recurso era se juntar às fileiras. Sharpe e Harper iriam se juntar ao exército.

Capítulo 5

Partiram de Londres dirigindo-se para o norte por uma campina cheia de verão e luxuriosa de flores, uma campina que, comparada com a da Espanha, fazia a vida fácil. Nenhum guarda-florestal na Inglaterra podia competir com um camponês espanhol na proteção de sua terra, e os dois fuzileiros viviam bem.

Houve apenas um problema durante os primeiros dias da viagem. Foi a incapacidade de Harper deixar de falar “senhor”.

— Não é simples, senhor!

— O quê?

— Chamar-lhe... — Deu de ombros.

— Dick?

— Não posso! — respondeu, ruborizado, o grande irlandês.

— Pois tem que fazê-lo!

Dormiam ao relento; conseguiam comida com armadilhas ou roubando e mendigando nas ruas das povoações, apesar do dinheiro que ocultavam em seus farrapos. Durante a primeira semana, lhes expulsaram de condados que não queriam gente com um aspecto tão suspeito em seus limites. Seu aspecto era horrível, pois nenhum dos dois se barbeava. Sharpe queria que ambos parecessem soldados veteranos, licenciados legalmente, que não haviam conseguido encontrar trabalho nem lar fora do Exército. Patrick Harper, que aceitava esta mudança de sorte com serenidade, preocupava-se com o segundo batalhão que permanecia oculto e em segredo. Pensava constantemente no sargento que lhe havia armado uma emboscada naquele cortiço.

— Por que aquele sacana queria lhe matar, senhor?

— Não me chame...

— Sinto muito! Porém, por quê?

— Não sei.

Qualquer que fosse o segredo que se escondia com o segundo batalhão permanecia oculto, pois durante esses primeiros dias não viram nenhum grupo de recrutamento, e menos ainda um do South Essex. Ficaram afastados da costa porque temiam que lhes botasse a mão uma patrulha de alistamento da marinha e vagavam de uma cidade para outra, sempre com a esperança de encontrar algum mercado de contratação de verão, que era um lugar muito propício para o recrutamento. Trabalharam um dia, colocando uma cerca ao longo da estrada do norte, com a esperança de que passasse um grupo de recrutamento. Recebeu um xelim cada um, um pobre pagamento para um trabalho agrícola, mas adequado para um soldado ou um vagabundo. Harper cortava a cerca toscamente e Sharpe ia detrás e lhe dava forma. Ao meio-

dia o granjeiro lhes deu um lata de cerveja e parou para falar do tempo e da colheita.

Sharpe, enquanto comia o pão e o queijo que havia trazido o granjeiro, perguntou-se em voz alta o que estava ocorrendo na Espanha. O granjeiro deu uma risada, talvez por ouvir semelhante pergunta dos lábios de um vagabundo.

— Não se preocupe com isso, homem. O melhor lugar para o Exército é lá fora. — Levantou-se e arqueou as costas. — Estão fazendo um bom serviço, garotos. Trabalharão mais um dia?

Mas o caminho era pouco transitado e o dia que haviam passado trabalhando tinha sido menos divertido que vagabundear, portanto recusaram a proposta. Sem dúvida, Sharpe gostava. Sentir-se de repente tão livre, sem responsabilidades, caminhar aparentemente sem rumo sob o quente sol de verão, pelas bordas dos caminhos coalhados de flores e de bagas, pescar nos riachos e roubar nos hortos, caçar furtivamente em grandes propriedades e despertar cada manhã sem a necessidade de verificar o fuzil e a espada. Tudo isso era estranhamente agradável. Foram lentamente para o norte, às vezes deixavam o caminho e satisfaziam sua curiosidade explorando vilas ou se embasbacavam olhando as casas antigas onde a hera crescia nas paredes de pedra. Um pouco além de Grantham, chegaram a uma campina plana e pantanosa e se apressaram a atravessá-la desejosos de descobrir o que se estendia atrás do horizonte aparentemente sem limites.

— Talvez Ted Carew não tivesse razão, senhor — disse Harper.

— Não me chame “senhor”!

— Pareceremos um par de idiotas se não tiver razão!

Isso já havia ocorrido a Sharpe, mas se agarrava com obstinação ao que o antigo sargento da armaria acreditava: o segundo batalhão, que em teoria só existia nos papéis, ainda buscava recrutas. E em Sleaford encontrou o que andava procurando.

Achou um mercado de contratação autêntico, no auge, concorrido, cheio da gente do condado; a resposta às orações de um sargento de recrutamento. Onde se exibia um gigante, convenientemente oculto atrás de uma proteção de lona, e o dono ofereceu a Harper uma coroa de prata se concordasse em se fazer de irmão do gigante.

Havia gêmeos siameses, trazidos, conforme gritava o apresentador, do misterioso reino do Sião a preço de ouro, uma ovelha com duas cabeças, um cachorro que sabia contar, um macaco que fazia a instrução como um soldado, e a mulher barbuda sem a qual uma feira pecuarista não estaria completa. Também haviam prostitutas nas pousadas, granjeiros embonecados nas tabernas e metodistas ruidosos que pregavam na praça do mercado. Tinha um grupo de recrutamento de um regimento de cavalaria e outro de artilharia. Malabaristas, pernas-de-pau, curandeiros, um urso bailarino e perto de um pregador metodista mas soltando um sermão diferente, estava o sargento Horatio Haverkamp.

Sharpe e Harper o viram por cima das cabeças da multidão e lentamente abriram caminho para ele. Era um homem sorridente, com uma barriga proeminente, cara vermelha, costeletas e olhos cintilantes. Uma multidão amável o interrompia com perguntas, mas o sargento Horatio

Havercamp estava à altura de qualquer uma delas. Estava sobre um tarima flanqueado por dois garotos com tambores.

— Você, garoto! — chamou apontando para um garoto alto e magro vestido com uma bata bordada. — Aonde vai dormir esta noite?

O menino, atordado por ser o escolhido, ruborizou-se.

— Onde, garoto? Em casa, aposto! Em casa, hem? Você é só, hem? E aí, você recebe calor de uma vaca? Faz isso garoto?

A multidão deu uma risada à custa do garoto, cujo rosto havia adquirido repentinamente um tom escarlata. O sargento Havercamp lhe sorriu com cinismo.

— No Exército não voltará a dormir sozinho, garoto. As mulheres? Terá que sacudi-las! Agora, olhe-me bem, diria que sou atraente? — A resposta que obteve por parte da multidão foi a que merecia e a que desejava. — Certamente que não, ninguém nunca disse que Horatio Havercamp fosse um homem atraente; porém garoto, deixe-me que lhe diga que um bom monte de garotas já passou por estas mãos, e como? Graças a isto! Isto! — gritava enquanto puxava a casaca vermelha com as bainhas de colorido amarelo-brilhante. — Um uniforme! Um uniforme de soldado! — Os garotos tocaram os tambores com as baquetas.

O atordado camponês havia escapulado por entre a multidão e agora ia vagando pelos metodistas, que ofereciam prazeres bem distintos. O sargento Havercamp não se importava, mantinha a atenção de bastantes jovens entre a multidão e deu uma olhada ao redor em busca de outro alvo. Patrick Harper não passava despercebido, sua cabeça e seus ombros eram mais altos que a maioria das pessoas que se amontoava em direção à taberna onde o sargento tinha seu posto.

— Olhem-no! — gritou o sargento Havercamp. — Ele poderia ganhar a guerra sozinho. Já pensou alguma vez em ser soldado?

Harper não respondeu. Seu cabelo loiro avermelhado fazia que parecesse ter menos de vinte e oito anos. O sargento Havercamp esfregou as mãos com regozijo.

— Quanto dinheiro tem, garoto?

Harper sacudiu a cabeça como se estivesse tão envergonhado que não pudesse dizer nada.

— Nada, aposto! Agora, olhe-me! — exclamou o sargento Havercamp, ao mesmo tempo em que extraía dois guinéus de ouro do bolso. Ele os fez correr com destreza por entre os dedos de maneira que o ouro brilhasse hipnotizador, enquanto ele os fazia passar entre os nós dos dedos. — Dinheiro! Dinheiro de soldado! Ouviu falar da batalha de Vitória, garoto? Ali conseguimos um tesouro, capturamos ouro, jóias e mais moedas das que possa sonhar.

Harper, que havia combatido em Vitória e havia conseguido um butim digno do resgate de um rei no campo de batalha, abria a boca assombrado com grande convencimento.

O sargento Havercamp fazia jogos malabares com as duas moedas: com uma mão lançava uma ao ar e depois jogava a outra enquanto a primeira cintilava junto a suas costeletas.

— Rico! Isso é o que se pode ser se for um soldado! Rico! Mulheres, glória, dinheiro e

vitória, garotos!

Os dois garotos com os tambores executaram outro obediente redobre, e os jovens que estavam na multidão ficaram olhando encantados as moedas de ouro.

— Não voltará a passar fome! Não voltará a ficar sem uma mulher! Não voltará a ser pobre! Poderá caminhar com a cabeça erguida e não voltará a ter medo, porque será soldado!

Voltou-se a ouvir o redobre, e as moedas de ouro seguiam indo de cima abaixo junto ao rosto do sargento Havercamp, sorridente, confiado e amistoso.

— Já ouviram falar de nós, garotos! Já nos conhecem! Somos o South Essex. Somos os rapazes que acertamos no nariz de Napoleão! Que lhe fazemos perder o sono. O South Essex! Conseguimos que o próprio imperador tenha medo, e vocês podem ser um dos nossos! Sim! E lhes pagaremos!

Os tambores voltaram a redobrar. As moedas se detiveram na mão que Havercamp tinha levantada. Tirou a barretina, seu cabelo era vermelho e, segurando o chapéu invertido na mão esquerda e enquanto os garotos batiam forte contra os couros, lançou um dos guinéus de ouro dentro do chapéu. O segundo toque do tambor indicou que o segundo guinéu de ouro se unia ao primeiro e, sem dizer uma palavra, o sargento Havercamp foi extraíndo mais guinéus de sua bolsa e lançando-os, um a um, dentro da barretina.

— Três! — gritou um homem pequeno e com cara de doninha que havia aberto caminho até Sharpe e Harper. — Quatro! Cinco! — continuou contando outro homem e, enquanto os guinéus iam se amontoado, a multidão coreava os números em voz alta e afogava o suave hino que cantavam os metodistas.

— Quinze! Dezesseis! Dezessete! Dezoito! Dezenove! Vinte! Vinte e um! Vinte e dois!

Pararam de contar. O sargento Havercamp sorriu com cinismo, meteu a mão na bolsa e extraiu um meio guinéu, segurou no alto diante da multidão, e depois a lançou dentro do chapéu. Os garotos tocavam os tambores. O sargento fez que seguisse ao meio guinéu uma forte chuva de xelins e peniques, levantou o chapéu, o sacudiu para que a gente pudesse ouvir o som pesado do dinheiro que continha.

— Vinte e três libras, dezessete xelins e seis peniques! Isto é o que lhes pagaremos! Vinte e três libras, dezessete xelins e seis peniques! Só tem que se alistar! Nós lhes pagaremos! — Voltou a sacudir o chapéu. — Agora, garotos, eu também fui jovem uma vez! — Levantou a mão para deter as vaias. — Verdade! Inclusive eu, o sargento Horatio Havercamp, fui uma vez jovem, e me deixem dizer uma coisa! — parou com dramatismo, olhando para os rostos da multidão. — Nunca encontrei, nem por assomo, uma garota bonita que pudesse resistir-se ao som do dinheiro! Agora, garotos! Se lhes beijam por um xelim, o que farão por um guinéu, hem? — Levantou um dedo, o chupou e deu uma risada. — Vinte e três libras, dezessete xelins e seis peniques!

— Por isso eu me casava contigo! — gritou uma mulher, e provocou risadas; mas os jovens da multidão recordavam o jorro dourado de moedas que para a maioria deles era o ganho de mais de seis meses de trabalho. Seis meses de trabalho! Tudo junto e bastava se

alistar!

O sargento Havercamp sacudiu a cabeça com tristeza.

— Já sei o que estão pensando, garotos! Já sei! Ouviram histórias! Ouviram as mentiras que se contam! — voltou a sacudir a cabeça com tristeza silenciosa ante a maldade de um mundo que contava mentiras do Exército. — Dizem que o Exército é um lugar duro! Que há doenças e coisas piores, garotos! Oh, garotos meus! Minha própria mãe me pediu. Ela me disse: “Horatio! Nem pense em se alistar, nem pense!”. Ameaçou-me de não voltar a falar comigo. Mas eu o fiz! Ah, admito que era jovem e teimoso e me sentia muito tentado pelas pequenas, a glória e o dinheiro, e minha anciã mãe, que Deus bendiga seus cabelos cinzentos, dizia que eu lhe havia partido o coração! Que havia partido seu próprio coração! — deixou que a barbaridade de seu pecado penetrasse neles, depois sorriu lentamente. — Mas meus amigos, minha querida mãe na atualidade ainda vive em sua casinha de campo e cada vez que respira, meus amigos, abençoa o nome de Horatio Havercamp. E por quê? Por quê? — parou com dramatismo. — Porque, meus amigos, fui eu que lhe comprei a casinha, e fui eu que lhe plantei os alelis, e proporciono tudo o que ela merece.

Sorriu com modéstia. E acrescentou:

— Outro dia, o general passou pela porta do jardim e lhe disse: “Mamãe Havercamp, vejo que seu filho Horatio a trata bem!”. E ela respondeu “É verdade, e tudo porque se fez soldado”.

Horatio Havercamp abriu sua bolsa e deixou cair nela o dinheiro cintilando. Pôs a barretina na cabeça, acomodou-a com umas palmadas e se endireitou tão alto como era.

— Bem, garotos! É sua oportunidade! Dinheiro! Glória! Riquezas! Fama! Mulheres! Não vou ficar aqui por muito tempo! Há uma guerra que travar e mulheres que nos esperam, e se não vierem hoje conosco talvez não voltem a ter a oportunidade. Ficarão mais velhos e lamentarão o dia em que Horatio Havercamp saiu de suas vidas! Agora garotos, estive falando durante muito tempo e estou mais seco que um cachorro em uma ferraria, portanto vou gastar um pouco deste dinheiro que o Exército me dá em umas jarras de cerveja no Homem Verde! Venham me ver! Não é para persuadi-los, é apenas um pouco de cerveja grátis para molhar os lábios e um pouco de conversa!

Os tambores redobraram pela última vez e o sargento Havercamp desceu para a rua de um salto. O homenzinho com cara de doninha que tinha contando os guinéus enquanto o sargento os lançava, olhou para Patrick Harper.

— Vai com ele?

Sharpe supôs que o homem era um cabo, um dos ajudantes de Havercamp que estavam mesclados entre a multidão para pegar os recrutas mais apropriados. Usava um abrigo de veludo sobre um colete de *moleskin*, mas as calças cinza eram muito suspeitas, porque eram como as do Exército. Harper deu de ombros.

— Quem quer ser soldado?

— É irlandês? — perguntou encantado o homenzinho. Parecia que durante toda sua vida

guardasse um grande amor pelos irlandeses e nunca até então houvesse tido a oportunidade de manifestá-lo. — Anda! Deve estar sedento!

— A cerveja é grátis?

— Foi o que disse, não? Além disso, o que pode nos fazer?

Harper olhou para Sharpe.

— Quer vir, Dick? — perguntou, ruborizando-se como se fosse um menino de oito anos, ao utilizar o nome de batismo de seu major.

O homenzinho de traços angulosos olhou para Sharpe. A cicatriz e o rosto adulto de Sharpe lhe fizeram fazer uma pausa, depois sorriu zombeteiro.

— Somos três, hem? Sempre podemos sair se não gostarmos! Chama-se Dick?

Sharpe consentiu com a cabeça. O homenzinho alçou a vista até o enorme irlandês.

— E você?

— Patrick.

— Eu sou Terry. Vamos, hem, Paddy? Dick?

Sharpe se coçava os pelos grossos e esticados do queixo sem barbear.

— Por que não? Eu beberia todo um barril.

Sharpe e Harper foram se alistar.

O sargento Horatio Havercamp obteve um grande êxito. Mais cinco garotos estavam no salãozinho do Homem Verde, onde o bom sargento pedia quartos de galão de cerveja e copos de rum para beber depois da cerveja. Havia uma janela que dava para a rua e o sargento se sentou junto dela para poder lisonjear a qualquer jovem de aspecto promissor que vagasse pelas atrações da feira. Sharpe notou que também se sentara bastante perto da porta para poder cortar a retirada de qualquer um de seus prováveis recrutas.

O sargento fez muita comédia quando deu a Harper dois quartos de galão de cerveja.

— Portanto é irlandês, Paddy?

— Sim, senhor.

— Não me chame de “senhor”! Por Deus, garoto! Chame-me Horatio, assim como minha mãe! É um tipo grande, Paddy! Qual é seu sobrenome?

— O’Keefe.

— Um grande nome, hem?

O sargento Havercamp fez uma pausa para pedir aos gritos mais cerveja; então deu uma olhada suspicaz em Sharpe, que havia se sentado no canto mais escuro do aposento. Havercamp estava a par dos homens que bebiam cerveja grátis e tencionavam escapar ao final da noite, e com a cabeça fez um diminuto gesto quase não perceptível e Terry moveu sua jarra de cerveja e se sentou ao lado de Sharpe. Então Havercamp sorriu confidencialmente

para Harper.

— Sabes que é um grande regimento para os irlandeses?

— O South Essex?

— Isso mesmo, garoto. — O sargento Havercamp bebeu quase toda a jarra, limpou o bigode e deu uns golpezinhos na barriga. — Já ouviu falar do sargento Harper?

Harper se engasgou, lançou a espuma da cerveja sobre a mesa e, mostrando um assombro absoluto em seu rosto largo e bondoso, ficou boquiaberto olhando para Horatio Havercamp.

— Sim, já ouvi falar nele.

— Capturou uma águia, garoto! Um herói, isso é o que é, um herói. Ninguém se importa que seja irlandês, não no South Essex. Uma segunda casa, verá!

Harper bebeu o primeiro quarto de golpe. Olhou para o sargento sorridente.

— Conhece o sargento Harper, senhor?

— Não me chame de “senhor”! — exclamou Havercamp rindo entre dentes. — Se o conheço, me pergunta! Como não! Somos assim! — disse cruzando dois dedos. Consentiu com a cabeça, e em seu rosto se percebeu uma expressão de pesar pelos bons tempos passados. — Mais de uma noite me sentei com ele, a pouca distância do inimigo, garoto, simplesmente falando. Ele me dizia: “Passamos muita coisa juntos, Horatio”. É, garoto, eu o conheço bem.

— É grande, ouvi dizer.

Havercamp deu uma risada.

— Grande! Deve medir uns quinze centímetros a mais que você, Paddy, e você não é pouca coisa, hem? — Observou Harper com aprovação enquanto este bebia o segundo quarto. Havercamp lhe aproximou o rum. — Tome isto, Paddy, e lhe pagarei mais cerveja.

Harper escutava com os olhos bem abertos enquanto ele ia falando das maravilhas do Exército. Parecia que Havercamp incluísse todos seus recrutas em potencial quando falava do futuro que lhes esperava. Chegariam a sargentos, disse, antes que a neve caísse, e melhor, seriam todos oficiais no prazo de um ano. Havercamp deu uma risada.

— Terei que saudá-los, hem? — Lançou uma saudação para um garoto faminto e esquelético que bebia sua cerveja como se não tivesse comido nada em uma semana. — Senhor! — O garoto deu uma risada. Havercamp cumprimentava a Harper. — Senhor!

— Soa bem — disse Harper sonhador. — Um oficial?

— Estou vendo tudo, Paddy. — Havercamp deu uma palmada no traseiro da garota que havia trazido uma bandeja com jarras de cerveja. O sargento as repartiu pela mesa e pediu mais. — Todos já devem ter ouvido falar do major Sharpe, não?

Dois ou três garotos consentiram com a cabeça. Havercamp soprou a espuma de sua jarra, deu um trago e se reclinou.

— Começou como soldado raso, isso fez. Lembro como se fosse ontem. Eu lhe disse,

“Richard, logo será um oficial”. “Eu serei, sargento?”, me perguntou. — Havercamp deu uma risada. — Não acreditava em mim! Mas aí está! Major Sharpe!

— O senhor o conhece? — perguntou Harper.

O sargento voltou a cruzar os dedos.

— Assim, Paddy. Assim. Eu o chamo “senhor” e ele me diz: “Horatio, não me chame “senhor”. Você me ensinou a metade do que sei. Chame-me Richard!”.

Os recrutas em potencial olhavam assombrados para o sargento. As bebidas vinham depressa. Três dos garotos eram camponeses, vestidos com guarda-pós; todos eles, pensou Sharpe, tinham possibilidades de se converterem em homens bons e fortes se Horatio conseguisse convencê-los a pegarem o xelim. Um dos meninos tinha um rosto com uma expressão astuta e vivaz, tinha um terrier pequeno ao seu lado com quem compartia sua cerveja, o cachorro se chamava *Buttons* e seu dono Charlie Weller. Horatio Havercamp pediu que trouxesse uma tigela de cerveja para *Buttons*.

— Posso levar o cachorro? — perguntou Charlie Weller.

— Certamente que pode! — respondeu Havercamp sorrindo. — Sharpe calculou que Weller teria uns dezessete anos. Era robusto, alegre e qualquer batalhão ficaria encantado de tê-lo com ele.

— Lutaremos? — perguntou Weller.

— Quer fazê-lo, garoto?

— Claro! — respondeu Weller sorrindo. — Eu quero ir para a Espanha!

— Irá! Irá!

O garoto faminto, que se chamava Tom, era um pouco bobo. Percorria com os olhos a pequena habitação como se esperasse que em qualquer momento lhe golpeassem. O último dos cinco era um jovem de rosto triste e cenho franzido que teria vinte e três ou vinte e quatro anos, vestia um abrigo descolorido de pano fino e uma camisa debaixo, limpa mas surrada. Este último homem, cujo rosto e mãos denotavam que nunca havia trabalhado ao ar livre, quase não falava. Sharpe supôs que já havia decidido se alistar e que não lhe agradava essa forma de beber e de brincar.

E quanto a Tom, o bobo, simplesmente se alistaria para não passar fome. No Exército engordaria e poderia aprender a formar na linha de mosquetes e levar a cabo suas obrigações. Sharpe via que Havercamp estava preocupado com Harper e os três granjeiros. Eram os que ele queria, e gostaria de embebedá-los e pegá-los antes que a sobriedade os deixasse sensatos.

Já Sharpe, sentado no canto, não lhe faziam caso. Foi só ao anoitecer, momento em que a bebida já havia conseguido que os três granjeiros ficassem tontos e inseguros, que o sargento Havercamp foi até o canto de Sharpe.

O sargento se sentou. Sharpe estava a ponto de levar a jarra de cerveja aos lábios, quando a enorme mão de Havercamp atravessou a mesa e empurrou a do fuzileiro para abaixo.

A cara do sargento, de costas para suas outras vítimas, tornou-se hostil e astuta de repente. Agarrava a munheca de Sharpe.

— O que quer?

— Nada.

— Não me irrite, sacana! Você já serviu no Exército, não foi?

Sharpe ficou olhando os olhos pequenos e azuis. A essa distância via a veia rompida na pele de Havercamp, rugas de astúcia ao redor de seus olhos. Sharpe consentiu com a cabeça.

— Trinta e três.

— Licenciado?

— Ferido, sargento. Na Índia.

— E escapou, sacana.

Sharpe sorriu.

— Não estaria aqui, sargento, se fosse um desertor, não?

O sargento Havercamp lhe ficou olhando com suspeita, como se tivesse descoberto a um traidor. Apertou-lhe o pulso com os dedos.

— Portanto não é um desertor, hem?

— Não, sargento.

— Melhor que não o seja, garoto, se não lhe arrancarei os olhos e os enfiarei pelo traseiro.

Havercamp temia que Sharpe fosse daqueles que depois de assinar e receber parte do primeiro pagamento, foge, e repetem o truque com outro sargento de recrutamento.

— Não sargento, não sou um salteador.

— Não, sargento, não sou um salteador. — Havercamp o imitou com crueldade. — Portanto, por que está aqui?

— Não tenho trabalho — respondeu dando de ombros.

— Quando saiu?

— Faz um ano, talvez mais.

Havercamp ficou olhando-o. Finalmente, soltou seu pulso e deixou que levasse a cerveja aos lábios. O sargento o observava como se lhe doesse cada trago que dava.

— Como se chama?

— Dick Vaughn.

— Sabe ler e escrever?

— Não — respondeu Sharpe dando uma risada.

— Tem as costas limpas?

Sharpe deu de ombros e sacudiu a cabeça.

— Não. — Tinha sido açoitado há anos na Índia.

— Estou lhe vigiando, Dick Vaughn. Estarei vigiando cada maldito passo que dê até o maldito depósito, entendeu? Estrague meus planos, garoto, e arrancarei o que resta da pele de suas costas. Já sabe a que me refiro.

— Sim, sargento.

O sargento Havercamp meteu a mão no bolso e sacou uma moeda de um xelim. Quando lhe estendia a moeda, sua expressão era de gozação porque não havia conseguido sobreviver fora do Exército.

— Pegue-a — disse com voz brincalhona.

Sharpe consentiu com a cabeça. De má vontade, como se este fosse um ato desesperado, como se cada movimento contivesse a certeza de seu fracasso, pegou o xelim.

— Aqui, garotos! — gritou Havercamp. — Dick já se alistou! Muito bem, Dick!

Os granjeiros o aclamaram.

— Muito bem, Dick!

Buttons, meio bêbado e excitado pelos gritos, se pôs a ladrar.

O bobo foi o seguinte, agarrou o xelim com avidez e deu uma risada depois de mordê-lo e metê-lo entre os farrapos. O jovem com o abrigo de pano fino o pegou sem trejeitos, resignado, como se estivesse chateado.

— Agora Paddy! E você?

Harper deu uma risada.

— Acha que sou bobo, hem? Só porque sou irlandês?

Um dos garotos dos tambores, sentado sobre um deles, roncava em um canto. O sargento Havercamp observava como os dois cabos, que haviam agarrado os xelins com obediência porque ainda fingiam ser recrutas, vertiam rum nos guarda-pós dos três garotos. Levantou a vista para o grande irlandês.

— Qual é o problema, Paddy? Diga-me.

Harper fazia garranchos sobre a mesa de madeira com a cerveja que tinha derramado.

— Não é nada.

— Anda, diga-me!

— Nada!

Havercamp fez rodar um xelim para a cerveja vertida. Caiu com a face para cima.

— Diga-me por que não a pega.

Harper franziu o cenho. Mordeu o lábio, deu de ombros e olhou para o sargento.

— Terei uma cama?

— O quê? Uma cama?

— Uma cama. Pergunto se terei uma cama.

Havercamp ficou olhando-o, percebeu a intensidade daquele rosto grande e consentiu com a cabeça.

— Digna de um rei, Paddy. Terá uma cama com lençóis de cetim e travesseiros; grandes como uma vaca!

— Isso é genial! — exclamou Harper pegando o xelim. — Sou todo seu!

O sargento Havercamp fracassou com os três granjeiros. Charlie Weller estava desesperado para se alistar, mas não ia pegar o xelim a menos que seus dois amigos se alistassem com ele, e eles eram resistentes. Sharpe observava como Havercamp tentava todos os truques, inclusive o velho truque de deslizar os xelins para dentro da cerveja para que os pegassem assombrados do fundo, mas os três garotos estavam ao ponto. Foram se embebedando, estavam tão bêbados que Sharpe estava seguro que um deles pegaria a brilhante moeda que lhes haviam oferecido. Contudo, no mesmo momento em que parecia que Charlie Weller ia pegar a sua prescindindo de seus amigos, a porta se abriu bruscamente e apareceu uma mulher gritando de raiva e gritando para Havercamp, e deu um soco no garoto.

— Seu bastardo!

— Mamãe! — gritou o menino. — Mamãe! Pare!

— Para fora! E vocês, Horace e James! Para fora! Uma desonra, são uma desonra para suas famílias! Brincando de soldados! Acha que lhe trouxe a este mundo para ver como se põe a perder? — Ela deu um bofetão em Charlie Weller nas orelhas. — Somente um bobo se alista no Exército, só um bobo!

— É isso, tem razão — disse Harper completamente bêbado.

Havercamp deixou os três garotos irem com amabilidade. Contava, para se consolar da perda, com vinte e oito homens em um celeiro fora da cidade. E nesse dia havia reunido quatro e tinha grandes esperanças nas putas que estavam trabalhando para ele nas tabernas. Poderia contar com um bom número quando regressasse com o tenente-coronel Girdwood. Sorriu tranquilizador para seus recrutas quando a senhora Weller tinha partido, consumiu a última cerveja, e ordenou que se levantassem.

Tinham agarrado o xelim do rei, mas ainda não eram exatamente seus homens. Sharpe se jogou naquela noite no estábulo desmoronado que havia detrás do Homem Verde e ficou olhando fixamente as estrelas através dos vãos de palha. Sorriu. Seis semanas atrás, durante as noites posteriores à batalha de Vitória, tinha dormido em um grande quarto com a Puta Dourada, a Marquesa, uma mulher que era espião e que fora sua amante. Havia se deitado com uma aristocrata e agora jazia sobre palha suja e velha. O que pensaria ela se pudesse vê-lo?

Os outros recrutas roncavam. No estábulo contíguo um cavalo relinchou suavemente. A palha junto a Sharpe rangeu.

— Está acordado? — sussurrou Harper.

— Sim.

— No que está pensando?

— Em mulheres. Em Helene.

— Vão e vêm, hem? — Harper riu entre os dentes e depois apontou para o telhado desmoronado. — Poderíamos partir agora. São uns sacanas, hem?

— Eu sei.

Mas não o fizeram. Estavam na Inglaterra, recrutados. Iriam à batalha.

Capítulo 6

Pela manhã o sargento Horatio Havercamp contava com trinta e quatro homens. Os últimos foram trazidos pelas prostitutas que trouxera de Londres, a quem havia pagado para deslumbrar os jovens com vinho e com seus corpos. Vinte e oito de seus homens estavam sob vigilância no celeiro dos arredores da cidade, enquanto que os nove recrutas novos se encontravam no estábulo do Homem Verde.

— Em pé, garotos! Em pé! — O sargento Havercamp continuava cordial, pois nenhum daqueles nove recrutas estava ainda no saco, ainda que tivessem o xelim do rei. — Anda garotos! Em pé!

Um homem que usava um comprido abrigo de lã marrom e um chapéu alto da mesma cor permanecia junto ao sargento. Seu nariz escorria. Tossia de forma cavernosa e nauseabunda, e cada vez que a tosse explodia em seu peito, emitia um gemido moribundo e desesperado. Deu uma volta pelo estábulo, dando uma olhada em cada homem, às vezes pedia que levantassem uma perna. Era a inspeção médica mais rápida que Sharpe havia visto, e quando tinha terminado, o doutor recebeu um punhado de moedas. O sargento Havercamp bateu palmas quando ele tinha partido.

— Bem, garotos! Sigam-me! Vamos tomar o café da manhã!

Os dois cabos, transformados por mágica em casacas-vermelhas com barretinas altas e negras, ajudavam a empurrar os nove homens para a pousada. Ainda não havia amanhecido totalmente. Um galo cantou no pátio e uma garota trazia um balde, que tilintava, da bomba de água.

— Aqui dentro, garotos!

Não se tratava do desjejum. Em lugar disso, um juiz municipal esperava na taberna; era um homem irascível, de cabelo grisalho, com a cara de aspecto brutal, as faces cansadas, enrugadas e o nariz vermelho. Um secretário estava sentado junto dele com um monte de papéis, um pote de tinta, uma caneta e uma pilha de notas.

— Então! Quero vê-los alegres!

O sargento Havercamp os empurrava para frente um a um, seguia-os até a mesa e ficava junto deles enquanto lhes tomavam o juramento. Apenas três dos recrutas, um deles o jovem tranquilo vestido com o abrigo de pano fino, sabiam escrever. Os restantes, assim como Sharpe e Harper, fizeram cruzeiros sobre o papel. Sharpe notou de que o doutor já havia assinado os impressos, provavelmente antes de sair do estábulo onde havia dado uma olhada nos recrutas. Também observou que ninguém lhes oferecia a possibilidade de se alistar por um período de sete anos; simplesmente não o mencionaram. O impresso, que ele fez ver que não sabia ler, ia encabeçado com as palavras “Serviço ilimitado”.

Pôs a cruz no lugar que indicado pelo secretário. “Eu, Dick Vaughn — dizia o papel —, faço juramento de que sou ou fui _____”, Sharpe não declarou ocupação alguma e o

secretário a deixou em branco, “e que conforme meu conhecimento e minha crença, nasci na paróquia de Shoreditch no condado de Middlesex e que tenho 32 anos”. Sharpe decidiu que diminuiria quatro anos de sua idade. “Que não pertenço à milícia, ou a qualquer outro regimento, nem à Marinha ou à Infantaria da Marinha, e que servirei a sua majestade, até que seja licenciado legalmente. Assinado. X. Dick Vaughn”.

O juiz municipal pegou o papel e fez um garrancho com seu nome.

Eu, Charles Meredith Harvey, um dos juizes de paz de sua majestade do município de Sleaford, pelo presente certifico que Dick Vaughn, de 32 anos de idade, um metro oitenta de estatura, tez escura, olhos azuis e cabelo negro, apresentou-se ante mim em Sleaford no dia quatro de agosto de mil oitocentos e treze e afirmou ele próprio ter 32 anos. Que não tinha hérnia nem ataques de nenhum tipo, e que não estava incapacitado por coxeadura, surdez ou outra coisa e que tinha o uso perfeito de seus membros e ouvido. Que não era um novato. E reconhece que se alistou voluntariamente, pelo valor de vinte e três libras, dezessete xelins e seis peniques para servir a sua majestade o rei Jorge III, no regimento _____ de _____ mandado por _____ até que seja licenciado legalmente.

Sharpe notou que, ainda que o secretário fosse completando os dados pessoais de cada homem à medida que iam à mesa, os espaços em branco referentes ao juiz estavam todos preenchidos. Curiosamente, o nome do South Essex não aparecia no lugar pertinente. Ao final do documento constava que havia recebido um guinéu do pagamento, e o secretário o pegou.

— O seguinte!

Já estava dentro. Havia se alistado. Tinha agarrado o xelim do rei e aceitara uma nota de uma libra moderna e enrugada para convertê-la em um guinéu, e observava em silêncio enquanto os outros homens avançavam. Observou como o juiz recebia uma quantidade de dinheiro antes de partir, provavelmente para que o funcionário não ligasse pela omissão do nome do regimento no formulário. Depois o sargento Havercamp lhes berrou que saíssem para o pátio da pousada: ali cada homem teve a oportunidade de beber água da bomba e comer meia fogaça de pão seco.

Os dois cabos, sorridentes com suas casacas vermelhas, empurravam os nove homens em duas filas rudimentares. Os garotos dos tambores, bocejando e com os olhos colados de sono, golpearam os tambores e, antes que o sol saísse, já atravessavam o que havia restado da feira de contratação. O jovem vestido com pano fino, que dissera ao secretário que se chamava Giles Marriott, caminhava na frente de Sharpe. Não falava nem uma palavra com seu vizinho, Tom o bobo. Sharpe notou que, quando atravessaram a praça do mercado sob o amanhecer cinzento, Marriott ficava olhando uma bela casa de tijolo.

— Mova-se! Anda! — exclamava o cabo Terence Clissot enquanto empurrava Marriott. — Mova-se de uma vez!

Contudo, Marriott seguia olhando para trás a risco de tropeçar. Sharpe olhou para a casa, enquanto se perguntava o que fazia aquele jovem de tão bom aspecto observá-la tão fixamente. Os tambores seguiam redobrando, e foi talvez seu som o que fez que uma das basculantes do piso superior se abrisse.

Uma garota apareceu. Sharpe viu que olhava para Marriott e achou perceber um resplendor nos olhos do jovem. Marriott levantou a mão sem entusiasmo, mas então pareceu que decidia que aquele pequeno gesto era fútil frente à barbaridade que acabava de fazer para mortificar a garota que lhe dera o fora. Deixou cair a mão e seguiu caminhando. Contudo, aquele meio gesto, feito com tal leveza e terminado tão rapidamente, não se havia escapado ao sargento Havercamp. Viu a pequena, olhou para Marriott e deu uma risada.

Caminharam para o sul. As cercas estavam impregnadas do orvalho da manhã. Os tambores, agora que haviam saído da cidade, permaneciam em silêncio. Nenhum dos nove homens falava.

Um cachorro ladrou. Não havia nada incomum no amanhecer campestre, salvo que aquele cachorro ia atrás deles. O sargento Havercamp deu meia volta, lançou um grunhido, levantou a bota para dar-lhe um chute e então deteve o pé.

Era *Buttons*. Atrás do cachorro, correndo com todas suas forças, com o guarda-pós ao vento e um volume ao ombro, vinha Charlie Weller.

— Esperem! Esperem!

Havercamp deu uma risada.

— Venha, garoto!

Weller olhou para trás para de assegurar de que sua mãe não o seguia, mas o caminho estava livre.

— Posso me alistar, sargento?

— Bem-vindo, garoto! Entre na fila! Pegaremos seu juramento na próxima cidade!

Weller sorriu zombeteiro para Sharpe, abriu passagem para junto dele e seu rosto refletiu a excitação própria do início de uma grande aventura. Recolheram os outros recrutas e guardas no celeiro e se encaminharam para o sul: começavam suas vidas de soldados.

Em Grantham, onde os encerraram em uma sala do tribunal, Sharpe observou que o sargento Havercamp fechava um trato. Entregaram-lhe doze prisioneiros algemados e os colocou no final da fila. Distribuíram mais pão e Sharpe viu como o jovem Tom, o bobo, metia a fogaça na boca e a mordia. O garoto sorria constantemente, sempre vigiando para não receber uma bofetada, um insulto ou um chute. Se lhe falavam, ria estupidamente e sorria.

Naquela noite três homens fugiram. Dois conseguiram escapar, quase certo que com a intenção de encontrar outro grupo de recrutamento e calotear outro guinéu do rei. O terceiro foi pego, levaram-no ao pátio onde haviam dormido, e o cabo Clissot e o sargento Havercamp o golpearam. Quando a surra tinha terminado e o homem jazia ensanguentado e machucado sobre os seixos do pátio, o sargento Havercamp recuperou o guinéu real e o jogou a patadas até a estrada. Não tinha sentido voltar a aceitar no batalhão um homem como ele, já que, sem dúvida, apenas pensaria em voltar a desertar. Giles Marriott observou assombrado a surra, retrocedendo quando as botas do cabo golpeavam as costelas do homem. Marriott estava pálido quando o castigo acabou. Olhou para Sharpe.

— Têm permissão para fazer isso?

Richard se ficou surpreso que Marriott falasse, o jovem quase não havia aberto a boca desde que havia entrado na taberna para pegar o xelim.

— Não — respondeu dando de ombros. — Mas é mais rápido do que levá-lo até um juiz.

— Já estive antes no Exército?

— Sim.

— Que tal é?

— Você se sairá bem — respondeu Sharpe sorrindo, e bebeu a jarra de chá de seu desjejum. — Sabe ler e escrever, será secretário.

Charlie Weller acariciava seu cachorro.

— Eu quero lutar!

Marriott seguia observando Haverkamp, que estava fechando a porta do pátio para o homem machucado e ensanguentado.

— Não deveriam se comportar assim.

Sharpe tinha vontade de rir a gargalhadas diante daquelas lastimosas palavras, mas em lugar disso olhou compassivo para o jovem assustado.

— Escute! Haverkamp não é mau. Vai conhecer alguns muito piores que ele. Apenas tem que recordar de poucas regras e não poderão tocá-lo.

— Como quais?

— Nunca saia da fila, nunca se queixe, nunca olhe nos olhos de um sargento ou de um oficial, e não diga nunca nada mais que sim ou não. Entendeu?

— Não o entendo.

— Entenderá — disse Harper, que regressava da bomba de água que havia no pátio. Tinha metido a cabeça debaixo e a água lhe jorrava pela cara, empapando-lhe a fina e rasgada camisa. — Por Deus que o fará, garoto.

— Você! Paddy! — clamou o sargento Haverkamp. — Volte aqui!

Harper obedeceu. A água havia empapado sua camisa delgada até as costas enormes e musculosas, e através do fina tecido se viam as cicatrizes que tinha nas costas. O sargento Haverkamp sorriu sob o bigode ruivo.

— Paddy, Paddy, Paddy! Por que não me disse?

— Dizer-lhe o que, sargento?

— Você já serviu antes, não? Você é um soldado veterano, Paddy!

— Não me perguntou! — respondeu Harper indignado.

— Em que regimento?

— O quarto de Guardas dos Dragões.

Havercamp ficou olhando-o.

— Não fugiu, né, Paddy?

— Não, sargento.

Havercamp deu um passo e se aproximou dele.

— E não vai me trazer problemas, né, Paddy?

Havercamp, ainda que cauteloso ante aquele homem enorme, estava ressentido por toda a cerveja que havia vertido na garganta de Harper para convencê-lo a se alistar em um Exército no qual, obviamente, o grande irlandês já tinha intenção de voltar a se alistar.

— Não, sargento.

— Porque não vou lhe tirar o olho de cima.

Harper sorriu, esperou até que Havercamp tivesse se afastado, e depois disse:

— Sacana! — Foi alto o bastante para que Havercamp ouvisse e bastante baixo para que o sargento fizesse de conta que não o ouvia. Harper deu uma risada e olhou para Marriott. — Vou lhe dizer outra coisa, garoto.

— O quê? — perguntou Marriott com a cara pálida de preocupação.

— Apenas recorde que todos os oficiais e um bom punhado de sargentos têm um medo atroz de você.

— Todos os oficiais? — perguntou Sharpe indignado.

— Bem, quase todos — amenizou Harper, dando uma risada. Estava à vontade. Levantou *Buttons*, acariciou o cachorro e sorriu para Sharpe.

— Não é mesmo, Dick?

— É como um maldito vento irlandês, é isso o que é, Paddy.

Harper deu uma risada.

— É o ar inglês.

— Em pé! — gritou o sargento Havercamp. — Ande, sacanas, movam-se!

Sharpe se perguntava se Harper e ele teriam que escapar. Sabia que poderiam fazê-lo, bastando vencer a débil guarda que os vigiava a cada noite. Temia que fosse necessário, pois cada passo dado em direção leste parecia que os conduzia para Chelmsford, e não queria nem imaginar o ignominioso que seria ver-se entregado ao capitão Carline e seus gorduchos tenentes. Sharpe havia embarcado nesse truque com a certeza de que o levariam onde estivesse escondido o segundo batalhão; contudo, o sargento Havercamp os conduzia inexoravelmente para o quartel de Chelmsford.

Então, em uma vila grande chamada Witham, e para alívio de Sharpe, o sargento Havercamp os afastou da rota de Chelmsford. O sargento estava de excelente humor. Fez que

avançassem ao passo, pondo Sharpe e Harper na frente e os cabos na retaguarda.

— Ensinarei a vocês, bastardos, a serem soldados. Esquerda! Esquerda! Esquerda! Direita! Esquerda!

Um dos garotos marcava o passo com um pau.

Passaram a última noite da viagem em um celeiro meio vazio. Havercamp os despertou cedo, e durante o amanhecer foram avançando por uma paisagem como nenhuma que Sharpe tivesse visto anteriormente na Inglaterra.

Era uma região intrincada de rios, riachos e marismas. Uma região em que se ouviam os gritos das gaivotas, que lhe indicavam que estavam perto do mar. O ar cheirava a mar. A grama era grossa. Uma vez, longe à sua esquerda, viu o vento que batia a espuma de um mar cinzento por uma grande extensão de barro, depois a vista desapareceu quando o sargento Havercamp os fez girar uma vez mais terra adentro.

Atravessaram planícies de lavoura nas quais o vento marinho havia inclinado as escassas árvores para o oeste. Cruzaram os vaus de rios lentos que corriam sobre leitos largos e lodosos até encontrar-se com a maré de sal. As casas, baixas e achaparradas, tinham tábuas pintadas de um negro sinistro, enquanto que as igrejas se elevavam por cima da terra plana.

— Onde estamos? — perguntou Harper.

Sharpe e ele seguiam encabeçando a pequena procissão quando Havercamp lhes fez voltar a girar para o leste, contra o vento que cheirava a sal e trazia o solitário som de aves marinhas.

— Em qualquer parte de Essex.

Sharpe deu de ombros. Não havia nenhum marco que indicasse o lugar no qual se encontravam. Na rota pela qual caminhavam agora não havia nenhuma indicação que indicasse alguma cidade ou algum povoado. Um único sinal indicava uma grande casa de tijolo com elegantes alas de ambos os lados do bloco principal de três pisos. Sobre o telhado da casa havia um cata-vento. A casa ficava a três quilômetros de distância, era um lugar solitário e Sharpe se perguntou, enquanto avançavam pela estrada vazia para a grande construção isolada, se aquele era seu destino.

— Rompam filas! Rápido! Rompam filas! — começou a gritar de repente o sargento Havercamp, desde o final da fileira. — Para a valeta! Anda! Depressa, depressa, depressa, sacanas! Para a valeta! Rompam filas!

O cabo Clissot empurrou Sharpe, que tropeçou em Harper, e ambos caíram dentro da valeta que fedia a limo verde. Sentaram-se com a água asquerosa até a cintura e observaram que para eles avançava uma carruagem. Giles Marriott, que ao longo dos dois últimos dias havia mostrado uma angustiante vontade de defender o que ele considerava seus direitos, protestou por ter que permanecer em uma vala, mas Havercamp o meteu com um chute no fosso de lama sem contemplação alguma; depois saiu de um salto, girou-se elegantemente em um campo de nabos, se pôs em posição de sentido e cumprimentou a carruagem com a mão direita.

Dois cocheiros iam ao assento, no interior cheio de almofadas se sentavam três passageiros. A capota de couro estava abaixada e um dos passageiros, uma garota, se protegia do sol com uma sombrinha.

— Cristo! — exclamou Harper.

— Cale-se! — censurou Sharpe, ao mesmo tempo em que punha uma mão sobre o braço do irlandês.

Sir Henry Simmerson, sobre a carruagem descoberta, dirigiu sua gorda mão para o sargento Havercamp, enquanto que seus olhinhos furiosos sobrevoavam por cima dos assombrados recrutas cheios de lama que estavam no fosso. Sharpe viu as orelhas separadas, a cara suína, depois baixou o olhar para a espuma verde que havia na água para que sir Henry não se fixasse nele.

— É... — Começou a dizer Harper.

— Já sei quem diabo é! — sussurrou Sharpe.

Junto de sir Henry Simmerson, em frente a uma mulher austera e de cabelo grisalho, debaixo de uma sombrinha de renda branca, ia uma garota que Sharpe havia visto pela última vez em uma igreja paroquial fazia quatro anos. Jane Gibbons, a sobrinha de Simmerson e irmã do homem que havia tentado matar Sharpe em Talavera.

— Em pé! Depressa! Vamos!

A areia fina que as rodas da carruagem haviam levantado enchia o ar de poeira enquanto Sharpe e Harper saíam do fosso e seus corpos jorravam água sobre a estrada seca.

— Voltar a formar! De dois em dois!

Sharpe ficou olhando a carruagem que se afastava. Via os passageiros sentados, empertigados e separados entre si, e tentava se convencer de que Jane Gibbons não gostava nada de estar junto de seu tio.

— Em frente! Marcha rápida!

Sharpe havia segurado a águia em Carlton House diante dos olhares admirados dos cortesãos, e agora lhe vinha à mente aquele distante dia. Sir Henry Simmerson fora o primeiro tenente-coronel do South Essex, um bobo furioso e arrogante que havia dado a batalha por perdida e que havia feito o batalhão se retirar da linha de fogo em pânico. Tinham lhe tirado o comando, e o South Essex, que fora desonrado sob seu comando, naquele dia recobrou a honra ao capturar o estandarte francês. E depois, quando Sharpe e Harper se encontravam sozinhos entre o fogo da batalha, em meio do lixo da morte e a vitória, o tenente Christian Gibbons, sobrinho de sir Henry, tentou arrebatá-lhes a águia.

Gibbons havia morrido, Harper o havia atravessado com uma baioneta francesa. Contudo, a inscrição que rezava no mármore comemorativo, sem dúvida redigida por sir Henry, afirmava que havia morrido ao capturar a águia. Durante sua última visita à Inglaterra, em uma pequena igreja paroquial que supunha que devia ficar perto daquele lugar pantanoso e plano, Sharpe conhecera Jane Gibbons.

Durante todos os anos que havia passado, nos campos de batalha, nos alojamentos sujos, cheios de fumaça e de pulgas, nos palácios da Espanha onde conhecera a Marquesa em seu próprio leito nupcial, não a havia esquecido. A mulher de Sharpe, antes de morrer, tinha rido porque usava um medalhão com um retrato de Jane Gibbons no interior, um medalhão que Sharpe havia tirado de seu irmão morto. O medalhão tinha se perdido; contudo, ele não a havia esquecido.

Talvez porque ela fosse a imagem da Inglaterra que os soldados recordavam quando lutavam em um país quente e duro. A garota tinha o cabelo dourado, bochechas suaves e olhos da mesma cor que os mantos azuis e brilhantes das virgens de todas as igrejas espanholas. Sharpe lhe havia mentido, dissera que seu irmão havia morrido como um herói e tinha ficado nervoso ante o sorriso agradecido da jovem. Naquela igreja escura e úmida, onde ela havia ido colocar um jarro com alelis debaixo da lápide de seu irmão, ele a achara uma criatura de outro mundo; gentil, com um lampejo de vivacidade, muito bela e apreciada por suas mãos ásperas e seu rosto marcado pelas batalhas.

Já devia de estar casada, pensou enquanto ia seguindo as marcas das rodas da carruagem. Inclusive em uma Inglaterra na qual, como amiúde dizia o capitão D'Alembord, não havia homens honrados suficientes para tantas garotas bem nascidas, provavelmente uma criatura tão bonita e sorridente não ficaria solteira. E ao voltar a vê-la, de forma tão repentina, naquele caminho desolado entre os pântanos de um dos confins da Inglaterra, voltou a sentir a antiga atração, a antiga e inútil atração por uma garota tão encantadora. Também sentiu a velha tentação de acreditar que nenhuma garota que viesse de uma família tão horrível e traiçoeira pudesse ser digna de amor.

— Ponham-se de pé de uma maldita vez! Movam-se! — gritava o sargento Havercamp enquanto açoitava os recrutas com sua chibata. — Ombros para trás, Marriott! Está no Exército, não em um maldito baile! Em marcha!

A carruagem tomou um caminho que dava para a estrada, e Sharpe viu que se dirigiam para a grande casa elegante de tijolo. As molduras das janelas estavam pintadas de branco e, à medida que o grupo de recrutas se aproximava, Sharpe notou que a cata-vento tinha a forma de uma águia francesa. Aquele pássaro, pensou, voltava para obcecá-lo. Aquela façanha em um campo de batalha, a primeira captura de um estandarte inimigo, havia dado uma reputação ao South Essex, tinha salvado sua carreira e agora, assim o temia, era o símbolo do homem que havia tentado matá-lo em Londres, e que sem dúvida voltaria a tentar se descobrissem sua identidade.

— Se aquele sacana nos descobre... — Harper não acabou a frase.

— Já sei. — E como era conveniente, pensou Sharpe, que sir Henry se contasse entre seus inimigos.

— Feche o bico! Em marcha! — gritou o sargento Havercamp golpeando as costas de Sharpe com a chibata. — Levante os pés! Já sabe como se faz!

Não foram para a casa de sir Henry, a águia do cata-vento havia convencido Sharpe que aquele lugar grande era sem dúvida o lar de seu inimigo, se dirigiram para o sul e entraram em

um caminho mais estreito. Foram avançando em fila pela a margem de uma vala de irrigação, cruzaram um vau cheio de barro pegajoso e, quando a casa de sir Henry estava já longe no horizonte, voltaram a girar para a esquerda e se meteram por um caminho mais amplo marcado por rodas de carroças.

Na frente deles havia uma ponte de madeira vigiada por soldados.

— Mudem o passo! Isso quer dizer que caminhem, pastranos, mas vão romper a ponte de merda!

Uma dúzia de homens com as bainhas amarelas próprias do South Essex vigiava o cruzamento. Um sargento chamou amistosamente Haverkamp, enquanto os recrutas avançavam com dificuldade pela ponte, que fazia eco e que atravessava uma enseada profunda e de margens enlodadas.

— Esquerda! Esquerda!

O toque do tambor lhes proporcionava o ritmo para recuperar a marcha apropriada, passaram a ponte e o piquete, e diante deles Sharpe viu o lugar que queria encontrar.

Não sabia onde estava, salvo que era um lugar perdido e deserto da costa de Essex, mas em sua frente, em um terreno úmido e pantanoso, viu o acampamento de um Exército. Havia tendas, dois edifícios de tijolo e em uma elevação do terreno, um grande campo de recrutamento repleto de homens que avançavam. *Buttons*, tão ansioso para entrar no Exército como seu amo, lançou-se a correr à frente excitado.

Sharpe sentiu o mesmo nervosismo. Havia encontrado o segundo batalhão do South Essex, havia achado os homens que ele conduziria para a França. Só o que faltava fazer era descobrir por que lorde Fenner havia mentido, e depois levar estes homens para a guerra contra os franceses, a despeito de todos seus inimigos aqui e em Londres, longe deste lugar oculto.

Capítulo 7

Na segunda e na quarta segunda-feira de cada mês, as onze em ponto, o criado do tenente-coronel Bartholomew Girdwood lhe levava uma pequena panela com breu fervendo. A seguir, com sumo cuidado, colocava um pedaço de tecido grosso sobre os lábios do coronel e com outros dois cobria as faces e os orifícios do nariz. Depois, com uma espátula que pedia ao médico do batalhão, aplicava o piche fervendo sobre o seu bigode. Ia lambuzando e misturando a pasta fumegante para empapar bem os hirsutos pelos e, ainda que às vezes o rosto do coronel tremesse quando uma gota daquela substância fervendo lhe caía sobre a pele dos lábios, permanecia no silêncio mais absoluto até que o criado terminasse. O criado retirava os pedaços de tecido e esperava até que o piche se solidificasse para dar forma e polir o bigode com uma tesoura, uma lima e a espátula quente; assim não teriam que retocá-lo até transcorridas duas semanas.

— Obrigado, Briggs! — O coronel se deu uns leves golpezinhos no bigode. O som era similar ao de unhas arranhando marfim. — Excelente!

— Obrigado, senhor.

O tenente-coronel Girdwood se olhou no espelho. O que via lhe agradava. Os bigodes embreados tinham sido moda entre os oficiais do Exército de Frederico O Grande, uma moda que conferia aos rostos daqueles homens uma expressão austera e marcial que se adequava perfeitamente ao caráter austero e marcial do tenente-coronel Girdwood.

Considerava-se um galgo duro. Por desgraça, era mais baixo do que gostaria, mas compensava sua falta de altura com botas de solado grosso e uma barretina alta. Era magro, musculoso e tinha cara de soldado. Seu rosto era severo, sempre bem barbeado, com bigode; seus olhos eram inflexíveis e negros e usava muito curto o cabelo castanho. Era um homem de implacável rotina: tomava as refeições em seu justo momento, seus dias se regiam por um horário estrito que tinha pendurado com meticulosidade na parede de seu escritório.

— A espada!

Briggs lhe passou a espada. O tenente-coronel Girdwood a desembainhou uns poucos centímetros da bainha, comprovou que estava polida e lhe devolveu ao seu criado, que, com gesto deferente, afivelou-a à cintura de seu amo.

— O chapéu!

Também inspecionou esta peça de seu uniforme. Girdwood separou a placa de metal, onde estava presa a insígnia da águia acorrentada, do tecido negro que forrava o cone da barretina e comprovou, com grande satisfação, que Briggs havia polido a insígnia tanto pela frente como por detrás. Pôs o chapéu olhando-se ao espelho, assegurou-se de que estava perfeitamente reto, e afivelou a correia sob o queixo.

O tenente-coronel Girdwood mantinha a cabeça erguida. Não tinha outro remédio já que era partidário de usar aquele rígido peitilho de pele, de dez centímetros de largura, que lhe

cravava no queixo. No início, os novos recrutas, obrigados a usá-lo, eram incapazes de virar a cabeça devido à rigidez do couro e ao cabo de umas horas tinham a pele do queixo totalmente irritada, às vezes inclusive sangravam. Girdwood sabia que os batalhões que iam à luta deixavam de utilizar o colar serviçal e entendia que era uma sábia decisão, pois os homens podiam apontar melhor com o mosquete. Contudo, não havia nada melhor para os recrutas que uma boa gargalheira de couro rígido magoando-lhes a pele do pescoço. Obrigando-os a manter a cabeça erguida, pareciam verdadeiros soldados e se, os muito canalhas, tentassem escapar, as duas marcas inchadas e avermelhadas que exibiam no queixo se convertiam na melhor marca para identificá-los.

— Chibata!

Briggs passou ao coronel sua chibata polida, com a empunhadura de prata brilhante. Girdwood o brandiu com destreza e escutou o som gratificante que produzia ao cortar o ar.

— A porta!

Briggs abriu a porta com celeridade, desenhando o ângulo perfeito até a parede, e lá fora, exatamente às onze e meia, como tinha que ser, estava o capitão Smith, um dos oficiais de Girdwood.

O capitão sapateou e cumprimentou.

— Entre, Smith.

— Senhor! — Smith, que acompanharia o coronel na inspeção do meio-dia, informou que o sargento Havercamp havia regressado de sua incursão pelas terras do centro da Inglaterra. — Ele se saiu muito bem, senhor! Muito bem! Quarenta e quatro homens!

— Bom. — O rosto de Girdwood refletia seu júbilo ante as boas notícias. Trazer doze recrutas já era um grande êxito para um sargento, mas Horatio Havercamp sempre fora seu melhor homem. — Já os viu?

— Sim, senhor. — Smith seguia em posição de sentido enquanto o tenente-coronel lhe interrogava.

Girdwood colocou a chibata sob o braço esquerdo, inclinou-se para frente e em seus olhinhos negros se viu brilhar uma chispa de intensidade febril.

— Há algum irlandês, Smith?

— Um, senhor. — A voz de seu subordinado, em tom de desculpa, queria expressar que as notícias não eram tão más. — Somente um, senhor.

Girdwood emitiu um grunhido estranho e agudo que pretendia ser uma ameaça.

— Ficaré a cargo do sargento Lynch — disse lentamente e com certo entusiasmo.

— Muito bem, senhor.

— Passarei revista dentro de vinte minutos.

— Muito bem, senhor.

— Siga-me.

Os sentinelas se puseram firmes e cumprimentaram. O sol resplandeceu no bigode polido e reluzente do tenente-coronel Bartholomew Girdwood quando iniciou a inspeção de meio-dia na presença dos oficiais e dos secretários.

— Agora me despeço de vocês, garotos — disse o sargento Horatio Havercamp, passeando lentamente pela frente da fila de recrutas. Estavam vestidos com uniforme de trabalho: calças cinzentas, botas e jaqueta azul céu, curta e fina. Havercamp passou a mão pelo bigode. — Mas voltarão a me ver, garotos, virei vê-los quando tenham se convertido em soldados. — Parou diante de Charlie Weller. — Tire a esse maldito cachorro do meio, Charlie, o coronel não gosta de cachorros!

Pareceu que Weller se preocupava. Junto dele, *Buttons* meneava a cauda.

— Como o tiro do meio, sargento?

— Falarei com os da cozinha, garoto. Serve para caçar ratos?

— Sim, sargento.

Havercamp seguiu caminhando diante da fila e parou diante de Giles Marriott.

— Você, garoto, mantenha sua boca suja fechada — disse em um tom bastante amável. Não gostava de Marriott, ele lhe produzia aquela aversão irracional que provoca determinado tipo de pessoa simplesmente por seu aspecto ou sua atitude, mas agora que abandonava o regimento, Havercamp deu a este louco enamorado o mesmo conselho que Sharpe: Não cause problemas!

— Sim, sargento.

Havercamp deu a Harper um golpe amistoso com o punho na barriga.

— Não me deu nenhuma preocupação.

— Claro que não, sargento.

— Muita sorte, Paddy. Sorte a todos, garotos!

Surpreenderam-se com a tristeza que sentiram ao ver como ele se afastava em busca de novos recrutas, como lhes abandonava em uma situação na qual todo mundo parecia saber o que estava ocorrendo e o que se esperava deles, exceto eles mesmos.

— Esquerda, volver! — gritou um cabo. — Vamos sacanas! Movam-se!

Tomaram suas roupas, meteram-nas em sacos com seu nome, lhes deram uniformes de trabalho e agora lhes distribuíam o que o Exército denominava suas peças indispensáveis: polainas, sapatos de reserva, meias, camisas, mitenes, escova de sapatos, boina com viseira e mochila. A seguir, carregados com todo o equipamento, foram levados um a um ao escritório e lhes ordenaram assinar o pedaço de papel que lhes estendiam.

Sharpe fez uma cruz. Giles Marriott, evidentemente, se queixou.

Harper, que estava fora, ouviu a queixa e gemeu.

— Estúpido bastardo!

— Protesto! Não é justo! — gritou Marriott ao secretário.

E não era. Haviam lhes prometido uma remuneração de vinte e três libras, dezessete xelins e seis peniques. O sargento Havercamp havia deslumbrado os recrutas com suas promessas em Sleaford e, ao chegar ali, resultava que o guinéu que haviam recebido já era remuneração suficiente. Encontravam-se diante da crua realidade. O papel que assinavam indicava não haver remuneração alguma, ou seja, considerava-se que os recrutas já haviam gastado.

O Exército lhes cobrava o equipamento básico. Haviam cobrado pelo que haviam comido durante a viagem e pela cerveja e o rum que haviam bebido em companhia do generoso sargento Havercamp. Cobraram pela avaliação que não haviam feito, nos hospitais militares de Chelsea e Kilmainham, dos quais a maioria nunca havia ouvido falar. Um desconto atrás de outro. Chegava-se à conclusão que não era o Exército que lhes devia algo, e sim os recrutas é que deviam uma determinada quantia a ser descontada do pagamento.

Não era justo, claro, mas o Exército não teria recrutas a menos que lhes fizesse promessas exorbitadas, e não teria dinheiro para lutar se cumprisse essas promessas. Mesmo assim, Sharpe não tinha notícias de que nunca se tivesse descontado tanto da remuneração. Alguém — pensou, enquanto escutava os gritos de protesto de Marriott — estava se aproveitando dos recrutas.

— Escória! — A voz que lhes sobressaltou provinha de detrás do grupo.

Viraram-se e viram um pequeno sargento uniformizado de forma impecável que caminhava para eles, com tal expressão de ira e ódio, que os recrutas retrocederam de forma instintiva deixando passagem para aquele homenzinho de cara escura que entrou na casinha do secretário.

Ouviram um grito que vinha de dentro, e a seguir uma lamúria de protesto. Marriott saiu de costas para a porta, tropeçou, caiu, e o sargento, que ia atrás dele, deu-lhe um golpe na cabeça com sua chibata e um chute na espinha com suas botas reluzentes.

— Para cima, escória, levante-se!

Marriott se levantou tremendo. O sargento o puxava pela a cabeça e, uma vez tinha levantado, deu-lhe um soco na barriga.

— Tem alguma queixa, escória?

— Prometeram-nos...

O sargento voltou a golpeá-lo, desta vez mais forte.

— Tem alguma queixa, escória?

— Não, sargento.

— Não lhe ouço, sacana!

— Não, sargento. — As lágrimas correram pelas faces de Marriott.

O sargento observou o restante dos recrutas e depois, olhando para o tenente-coronel

Girdwood que se aproximava com sua comitiva, gritou:

— Formar filas!

O tenente-coronel Bartholomew Girdwood era um homem amargurado, maltratado pela vida; poucos conseguiam entendê-lo. Era um soldado e se considerava um bom soldado, mas nunca na vida havia entrado em batalha. O mais perto que estivera da guerra fora na Irlanda, mas se negou a lutar contra os camponeses; mesmo quando dizimaram suas tropas e o perseguiram através dos campos empapados, seguiu desprezando-os. Aqueles que ele pegou, enforcou; aos que não, não lhes fez o menor caso. Só pensava em lutar contra os franceses e não conseguia entender por que o Exército não lhe permitia ir para a Espanha.

— Escória! — gritou o sargento. — Sentido!

Os recrutas obedeceram. O tenente-coronel Girdwood, que tinha vista para as questões militares, notou dois homens que adotavam a postura correta, com os polegares colados às costuras de suas desgastadas calças, a cabeça e os ombros erguidos e com os pés colocados no ângulo preciso de trinta graus. Eram dois velhos soldados, dois homens a quem seria fácil instruir. Dois homens aos quais deveria vigiar de perto já que sabiam todos os truques. Os olhou com mais cuidado e observou a cicatriz no rosto do mais velho e a corpulência do mais jovem. Emitiu um estranho ruído, um grunhido que pretendia ser um aviso para ambos. Lançou um olhar para o homem da cicatriz.

— Em que regimento servia?

Sharpe, que sabia perfeitamente como devia olhar para o rosto de um oficial, ficou fascinado ante a rigidez e o brilho daquele bigode duro como uma pedra, que contrastava de forma estranha com a pele branca e irritada do rosto de Girdwood.

— No 33º, senhor!

— Recebeu baixa?

— Sim, senhor!

Girdwood lançou um olhar para o enorme Harper e, instintivamente, lhe desagradou por ser tão alto.

— E você?

— No quarto da Guarda dos Dragões, senhor!

Sharpe achou engraçado que Harper tivesse escolhido um regimento tão elegante para seu suposto passado, mas percebeu que a hostilidade do tenente-coronel havia aumentado ante aquela resposta. Girdwood emitia de novo aquele ruído estranho e agudo e depois se deu alguns golpes na palma esquerda com a bengala de cabo prateado.

— A Guarda Real Irlandesa! — disse lentamente com feroz desagrado. — Pois me escute bem, soldado, este não é um regimento irlandês, não tolerarei nenhuma insolência, entendeu bem?

— Sim, senhor!

— Nenhuma! — sua voz se converteu em um severo grunhido que assustou os outros recrutas, aos quais observou um a um como se seu olhar escuro e duro pudesse encher-lhes de temor e respeito.

Observou durante um bom momento sem dizer nada, mas para sua mente se sucediam os pensamentos.

“Camponeses — pensou —, não são mais que camponeses. Escória, lixo! Escória horrível, pestilenta, nauseabunda, estúpida, descuidada e indisciplinada. São civis!” Seu olhar regressou ao rosto imperturbável e impassível de Harper.

— E quem é o rei de Irlanda?

— O rei Jorge, senhor!

O bigode polido de Girdwood ficava na altura do segundo botão da casaca do uniforme de trabalho que Harper usava. O coronel levantou o olhar para aquele homem corpulento.

— E o que são os rebeldes?

Harper ficou em silêncio. Sharpe, de pé junto dele, desejou que o irlandês mentisse. Se não tivesse acabado no Exército britânico por fome e um erro do destino, Harper teria sido sem sombra de dúvidas um dos rebeldes que lutaram em vão contra os britânicos na Irlanda. Harper, que apreciava seu trabalho e lutava contra os franceses como o seu máximo, não havia perdido em nenhum momento seu amor pela Irlanda, assim como o restante dos irlandeses que compunham um terço do Exército de Wellington na Espanha.

— E então?

Harper decidiu adotar a estratégia de fazer-se de bobo.

— Não sei, senhor!

— Lixo! Merda! Bastardos! Irlandeses! Isso é o que são! Sargento Lynch!

— Senhor! — O pequeno sargento, que tão adequadamente havia feito calar a Giles Marriott, deu um passo para frente. Era como o gêmeo de Girdwood; eram dois homenzinhos pequenos, morenos e bigodudos. Girdwood apontou para Harper com sua chibata. — Vigie este homem, sargento Lynch.

— Pode deixar, senhor.

— Não tolerarei nenhum truque irlandês, por Deus que não o farei.

— Não, senhor!

Sharpe, que sentiu um grande alívio ao ver que o coronel não pedia a Harper para repetir aquela ladainha de insultos contra os rebeldes irlandeses, notou que o coronel olhava surpreso para o final da fila de recrutas. Girdwood levantou a chibata e a sacudiu.

— Sargento Lynch! Sargento Lynch!

Lynch se virou e também ficou paralisado. Quando falou, aparentemente igualmente surpreendido, notou-se em sua voz o leve sotaque irlandês que arrastava apesar do muito que

havia se esforçado para perdê-lo.

— Um cachorro, senhor. Um dos recrutas tem um cachorro, senhor.

Buttons, que percebeu o interesse que havia despertado, meneou a cauda cheia de barro, inclinou a cabeça e saiu correndo para os dois homens para que o acariciassem.

Girdwood retrocedeu um passo.

— Afastem-no de mim! — sua voz refletia pânico.

O sargento Lynch avançou rapidamente. Charlie Weller também deu um passo para frente, mas um cabo o fez tropeçar e caiu ao solo, justo no momento em que o sargento Lynch dava um chute no animal. Foi um chute brutal e desapiedado nas costelas, que fez o cachorro uivar e sair expelido quase cinco metros. Weller, com o terror desenhado no rosto, tentou se levantar, mas o cabo lhe bateu na cabeça e voltou a golpear para mantê-lo no chão.

Buttons, com as costelas quebradas, aproximou-se de seu dono gemendo e coxeando. Afastou-se temeroso do sargento Lynch, mas este foi em busca dele, levantou o pé e golpeou com o salto no crânio do cachorro. *Buttons* gemeu de novo. O salto seguiu pressionando lentamente e com força, ante o horror dos recrutas, até que o cachorro morreu. A agonia pareceu durar muito. Ninguém dizia nada. O cabo levantou Weller bruscamente, que tinha o rosto ensanguentado e lhe empurrou para a fila. Estava muito aturdido para resistir. O sargento Lynch sorriu ao ver que o pequeno cachorro deixava de se mover, e o tenente-coronel Girdwood deu um suspiro de alívio. Odiava os cachorros: eram indisciplinados, sujos e selvagens. Quando menino, um mastim lhe mordera porque lhe havia jogado meio tijolo, e desde então tinha medo deles.

— Obrigado, sargento.

A bota direita de Lynch estava em parte coberta de sangue.

— Só cumpri o meu dever, senhor.

A morte daquele cachorro havia subido os ânimos do tenente-coronel Girdwood depois do abatimento causado pelo sotaque irlandês de Harper. Tinha motivos para odiar a Irlanda: naquele país, quando ostentava a classe de capitão, fora repreendido por um tribunal de investigação no Castelo de Dublin. E não só isso, havia dado baixa da guarnição de Dublin.

Não fora culpa sua! Fora uma emboscada! Por Deus que não foi culpa sua! Se as tropas de sua majestade não podiam desfilar em ordem por um caminho irlandês, onde poderiam desfilar? Foi culpa dos camponeses traidores, aqueles homens que lhes dispararam desde as margens e fizeram que seus homens caíssem em sangue no caminho, enquanto o capitão Girdwood, gritando irado, ordenava a seus casacas-vermelhas que formassem filas e preparassem as baionetas. E quando conseguiu pôr ordem em sua companhia, os irlandeses já haviam partido. Tinham ido! Haviam fugido! Tal como ele disse ao tribunal, havia vencido! Foi o dono e senhor do campo de batalha, afirmou, e acaso não era verdade? O tribunal chegou à conclusão de que não. Deixaram-no de lado para qualquer ascensão, recebeu baixa da guarnição, foi repreendido e recomendaram que o capitão Bartholomew Girdwood deixasse de prestar seus serviços ao Exército de sua majestade.

Levou seu caso para sir Henry Simmerson, membro do Parlamento e inspetor de impostos, um homem que pretendia acabar com a relaxada disciplina que imperava no Exército. Dessa reunião fortuita, na qual ambos concordaram em numerosos pontos de vista, surgiu a ascensão e esta oportunidade. Sir Henry e seu amigo lorde Fenner compraram o posto de major para Girdwood, depois o promoveram a tenente-coronel, presentearam-no com um batalhão e lhe deram a oportunidade de enriquecer. Conforme lhe asseguraram sir Henry e lorde Fenner, a guerra estava a ponto de terminar e Girdwood podia esperar, graças a sua generosidade e patrocínio, uma prestigiosa e cômoda carreira em tempos de paz. Casaria com a sobrinha de sir Henry; seria um homem rico, poderoso e, até que chegasse o momento, seguiria desempenhando o trabalho que acreditava fazer melhor que ninguém: converter em soldados civis indisciplinados e descuidados. Estremeceu ao recordar o impacto que lhe havia produzido ver um cachorro e sorriu para seu salvador, o sargento Lynch.

— Sigamos, sargento, muito bem!

Havia um homem naquele acampamento que odiava os irlandeses ainda mais que o coronel, e esse era o sargento John Lynch. Foi batizado com o nome de Sean, porém, tentando desfazer-se do sotaque da região de Kerry, também havia se livrado de seu nome.

Tomou Girdwood como modelo, porque via no tenente-coronel a qualidade da firme disciplina que havia dado ao Exército britânico a vitória sobre os rebeldes irlandeses. O sargento John Lynch queria estar do lado dos ganhadores e se converter, também, em um deles. Em lugar de ser um camponês irlandês obrigado a mostrar a contragosto seu respeito pelos ingleses, este homem desejava ser um homem a quem se devia respeitar. Lutou contra seu país com a paixão dos convertidos, a mesma com a qual havia abandonado a fé de seus pais para converter-se em um anglicano. Não havia ninguém mais adequado para ganhar o ódio de Patrick Harper e, de fato, o ódio de todos os membros da brigada, já que o sargento Lynch era o instrutor de tropas mais severo. Apesar disso, como Sharpe reconheceu de má vontade, era também o mais efetivo.

A instrução se realizava à moda antiga: com disciplina brutal, castigos e trabalho constante.

Girdwood achava que quando um homem se alinhava com o fuzil e lutava contra inimigos muito superiores em número não era por orgulho, nem lealdade, nem patriotismo, mas porque não tinha alternativa. Estava formando soldados e, de passagem, acumulando uma fortuna. De fato, após três dias, Sharpe estava convencido de que a única razão de manter aquele acampamento em sego era o dinheiro; não apenas pela forma que os homens do tenente-coronel Girdwood haviam se apoderado do dinheiro dos recrutas, mas também pela maneira como, dia atrás de dia, cresciam suas dívidas. Cada vez que o sargento Lynch inspecionava os recrutas, encontrava alguma falha em seus equipamentos: uma correia da mochila cortada, um buraco nas meias. Cada falta se anotava e o preço do artigo se diminuía do pagamento seguinte. Sharpe chegou à conclusão que naquele acampamento ninguém recebia a pagamento e que todo o dinheiro ia parar nas mãos de Girdwood. Essas deduções nos pagamento dos soldados eram habituais no Exército; só pela comida já se diminuía metade do salário. Contudo, Sharpe nunca vira sendo feito em tal escala ou com tão apaixonada avareza.

Só o que se realizava com mais paixão era a instrução; o fuzileiro não havia visto em nenhum outro lugar que os recrutas trabalhassem tanto. Faziam instrução desde a alvorada até o anoitecer. Martelavam todas as normas militares até que, depois de uma semana, inclusive o recruta mais lerdo pudesse realizar todas as manobras de instrução da companhia. Só desistiram de Tom, o bobo, por o considerarem incapaz, e o enviaram para limpar o refeitório dos sargentos.

O principal objetivo de suas vidas, desde a fria manhã, quando os despertavam antes da alvorada, até que o sol se punha e a corneta anunciava que se iam apagar as luzes, era evitar os castigos. Mesmo depois de ouvir a corneta corriam perigo, porque a máxima do tenente-coronel Girdwood era que os amotinamentos se forjavam pelas noites. Obrigava os sargentos e oficiais a patrulhar entre as linhas de tendas à escuta de vozes; inclusive se rumorejava que o próprio Girdwood fora visto de quatro, arrastando-se entre as cordas das tendas dos garotos para pôr o ouvido sobre a lona.

Os castigos eram tão diversos como os delitos que os provocavam. Todo um pelotão ou os ocupantes de uma tenda podiam se dedicar a um trabalho habitual: cavar latrinas, esvaziar um dos muitos canais de drenagem que iam para as marismas, ou remendar, com barbante grosso e agulhas para couro, a dura lona das tendas. O sargento Lynch preferia os golpes, e às vezes utilizava uma mochila cheia de tijolos como instrumento de castigo, quer fosse para que a levassem na instrução ou para que a segurassem enquanto ele permanecia detrás, sempre disposto a desferir um golpe com sua chibata ao mínimo indício de cansaço nos braços estendidos. Havia surras e açoites, porém, por mais selvagens que fossem, podiam ser evitadas recorrendo simplesmente à obediência e ao anonimato. A maioria dos recrutas aprendeu isso rápido. Inclusive quando chovia e parecia impossível não manchar de barro os uniformes ou as lonas que cobriam o piso de suas tendas, aprenderam a raspar e limpar o barro; e, ainda que a água limpa fosse escassa naquela região baixa e pantanosa, molhava seus finos colchões de palha, e eles preferiam dormir molhados e tremendo de frio a provocar a ira do tenente-coronel Girdwood.

Apesar disso, Giles Marriott, que se alistara ao Exército buscando a autodestruição porque sua namorada o havia deixado por um homem mais rico, recebia castigo atrás de castigo. Cada manhã, na inspeção que se realizava ao amanhecer, o sargento Lynch encontrava uma mancha de barro na lona esbranquiçada de Marriott e berrava diante daquele homem aterrorizado.

— Dispa-se!

Marriott se despia e ficava de pé, tremendo.

— Corra!

E corria entre as tendas, afundando-se no barro enquanto os sargentos e cabos vaiavam e golpeavam suas nádegas despidas com bastões ou paus com ponta de aço.

— Mais rápido, mais rápido! — E voltava ao sargento Lynch com lágrimas nos olhos e a carne pálida marcada pelos golpes.

— Mantenha a boca fechada — disse Harper.

— Não somos animais. Somos pessoas.

— Não, não somos. Agora é um soldado. Não olhe nunca para o sacana nos olhos, não discuta, não se queixe.

Marriott ouvia mas não escutava. Os outros recrutas sim o faziam porque, em apenas umas horas, Sharpe se convertera em seu líder e guia extra-oficial no Exército. No primeiro dia, Sharpe acalmou Charlie Weller agarrando-lhe com força pelos ombros até machucá-lo.

— Você não fará nada, Charlie — dissera.

— Ele o matou!

— Não fará nada. Aguentará e pronto. É o melhor, garoto.

— Eu o matarei! — replicou Weller com a paixão própria de seus dezessete anos, e sem poder conter as lágrimas pela morte de *Buttons*.

— Talvez depois que Patrick lhe tenha arrancado a cabeça — disse Sharpe sorrindo. Ele gostava de Weller. O menino era um dos poucos recrutas que se havia unido ao Exército não por desespero mas porque queria servir ao seu país. Algum dia, Weller ascenderia de classe no Exército, mas Richard sabia que primeiro tinha que sobreviver àquele lugar.

Um lugar no qual, conforme descobriu com grande assombro, havia mais de setecentos homens em instrução. Alguns estavam a ponto de terminá-la e quase prontos para ocupar seus postos nas filas que fariam frente aos franceses; outros, como seu próprio pelotão, ainda estavam aprendendo o “bê-a-bá”. Ali havia soldados para salvar o primeiro batalhão em *Pasajes* e para criar um segundo batalhão bem constituído. Também descobriu onde estava situado o acampamento. Em um dia de chuva e vento o mandaram para as cozinhas para descarregar uma carroça de repolhos apodrecidos. Um dos cabos do refeitório, que estava apoiado no quício da porta e observava uma nuvem baixa no sul, resmungava e se queixava de que aquele lugar era horrível.

— Que lugar é esse? — perguntou Sharpe.

O cabo acendeu uma pipa e, quando estava do seu agrado, cuspiu no barro.

— O fim do mundo. Chama-se Foulness.

— Foulness?

— Um lugar nauseabundo, né? — disse o cabo rindo. — Deus sabe por que nos terão mandado aqui. Já estávamos bem em Chelmsford, mas os de cima nos queriam aqui.

O cabo estava contente de poder falar com alguém. Foulness, disse, era uma ilha unida à terra firme por uma ponte de madeira. Na ilha só havia uma pequena cidade muito pobre e aquele acampamento do Exército. Para o sul, disse o cabo, ficava o estuário do Tâmisa. Quando baixava a maré ficava um grande deserto de barro. Ao leste tinham o mar do Norte, e ao noroeste os emaranhados riachos e rios da costa de Essex.

— É como um cárcere — disse Sharpe.

— Não ficará muito tempo aqui — afirmou o cabo, rindo abertamente. — Dentro de seis semanas vocês embarcarão e os levarão. Deveria se compadecer de mim, que ficarei neste horrível lugar.

Sharpe já havia suposto que o cabo, como as outras duas companhias de veteranos do acampamento e que eram os únicos que vestiam casacas vermelhas em Foulness, era um dos homens encarregados de evitar a deserção dos recrutas. Realmente, era como um cárcere com muros de água e tropas de carcereiros. Sharpe cortou um dos repolhos pela metade.

— E para onde nos embarcam?

— Para onde queiram os superiores. Mas você já sabe, é um soldado veterano.

Sê-lo era uma vantagem para Sharpe, porque assim evitava os problemas e se poupava os castigos que sempre recebiam os homens menos experientes. Nenhum sargento queria castigar Sharpe ou Harper, pela simples razão de que ambos davam a impressão de poder suportar qualquer castigo que lhes aplicasse. Em vez deles, era Marriott, sempre Marriott, o que, com sua altanaria, era incapaz de deixar de se achar superior aos seus companheiros recrutas analfabetos. Sempre discutia pertinazmente, chorava quando lhe castigavam e chorava também às noites, no silêncio das linhas de tendas, quando se ouvia o ruído dos sargentos e oficiais que vigiavam para ver se descobriam alguma tentativa de motim.

A opinião de Harper era clara.

— A culpa é sua! Acha que é esperto demais para ser sensato.

Sharpe era o único que Marriott escutava, mas nem ele era capaz de meter na cabeça do antigo auxiliar de escritório que a única maneira de sobreviver era aceitar tudo e ser submisso.

— Vou embora. Vou escapar! — dissera Marriott. Estava somente há uma semana no Exército.

— Não seja bobo. — Sharpe proferiu um tom que fez que Marriott agitasse a cabeça, o tom de um oficial. — Você não escapará de nenhum lugar!

— Mas não podem fazer isso com a gente!

Aquela noite, antes que o corneta anunciasse a hora de apagar as luzes, Sharpe comentou a Harper que Marriott queria escapar. Harper deu de ombros.

— E nós o que vamos fazer?

— Nós?

— Pobre infeliz de Marriott, já é hora de partirmos.

— Ainda não sabemos o que está se passando aqui. — Sharpe sabia que aquele acampamento não existia somente para roubar o pagamento dos homens. Se fosse esse seu único propósito, por que diabos lhes haviam treinado tanto?

— De toda forma, é hora de irmos.

— Esperemos mais uma semana, Patrick. Somente mais uma semana.

O enorme irlandês moveu a cabeça.

— Mas terá que me prometer uma coisa.

— O quê?

Desenhou-se um sorriso em seu enorme rosto e disse:

— Gostaria de voltar aqui como sargento-mor do regimento, ainda que só seja por um dia. Só um dia. E passar uma hora com o canalha do Lynch.

Sharpe riu. Sobre sua cabeça, sob o céu que ia escurecendo, uma revoada de gansos se dirigia para as marismas do sul.

— Eu prometo, sargento.

Cumpriria aquela promessa, mas primeiro descobriria por que aquele batalhão do regimento de South Essex treinava tão intensamente e tão em segredo e por que lhes castigavam tão duramente nas recônditas, úmidas e secretas marismas de um acampamento chamado Foulness.

Capítulo 8

— Diga, escória!

Patrick Harper, olhava fixamente, impassível, por cima do chapéu do sargento Lynch, e gritou as palavras que tinha que dizer em todos os desfiles.

— Deus salve o rei!

— Outra vez, escória!

— Deus salve o rei!

O sargento Lynch, nos oito dias que haviam transcorrido desde que tomou o comando deste pelotão, não havia podido encontrar nem uma falha em Harper; em Marriott tinha encontrado mil, mas no irlandês nem uma. O sargento havia decidido que o grande homem estava acabado e lhe havia assegurado ao tenente-coronel Girdwood que era só um porco grande e estúpido que não seria nenhum problema. De fato, o sargento Lynch estava contente de ter os soldados O’Keefe e Vaughn em seu pelotão, já que a presença de dois homens treinados agilizava o treinamento do restante dos recrutas.

— Outra vez, escória!

— Deus salve o rei!

Era uma bonita manhã; o sol secava as marismas e uma leve brisa trazia o odor do sal até a zona do desfile. O sargento Lynch, cujo rosto parecia triste naquele dia esplêndido, se afastou de Harper para olhar as três filas.

— Vamos escória, tirem os peitilhos!

Foi um verdadeiro alívio livrar-se daqueles colarinhos rígidos e grossos de couro. Os recrutas da primeira fila os passaram aos da seguinte e a seguir para os homens da fila da direita que, por sua vez, deram-no ao cabo. O sargento Lynch os olhou fixamente com sua habitual expressão de desdém.

— Escória. Têm trabalho a fazer. Cavar valas! E se algum de vocês me causar algum problema, somente um, se arrependerão. Vocês se arrependerão! — era óbvio que não aprovava aquele trabalho e preferia que fizessem alguma outra tarefa na qual fosse mais fácil detectar os erros e castigar o culpado. — Direita! Passo ligeiro!

Cada membro do pelotão recebeu um rastelo, uma podadora ou uma pá. Sharpe achou que se ocupariam de outro dos canais de drenagem da ilha, porém, em vez disso, o sargento Lynch os levou até o caminho que conduzia para fora da ilha.

O sargento, assim como os dois cabos que o acompanhavam, ia armado com um mosquete. Aquilo era um cárcere, portanto alguns vigilantes armados vigiavam ao pelotão agora que haviam saído de Foulness. Sharpe notou a quantidade de homens que compunham o piquete de sentinelas que vigiava a ponte de madeira. Mais de uma dúzia de soldados observaram o

pelotão passar. Além disso, havia um cavalo amarrado junto ao barracão de vigilância que fez Sharpe pensar que também havia um oficial destinado a esse posto.

O sargento Lynch os conduziu pelo caminho que haviam percorrido em sua chegada a Foulness, depois para o norte pela vereda que terminava em uma grande casa de tijolo com um cata-vento em forma de águia, e Sharpe rogou que aquela não fosse a casa de sir Henry Simmerson. Chapinharam ao passar pelo vau, ascenderam pela vereda do banco e, depois, antes de chegar à casa de sir Henry, giraram para a direita e se meteram por um estreito caminho que se fez cada vez mais estreito e que os levou até os carriçais da marisma.

Richard pensou que deviam estar bordejando a propriedade de sir Henry. Avançaram com dificuldades para o leste, depois para o norte, e se alegrou ao comprovar que havia um riacho entre o grupo e a casa do único homem que poderia reconhecê-lo neste recôndito lugar do condado de Essex. Contudo, sua preocupação foi aumentando ao comprovar que, passo a passo, o sargento Lynch os levava cada vez mais para perto da esplêndida casa.

Parecia tranquila naquele luminoso dia de verão. O sol ressaltava a pintura branca dos marcos de portas e janelas voltadas para o leste. Diante da fachada este havia um terraço que se inclinava para um jardim, coberto de grama bem cuidada, que terminava em um muro de contenção de tijolo. Na base do muro se encontrava o canal embarrado do riacho. O canal estava enlameado e obstruído, e em algumas zonas, o barro havia se acumulado e estava coberto de plantas. O sargento Lynch parou junto a umas canas e deu ordem de parada para os homens.

— Escutem, lixo! — disse com um tom de voz mais suave que o habitual, talvez porque não queria molestar à pequena nobreza inglesa que havia detrás do riacho enlameado.

— Vão esvaziar este maldito canal! Começarão por aqui! — Fez um gesto apontando o final do muro do jardim com a chibata. — E o esvaziarão até ali! — apontou para trás de si, e Sharpe viu um poste de madeira a uns duzentos metros, cravado no atoleiro.

— Trabalhem em silêncio! Cabo Mason!

— Sargento!

— Leve os homens que têm um número ímpar e comece a trabalhar no ponto indicado.

— Sim, senhor.

Sharpe e Harper, como estavam formados juntos, tinham números consecutivos, portanto Harper, por ser o homem mais alto e corresponder-lhe o número um, foi com o cabo ao ponto mais afastado. Sharpe, que era o segundo, foi com o segundo cabo através das marismas e para o canal que se estendia junto ao muro de sir Henry. O sargento Lynch, impecavelmente vestido com seu uniforme do regimento, decidiu ficar na margem seca.

Foi um trabalho duro e sujo. Em cima do barro haviam crescido ervas daninhas que tiveram que arrancar. Custava sacar as raízes emaranhadas que se estendiam pela lama, outros homens iam detrás com pás e aprofundavam o canal para que a água represada, que cheirava a vegetação apodrecida, borbulhasse e se filtrasse... Sharpe começou a suar imediatamente, apesar de que, curiosamente, gostava daquele trabalho, possivelmente porque era tão simples

e porque tinha um estranho prazer de trabalhar no barro pegajoso e frio. Era evidente que sir Henry Simmerson pedira que esvaziassem o canal, como se houvesse um fosso, não somente por ter água na parte este de seu jardim, senão porque, aproximadamente na metade daquele muro de tijolos coberto de musgo, se encontrava um passadiço que conduzia a um alpendre.

Havia uma grade de barrotes oxidada e fechada com cadeado diante do riacho, e atrás dos barrotes Sharpe pôde ver três velhas chatas que não voltariam a flutuar a menos que se desobstruísse o canal. Além das chatas, viu uma escada de pedra que devia levar até o jardim.

— Você! Seu lixo! — gritou o sargento Lynch apontando-o.

— Sargento?

— Espere aqui!

Richard achou iam castigá-lo, ainda que não entendesse por que, mas em vez disso viu pelos barrotes da grade um homem que descia até o alpendre. Por alguns momentos sentiu pânico, pois temia que fosse sir Henry, mas era um servente que parou junto ao muro de tijolo do lado do túnel que formava o cais, e abriu o cadeado. Custou muito para a chave girar naquele cadeado tão duro, mas finalmente conseguiu e a porta chiou ao se abrir.

O homem fez um gesto de desprezo como se fosse uma humilhação falar com um mero soldado coberto de barro.

— Têm que esvaziá-lo o suficiente para que a embarcação flutue com a maré alta. — Indicou com sinais desde o alpendre. — Entendeu? — E franziu o cenho como se Sharpe fosse um animal que talvez não entendesse sua língua.

— Sim.

O sargento Lynch enviou Marriott para ajudar Sharpe. Primeiro tinham que transportar as chatas para o exterior do túnel e colocá-las na margem do riacho. Depois deveriam arrastar ao exterior do escuro, frio e úmido túnel a maranha de lonas, mastros, cabos, remos e aros, para finalmente começar a cavar no pestilento barro.

Marriott começou a cavar no barro como um louco, jogando-o com a pá para o riacho. Sharpe protestou e disse que fosse mais devagar.

— Mais devagar?

— Aqui não podem nos ver. Quanto mais demorarmos melhor.

Era estranho, pensou Sharpe, a forma com que podia se adaptar às diferentes classes militares. Sua obrigação como major era fazer os homens trabalharem, mas agora, no posto mais baixo da hierarquia do Exército, encontrava a si mesmo buscando a forma de evitar realizar um esforço excessivo.

Marriott não discutiu e começou a trabalhar com tal parcimônia que teria tardado dois dias inteiros em sacar o barro do alpendre. Sharpe achou bom; o sargento Lynch não os via e o cabo que estava encarregado de sua metade do pelotão estava mais preocupado em não manchar as botas e as calças de barro que em comprovar como trabalhavam seus homens.

— Não deveriam nos fazer isto — queixou-se Marriott.

— É melhor que cavar. — Sharpe havia se sentado no corredor de tijolo e pensava em se atrever a dormir um momento.

— É trabalho de peões.

— Somos peões — disse Sharpe bocejando. Uma mariposa desceu pelos degraus do jardim, ficou quieta no ar da entrada do alpendre e se afastou. — Somos soldados, garoto. Nosso trabalho é limpar a porcaria os políticos que geram. Somos os porcarias que ninguém quer até que os políticos cometem um erro; então nos ficam muito agradecidos. — Surpreendeu-se ao ouvir-se falar daquele modo, não porque não fosse verdade o que dizia, mas porque suas palavras não se enquadravam com o humor que havia adotado no pelotão. Pretendia ser somente um soldado decepcionado, irreflexivo e obediente, acostumado às coisas do Exército e que não as criticava em nenhum momento.

Marriott o olhou fixamente.

— É mais astuto do que acha — afirmou com condescendência.

— Vá à merda! — Sharpe respondeu.

— Sim, eu vou. Não deveria estar aqui. — O rosto de Marriott refletia seu desassossego. — Recebi uma carta, sabia?

— Uma carta? — Sharpe não pôde dissimular em sua voz o tom de assombro, um assombro que provocou que Marriott o olhasse de forma estranha.

— Uma carta, sim, uma carta.

— E como sabiam aonde mandá-la?

— Ao quartel de Chelmsford, claro. — Marriott parecia tão assombrado como Sharpe de pensar que aquilo pudesse ser surpreendente. — Disseram-nos que tinha que mandar as cartas para lá.

— É que não sei escrever — disse Sharpe explicando sua surpresa. Agora era evidente que Girdwood, para evitar que descobrissem aquele acampamento, havia ordenado aos homens que escreviam cartas que utilizassem o endereço de Chelmsford, e as respostas eram remetidas de lá para Londres, onde algum empregado de lorde Fenner se encarregava de enviá-las para Foulness.

— Era de minha namorada — contou Marriott, entusiasmado com a possibilidade de poder compartilhar suas boas notícias com alguém.

— E? — Sharpe não estava lhe dando muita importância. Havia ouvido um grito na zona da casa.

— Diz que se equivocou. Quer que volte!

Sharpe virou-se para ele ao notar o desespero em seu tom de voz.

— Escute. Está no Exército; se fugir, eles o pegarão. Se o pegarem, será açoitado. Há outras garotas, você sabe. Por Deus! — olhou para Marriott. — Você é bom, garoto! Poderia

ser sargento dentro de um ano!

— Eu não deveria estar no fodido Exército.

O fuzileiro o olhou com tristeza:

— Garoto, é tarde demais! — E girou. Havia ouvido um grito, uma ordem de passo ligeiro, e agora, desde o jardim que ficava acima dele, tinha ouvido uma voz gritando ordens crispadas e se perguntou o que estaria se passando naquele grande jardim de sir Henry.

— Onde está o cabo?

Marriott olhou fora do túnel.

— Está a uns vinte metros.

— Vigie para que não se aproxime.

Sharpe subiu a escada em silêncio, como se esperasse encontrar um piquete francês ao final. Estava oculto do sargento Lynch pelo alpendre, que ficava na parte inferior junto ao riacho, mas ao final da escada não havia nada para poder se ocultar da casa, unicamente um cachepô de gerânios vermelhos. Não teve precisou chegar até o final da escada. Um pouco antes de subir o último degrau conseguiu ver o que queria.

Na parte norte do jardim havia duas companhias de infantaria treinando. Os soldados iam vestidos com uniformes de trabalho, usavam mosquetes e baionetas, e estavam sob as ordens do sargento-mor Brightwell, do acampamento de Foulness. Brightwell, um homem forte como um touro, não se ocupava dos pelotões de jovens recrutas, mas das companhias como as que estavam no jardim, a ponto de concluir seu treinamento.

Parecia que estavam realizando uma demonstração de treinamento para um grupo de oficiais que estavam sentados e bebiam enquanto contemplavam as duas companhias. Atrás dos oficiais, de pé em posição de descanso, havia uma fila de sargentos.

Sharpe ficou olhando durante dez minutos e assistiu a uma demonstração completa de treinamento da companhia, que finalizou com alguns secos movimentos de mosquetão. Os oficiais, sentados em cadeiras de ferro forjado, aplaudiam cortesmente. Um servente se aproximou com mais bebidas em uma bandeja de prata. O sargento-mor Brightwell ordenou à formação a posição de sentido, apresentar armas; depois houve um silêncio.

Os oficiais estavam de pé. Sharpe, que escondia seu rosto atrás do vaso de gerânios, viu o tenente-coronel Girdwood aproximar-se do inconfundível sir Henry Simmerson, que vestia, naquele cálido dia de verão, seu velho uniforme. De algum modo, não lhe surpreendeu que sir Henry estivesse conchavado com Girdwood. Os dois homens, seguidos pelo restante dos oficiais, passeavam para cima e para baixo pelas filas.

— O que está fazendo? — sussurrou Marriott.

— Cale-se!

O sargento-mor Brightwell ordenou a meia dúzia de homens que abandonassem as filas. Pareciam ter sido escolhidos ao acaso pelos oficiais, e os seis se alinharam ao fundo do

jardim, voltados para o norte. O sargento-mor pegou alguns cartuchos de seu bolso e lhes deu. Richard seguia olhando enquanto os seis homens, com bastante habilidade, dispararam duas pequenas descargas na marisma deserta. Os mosquetes trovejaram naquela paisagem aberta e úmida. A fumaça, em pequenas nuvens brancas, vagou sobre o gramado cortado. Dois dos oficiais que estavam de visita regressaram para a casa. Ambos riam, segurando suas bebidas na mão, e Sharpe viu que ambos usavam casacas com punhos de camurça. Não havia visto muitos oficiais em Foulness, mas quem quer que fossem aqueles homens, não pertenciam ao South Essex.

Outros dois oficiais regressaram para a casa. Um tinha punhos brancos, o outro vermelhas, e de repente compreendeu por que oficiais de outros regimentos estavam naquele lugar remoto. Desceu os degraus até ficar oculto, perguntando-se se tinha razão, ainda que soubesse que estava certo, e ficou admirado diante de um plano tão inteligente e proveitoso. Sir Henry Simmerson e o tenente-coronel Girdwood não eram mais que recrutadores, malditos recrutadores. Mais ainda, lorde Fenner estava com eles.

Recrutar não era um negócio honroso. No Exército sempre faltavam recrutas. Sharpe sabia que em 1812 houvera vinte e cinco mil baixas por causa das doenças ou da guerra e na Grã-Bretanha somente se haviam apresentado cinco mil homens para substituí-los. Para um bom regimento, como o dos fuzileiros, nunca faltavam voluntários, mas na maioria dos regimentos de infantaria sempre havia uma escassez que se combatia à base de promessas incríveis e generosas recompensas. Promessas que nunca eram suficientes para encher as filas que lutavam na Índia, Espanha e América, e dos fortes do Extremo Oriente ou das ilhas Fever. O Exército precisava de recrutas, e alistá-los contra sua vontade era a solução para um fato tão simples e elementar.

Um recrutador era um comerciante, um homem ao qual se pagava um valor por recruta, e o tenente-coronel Girdwood e sir Henry Simmerson haviam convertido o segundo batalhão do regimento de South Essex em um mercado. Sharpe sabia que tinha razão. Estavam aumentando o número de recrutas utilizando os êxitos do primeiro batalhão como chamariz. Treinavam os homens e depois os mandavam para aqueles regimentos medíocres e fracassados que não podiam atrair seus próprios recrutas. O que acabava de presenciar naquele jardim era o final do processo, a exposição da mercadoria, e supôs que naquele mesmo momento se estavam fechando os tratos na sala de desenho de sir Henry. Sabia que, sete anos atrás um recrutador podia chegar a receber vinte e cinco libras por cada homem. O preço devia de ter dobrado desde então!

Devia ter uns duzentos homens no campo situado ao norte. Se cada um valesse cinquenta libras, supunha um benefício de dez mil libras só naquele dia. O suficiente para que um homem vivesse com comodidade pelo resto de sua vida. Somando os pagamentos roubados e o restante de malversações do acampamento de Foulness, calculou que sir Henry e o tenente-coronel Girdwood estavam ganhando cerca de setenta libras por cada recruta.

A prática deste comércio não era ilegal, o Exército costumava negociar com empresários para obter recrutas, mas fazê-lo dentro de um regimento próprio, definitivamente, estava fora da lei. Era um plano inteligente e proveitoso, mas estava aniquilando o regimento do South

Essex. De repente, Sharpe sentiu uma imensa alegria por ter descoberto o problema, mas ao mesmo tempo em que experimentou a vertiginosa emoção do êxito, sentiu também temor.

O que lhe produzia medo era um cachorro, pequeno, branco e feroz que vinha perambulando para as escadas desde o jardim; ele o viu e começou a latir com uns uivos estridentes.

— Cale-se! — disse entre os dentes. — Vá à merda!

— *Rascal!* — Era a voz de uma garota. — Sabe que o coronel o odeia! *Rascal!* Venha aqui!

Sharpe, sentado nos degraus de pedra, deslizou rapidamente para se esconder no túnel do alpendre, mas de repente viu uma sombra na pedra e ouviu uma voz em cima de si

— Pronto, não lhe machucará. O que se passa é que o coronel tem medo de cachorros — disse rindo.

Não deveria ter olhado. Deveria ter resmungado um cumprimento, como qualquer um teria feito, e ter se escondido no túnel escuro e úmido. Mas aquela voz era de uma jovem com quem havia tido sonhos inconfessáveis como consequência de um único e breve encontro em uma igreja escura e fria diante da lápide do irmão dela.

Fez o que sabia que não devia fazer. Alçou a vista para olhá-la. Deduziu que não lhe reconheceria, e queria ver se, depois de quatro anos, seguia sendo tão encantadora como em sua memória. Estava encurvada, acariciando o cachorro, e voltou a sorrir.

— Parece muito feroz, mas não o é. É covarde, de verdade, ainda que assuste ao tenente-coronel. Não é, *Rascal*? — sua voz se apagou.

Jane Gibbons estava olhando para Sharpe.

Viu um homem lambuzado de barro, mas o reconheceu.

Sharpe se perguntou como diabos era possível que o tivesse reconhecido. Tinha os olhos cravados nele, a boca aberta, havia se esquecido do cachorro. Richard também cravou seus olhos nela.

Recordava-se igualmente bonita, mas a imagem que havia conservado da jovem na mente era completamente errônea. Havia se lembrado dela como uma espécie de boneca, uma criatura criada em seus sonhos para ser tudo o que ele desejava que fosse. Contudo, agora que se olhavam em silêncio, assombrados, Sharpe achou de repente tão real que levou um duplo susto de ver seu rosto tal e como o recordava e por vê-la viva, não como produto de seus sonhos.

Ela separou os lábios como se fosse falar, mas não pôde emitir nem um som. Seu rosto, oculto debaixo da sombra de um chapéu de palha que suavizava as marcadas linhas de sua boca e de suas bochechas, tinha a pele clara e fresca que proporciona o clima inglês e que Sharpe raras vezes havia visto na Espanha. Seu cabelo, claro como ouro banhado pelo sol, era cacheado à altura das orelhas. Era irmã de um dos inimigos de Sharpe e sobrinha de outro. Era Jane Gibbons.

Seguiu olhando-o e, por um momento, Sharpe pensou que ela ia gritar, mas então, de repente, com uma vivacidade impulsiva, sentou-se em um degrau e meneou a cabeça.

— É o senhor! — disse com surpresa. — É o senhor?

Ele não sabia o que responder. Consentir implicava o risco de que gritasse, negá-lo implicava perder aquela ocasião de falar com ela, e permaneceu em silêncio. Estava desconcertado ante seu encanto e pensou até que ponto havia subestimado sua beleza na recordação que conservava dela. Sentiu pânico quando a garota afastou a vista dele para dirigi-la para seu tio.

Mas não gritou. Pelo contrário, voltou a olhar para Sharpe e seus olhos brilharam com um leve lampejo de malícia.

— É o senhor, não é?

— Sim.

— Ele me disse que tinha morrido! — voltou a olhar para seu tio, e Richard se surpreendeu ao comprovar que naquele instante temia tanto a seu tio como ele próprio. Jane voltou a olhá-lo. — O que está fazendo aqui? — havia agarrado nos braços o pequeno cachorro. — O que está fazendo? — repetiu a pergunta quase sem fôlego, assombrada e satisfeita de uma vez; e ele, que só a havia visto uma vez antes, sobressaltou-se por sua vivacidade e pela secreta alegria que produzia nela aquele encontro. Era bonita e tinha um toque de malícia que realçava ainda mais sua beleza.

A voz do sargento-mor Brightwell clamou por cima da cabeça de Richard:

— Companhias! Em frente! Marche!

Sharpe retrocedeu instintivamente temendo ser descoberto, e, para sua surpresa, Jane Gibbons recolheu a saia, agarrou o cachorro com a outra mão e, olhando outra vez para onde se encontrava seu tio, desceu os degraus para que não a pudessem ver do jardim. Sentou-se junto de Sharpe.

— O que está fazendo aqui?

Giles Marriott ficou boquiaberto ao vê-la:

— Dick?

— Vá embora! Deixe-nos sozinhos! — disse Sharpe entre os dentes. — Vá limpar a entrada! Vamos!

Marriott entrou de novo na escuridão do túnel do alpendre. Jane Gibbons riu com excitação.

— Não posso acreditar! É o senhor! O que está fazendo aqui?

— Vim atrás do segundo batalhão. — Fez um gesto de impaciência, não por ela mas para si mesmo, como se não fosse capaz de explicar a longa história que justificava sua presença, mas ela o compreendeu de imediato.

— Eles os escondem aqui e depois os vendem. Eles os leiloam.

— Leiloam? — perguntou atônito. De algum modo, o fato de que os leiloassem piorava o fato de recrutá-los daquele modo. — Isso é o que estão fazendo aí em cima?

Ela consentiu com a cabeça.

— Começam a pelejar depois do almoço. Meu tio disse que era legal, mas não é, não é verdade?

Sharpe quase sorriu pela solenidade com que havia formulado a pergunta.

— Não, não é.

— Ele me disse que o senhor estava morto!

— Alguém tentou me matar.

Estremeceu, olhando-o maravilhada com aqueles olhos grandes.

— Mas continua sendo um oficial? — Era normal que formulasse aquela pergunta ao vê-lo coberto de barro até a cintura.

— Sim. Sou major.

Ela mordeu o lábio superior, sorriu e olhou para o alto da escada como se temesse que seu tio se aproximasse. O cachorrinho começou a se remover inquieto em seus braços, mas ela o acalmou com carinho.

— Vi seu nome no *Times*. Depois de Salamanca. Um lugar com um nome muito divertido.

— García Hernández.

— Acho que sim. Disseram que havia atuado como um verdadeiro herói.

— Não. Participei em uma carga da cavalaria e não pude deter o cavalo.

Deu uma risada. Os dois vacilavam. Sharpe havia desejado tantas vezes vê-la de novo, falar com ela outra vez..., e agora parecia ter ficado mudo. Observou seu rosto como se tentasse gravá-lo para sempre em sua mente. Sua pele era suave, seu cabelo parecia de ouro.

— Eu... — Começou a dizer, justo no momento em que ela interveio.

— Acredita que...? — E os dois calaram envergonhados, sorrindo.

— Continue.

— Acha que tentarão matá-lo outra vez?

— Se souberem quem sou, sim. Mas não sabem, acham que me chamo Dick Vaughn.

— E o que pensa fazer?

— Tenho que fugir daqui. Eu e meu amigo. Recorda do sargento Harper? Meu amigo corpulento?

Consentiu com preocupação.

— Vai escapar?

— Irei esta noite. — Acabava de decidi-lo. Agora já sabia o que estava ocorrendo ali,

sabia que Girdwood, Simmersons e lorde Fenner estavam recrutando em grande escala. Não tinha nada mais que fazer ali como Dick Vaughn, somente se vingar como major Richard Sharpe. — Esta noite, quando escurecer.

Jane voltou a olhar para a parte superior dos degraus.

— Eles vigiam o acampamento! — sua voz se convertera em um sussurro, e lhe advertiu gravemente: — A milícia controla uma área que chega a Wickford. Há botes nas praias, no mar, e também vigiam. Caso capturem algum homem desertando obtêm uma recompensa.

— Os pescadores?

— E os integrantes da milícia. Ouvi disparos pela noite. — Acima deles, o sargento-mor Brightwell ordenou às companhias que girassem para a esquerda. Jane mordeu o lábio e apertou com força o cachorrinho. — Poderia levar uma de nossas chatas para cruzar o rio. Não vigiam a margem norte. — Sua voz havia se tornado um sussurro ao dizer isto.

Sharpe sorriu, satisfeito de que ela tivesse se convertido em uma conspiradora. Poderia tê-lo traído, poderia ter gritado ao vê-lo, e em vez disso foi ao seu esconderijo e conspirou com ele. Ela tinha tomado a sua presença repentina tão friamente como um soldado veterano teria reagido a uma emboscada; não gritou, simplesmente, decidiu falar com ele. Admirava-a por isso e, ao olhar em seus olhos, notou de repente de que seu coração batia como o de um recruta assustado que se enfrentasse contra os franceses pela primeira vez.

— Pode nos dar um pouco de comida? E dinheiro?

— Bastarão dois guinéus?

— Será mais que suficiente. No alpendre, esta noite?

A jovem consentiu com a cabeça e seus olhos brilharam com o deleite da travessura.

— Deterá os leilões?

— Deterei os leilões. Com sua ajuda — afirmou Sharpe sorrindo, e achou um milagre que suas cabeças estivessem tão juntas. Podia sentir sua fragrância como um aroma limpo em um lugar tão sujo.

Ela olhou para o cão no colo. Ela parecia envergonhada de repente, em seguida, seus grandes olhos voltaram para Sharpe e hesitou.

— Quero... — Mas fossem quais fossem as palavras que ia pronunciar, não as disse porque se ouviu um grito que vinha do jardim.

— Jane! — Era a voz petulante e autoritária que havia perseguido Sharpe naquele verão, antes de Talavera. — Onde está, garota? Jane! — havia irritação na voz de sir Henry. Richard o imaginou, corpulento, com a cara avermelhada, dando grandes passadas pelo jardim. — Jane!

A jovem se levantou e subiu os degraus.

— Estava procurando *Rascal*, tio. Havia escapado de casa! — nesse momento se achava no alto da escada e Sharpe se escondeu no túnel. A voz de sir Henry soava excessivamente

perto.

— Prenda-o, por Deus, menina! Sabe que o tenente-coronel Girdwood não gosta de cachorros! Agora se apresse!

— Já vou, tio.

Deu a volta e partiu sem voltar a olhar para trás. Sharpe, coberto de barro no interior do túnel, teria gostado de celebrar aos gritos a sorte de não ter sido descoberto. Seu coração batia ainda com uma excitação descomedida e se sentia embargado pela felicidade como um idiota. Tinha vontade de rir às gargalhadas, de gritar a boa notícia para aquelas solitárias marismas, de esquecer que estava preso naquele negócio de recrutamento do batalhão do tenente-coronel Girdwood.

Ela se lembrava dele! Pensara tantas vezes nela. Mesmo quando estava casado, e os sonhos eram indignos, pensava em Jane e tentava se convencer de que seu comportamento naquela igreja fria e pequena onde se viram tão brevemente, demonstrava que ele lhe gostava. E agora lhe ocorria isto!

Ela se lembrava dele, confiava nele! Iria ajudá-lo! Ela lhe dera a pista para fugir. Sabia, desde aquele primeiro encontro, que seus pais haviam morrido e que vivia com sua tia e com seu tio. Achara que já estivesse casada há um tempo, mas não viu nenhum anel em sua mão. Em vez disso, tinha visto o prazer em seu rosto enquanto que ela, com certeza, devia ter visto no seu

A felicidade o invadia, a felicidade louca e delirante de um homem que acredita, apesar da falta de evidências, que está enamorado; e essa felicidade o fez rir quando se inclinou para recolher a pá, perguntando-se como ele e Harper conseguiriam escapar de Foulness naquela noite.

Depois, a alegria desapareceu.

Até aquele momento não percebera, estivera tão abstraído pensando em suas esperanças pela repentina aparição da jovem e pela surpresa que lhe haviam causado suas palavras, que Giles Marriott, a quem havia ordenado que partisse, havia obedecido. Ele tinha ido.

Capítulo 9

Sharpe tratou de livrar-se de qualquer responsabilidade, aduzindo que Marriott tinha partido para falar com o cabo.

— Escória! — disse o sargento Lynch fulminando Sharpe com o olhar. — Está mentindo, escória!

— Sargento! Ele me disse que queria falar com o cabo!

O sargento Lynch caminhava irado ao redor de Sharpe, mas o fuzileiro permanecia de pé, erguido e impassível: a viva imagem de um soldado que sabe o que seu superior lhe pergunta, mas que nunca abandonará a atitude de inocência boba e sofrida. Era uma postura que o sargento Lynch conhecia bem, e o convenceu de que era inútil seguir imputando-lhe cumplicidade.

— E quando ele saiu, escória?

Richard pestanejou e franziu o cenho.

— Faz uns vinte minutos, senhor. Não mais.

— E não disse nada! — gritou Lynch.

— Disse que ia ver o cabo!

Os dois homens estavam junto à entrada do alpendre. O resto do pelotão, aterrorizado, estava de pé na lama inundada pela maré que subia. O cabo Mason, em cujo grupo estivera trabalhando Harper, olhava nervoso de um pouco mais abaixo do riacho.

— Sargento Lynch? — A voz do tenente-coronel Girdwood vinha do alto do muro que elevava o jardim de sir Henry acima do nível da marisma. — O que diabo significa este barulho?

— Um desertor, senhor! — A cara de raposa do sargento Lynch estava tensa pelo rubor e a irritação. — Um destes sacanas fugiu, senhor!

— Como? Como diabo conseguiu? — Sharpe notou a preocupação na voz de Girdwood e compreendeu. Pode ser que Girdwood vendesse homens para outros regimentos, mas os recrutas passavam a acatar a disciplina de homens que, assistindo aos leilões, estavam implicados no delito e portanto interessados em manter os detalhes em segredo. Em troca, um desertor, correndo livre por toda a Inglaterra, podia contar aquela estranha história à pessoa errada. Sharpe mantinha as costas coladas na parede, com a esperança de que sir Henry não se aproximasse para investigar a que se devia aquele sobressalto repentino. Girdwood não esperou que Lynch respondesse a sua pergunta e ordenou ao sargento que formasse um cordão com um grupo de trabalho para revistar a marisma para o leste, até o rio Roach.

— Já sabe o que devem fazer com o canalha, sargento Lynch!

— Sim, senhor!

A busca foi intensa. Foram ao acampamento buscar os homens das duas companhias que integravam a vigilância permanente de Foulness, que criaram um segundo cordão que se dirigiu para o oeste da casa de sir Henry. Também procuravam os homens da milícia de cavalaria, cavaleiros que cavalgaram pelas marismas junto ao rio Crouch e revistaram os depósitos e celeiros das fazendas que havia terra adentro. Sharpe olhou para trás desde o lodaçal e viu um grupo de homens armados com telescópios nas janelas da casa de sir Henry debaixo do orgulhoso cata-vento em forma de águia. Ocorreu-lhe que realizavam este exercício amiúde, especialmente ensaiado pelo perigo de que os homens desertassem de Foulness.

O pelotão do sargento Lynch se dirigiu penosamente para o leste através da marisma para o mar do Norte, e Richard achou que fosse provável que Marriott tivesse tomado aquela direção. Era possível que o jovem não soubesse que aquele terreno era traiçoeiro e que, no desespero de sua infeliz paixão, tivesse caído na marisma buscando um refúgio. Se tivesse ido naquela direção, a captura parecia segura. A marisma estava inundada e caminhar por ali era muito perigoso. O garoto teria sido obrigado a permanecer nas poucas zonas com vegetação, onde o terreno era mais elevado e aonde poderia caminhar com certeza, mas seria visto de uma distância de muitos quilômetros naquele terreno tão plano.

O pelotão do sargento Lynch avançava com dificuldade por aquele terreno pegajoso através dos intrincados e estreitos riachos que pareciam um labirinto sobre a terra úmida. Havia um cabo em cada extremo da fila e o sargento Lynch estava no centro. Os três levavam os mosquetes carregados. Todos os homens, incluído o sargento Lynch, estavam sujos de barro e lodo verde. O sol abrasava o pelotão, e dava a sensação de que convertia o odor dos gases da marisma, que os pés removiam ao passar, em algo ainda mais nocivo.

Não havia sinal de Marriott. À medida que a tarde foi avançando e se foram introduzindo ainda mais nas marismas, Sharpe pensou que aquela busca não tinha sentido. Supôs que Marriott, com sensatez, teria se dirigido para oeste, para o terreno mais firme e elevado do interior, e se encontrou, pela primeira vez em sua vida, desejando que um desertor conseguisse fugir. Havia achado Marriott insuportável e pomposo, mas nem mesmo para ele desejava que recebesse a vingança do tenente-coronel Girdwood.

Ao anoitecer chegaram a um riacho mais profundo e rápido que fluía para o norte até desembocar no largo rio Crouch. A água deste pequeno rio, que se espalhava na marisma pelas margens, era turbulenta quando se encontrava com a maré crescente. O choque criava violentos redemoinhos de água e mesmo, com o vento que vinha do norte, pequenas ondas quando o mar lutava contra o rio. Era o final da procura, já que, na margem mais afastada, Sharpe podia ver homens uniformizados e notou de que estava olhando para o próprio acampamento de Foulness. Viu as tendas do acampamento a três quilômetros, e depois viu Marriott.

O grande idiota havia se dirigido para o leste. Havia cruzado o rio, possivelmente quando a maré estava baixa, para dirigir-se justo para a ilha da qual queria fugir. Agora estava segurando as duras e escuras madeiras do esqueleto de um bote pousado sobre o barro, no lugar onde o rio Roach se encontrava com o Crouch.

Quando Sharpe o viu, também o fez o sargento Lynch, que disparou seu mosquete para o ar assustando as aves aquáticas, que voaram batendo sonoramente as asas. O estrondoso disparo, cujo ruído se expandiu pelo terreno plano, atraiu a atenção dos homens da ilha. Lynch segurava o mosquete por cima de sua cabeça, sinalizando, e o cabo que estava no extremo norte da fila de busca, para dar urgência ao sinal, disparou seu mosquete para o ar e o segundo disparo tirou Marriott de seu mísero refúgio.

Correu.

Não correu para o leste, talvez finalmente tivesse percebido que naquela direção só encontraria o mar, mas que, quase submergido para que os juncos o escondessem dos homens da ilha, correu para a margem mais afastada do rio Roach. Estava correndo em frente do pelotão do sargento Lynch, tentando fugir para o sul.

O rio era muito profundo, e com a maré subindo se fez tão rápido que era impossível que um homem o cruzasse. Um bom nadador, sem roupa, poderia ter cruzado o pequeno canal, mas nem o sargento Lynch nem os dois cabos o tentaram. O sargento gritou para o fugitivo:

— Quietos, bastardo! Quietos!

Marriott ignorou a ordem. O pelotão o observava em silêncio. Estava a trinta metros deles e descia pela margem para uma curva do canal que o levaria para fora do alcance de sua vista. O sargento Lynch correu diante dele, gritando, salpicando através da estreita margem do rio, ordenando aos gritos que se detivesse, mas Marriott seguia correndo.

— Seu mosquete! — gritou Lynch para o segundo cabo, que estava junto de Harper, e o cabo desencapou o mosquete que ainda não havia feito nenhum disparo. — Pare, seu bastardo!

Lynch, com um movimento rápido e bem ensaiado, levou o mosquete ao ombro e apontou. Sharpe, do outro extremo da fila de onde se encontrava o sargento Lynch, supôs que o sargento só pretendia disparar na frente de Marriott para deter a trajetória desesperada do desertor.

Estava errado; compreendeu isso ao ver que Lynch deslocava o mosquete até o alvo. Abriu a boca como se fosse um oficial a ponto de ordenar a um homem que não disparasse, porém, antes de poder emitir um som, Lynch abriu fogo.

Marriott estava a quarenta metros, um disparo muito comprido para um mosquete, mas a bala se aproximou perigosamente do desertor. “Deve ter errado — supôs Sharpe, que havia visto a oscilação dos juncos —, a bala não tinha acertado a parte baixa das costas do garoto por poucos centímetros”.

Teria sido um assassinato, nada menos, já que Marriott já fora capturado pelas forças de Girdwood.

Lynch maldisse quando falhou, jogou o mosquete para o cabo e gritou ao pelotão que seguissem o fugitivo. Correram, tropeçando no lodaçal da margem do rio, e o fuzileiro observou que o som dos três disparos havia atraído os cavaleiros que vinham da casa de sir Henry. Rogou que sir Henry não se achasse entre eles.

— O pequeno bastardo tentou matá-lo! — Harper havia esperado que Sharpe chegasse a

seu lado e seu tom era de perplexidade.

— Eu vi.

— Que Deus o ajude — disse Harper com fruição.

Para Marriott o dia do juízo final havia chegado, sargento Lynch estava perto. O oficial de guarda da ponte havia mandado um pelotão de homens para o norte e estavam diante do desertor, que os viu e compreendeu que estava bloqueado pela frente e pelos lados. Estava aterrorizado, os olhos completamente abertos e exorbitados e, ainda que se visse encurralado, se negou a renunciar a sua desesperada fuga para a liberdade.

Correu para o norte, então viu que o restante dos homens, que avançaram pelo dique que mantinha Foulness afastado da água das marés, cortou seu caminho. Parou. O sargento Lynch e seus cabos estavam recarregando seus mosquetes. Marriott viu que baixavam as baquetas e, em pânico e desespero, se lançou no Roach e começou a chapinhar, não mais para a margem contrária onde lhe esperava o sargento Lynch, mas para as águas revoltas pelo vento e perigosas por causa da maré do estuário do Crouch.

Lutou para se manter flutuando, para não se afogar. Movia os braços na água e gritava desesperadamente, agitando as mãos, e Sharpe, que havia aprendido a nadar na Índia, tirou os sapatos pesados por causa do barro e se lançou ao rio, nadando com esforço pelas águas pouco profundas para os escuros redemoinhos onde o canal era mais profundo. Quando deu para ficar de pé, começou a chapinhar torpemente para o homem que se afogava.

Agarrou Marriott com firmeza. Nunca havia tentado arrastar um homem meio afogado para fora da água e nunca imaginou que fosse tão difícil. Pensou que Marriott ia afogá-lo de tanto se mover e se esforçar, mas Sharpe, tragando grandes goles daquela água de rio mesclada com mar, conseguiu que se tranquilizasse e deixasse ser movido.

— Solte-me! — gemia Marriott, golpeando e dando chutes. Richard se queixou de um duro golpe e depois o soltou com desespero ao receber uns arranhões nos olhos. O fuzileiro tragava água, estava se afogando, mas de repente ouviu a voz de Harper da margem, um grito enérgico e irritado, como se tivesse deixado de ser o soldado raso O’Keefe e voltasse a ser o sargento-mor Patrick Harper e estivesse no campo de batalha.

— Não atire! Não dispare!

Harper corria com dificuldade ao longo da margem do rio e gritava aquela ordem para o sargento Lynch ao ver que este se levava ao ombro o mosquete carregado, pois sabia que podia atingir Sharpe com a mesma facilidade que a Marriott.

— Não atire!

Lynch olhou para o grande homem; por um momento, não ligou e voltou a apontar olhando por cima do cano.

Sharpe havia soltado Marriott e o redemoinho que formavam as duas correntes convergentes afastou o garoto dele e o arrastou até a outra margem, onde o sargento Lynch o esperava afundado até os joelhos nas águas turvas.

— Não dispare!

Harper seguia gritando ainda muito afastado do sargento para tentar fazer qualquer outra coisa que não fosse gritar. A obstinada corrente do rio seguia aproximando Marriott da margem. O garoto tocou o leito do rio com o pé e tentou se impulsionar para o centro do Crouch, ao mesmo tempo em que Harper gritava uma vez mais a ordem em vão. Lynch disparou.

A bala atravessou o crânio de Marriott. Saiu um jorro de sangue que se elevou quase meio metro no ar e caiu em um rio já avermelhado, voltou a sair um jorro e a seguir a cabeça submergiu compassivamente na água para esconder aquela espantosa fonte impulsionada pelo coração. As mãos de Marriott se agitaram uma vez como se, debaixo da água, tentasse libertar-se de suas garras, e depois ficou quieto, flutuando em um grande redemoinho de sangue que a corrente levava junto com a água turva para o mar. Charlie Weller, que já havia visto muito sangue na granja de seu pai, nunca presenciara dispararem em um homem. Vomitou, e Lynch riu enquanto voltava chapinhando para a zona pouco profunda. Harper ficou paralisado ao ouvir o disparo. Era muito difícil ficar irritado, porém, uma vez que ficava, era terrível. Sua voz soou forte e ameaçadora.

— Bastardo assassino! Traidor e bastardo assassino!

Dirigia-se para o sargento, e os outros recrutas se afastaram ao ver Lynch virando a arma para atacar o enorme irlandês. De repente, soou uma voz que fez todos se virarem.

— Sargento! — Era o tenente-coronel Girdwood. Esporeava seu cavalo e se aproximava pela marisma atento ao caminho que devia seguir. — Pegou ele, sargento? — Sir Henry Simmerson ia justo detrás e seu cavalo seguia o caminho que marcava o de Girdwood.

Sharpe arrastava o corpo para a margem. Achava notar o sabor do sangue de Marriott na água. Então, viu que umas mãos robustas se estendiam para ele, e o liberavam do peso. Harper havia se afastado de Lynch, tinha se metido no rio até a cintura e puxava de Sharpe e o cadáver para a margem. Sharpe cuspiu água e sangue. Não viu os cavaleiros.

— Barro — sussurrou Harper, mas Richard pareceu não entender. — Senhor! — O irlandês esperava que esta palavra atraísse sua atenção, mas o fuzileiro ainda não havia percebido a presença de sir Henry, portanto o irlandês, desesperado, pegou um pouco daquele barro negro e gorduroso e, ocultando Sharpe do olhar de Lynch e dos oficiais com seu corpo, lambuzou seu rosto. Depois, cobriu também o seu.

— Muito bem! — disse uma voz que Richard reconheceu. Quando recuperou a visão, pôde ver dois cavalos diante dele e, em cima de um deles, no mais próximo, sir Henry Simmerson. Sir Henry dirigiu o olhar para o fuzileiro e depois olhou detalhadamente o cadáver. — Muito bem, sargento! Um disparo na cabeça!

— Obrigado, senhor — Lynch estava recarregando o mosquete.

— Afaste-se! Deixe-me ver! — gritou sir Henry dirigindo-se a Sharpe.

— Afaste-se, escória! — disse Lynch, repetindo suas palavras. Richard se afastou com a cabeça baixa, mas o sargento Lynch gritou de novo. — Endireite-se, está na presença de um

oficial! Levante a cabeça! Sentido!

Ele obedeceu esperando que a ideia de Harper desse resultado. Viu sir Henry olhando-o de frente. Sharpe havia ganhado batalhas mostrando ao inimigo o que esperava ver, dando-lhe uma falsa segurança. Em uma ocasião, havia içado alguns velhos farrapos em dois paus e, como o inimigo esperava ver um batalhão inteiro com as bandeiras ondeando, viram nos farrapos, distorcidos pela chuva, a prova de que havia um grande Exército; quando na realidade só o que lhes fechava o caminho era meio batalhão de homens sem munição. Em outra ocasião, ordenou a seus homens que se deitassem e se fingissem de mortos, muito perto de um esmagador Exército inimigo; como os franceses acharam que aqueles corpos eram cadáveres, não reagiram até que foi tarde demais, as balas dos fuzileiros já haviam destruído suas filas e venceram.

Os homens só viam o que esperam ver e, ainda que a sobrinha de sir Henry o tivesse reconhecido, este não o fez. Com o barro no rosto, Sharpe abriu a boca, e sir Henry, apesar de terem passado um verão inteiro demonstrando-se sua mútua antipatia, ainda que estivesse vendo seu velho inimigo, só via um recruta embasbacado coberto de barro. Jane Gibbons, talvez porque pensasse em Richard tão amiúde como ele nela, reconheceu-o no mesmo instante, enquanto que sir Henry, a quem lorde Fenner havia assegurado que o major havia morrido em Londres, não esperava vê-lo e, portanto, não o viu.

— Está um nojo, recruta! Vá se lavar!

Sir Henry puxou as rédeas e, enquanto se virava, Sharpe ouviu como se queixava ao tenente-coronel Girdwood que aquele assunto havia atrasado sua viagem para Londres.

— Ainda assim, já terminou! Enterre-o aí mesmo, Girdwood!

Girdwood lhe desejou uma boa viagem e, quando Simmerson ia a caminho da casa e já não podia ouvi-lo, olhou para o sargento Lynch.

— Como diabos isso ocorreu, sargento?

O sargento Lynch estava erguido com as calças de barro até a cintura.

— Eu acredito que ele o ajudou, senhor. Refiro-me a O'Keefe!

A simples menção do nome irlandês bastou para que Girdwood emitisse aquele estranho rugido gutural.

— Diz que ele o ajudou, sargento?

— O'Keefe tentou me deter preocupado com aquela escória, senhor! Tentou me golpear, senhor!

— Golpear-lhe? — Girdwood repetia as palavras, incrédulo. Lynch sorriu satisfeito:

— Tentou bater-me, senhor. Agredir-me, senhor. — Olhou fixamente para Harper, sabendo que dissera o suficiente para assegurar-lhe uma dura reprimenda por seu ato de rebeldia.

O tenente-coronel Girdwood esporeou seu cavalo até o irlandês. Dirigiu-lhe um olhar cheio de ódio, escrutinou o enorme homem empapado como se estivesse vendo um monstro

imundo que acabasse de emergir da turva margem do rio.

— Queria bater em um sargento, né, escória?

— É um bastardo assassino, senhor. — Harper, esquecendo toda prudência, pronunciou estas palavras com desprezo. — Um traidor e um bastardo assassino.

Por um momento, Sharpe pensou que Girdwood ia bater em seu amigo com a chibata e temeu que o irlandês devolvesse o golpe. Já estava pensando na forma de tomar o mosquete do cabo Mason antes que Harper pudesse receber um disparo. O restante de recrutas estava paralisado pelo medo, só o vento se movia agitando seus cabelos e o pálido mato que rodeava o corpo inerte de Marriott. Girdwood olhou com desdém para o irlandês, mas talvez por sua forte constituição ou pelo implacável e perigoso olhar de fúria que lhe dirigia, o tenente-coronel pôs a chibata com empunhadura de prata debaixo da axila.

— Este sacana está sob prisão, sargento Lynch.

— Sim, senhor.

— E enterrem aquele canalha! — Girdwood puxou as rédeas, lançou uma última olhada malévola para Harper, e a seguir esporeou seu cavalo em direção aonde sir Henry Simmerson se afastava.

Enterraram Marriott na marisma, utilizando as mesmas ferramentas com as quais o pelotão havia limpado o riacho de sir Henry, sem nem ao menos rezar uma oração, como se fosse um criminoso.

Indubitavelmente, pensou Sharpe quando introduziram naquele buraco úmido e encharcado o corpo do garoto, que flutuou ofensivamente até lhe jogarem barro por cima, Girdwood afirmaria em seu relatório que o desgraçado se afogara e que seu corpo fora arrastado para o mar. Ninguém se importaria, a menos que ele e Harper pudessem escapar daquele lugar para contar sua história às autoridades.

A fuga, que Sharpe havia preparado para aquela mesma noite, parecia impossível. Harper estava preso, sob a vigilância de Lynch e de seus dois cabos, e logo de outro pelotão de casacas-vermelhas que levaria o grande irlandês para o acampamento. Uma vez ali, confinado em um pequeno edifício imundo que antigamente havia servido de pocilga, o irlandês esperaria a justiça que regia em Foulness e que aquele dia de verão já havia acabado com a vida de um homem.

— Eles o mataram! — dizia Charlie Weller ainda incapaz de acreditar que Marriott tivesse morrido.

— Ele mereceu! — respondeu Jenkinson, um dos condenados que os juizes de Grantham tinham liberado para o sargento Havercamp, enquanto esfregava o barro de suas calças porque logo ia haver inspeção. — Era um bastardo queixumeiro!

— Teria sido um bom soldado — afirmou Sharpe suavemente. Por estranho que parecesse, era verdade. Se Marriott tivesse estado nos fuzileiros, um corpo no qual a disciplina se

mantém graças a seus homens e não ao medo, o garoto poderia ter se convertido em um bom escaramuçador.

Jenkinson não respondeu. Temia Sharpe, assim como Harper, pois os dois homens tinham freado imediatamente a estratégia de intimidação adotada pelos condenados liberados, pois, achando que os outros recrutas seriam vítimas fáceis, tentaram intimidá-los.

— O que farão a Paddy? — perguntou Weller, sacudindo o barro seco de sua casaca de trabalho.

— Será açoitado — respondeu Sharpe, olhando em direção ao leste para onde uma revoada de gansos, escuros em contraposição com o pálido anoitecer, bordejava a costa pelas marismas.

Perguntava-se como faria à noite para resgatar Harper e escapar. Se Jane Gibbons — só de pensar nela seu coração deu um estranho pulso — deixasse no alpendre a comida e o dinheiro que necessitavam, era provável, pensou, que não os descobrissem até o dia seguinte. Tinha que ser essa noite. Tinha que escapar essa noite, não só para evitar o castigo de Harper, mas também porque, tendo descoberto o segredo do acampamento de Foulness, estava impaciente para pôr um fim no delito de Girdwood e regressar para a Espanha.

Soou a corneta chamando-os para a inspeção. O pelotão se alinhou diante da tenda e os homens escutaram os gritos de sargentos e cabos.

— Meu Deus! — murmurou Charlie Weller. — Esta noite é a do maldito coronel!

As inspeções de Girdwood sempre eram mais minuciosas que as do restante dos oficiais.

— Silêncio! — gritou o cabo Mason a suas costas.

Sharpe ficou em posição de sentido. Ao ir buscar água limpa, havia visto que toda uma seção de tendas estava vazia naquela tarde e deduziu que as duas companhias que vira ser leiloada no jardim de sir Henry já teriam partido para seus novos regimentos. Pensando em seus próprios homens, abandonados em *Pasajes*, a quem foram negados os reforços que necessitavam, se enfureceu ao ver como o tenente-coronel Girdwood passeava na frente do pelotão do sargento Lynch.

O coronel olhou de cima abaixo a todos os homens. Não tiveram tempo de limpar todo o barro de seus uniformes, e nos olhos de Girdwood se refletia a indignação.

— Sujos! Sebosos! Espera-se que sejam soldados e não porcos! O que é isto? — disse apontando com sua chibata uma pilha de coisas desordenadas que havia na frente da porta da tenda.

O sargento Lynch, imaculado como sempre, ficou muito tenso.

— São as coisas de Marriott, senhor!

— Marriott? — perguntou Girdwood franzindo o cenho. — Quem é Marriott?

— O desertor, senhor — respondeu Lynch, alternando o olhar para o equipamento e para o coronel. — Serão devolvidos ao armazém esta noite, senhor.

— Também podem acrescentar os do irlandês — disse Girdwood, esboçando um sorriso como se aquele pensamento lhe produzisse uma repentina satisfação.

— Soldado Vaughn, recolha as coisas do bastardo irlandês!

Sharpe franziu o cenho como se não entendesse:

— Sargento?

Lynch, irritado, deu um passo adiante e aproximou seu rosto, com aquele impecável bigode, do de Richard.

— Arrume o equipamento de O’Keefe agora mesmo, Vaughn!

O fuzileiro obedeceu, enrolou as poucas roupas de Harper em seu cobertor e as tirou para fora da tenda.

— Ponha-as aqui, escória! — ordenou Lynch, apontando com a chibata a pilha de pertences de Marriott. — Vamos, rápido!

Sharpe sabia que não devia dizer nada, mas ao pensar que Harper pudesse ter morrido como Marriott, ou que talvez o estivesse antes do final da noite, foi demais, e não pôde conter-se. Jogou o cobertor enrolado, ficou em sentido e olhou respeitosamente para o tenente-coronel.

— Por acaso ele não vai regressar, senhor?

Girdwood se endireitou. Estivera puxando as cordas tensoras das tendas para comprovar se estavam esticadas corretamente, porque em Foulness não era permitido que as cordas tensoras ficassem frouxas, nem em caso de chuva, o que implicava que se rompiam. Contudo, isso garantia a elegância que Girdwood queria.

— Essa escória falou algo, sargento? — disse o coronel olhando para o sargento Lynch.

— Falou, senhor!

Girdwood se situou diante de Sharpe:

— Disse algo?

Sharpe olhou aquele rosto branco. O bigode do coronel estava começando a sair da fôrma de breu; alguns pelos escapavam entre as fendas que haviam se aberto. Sharpe empregou um tom de voz o menos militar que pôde.

— Soldado O’Keefe, senhor. Perguntava se partiu, senhor.

— Importa-se isso? — espetou Girdwood sorrindo.

— É amigo meu, senhor! — Richard se concentrava agora na insígnia brilhante e polida da barretina de Girdwood, uma insígnia que mostrava a águia acorrentada que ele mesmo e Harper haviam conseguido.

— Escória, não fale até que não lhe falem. Nunca se dirija a um oficial! — O tom de Girdwood estava subindo, era o único que se ouvia no acampamento. — Escória, não se meta em assuntos que não são da sua conta! Insolente! — disse já quase gritando. Fez uma pausa

sem poder recordar o nome daquele homem que havia se atrevido a lhe fazer uma pergunta durante uma inspeção, e aproveitou para erguer sua chibata. — Escória! — A vara assobiou cruelmente até golpear a face esquerda de Sharpe. — Escória! — Girdwood lhe deu outro golpe com o revés da arma e o sangue brotou na face direita de Richard. — O que você é?

O fuzileiro sentia o sangue correndo por sua bochecha. Voltou a vista para Girdwood e se encontrou com o olhar do coronel. Esteve tentado a sorrir, de demonstrar-lhe que não lhe havia feito estrago com aqueles golpes, mas não era o momento de complicar ainda mais as coisas:

— Sou escória, senhor. Sinto muito, senhor!

Girdwood se afastou observando fascinado o sangue que corria pela mandíbula de Sharpe. Experimentou um estranho prazer ao humilhar e ferir daquele modo a um homem mais alto e forte que, por um momento, lhe havia alarmado com seu olhar.

— Vigie este homem, sargento Lynch!

— Sempre o faço, senhor!

Parecia que com aqueles golpes o coronel havia descarregado sua ira, portanto, de repente, deixou de se preocupar com o fato dos uniformes do pelotão ainda mostrarem sinais de um dia de trabalho nas marismas. Endireitou os ombros, pôs a chibata sob o braço, devolveu a saudação de Lynch e se dirigiu ao esquadrão seguinte.

— Sentido! — gritou o sargento Lynch, ao observar o mínimo relaxamento dos ombros de Sharpe quando o coronel partiu. Sharpe obedeceu, endireitou as costas e passeou o olhar das tendas até a zona leste, que escurecia à medida que o sol caía e a lua repousava baixa no horizonte. Esperava a queda da noite, uma noite com demasiada luz, mas uma noite na qual abandonaria aquele lugar e ensinaria àqueles homenzinhos, àqueles bobos mesquinhos e bigodudos, bastardos assassinos e intimidadores, quem eram os soldados de verdade e como lutavam.

Capítulo 10

Doze sargentos e quatro oficiais estavam prontos para a prática de seu esporte noturno. Haviam tomado precauções para que o preso não escapasse: mandaram uma patrulha ao dique situado ao norte, outra patrulha tinha ordens de vigiar o fugitivo se tentasse fugir pelas marismas do estuário.

O tenente-coronel Girdwood ordenou que se colocassem em posição de sentido.

— Já conhecem as regras, senhores! Somente sabres ou espadas! Caçarão em pares! Só se utilizarão armas de fogo para cortar-lhe o passo ou em defesa própria!

Os oficiais e os quatro sargentos iam a cavalo e levavam carabinas de cavalaria escondidas nos estojos de suas selas de montar. O restante dos sargentos levava mosquetes, mas sua única tarefa para aquela noite era fustigar a presa para os caçadores.

— Quero cortes limpos, senhores, golpes em toda regra. — Girdwood se dirigiu a seus cavaleiros. Referia-se a que queria ver seus homens brandindo seus sabres e espadas tal como mostravam os manuais de instrução da cavalaria. Os oficiais e sargentos sabiam, também, que lhes convinha deixar o golpe de graça para o coronel, que era muito orgulhoso de sua destreza com o sabre. Eles podiam ferir, mas Girdwood gostava de rematar o trabalho. O tenente-coronel sorriu.

— É um soldado experiente, portanto vão com cuidado! Não o percam de vista! — pegou um relógio de bolso, enquanto o sargento Lynch empurrava o preso para a estrada terraplenada ao norte do acampamento. — Obrigado, sargento!

Girdwood poderia ter açoitado Harper, mas o sargento Lynch havia sugerido com diplomacia que o grande irlandês já havia recebido seus açoites.

— É incorrigível, senhor! — disse Lynch empregando a palavra que havia aprendido de Girdwood e que usava com frequência.

— Certamente. — Girdwood havia se sentado, pensando nos possíveis castigos alternativos.

— A armada? — havia perguntado o capitão Smith. Naquele acampamento tinham se livrado amiúde dos homens que causavam problemas enviando-os com escolta para a frota do mar do Norte, que sempre necessitava de homens. Girdwood esboçou um breve sorriso.

— Duvido que nossos irmãos da armada se alegrassem em recebê-lo. É escória, Hamish, escória. Eu os conheço, não se esqueça!

O capitão Hamish Smith, assim como todos os oficiais de Girdwood, fora envelhecendo vendo como lhes escapavam as possibilidades de ascensão. Foram se endividando cada vez mais, até que o coronel lhes ofereceu a oportunidade de enriquecerem. Não disse nada; sabia qual seria o resultado porque havia visto antes, e com certa vergonha, com a chateação e a brutalidade que imperava em Foulness empurrava os oficiais e sargentos a cometer

atrocidades que podiam acabar em assassinato. Era um acampamento secreto, era protegido pelas autoridades e somente Girdwood ditava a lei e a ordem.

O sargento-mor Brightwell, um homem grande e forte, com olhos pequenos de olhar duro e a cara pintada, resmungou:

— Poderíamos treinar caçando o bastardo, senhor?

— Uma caçada — articulou devagar Girdwood, como se não se lhe tivesse ocorrido aquela ideia. — Uma caçada!

Não seria a primeira vez que, em uma noite de lua, os oficiais e sargentos caçassem um homem pela zona norte de Foulness. A marisma oferecia poucos lugares onde se proteger, exceto as acéquias, e podia rodear-se com facilidade, portanto a vítima não podia escapar. Uma noite, Girdwood havia afirmado, arrastando as palavras, que aquele exercício servia para melhorar suas qualidades militares, como se aquela desculpa, de alguma estranha forma, pudesse justificar a diversão. Naquele momento, sob a pálida luz da lua, a caçada iria começar. A voz de Girdwood era firme e incisiva como se o entretenimento daquela noite fosse um exercício militar habitual.

— Prepare o homem, sargento-mor!

Brightwell montou em seu cavalo emprestado. O preso não necessitava de muita preparação, pois só usava sapatos, calças e uma camisa, e Brightwell só precisava se assegurar que a vítima não tinha nenhum utensílio que pudesse utilizar-se como arma. O sargento-mor viu um lampejo de metal no pescoço de Harper e lhe rasgou a camisa.

— Senhor? — interrogou segurando na mão a corrente que havia puxado até rompê-la, e mostrando a Girdwood o crucifixo.

Harper usava aquele crucifixo porque, assim como muitos outros homens casados, sua mulher queria que fosse mais devoto. Outra razão, melhor segundo Harper, era que na Espanha aquele símbolo servia para convencer aos camponeses de que era um verdadeiro católico e não um pagão protestante, e assim conseguia que fossem mais generosos com a comida, o tabaco ou o vinho.

Para o tenente-coronel Girdwood, oficial de um país que ainda negava os cargos públicos aos católicos, aquele crucifixo dava um ar mais patriótico ao que ia acontecer naquela noite. Olhou o símbolo com desprezo e o jogou em uma acéquia que havia no caminho. Esporeou seu cavalo, e Harper, sob o reflexo da lua que cobria de prata a marisma, pôde ver cada um dos detalhes do uniforme e das armas do tenente-coronel Girdwood, que olhou com desdém para o irlandês.

— Vou lhe dar uma oportunidade! É muito mais do que merece. Vê aquele poste? — perguntou apontando uma estaca cravada na margem oposta da marisma. — Tem vinte minutos para alcançá-lo. Se conseguir, ignorarei sua falta de hoje. Se não, o castigarei. Tem dois minutos de vantagem. Desejo-lhe boa sorte.

Os cavaleiros sorriram ante aquela mentira. Girdwood abriu seu relógio com um movimento seco.

— Vá!

Harper permaneceu quieto por um segundo, atônito diante do giro que havia tomado a noite. Esperava passá-la com o procedimento habitual, um tribunal militar e depois um castigo físico. E em lugar disso, iam caçá-lo naquele terreno úmido. Então, consciente de que cada segundo contava, começou a correr para o norte.

Girdwood o observava.

— Vai direto para a marca. Sempre o fazem — afirmou dirigindo-se ao capitão Finch, o segundo capitão de Foulness, que era seu par para a caçada. O capitão Smith, como oficial do dia, não estava entre os caçadores; não era um esporte que lhe entusiasmasse, ainda que protestar teria significado ganhar o desprezo de Girdwood, ou algo pior.

Os cabos estavam de pé sobre o caminho plano que ficava dois pés por cima do terreno mais baixo. Sua função era cortar a passagem do fugitivo para o lado sul e vigiar todos seus movimentos. Harper usava uma camisa branca e calças de cor cinza-claro que, embora sujas, se distinguiam facilmente à luz da lua.

— Um minuto! — gritou Girdwood. A seu lado, o capitão Finch desembainhou sua espada, produzindo um sinistro assobio quando o aço roçou a abertura da bainha.

Na marisma, Harper corria desesperadamente, tropeçando nos juncos, caindo pelas matas de capim, dirigindo-se para o comprido pau que era sua marca. Havia contado seis caçadores ao longe, no lado norte da ilha. Havia visto também sombras de mais homens; mas apesar disso, como o bom fuzileiro que era, estava planejando a melhor forma de travar sua batalha. Correu o mais rápido que pôde. Necessitava de espaço para onde avançar, ia vigiando as acéquias e as matas de ervas como um falcão. Saltou sobre a água com dificuldade, tropeçou com um pedaço de terreno brando, depois olhou para trás para comprovar se seus perseguidores haviam começado a se mover.

O tenente-coronel Girdwood riu ao ver aquele grandalhão tropeçar.

— Não aguentará muito, Finch.

— Tenhamos esperança, senhor. — Finch, da mesma idade que Girdwood, tinha cara de bêbado. Seu bafo fedia a rum, a maioria dos homens que ia caçar naquela noite na marisma levava álcool nos cantis.

— Não — respondeu Girdwood, que estava de muito bom humor. — Conheço os irlandeses, Finch. São uns covardes. Gostam de brigar, mas não sabem lutar. — Girdwood olhou o relógio, o fechou bruscamente e meteu no bolso. — Está na hora, senhores! Boa caça!

Os cavaleiros gritaram e esporearam seus cavalos, enquanto que os sargentos, que iam a pé com os mosquetes carregados, começaram a andar formando uma linha para o oeste da marisma. A caçada havia começado.

Harper ouviu os gritos dos caçadores e girou em seco para a esquerda. Sabia que seu amigo não lhe abandonaria naquela noite, mas também sabia que sua sobrevivência não

dependia de Sharpe. Tampouco acreditava que se alcançasse a marca sua vida estaria a salvo. Aqueles homens cheiravam a morte, mas sorriu ironicamente ao pensar que estavam lutando contra um fuzileiro de Donegal. Aqueles bastardos iam sofrer.

Observou que os cavaleiros formavam uma linha para o leste, os sargentos a pé se dirigiam para o oeste, e notou de que desenhariam um grande retângulo na marisma junto com a guarda que vigiava a zona norte e sul. Virou-se repentinamente para regressar a um lugar que havia descoberto fazia um momento e, ao vê-lo, deitou-se no solo.

— Não o percam de vista! — gritou Girdwood. O grande irlandês, a trezentos metros de seus perseguidores mais próximos, havia desaparecido nas profundas sombras desenhadas pela lua. — Vigiem aquela zona! Façam-no sair! Façam-no sair!

Aquele grito era dirigido aos sargentos que iam a pé e que naquele momento deviam fazer sair o fugitivo de seu esconderijo para fustigá-lo para os cavaleiros. Os sargentos olharam com atenção o lugar onde Harper havia desaparecido, apressaram-se para rodeá-lo e a seguir, aos pares e com a proteção de seus mosquetes prontos para disparar, avançaram com cautela.

— Era por aqui — disse o sargento Bennet a Lynch, quando pisaram em uma das valas menores.

— Cuidado agora, esse sacana é muito grande.

Naquele lugar úmido confluíam duas valas maiores formando um V que quase chegava até a vala menor e que quase não deixava um brilhante pedaço de barro, onde estavam os dois sargentos. A água de colorido prateado das valas angulosas fluía abaixo das altas ervas que flanqueavam os lados. Os sargentos verificaram o terreno centímetro por centímetro, conscientes de que estavam apenas a uns metros do vértice do V por onde desaparecera o homem para se esconder, mas não viram sinais dele.

— Vamos! Rápido! — clamou a voz petulante de Girdwood na distância.

— Droga ele sumiu! — disse Bennet.

Lynch, que estava ao comando dos batedores naquela noite, apontou seu mosquete para uma sombra.

— Charlie! John! Traga-o para fora! — gritou Lynch. — Você também, Bill.

O sargento Bennet, como os outros dois sargentos, apontou o mosquete em um pedaço de sombra. Ele disparou. Normalmente, aquela descarga teria assustado a qualquer homem e o faria sair de seu mísero esconderijo ainda que as balas não o tocassem nem de longe, mas desta vez os disparos se apagaram no silêncio e a fumaça se perdeu sobre uma marisma vazia onde não havia rastro do fugitivo.

— Ele sumiu!

— Não seja idiota! — grunhiu Lynch, ainda que, inconsciente e inoportunamente, recordou as histórias que lhe contava sua mãe sobre os magos e fantasmas dos lamaçais da Irlanda. Inclusive teve o instinto de se benzer, mas evitou furioso. — Em frente! Com cuidado! — Introduziu o mosquete com a baioneta calada em uma sombra e, evitando uns matos altos,

avançou com cautela. Não viu nada. Atrás dele, Bennet voltava a carregar seu mosquete.

— Sargento-mor — disse Girdwood impaciente —, vá ver o que estão fazendo?

— Senhor! — respondeu Brightwell esporeando seu cavalo. De cima do cavalo podia avistar a inóspita paisagem de sombras labirínticas, mas quando, minutos mais tarde, chegou junto à linha de sargentos, não viu nem rastro do irlandês. — Meu Deus! — gritou temendo o pior e olhando para o oeste. — O grande sacana sumiu!

— Não pode ser! — protestou Lynch.

— Pois, então, encontre-o!

Brightwell grunhiu e fez girar o cavalo em direção a Girdwood.

Senhor — disse erguendo-se sobre a sela —, o bastardo sumiu!

Girdwood não podia acreditar no que acabava de ouvir, porém, se algo lhe havia alertado sir Henry, era que devia deter a qualquer homem que tentasse escapar da ilha. Não podia acreditar que o enorme preso tivesse esquivado realmente os seus rastreadores, não podia permitir. Maldisse.

— Tenente Mattingley!

— Senhor?

— Avise aos da ponte! Depois, a casa de sir Henry! Informe ao capitão Prior!

— Senhor! — Mattingley esporeou o cavalo em direção ao caminho. Girdwood acabava de pôr em marcha o procedimento elaborado e cuidadoso destinado a pegar desertores. O único caminho de saída seco da ilha era a ponte, onde agora estariam avisados. Além do mais, as milícias montadas do capitão Prior, alojadas em terra firme, vigiariam as margens e os rios. Todas aquelas precauções, pensou Girdwood, eram provavelmente desnecessárias, mas vitais. Uma vez dada a ordem, esporeou seu cavalo.

— Vamos! Temos que pegá-lo! Tem de ser encontrado!

Harper, escondido a apenas uns metros do cordão ocidental de sargentos, escutava. Havia se metido em uma das valas mais largas, consciente de que tinha dois ou três minutos antes que os caçadores chegassem até o lugar onde havia desaparecido. Já oculto entre as sombras das altas ervas das bordas, como um menino travesso, se cobriu com a lama do leito da vala, sujando a cara, as mãos, a camisa e as calças com aquele barro escorregadio e suave tão escuro como a noite. Arrancou vários punhados de capim e lhe pôs ao redor do pescoço e da cintura, ocultando assim sua figura, seguindo os passos que qualquer fuzileiro daria caso se visse sozinho na linha de luta e mais perto dos franceses que dos seus. Depois, agachado e movendo-se como um enorme monstro escuro e assassino dos pântanos, arrastou-se para o oeste.

O maior perigo era a terra enlodada situada entre as valas maiores e as pequenas, mas com olho experimentado viu que restava uns centímetros abaixo do terreno e soube que com a

roupa melada de barro, podia passar por ali. Manteve a cabeça baixa, quase tocando a lama com o nariz, arrastando-se com as mãos até chegar, sem ser descoberto, ao pestilento lodo da vala menor. Ali, totalmente escondido de novo e a doze metros do lugar onde o haviam perdido de vista, se arrastou pela vala menor, aumentando ainda mais a distância. Ao ouvir os primeiros passos que se aproximavam fazendo ruído pelo barro, ficou imóvel. Depois, se encolheu e colou seu corpo à borda da vala. Os sargentos nem o viram. Começaram a procura um pouco mais para o leste de onde ele se encontrava, sem pensar nem por um segundo que sua presa estava justo abaixo do cordão que haviam formado; uma presa que se encolhia em uma vala pestilenta e úmida e escutava tudo o que diziam.

Harper esperou, quase não respirava, com a cabeça tão abaixada que os orifícios do nariz quase tocavam a água imunda. Esperava que aqueles bastardos se afastassem mais para o leste, porém, em vez disso, desconfiados e quase em pânico, seguiam obstinados no lugar por onde estavam seguros que havia desaparecido. Pouco depois, Harper começou a se preocupar ao ouvir a voz de Girdwood, o som de umas correias e o golpe dos cascos dos cavalos. Ainda não o descobriram, mas os caçadores estavam muito perto; permaneceu quieto, completamente imóvel, com os olhos fechados e os ouvidos atentos ao menor ruído que se produzisse na marisma. Rogou que Sharpe aparecesse logo.

Richard esperou até deixar de ouvir os passos dos homens que vigiavam as linhas de tendas para evitar o amotinamento temido por Girdwood. Esperou até que a lona da tenda ficou completamente escura, mesmo que ainda houvesse demasiada luz. Então se moveu.

— O que está fazendo, Dick? — Era Charlie Weller.

— Fique aqui! — resmungou Jenkinson, temendo um castigo se algum homem do pelotão quebrasse as normas.

Sharpe o ignorou, dirigiu-se ao fundo da tenda e levantou a lona das pequenas estacas. Ele iria em direção oeste, vinte metros de campo aberto o separavam da vala de drenagem mais próxima.

— Dick? — voltou a dizer Weller.

— Calados, todos! — Arrastou-se por baixo da lona, oculto na sombra da tenda. Olhou para o norte, para o sul; não viu ninguém e levantou-se entre as cordas de tensão da tenda.

Esperou. Não se ouvia nenhuma patrulha de vigilância, mas sabia que, se houvesse alguma, estaria oculta atrás das tendas. Escutou sem prestar atenção aos roncões e ao som do vento sobre o mato prateado; depois, passou a correr.

Atirou-se na vala de drenagem, caindo pelo barro até chegar à água. Assim como Harper, tentava ocultar-se melhor cobrindo-se de barro. Depois ficou quieto. Notava contra seu corpo as pequenas ondas que havia provocado ao meter-se na vala, e escutou. Não ouviu nenhum grito, nenhuma patrulha corria atrás dele. Foi se deslocando para o norte oculto naquela vala que fedia porque drenava as latrinas dos oficiais. Aquele fedor rondava as tendas a cada noite, mas nesse momento, enquanto se arrastava para os edifícios da administração do

acampamento, era ainda mais nauseabundo.

Viu um grupo de homens na estrada terraplenada. Dirigiram-se para o norte, para a zona deserta da marisma, e só pôde pensar em agradecer porque não haviam olhado para trás, estava apenas a dez metros da cozinha. Saiu da vala, ficando ao descoberto sob a luz da lua, e deslizou entre as sombras dos edifícios como faria um grande predador.

Havia guardas nos barracões situados entre os estábulos e os escritórios. Sharpe observou que eles também olhavam para o norte. Então ouviu três disparos seguidos naquela direção, que se foram apagando na noite. Ficou alarmado e pensou que talvez tivessem levado Harper para a marisma para atirar nele como a um cachorro.

Foi da cozinha para os armazéns. Obrigou-se a desprezar o medo que sentia, já que se apressar podia significar o fracasso, e fracassar era negar a vitória do South Essex naquela guerra. Colou-se à parede do armazém e esperou na escuridão.

Havia escolhido aquele lugar para sua emboscada porque era um dos pontos de encontro dos casacas-vermelhas que vigiavam o acampamento. Esperou e ouviu vários disparos procedentes da marisma do norte e, então, muito mais perto, escutou o que queria ouvir.

Os passos se aproximaram e se detiveram justo atrás da esquina na qual se encontrava. Ouviu como alguém desabotoava as calças, um gemido e a seguir o ruído de líquido caindo sobre o chão.

Sharpe agiu com a celeridade de um homem que estava a quase vinte anos lutando em distintas guerras, um homem que sabia que, em uma luta, a rapidez é o prelúdio da vitória. Com a mão direita atingiu o soldado embaixo do queixo enquanto que com a esquerda, depois do primeiro golpe, deu um soco no peito do sentinela para deixá-lo sem fôlego; e, antes que pudesse pedir ajuda ou levantar os braços para se defender, agarrou-o pelo pescoço e o puxou com força arrastando-o até as sombras. O homem tentou gritar, mas notou um joelho no ventre e dois dedos, rígidos e ameaçadores, que lhe apertavam abaixo dos olhos.

— Onde está o irlandês?

— Solte-me! — A dor era insuportável mas Richard apertou ainda mais.

— Onde está?

— Eles o estão caçando! — disse aquele homem aterrorizado. — Na marisma!

— Quantos são?

O sentinela lhe contou tudo o que sabia, o que não era muito, e, quando Sharpe soube com certeza que não lhe tiraria nada mais, lentamente, sem chegar a feri-lo nos olhos, retirou os dedos. Golpeou o homem uma e outra vez até comprovar que havia ficado inconsciente.

Ergueu-se, recolheu o chapéu do soldado e, com certa dificuldade, lhe tirou a casaca e as armas. Limpou o barro de seu rosto, pôs a casaca e ajustou a baioneta e as armas à cintura. Pendurou o mosquete ao ombro, assegurou-se que o homem seguia inconsciente e saiu tranquilamente para a área descoberta entre os edifícios do batalhão.

Ninguém reparou naquele sentinela que ia da latrina improvisada para os estábulos.

Nenhum oficial, nenhum sargento se dirigiu a ele. Entrou no estábulo e se perdeu na escuridão.

— Olá!

Ninguém respondeu. Só restava um cavalo; Sharpe não viu nenhuma sela, mas encontrou um velho arreio pendurado na parede. Colocou-o torpemente no cavalo, mas o animal parecia habituado ao trato pouco destro dos soldados de infantaria do acampamento. Atou as rédeas a um gancho que havia na porta e se agachou junto à palha de um compartimento vazio.

Levantou a caçoleta do mosquete que, tal como supunha, estava carregado. Não queria disparar para não chamar a atenção e xingou porque o que tinha que fazer o deixaria inservível para o restante da noite. Mas o tempo instava e teria que enfrentar sem armas os problemas que surgissem naquela noite. Pegou um cartucho do saquinho que havia roubado, retirou a bala com os dentes e a cuspiu. Abriu o cilindro de papel de cera e o deixou cuidadosamente ao seu lado no piso do estábulo.

Levantou o mosquete, girou a arma e golpeou o ouvido contra o piso. Se a pederneira caía nesse momento, significava que não tinha pólvora para provocar a fogo na fenda. Necessitava da faísca da pederneira e do fogo da caçoleta, mas tinha que evitar que o mosquete disparasse. Pegou uma pitada de terra da entrada do estábulo e a pôs na palma da mão. Cuspiu em cima e amassou a pasta até formar uma bola de barro que apertou no ouvido do mosquete para bloqueá-lo. Então, com a pólvora que havia retirado do cartucho aberto, voltou a escorvar a caçoleta. Cuspiu na pólvora para retardar a explosão e, com sumo cuidado, esvaziou o restante do cartucho em um pedaço de papel aonde guardava a pólvora que restava.

Esperava que o barro mantivesse o ouvido tapado. Segurou o papel do cartucho vazio com a mão direita e deslocou o gatilho com a esquerda. A pederneira desceu e saltaram faíscas, mas a pólvora não acendeu. Amaldiçoou em voz baixa, perguntando-se se a teria umedecido demais, e voltou a engatilhar a arma. Apertou o gatilho pela segunda vez, mas tampouco deu resultado. Repetiu a operação e, nesta ocasião, saltaram faíscas e a pólvora acendeu. Segurou o pedaço de papel sobre a intensa labareda desejando que acendesse. Por um segundo pensou que não conseguiria, mas a pólvora que estava envolvida no papel acendeu também. Diante daquele fogo repentino, o cavalo ofegou e pulou. Sharpe estalou a língua e meteu o papel ardendo entre a palha. Levantou-se e voltou a pendurar o mosquete ao ombro. Não lhe serviria de nada até que tivesse limpado o ouvido, mas poderia servir de garrote.

Havia previsto aquele fogo ocorresse o que ocorresse durante a noite; era a forma de desviar a atenção dos homens sobre Harper. A palha começava a fumar e pequenas chamas subiam pelos os talos. Para avivar o fogo, abriu outros cartuchos e espalhou a pólvora. Depois, satisfeito porque o estábulo estava condenado às cinzas, montou lentamente no lombo do cavalo, inclinou-se para desatar as rédeas e quase caiu ao tentar olhar para fora através da porta do estábulo. Inclinou a cabeça ao passar sob o dintel da porta, segurou a crinas do cavalo e agarrou o mosquete que havia caído até o cotovelo. Como era difícil montar ao pelo! Escorregou para a esquerda, retificou a postura e quase caiu para o lado direito. Puxou as rédeas e conduziu o animal para o norte. Um dos homens deu o primeiro grito de alarme ao ver as chamas descontroladas e violentas se estenderem sobre a palha seca. Ninguém

estranhou que um homem uniformizado cavalgasse para a marisma naquela noite e ninguém se atreveu a mandá-lo parar, já que, nos batalhões de infantaria, os que iam a cavalo costumavam ser oficiais. Sharpe cavalgou para a marisma para se unir à caçada sem que ninguém o detivesse, graças ao caos que se havia criado.

— Silêncio! — O tenente-coronel Girdwood ordenou que se calassem. Os caçadores estavam reunidos, totalmente perplexos, no ponto onde confluíam os dois riachos. — Sargento Lynch!

— Senhor.

— Está seguro de que era aqui?

— Completamente, senhor.

Girdwood mandou os oito sargentos a pé para o oeste.

— Formem um cordão. Nós o levaremos para aí, senhores. — E dirigindo-se aos cavaleiros, lhes indicou por sinais que se afastassem cinco metros lentamente.

Girdwood levou alguns minutos em conseguir que seus homens se alinhassem de forma satisfatória. Então, brandindo seu sabre como se fizesse um sinal em um campo de batalha, ordenou aos cavaleiros que avançassem.

— Passem um pente-fino na área!

O capitão Finch era o cavaleiro situado mais ao sul, mais perto do acampamento, e se seguisse avançando se daria de cara com o esconderijo de Harper. Finch sustentava sua carabina e as rédeas na mão esquerda e a espada na direita. Explorava com a afiada lâmina cada sombra e passeava o dedo pelo gatilho da carabina para se a espada conseguisse sacar o fugitivo de seu esconderijo.

Quando os caçadores se reuniram para escutar as ordens de Girdwood, Harper se arrastou alguns metros para o sul. Estava à espera, sabia que o cordão se dirigia diretamente para ele e que o maior perigo eram as espadas e os sabres que se cravavam na lama. Trinta metros atrás dele, os sargentos esperavam com os mosquetes carregados e escorvados.

O capitão Finch esporeou seu cavalo para uma área de vegetação e brandiu a espada na escuridão. A sombra pareceu agitar-se e desapareceu; uma luz, que desafiava o brilho da lua, iluminava a noite. O capitão olhou para o sul e viu com horror que os estábulos estavam sendo consumidos pelas chamas.

— Fogo!

O sargento Bennet, com o dedo crispado no gatilho, quase obedeceu antes de ver que os cavaleiros observavam o acampamento e a coluna de fumaça que surgia dos estábulos.

O tenente-coronel Girdwood, para quem esta noite de diversão já se convertera em um pesadelo, hesitava entre a necessidade de encontrar o irlandês e o desespero de apagar aquele fogo inesperado antes que se estendesse ao restante de edifícios, que estavam sob sua

responsabilidade.

— Fique aqui Finch! Você, sargento-mor, venha comigo!

Finch escrutinou consternado o horizonte. Viu um cavaleiro sair do acampamento galopando para os caçadores. Então, o coronel e Brightwell passaram diante dele levando os cavalos a meio galope através daquele terreno traiçoeiro. Finch, situado justo na beira de um pequeno riacho que ia inspecionar com a espada, havia se virado para dar ordens ao restante dos caçadores, quando, sem motivo algum, seu cavalo se empinou.

Inclinou-se para frente para acalmar o animal, que voltou a se erguer relinchando com terror e começou a menear a cabeça violentamente. O capitão entreviu um homem, negro como a noite, enorme e empapado, que havia surgido do riacho para agarrar uma das patas dianteiras do cavalo, da qual puxava com uma força brutal. Finch tentou golpear aquele homem com sua carabina, mas este lhe agarrou a mão com uma força assombrosa e acabou aos pés de seu atacante, enquanto que o cavalo assustado fugia, livre depois de Harper o soltar.

— Não se movam! — gritou Harper para os sargentos. — Ou o mato!

Ficaram paralisados. O enorme irlandês, pestilento, sujo e empapado depois de se esconder no riacho, havia arrebatado a espada da mão direita de Finch e a mantinha contra o pescoço do oficial. Tomou a carabina do oficial e pegou o saquinho de munição de seu cinturão arrancando-o de um puxão, como se as duas fitas de pele que o sustentavam não fossem mais resistentes que o algodão.

— Afastem-se! Afastem-se! — gritou olhando para os sargentos.

Naquele momento, escutou atrás de si a voz que estivera esperando.

— Patrick! Patrick!

Harper baixou a espada e puxou Finch para trás. Tropeçou no riacho, mas seu olhar não se afastava dos sargentos que, por sua vez, observavam atônitos como sua presa, saída do nada como uma sombra que tomada corpo, arrastava seu refém para o cavaleiro solitário que se aproximava pela marisma. Girdwood deteve seu cavalo e o fez dar meia volta. Viu o irlandês arrastando Finch, viu também o cavaleiro que se aproximava por trás de Harper mas supôs que seria um de seus homens.

— Mate-o! Mate-o! — gritou.

Contudo, o cavaleiro desmontou junto do grande irlandês e Girdwood, petrificado e incapaz de escolher entre as duas catástrofes em curso, gritou para os sargentos:

— Matem-nos!

Um dos sargentos levantou seu mosquete, mas Harper pôs Finch de joelhos no solo e voltou a pôr a espada em seu pescoço.

— Uma só bala e é um homem morto! E agora, afastem-se!

Sharpe saltou do cavalo. Sabia que seu amigo, que havia crescido nos lombos dos pôneis selvagens de Donegal, era melhor cavaleiro que ele.

— Pegue você o cavalo, Patrick! Não solte esse bastardo!

Richard se desfêz do mosquete inservível e pegou a carabina do irlandês. Comprovou que era do tipo utilizado pelos dragões e do mesmo calibre que as balas que havia roubado. Quando Harper tinha montado com Finch a sua frente, começaram a andar para o oeste.

Girdwood olhava aquela cena, aterrorizado.

— Fogo! — gritou para os sargentos que estavam mais perto de Sharpe e Harper, mas ninguém se atreveu a disparar por medo de atingir o capitão Finch. Girdwood se levantou sobre os estribos. — Detenham-nos!

Mas nenhum de seus homens queria se converter em herói naquela noite, não por uma causa tão pouco nobre; além do mais, sabiam que os dois fugitivos avançavam para o piquete postado na ponte. Além da ponte, a cavalaria os esperava, portanto os homens de Girdwood, contentes de que fossem outros os encarregados de resgatar o capitão Finch e aprisionar os desertores armados, seguiram-nos sem muito afã. O tenente-coronel esporeou seu cavalo para os preguiçosos sargentos.

— Vamos! Vamos! Vamos!

Richard Sharpe ouviu aqueles gritos, deu uma espiada e se levou a carabina ao ombro. Girdwood podia conseguir que reagissem e ele se encarregaria de desanimá-los. Apontou para o cavalo de Girdwood, fechou o olho para evitar o clarão da pólvora e disparou. A montaria de Girdwood virou bruscamente, assustada com a bala, e Sharpe o ouviu xingar os sargentos. Recarregou a arma com mãos especialistas e deixou atônitos seus perseguidores ao disparar uma segunda bala para o ar apenas alguns segundos depois da primeira. Virou-se, voltou a correr atrás de Harper e ouviu somente um disparo em resposta. Ninguém mais, nem Girdwood, nem seus oficiais, nem os sargentos, queria continuar aquela perseguição de um homem tão experiente no manejo da arma. Deixaram que os dois amigos seguissem seu caminho porque confiavam que a milícia ou o piquete da ponte acabariam com aquela situação descontrolada.

— Está tudo bem? — perguntou Richard Sharpe quando alcançou o irlandês.

— Este bastardo se calou para sempre! — Harper havia encontrado uma pistola no cinto de Finch e havia golpeado na cabeça do capitão com a culatra. — Aonde vamos?

— Por aqui! — Sharpe, correndo com rapidez, cruzou a estrada e o conduziu de novo para a marisma.

Ainda estavam em Foulness, ainda lhes perseguiam, tinham inimigos pela frente, mas eram fuzileiros unidos pela guerra e recorreriam a todas suas habilidades naquela noite de lua e loucura. Eles iriam lutar.

Capítulo 11

Naquela manhã em que o sargento Lynch lhes ordenou sair da ilha, Sharpe observou uma vala de drenagem orientada para noroeste da estrada e que apontava, como uma linha reta em um mapa, para a casa de sir Henry. Era para esta vala que agora se dirigiam.

— Vamos para a enseada! Você primeiro! — Richard carregou de novo a carabina, tentando ver se os perseguidores estavam se aproximando, mas seus primeiros disparos haviam acabado com a pouca coragem que possuíam. Por um momento, ficou envergonhado que aqueles homens usassem o uniforme do South Essex. Deu meia volta e correu para Harper.

O sargento havia parado junto à enseada que beirava a ilha.

— Vamos deixar esse bastardo escapar, senhor? — puxou pela bainha da casaca de Finch.

— Deixe-o! — Seus perseguidores estavam muito longe deles para necessitar de um refém agora; Harper bateu de novo em Finch para que não fizesse ruído, depois lançou o oficial ao barro. Esporeou o cavalo para que se metesse na água. — Dê-me a arma, senhor!

Sharpe ergueu a carabina e o cinturão com a bolsa de munição. Havia baixa-mar e a água apenas lhe chegava aos joelhos, mas se caísse e os cartuchos se molhassem, ficariam indefensos. O cavalo, nervoso dentro da água, subiu ansioso sobre o enorme leito de juncos que cobria a enseada. Richard seguiu, seus sapatos se colavam no espesso lodo.

— Outro rio, senhor! — gritou Harper, e seu companheiro viu, consternado, que tinham conseguido abandonar Foulness só para chegar ao duvidoso refúgio daquela pequena ilha, pouco mais que uns grandes canaviais no meio da água. Este outro cruzamento era mais largo e parecia mais profundo, a água iluminada pela luz da lua redemoinhava ameaçadora, fluindo para a costa. — Segure o bridão, senhor!

Sharpe conduziu o cavalo até a água mais profunda e a corrente o arrastou. Achou que este devia ser o Rio Roach, onde Marriott quase o afogara, e permaneceu meio nadando, meio arrastado pelo cavalo aterrorizado até sentir, aliviado, que o animal estava levantando-se sobre a margem oposta e que o arrastava consigo. Solto o bridão e sacudiu a água de seu cabelo. Nesse momento viu a casa de sir Henry e, indo direto para ela, o caminho do dique marítimo que haviam percorrido essa manhã.

— Senhor!

— O que foi?

— Cavalaria. — Era estranho, mas de repente era como se estivesse na Espanha. Harper desceu do cavalo, com sua mão direita tocando a caçoleta da carabina para se assegurar de que estava carregada. — Uma linha de escaramuça desses bastardos, senhor. A oitocentos metros. — Apontou para o oeste. — Ainda não nos viram, mas nos verão se formos a cavalo.

— Estão se movendo?

— Não. — Harper sorriu à luz da lua. — Bando de preguiçosos.

Tinha que tomar a decisão correta. Se um deles montasse o cavalo e o outro corresse ao lado agarrado a um apoio para ir ao mesmo passo, a cavalaria os avistaria sobre a planície. Sua viagem seria mais rápida, mas a milícia, sem o estorvo que representava ter duas pessoas montadas em um mesmo cavalo ou de levar alguém agarrado ao lado, iria mais depressa que eles. Se fossem a pé permaneceriam ocultos, mas a viagem dali até a enseada demoraria o dobro do tempo, de modo que duplicariam o tempo em que poderiam ser encontrados. Estavam ante o dilema de visibilidade e velocidade contra a astúcia. Sharpe voltou a contemplar o caminho por onde tinham vindo, mas não pôde ver nem ouvir ninguém. Finch ainda devia estar aturdido pelo golpe dado pelo irlandês.

Richard pegou a arma e as munições.

— Deixe o cavalo manco, iremos andando.

— Maldita seja, teremos que correr. — Harper estava desafivelando o bridão. Atou juntas as patas dianteiras do cavalo. O animal emitiu um gemido nervoso e o irlandês o disparou. — Estou pronto.

Agacharam-se. O terraplano sobre o qual se estendia o caminho que se dirigia para a casa de sir Henry lhes cobria. Iam encurvados, tropeçando às vezes com as matas de erva, maldizendo quando davam um tropeço, avançando sempre à sombra da margem. Sharpe só parou um instante para espiar entre as ervas no cume do terraplano. Viu a luz da lua brilhando sobre os sabres e os cascos dos homens da cavalaria, que estendidos em uma longa linha revistavam as sombras e os canaviais a quatrocentos metros dali. Alcançou Harper.

— Os sacanas estão mais perto, mas não nos pegarão.

— Para onde nos dirigimos?

— Vamos roubar uma chata de sir Henry. Cruzaremos o rio.

Parou de novo, agachando-se junto às urtigas que beiravam o caminho em frente da casa de sir Henry. O caminho era branco sob a luz da lua, assim como os tijolos da elevada parede que dava ao jardim. Sharpe palmeou o ombro de seu amigo.

— Você primeiro.

O enorme irlandês deslizou para o caminho o mais silenciosamente que pôde e se dirigiu rapidamente para a vala situada no outro extremo. Não soou nenhum trompete da cavalaria nem se ouviu o eco de nenhum disparo na planície.

— Patrick! — Sharpe lançou a carabina para o outro lado do caminho e depois a munição. Olhou para trás, viu a cavalaria ainda longe; depois, correndo e rodando pelo caminho seco, meteu-se na vala. — Vamos!

Agora era simples deslizar entre as sombras do leito do rio meio limpo. As três chatas de caçar patos que Sharpe e Marriott haviam arrastado até a margem oriental nessa mesma manhã seguiam junto à confusão de mastros e aparelhos.

— Fure o fundo de duas delas, Patrick, consiga remos e leve a terceira ao rio. Eu lhe alcançarei.

— Sim, senhor!

Afortunadamente, a grade do alpendre dos botes ainda estava aberta. Se Jane Gibbons tivesse deixado ali a comida e o dinheiro, levaria apenas um momento para encontrá-los. Sharpe subiu às apalpadelas pela saliência de tijolos que corria ao longo do túnel. Sob o teto abobadado a escuridão era absoluta. Suas mãos exploraram o caminho vazio sem encontrar nada, nenhum volume, nem comida, nem dinheiro. Ouviu o ruído das tábuas lascando-se atrás dele quando Harper pisou no fundo de uma das chatas.

— Major Sharpe?

Deu um salto, assustado por aquela voz repentina; depois alguém empurrou para ele um volume de roupa, e viu, confundida na escuridão, uma figura encapuzada.

— Senhorita Gibbons, é você?

— Sim! Tenho que lhe falar.

Sharpe subiu na Saliência. Viu Harper olhar nervosamente para o sul enquanto quebrava a segunda chata. Richard estava pegando a trouxa quando a mão enluvada de Jane Gibbons, em um gesto inconsciente de nervosismo, tocou seu braço. Permanecia em silêncio e olhava o homem descomunal que estava se esforçando para girar a terceira chata.

Harper sorriu.

— Obrigado por tudo.

Ela moveu a cabeça.

— Queria lhe ajudar. A milícia está aí fora?

— Sim.

— Virão aqui. Sempre nos advertem. — Retirou sua mão do braço dele. Estava sobre a plataforma construída ao final do túnel, o tablado de onde se podia descer ao interior dos botes. — Vai detê-los?

— Os leilões? Sim.

— O que acontecerá a meu tio?

Por algum motivo, a pergunta o surpreendeu; ele a tinha considerado uma aliada, uma conspiradora, mas de repente viu o que não havia visto em todo o dia, que a desgraça de seu tio chegaria a prejudicar sua casa.

— Não sei. — Era uma resposta pouco convincente. Estava tentado a lhe falar dos homens que esperavam em *Pasajes*, da desgraça que sofreriam se sua façanha fosse desprezada e se lhes negasse uma vitória pela qual haviam sofrido e resistido todos estes anos.

— E o tenente-coronel Girdwood? Estará acabado?

Ouviu-se um som oco de madeira quando Harper jogou dois remos dentro da chata, depois começou a arrastá-la para o indicador distante que mostrava que este riacho chegava ao rio Crouch. Sharpe consentiu com a cabeça.

— Estará acabado. Será destituído.

— Bom! — Sussurrou a palavra, deleitando-se nela. Permaneceu calada alguns instantes. O alpendre para botes estava na penumbra, mas seus olhos brilhavam com o pálido reflexo da luz da lua. Olhou para Sharpe fixamente, quase desafiante. — Querem que me case com ele.

Foi como se, em um bonito dia, um disparo inimigo com um canhão de doze libras golpeasse o ar muito perto, surpreendente e repentino, ameaçador e inesperado. Sharpe ficou boquiaberto.

— Querem o quê?

— Esperam que me case com ele.

— Com ele?

— Meu tio exige — parou; seus olhos brilhavam em seu rosto na sombra —, mas se o destituírem...

— Estará acabado. — Ouviu um som metálico, o choque de um casco sobre a estrada. Naquele mesmo instante lhe chegou o canto de um bacurau, suave e insistente. Cu-ic, cu-ic, cu-ic. Sharpe nunca havia ouvido um bacurau nos pântanos. Era Harper avisando-lhe. — Tenho que ir! — Durante um segundo de loucura, quis levá-la consigo. — Voltarei. Compreende?

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente, de repente um trompete soou estrepitosamente, ouviu-se um alarido como o de um caçador e ele se afastou bruscamente dela:

— Voltarei! — Os primeiros disparos de carabina estouraram sobre o leito da ribeira.

A milícia era como um segundo Exército britânico, mas com privilégios. A um homem que entrasse na milícia nunca era exigido servir no estrangeiro, e sua esposa, ao contrário da de um soldado regular, recebia uma pensão quando seu marido estava longe de casa. Era um Exército mimado, débil, bem treinado e inútil. Fora criado para resistir a uma invasão que nunca havia chegado, e agora, nove anos depois, estava privando de bons homens às tropas regulares. Alguns homens da milícia haviam se transferido para as tropas regulares atraídos pelas recompensas e porque depois do treinamento queriam lutar de verdade, mas a maioria preferia evitar os perigos da verdadeira vida militar.

A cavalaria da milícia do South Essex, cujo coronel honorário era sir Henry Simmerson, mantinha uma tropa aquartelada perto de Foulness. Sua missão era patrulhar a zona para evitar o contrabando, defender o acampamento de Foulness e proteger a grande casa de tijolo de sir Henry. Se um homem escapasse de Foulness, os homens da cavalaria da milícia se entregavam ansiosos a uma rotina praticada repetidas vezes, pois lhes haviam oferecido uma recompensa se alguma vez conseguissem deter a um desertor. Agora, como um presente caído do céu, as tropas viram aquele homem descomunal arrastando a chata para o Crouch. Suas primeiras balas o obrigaram a se refugiar sob os juncos.

Sharpe escapou do alpendre dos botes levando a arma, a munição e a trouxa entre os braços; seus sapatos resvalavam no lodo traiçoeiro enquanto se dirigia para Harper. Um homem gritou atrás dele, uma bala estourou e passou assobiando junto aos tijolos situados a

sua esquerda, enquanto outra levantou uma coluna de água resplandecente justo a sua direita. Ouviu ao oficial da milícia ordenando a seus homens para avançarem. Alguns haviam desmontado para descer ao leito do riacho, outros esporeavam seus cavalos pela margem oposta.

Jane ia se casar com Girdwood? Iam entregá-la àquele velho grudento? Uma bala rangeu nos juncos à direita de Sharpe, que escorregou de novo, e outro disparo estalou sobre um charco de lama junto a seu pé, quando já estava junto da chata.

— Aqui! — Lançou a carabina para Harper, depois a bolsa de munição, e jogou o pacote de Jane para dentro da chata. — Eu a arrastarei! Mantenha esses sacanas longe! E uma coisa, Patrick!

— Senhor? — Harper estava se pondo a coberto enquanto seu major arrastava a chata para o rio. Não mate nenhum deles. Estão do nosso lado, lembra?

— Não creio que eles saibam disso, senhor. — Harper sorriu. Era um pouco mais rápido que Sharpe com a arma, se possível.

A infantaria britânica podia efetuar quatro disparos em um minuto, enquanto que o melhor dos franceses só podia disparar três vezes, mas qualquer um dos dois disparava cinco vezes em um minuto com um mosquete limpo em um dia seco. O irlandês sorriu e apertou o cinturão com a bolsa de munição. A milícia estava a ponto de descobrir o que era lutar contra o melhor.

Sharpe arrastava a pesada chata com todas suas forças enquanto maldizia, forçando suas cansadas pernas a atravessar o barro, a água e as raízes pegajosas. Uma bala se chocou entre os juncos que estavam junto dele, outra bateu na chata e lhe roçou no braço; depois, afortunadamente, o riacho virou, ocultando-o de seus perseguidores, e já havia água suficiente no leito meio limpo para que a chata pudesse avançar. Sharpe se perguntou, com um terrível e repentino temor, se uma bala perdida não teria ricochetado dentro do alpendre dos botes. Casar-se com Girdwood? Por Deus que acabaria com esse imbecil depravado! Patrick Harper se ajoelhou na curva do riacho, engatilhou a carabina do capitão Finch, viu que os soldados de cavalaria desmontados estavam mais perto que seus camaradas a cavalo e disparou.

Rodou para um lado, dissolvendo sua própria fumaça, e pegou um cartucho da munição capturada. Nesse momento estava fazendo seu trabalho, ainda que com uma carabina curta em lugar de um rifle; seu segundo disparo acertou estrepitosamente o leito do riacho doze segundos depois do primeiro e pôde ver como os homens da cavalaria, que nunca haviam enfrentado um inimigo que disparasse balas de verdade, punham-se a coberto precipitadamente.

Voltou a carregar a arma. Viu uma massa escura de homens nos canaviais à esquerda do riacho e disparou uma bala no solo diante deles; um cavaleiro na margem estava gritando para a cavalaria desmontada ordens de dispersar-se e disparar; Harper se jogou ao chão enquanto a descarga atravessava os juncos ao seu redor.

— Avançar! — gritou o oficial da cavalaria. — Avançar!

Havia algo nesta voz arrogante que tocou a fibra sensível de Harper. Ergueu-se de joelhos

com o rosto esquivo e disparou uma bala no homem que dirigia o ataque de cima do leito do rio.

— Isto é pela Irlanda. — Disse para si mesmo, e já tinha o cartucho seguinte em sua mão e a bala pronta em sua boca quando o cavaleiro ferido se pôs a gritar e a agitar-se, enquanto seus camaradas permaneciam aturdidos porque haviam visto sangue verdadeiro essa noite, seu próprio sangue. O irlandês já estava se preparando para seu disparo seguinte.

Estava se divertindo. Só um oficial como Sharpe, pensou, teria dado a um irlandês uma oportunidade como esta; e ainda que seus primeiros disparos só tivessem a intenção de advertir e de ferir, e apesar de seu major ter dito para não matar ninguém, a voz do oficial da milícia e a proximidade da última descarga haviam feito entrar em ebulição seu sangue irlandês. Falava para si mesmo, murmurando em gaélico, aguardando o oficial que havia se mantido a salvo na margem e que gritava para seus homens que se lançassem sobre o perigo.

— Avançar! — gritou o homem. — Espalhem-se para a esquerda! Rápido!

Harper tinha a arma contra o ombro. Viu o oficial agitando sua espada, animando suas tropas cobertas de barro, mas sem sujar-se ele mesmo na perseguição, e então soube para onde iria a bala; sabia com toda precisão aonde ela iria parar. Sorriu, esticou seu dedo, disparou e viu o oficial retroceder com a bala exatamente onde Harper havia apontado. Um morto, um ferido, e já estava voltando a carregar. A milícia, que nunca havia visto como lutavam os homens de Wellington, estava tendo uma pequena amostra disso neste pântano de Essex.

— Patrick!

Sorrindo, deixando que fugissem fuga, Harper correu para trás em direção à água pouco profunda, virou-se e, segurando a carabina com uma mão e a baqueta com a outra, correu para Sharpe. A chata estava flutuando em um açude em meio dos juncos, e Richard lhe fez sinais para que se metesse nela. O peso do irlandês encalhou momentaneamente a chata, mas seu major empurrou a lama com o remo e se dirigiram para o rio aberto que fluía além do poste indicador. Uma bala passou assobiando entre os juncos a sua direita, outra lhes salpicou por cima da cabeça e Sharpe segurou um punhado de plantas da borda do canal e arrastou a chata para frente até que a proa foi arrastada repentinamente para o leste pela violenta corrente. Deu um último empurrão no bote com o remo e já estavam no amplo rio Crouch que os levaria para o mar, que Sharpe sabia que ficava a três quilômetros de distância.

— Remar!

Os dois homens, ajoelhados no piso, cravavam os remos na água e conduziam a chata para a margem norte.

Ouviram um grito atrás deles, um grito de ira, e Harper se pôs a murmurar a oração que diziam todos os soldados e marinheiros frente ao inimigo:

— Obrigado, Senhor, por tudo o que vamos receber.

A descarga fez saltar água ao seu redor, pequenos jorros brancos que subiam e desciam; os dois homens moveram rapidamente seus braços e conduziram a chata através das ondas e dos

disparos até o centro do rio. Sharpe ouviu o tamborilado das baquetas atrás de si.

— São lentos — disse Harper com desprezo. — A estas alturas, já teríamos disparado duas vezes.

— Ainda podem nos matar. Reme!

Assim o fez, sua força fazia seu lado da chata avançar mais rapidamente que o de seu companheiro. A água fria procedente de seus desajeitados golpes lhes salpicava.

— Sinto muito, mas acho que matei um desses sacanas, senhor!

— O quê?

— Matei um deles, senhor! Foi um acidente, certamente. Não pretendia matá-lo.

Sharpe pareceu não se importar.

— Que vão ao inferno. Não deveriam tentar nos matar — disse irritado, e meteu seu remo dentro da água justo quando a segunda descarga chegou da margem sul.

A segunda descarga foi mais desigual, os salpicos estavam mais espaçados porque a chata estava agora a mais de cem passos da margem, mas uma bala se chocou contra a bancada, fez saltar algumas lascas e entrou na escuridão com um assobio. Harper riu.

— Maldito disparo de sorte.

— Reme!

Foram arrastados rio abaixo e agora estavam de frente para Foulness, e Sharpe pôde ver umas formas escuras na margem sul, silhuetas de homens e de um cavaleiro. Também viu o súbito lampejo dos mosquetes, algumas cintilações confusas que se refletiam sobre a água formando longos e trêmulos feixes de luz, mas de novo a descarga não atingiu o alvo, pois disparavam de uma distância sem possibilidade alguma de acertar. Então a proa da chata se chocou com a margem norte e Harper, carabina na mão, saltou para a margem e arrastou para cima a chata.

Sharpe o seguiu, levando a trouxa, e encontrou Harper se ajoelhando no dique e apontando com a carabina.

— Não desperdice nenhum disparo — disse Sharpe.

— Este não desperdiçarei, senhor! — Harper apontou para o cavaleiro da margem sul e apertou o gatilho. A bala assobiou ao longe, passando por cima do Crouch, e depois o irlandês, levantando-se totalmente, encheu seus pulmões e deu um grito que se propagou na noite que se estendia por cima do rio e do pântano prateados pela a luz da lua. — Isto é pela Irlanda, sacana!

Ouviu-se um grito do lugar-tenente coronel Girdwood; Sharpe não estava seguro se era devido à dor da ferida ou de seu orgulho. Depois, rindo do desafio de Harper, virou-se e conduziu o grande sargento terra adentro.

Haviam fugido de Foulness, mas não haviam escapado da perseguição do tenente-coronel Girdwood. Sharpe sabia que, mesmo neste momento, haveria cavaleiros cavalgando para o primeiro vau ou ponte sobre o rio Crouch e que Harper e ele deviam se mover; e rápido.

Foram para o norte através da noite banhada de lua. Viraram para o oeste, onde podiam ver colinas e árvores, um cobiçado refúgio para todo soldado de infantaria em apuros. Caminhavam rápido, afastando-se do Crouch, afastando-se da terra que ao amanhecer seria revistada por uma milícia enfurecida. Olhavam sempre para o oeste, buscando cavaleiros, buscando o lampejo da lua em um sabre ou em uma insígnia, mas parecia que se achavam sozinhos naquelas terras prósperas, de abundantes plantações, fazendas adormecidas, suaves colinas, extensos pastos e escuros bosques.

A alvorada acabou com a euforia de sua fuga. Haviam alcançado uma colina que lhes mostrava a vista para o norte e o panorama era desanimador; pior ainda, podia significar a derrota, pois, estendendo-se de oeste a leste, brilhando sob o sol nascente, havia outro rio. Era um rio muito mais largo e profundo que o Crouch; uma enorme e brilhante barreira que bloqueava sua fuga para o norte, assim como o mar e o rio Crouch lhes bloqueavam o leste e o sul. Só podiam se dirigir para oeste, e Sharpe sabia que ali a cavalaria lhes estaria aguardando. Ao amanhecer, esse cordão de cavalaria começaria a revistar minuciosamente o terreno existente entre os dois rios.

Desembrulhou a trouxa que Jane Gibbons lhe havia dado. Ela ia se casar com Girdwood? A ideia o havia deixado estupefato. Sir Henry a ia casar com aquele idiota afetado? Lembrou-se da mão dela sobre seu braço, o brilho da luz da lua em seus olhos e desejou, desafiando seu senso comum, que ela pudesse compartilhar aquela viagem cheia de perigos. Ele a livraria do destino que estava condenada e que ofendia a Sharpe de um modo tão terrível e profundo, porque ele tinha seus próprios planos; seus ridículos e infundados planos; planos de matrimônio.

Um simples pano preto cobria a trouxa. Dentro havia um embrulho de papel que continha um enorme pedaço de queijo pálido e que se esmigalhava, uma fogaça de pão meio cortada e envolvida em mais papel encerado e um estranho pedaço de carne com gelatina.

— O que é isto? — Harper ficou olhando a carne.

— Não sei. — Sharpe cortou a carne com a baioneta que tomara do sentinela em Foulness e comeu um pouco. — Demônios! Está delicioso!

Junto ao queijo havia uma bolsa de couro, abriu-a e dentro achou, Deus abençoasse a garota, três guinéus de ouro. O irlandês se serviu um pouco de carne.

— Posso fazer uma pergunta, senhor?

— O que é?

— Convenceu sir Henry a deixar isto para nós? — disse com um sorriso.

— Ele foi a Londres. — Richard se lembrou de sir Henry dizendo algo similar perto do corpo de Marriott. Cortou o queijo. — Lembra-se daquele sacana que matou em Talavera? Christian Gibbons?

— Sim.

— Lembra de sua irmã?

Harper havia se encontrado com Jane Gibbons na entrada da igreja naquele dia, quase quatro anos antes, quando Sharpe falava com ela junto à lápide de seu irmão. Harper olhou fixamente para seu coronel entre receoso e regozijado.

— Foi ela quem deixou isto para nós?

— Queijo bom, né?

— Magnífico. — Harper seguia olhando-o. — Acho que me recordo, senhor, que era uma garotinha preciosa, né?

— Eu também creio que me recordo disso — disse Sharpe. O irlandês riu, como se não estivesse seguro do que ia dizer, agitou a cabeça e pensou que não tinha nada a acrescentar. Em lugar disso se pôs a assobiar de um modo tão insolente como divertido, e Richard riu. — O que acha de esquecermos agora a senhorita Gibbons, sargento?

— De acordo, senhor.

— Como diabos vamos sair daqui?

— Por ali. — Harper estava apontando para o norte, abaixo, para a margem do largo rio. Sharpe viu, junto a um grupo de pequenas casas, uma fileira de enormes barcaças que alçavam seus mastros muito acima dos tetos de tábuas do pequeno povoado. — Alguma delas deve se dirigir a algum lugar, senhor.

— Vamos averiguar. — Percorreram o quilômetro e meio que havia até a margem do rio com tranquilidade e cautela, atentos sempre à possível aparição de homens da cavalaria que, conforme Sharpe tinha entendido, deveriam vir do oeste. Ainda não havia aparecido nenhum cavaleiro. Os cachorros ladraram quando se aproximaram da pequena aldeia, e Richard indicou a Harper mediante gestos que se escondesse em uma vala e lhe deu a carabina e a baioneta. — Espere meu sinal.

Sharpe seguiu caminhando para o diminuto povoado. Um cachorro tentou mordê-lo e, em frente a uma pousada com basculantes, uma mulher agarrou um menino e o manteve contra sua saia até que o vagabundo coberto de barro passasse. Desceu até um pequeno cais de madeira que sobressaía no largo rio, no qual estavam atracadas as enormes barcaças de mastros altos.

As barcaças estavam carregadas de feno, grandes fardos envolvidos em redes e atados com cordas debaixo dos pesados botalós rodeados de velas vermelhas. Os homens das barcaças o olharam com receio. Um lhe disse que fosse embora, mas Sharpe lançou ao ar um dos três guinéus, o recolheu de novo e ao ver o ouro se acalmaram. Escolheu o homem que parecia menos tosco de todos.

— Aonde vai?

O homem não disse nada a princípio e o olhou fixamente de cima abaixo antes de dar uma resposta, lentamente e de má vontade.

— Para Londres.

— Aceita passageiros?

— Não gosto de vagabundos. — Tinha o forte sotaque de Essex que Sharpe havia ouvido tão amiúde na linha de batalha de seu regimento.

O fuzileiro mostrou o guinéu em sua mão.

— Aceita passageiros?

— Quantos?

Detrás de Sharpe, um galo desafiou a manhã. Richard tentava escutar som de cascos, mas não queria mostrar nenhum medo.

— Somos dois.

— Um por cada um. — Era um verdadeiro roubo, mas o homem, reconhecendo a andrajosa casaca do uniforme debaixo do barro, devia ter adivinhado o desespero de Sharpe.

Sharpe lhe deu o guinéu e mostrou o segundo.

— Será seu quando chegarmos lá.

O indivíduo sacudiu a cabeça indicando os barcos.

— É o *Amelia*. Solto amarras dentro de cinco minutos.

Richard pôs dois dedos dentro da boca, assobiou, e apareceu a enorme silhueta de Harper com a arma. O homem os contemplou em silêncio enquanto subiam a bordo e depois, com um só garoto como ajuda e evitando toda colaboração dos dois soldados, içou as três enormes velas vermelhas. A barcaça se separou lentamente do cais adentrando-se no rio, que se chamava Blackwater, disse, e deslizaram para o mar empurrados por uma suave brisa de terra.

Meia hora mais tarde, quando haviam deixado a terra para trás e se dispunham a realizar o amplo giro ao redor dos bancos de areia da costa de Essex, Harper indicou com a cabeça para a costa. O homem do barco olhou e não viu nada, mas Sharpe, cuja vida e saúde na Espanha dependiam de sua capacidade de distinguir a cavalaria ao longe, viu os cavaleiros em uma das colinas baixas.

Reclinaram-se sobre a pequena cobertura junto à carga. Antes de chegar a Londres, Sharpe sabia que deveriam jogar pela borda a carabina e a baioneta, porém, de momento, as armas representavam uma pequena segurança contra a tentação do dono da barcaça de entregá-los como desertores. A água golpeava e descia pelo lado do barco, o vento enchia as velas, o sol esquentava e Harper dormia. Sharpe cochilava com a carabina sobre seus joelhos e sonhava com uma garota encapuzada na penumbra, que o estivera esperando em um túnel úmido. Graças a Jane Gibbons haviam escapado de Foulness, mas ela, prometida em matrimônio por ordem de seu tio, ainda seguia presa nos pântanos. Sonhou como seria sua vingança e se deixou transportar pelo barco para um lugar seguro.

Capítulo 12

Na manhã seguinte Sharpe viu que colavam alguns cartazes pelas paredes de Londres. As letras impressas eram grandes e negras, e na parte superior tinha o escudo de armas real, de um colorido vermelho chamativo. Parou, de volta de Southwark, onde havia passado a noite, e leu um dos cartazes que havia na velha ponte de Londres.

GRANDE REVISTA

Com a presença e sob o comando de

SUA ALTEZA REAL O PRÍNCIPE DE GALES

Na manhã de sábado, 21 de agosto, em Hyde Park, a cavalaria, artilharia e infantaria de sua majestade, com suas bandas, estandartes e acessórios, desfilarão ante sua alteza real, o príncipe de Gales, o príncipe regente, e ante sua alteza real, o duque de York, junto com os troféus e peças de artilharia capturados durante a guerra contra os franceses que se trava atualmente na Espanha.

E, por desejo e ordem do gracioso comando de sua alteza real, as tropas representarão, com precisão e verossimilhança, a recente grande vitória obtida sobre as forças do tirano corso em Vitória.

DEUS SALVE O REI!

A batalha de Vitória, pensou Sharpe; estava sendo explorada ao máximo. Provavelmente serviria para tirar da cabeça dos londrinos o aumento dos preços da comida e os incessantes aumentos dos impostos que alimentavam a guerra.

Estava vestido com o uniforme que comprara para ir a Carlton House, suas botas velhas lustradas, a bainha brilhante; apenas lhe restava como recordação de seu tempo em Foulness as crostas de sangue nas bochechas.

Havia deixado Harper em Southwark, tomando um copioso café da manhã e entretendo a Isabella e a seus familiares com histórias sobre a fuga pelas marismas. Assim que tinha acabado o desjejum, o sargento levou uma mensagem para a Taberna da Rosa para D'Alembord e Price. Sharpe desejava fervorosamente que seus dois oficiais tivessem se mantido afastados de lorde Fenner.

Richard parou na Rua Saint Albans, e retirou em Hopkinson trinta guinéus do ouro que havia deixado com o agente do Exército. Voltava a ter dinheiro, usava um uniforme adequado e estava preparado para lutar contra Girdwood, e todos os homens que tiravam benefícios do

acampamento de Foulness.

Estivera pensando largamente, enquanto a barça do Tâmis avançava pesadamente para Londres com a maré, em como ia travar essa batalha. Harper era a favor de fazer uma imediata incursão no acampamento, os dois uniformizados como lhes correspondia; porém, ainda que fosse uma possibilidade tentadora, Sharpe a havia descartado. Em lugar disso, ainda que com certa inquietação, se dirigiria para as autoridades. Voltaria à burocracia, atrás da qual se ocultavam Simmerson e Girdwood, contra deles. Regressaria a Foulness, mas a seu tempo e por um assunto diferente; um referente a uma garota de cabelo dourado que lhe havia ajudado a escapar.

Atravessou Whitehall, esquivou um monte de bosta que estavam limpando do pátio da Guarda Real, devolveu o cumprimento dos sentinelas, e fez um sinal com a cabeça para o zelador que lhe abriu a porta. Outro zelador, vestido com seu uniforme resplandecente, lhe deu uma olhada suspicaz quando se aproximou da mesa onde devia expor seu assunto.

— Seu nome, senhor?

— Major Richard Sharpe. South Essex.

— Certamente, senhor. Esteve aqui faz alguns dias.

O homem, tão grande como Harper, havia perdido um olho. Era um soldado veterano, licenciado por ferida de guerra, e, dado que Sharpe era um combatente e não um administrador uniformizado, se endireitou o suficiente para oferecer-lhe um sorriso.

— E o que podemos fazer pelo senhor, hoje?

— Vim para ver o duque de York.

O sorriso desapareceu.

— A que hora, senhor?

A pergunta foi cortês, mas sem dúvida as palavras continham um aviso.

— Não marquei o encontro.

O zelador, balançando-se para cima e para baixo sobre seus pés, ficou olhando com seu único olho para o fuzileiro.

— Não tem hora marcada, senhor? — perguntou articulando lenta e separadamente cada palavra.

— Não.

— Sua alteza real, o duque de York — disse o zelador como se o segundo filho do rei fosse íntimo seu — não verá ninguém que não esteja agendado, senhor. Se quiser escrever sobre seu assunto, senhor — acrescentou, e indicou com a mão uma escrivaninha situada debaixo das janelas que davam para Whitehall.

— Esperarei — disse Sharpe.

Negou-se a ser dissuadido, da mesma maneira que se negou escrever a natureza de seu

assunto. Insistiu em que esperaria até que o comandante-em-chefe o visse, sentou-se em um sofá de pele junto a uma lareira vazia e ignorou todos os rogos dos zeladores.

Pelo saguão iam e vinham homens. Alguns olhavam com curiosidade para o fuzileiro; outros, sentindo que o estavam importunando, lhe davam uma rápida espiada. O próprio Sharpe, enquanto o grande relógio junto à escada ia fazendo tique-taque pesadamente conforme avançava a manhã, contemplou um grande quadro situado sobre a lareira. Representava a batalha de Blenheim, e Sharpe o ficou olhando durante tanto tempo que achou que as linhas vermelhas da infantaria britânica avançavam ante seus olhos. Não havia mudado grande coisa, pensou, em cem anos. Agora as linhas de infantaria eram mais delgadas, mas os campos de batalha eram muito similares. Bocejou.

— Major Sharpe?

Um oficial, perfeitamente uniformizado, lhe sorriu.

— Sim.

— Capitão Christopher Messines. É uma grande honra, senhor. Entre por aqui, senhor.

O zelador lhe deu uma olhada que parecia dizer “eu lhe disse” enquanto Sharpe seguia ao capitão atrás de uma porta. Avançaram por um corredor com pinturas penduradas, e entraram em uma pequena sala de espera que dava para o campo de instrução. Messines lhe apontou uma cadeira.

— Café, major? Chá, talvez? Xerez?

— Café.

O oficial se dirigiu a um aparador onde havia um serviço de prata e serviu café em duas xícaras diminutas e frágeis decoradas com flores azuis.

— O senhor queria ver a sua alteza real? Sente-se por favor, major. Não faça cerimônia. Uma bolacha, talvez? Faz um tempo realmente estupendo, não acha?

— Maravilhoso!

Parecia que Messines estivesse fascinado com as duas crostas de sangue que Sharpe tinha nas bochechas, mas era muito educado para lhe perguntar como as tinha conseguido.

O capitão foi muito cortês. Sentia que sua alteza real estivesse cheio de trabalho, e que enquanto eles estavam falando, a carruagem de sua alteza real esperava no exterior e apenas Deus sabia quando regressaria. Porém, se o major Sharpe não se importasse, podia dizer ao capitão Messines a natureza de seu assunto.

O major Sharpe não o faria.

Messines pestanejou como se o fuzileiro o tivesse entendido mal e lhe dedicou um amplo sorriso.

— Não é um café esplêndido? Acho que os grãos para esta mistura foram capturados em Vitória. O senhor esteve lá, certamente.

— Sim.

O oficial suspirou.

— Sua alteza real não vai receber visitas inesperadas, major. Espero que entenda.

Richard esvaziou a xicarazinha.

— Quer dizer que é inútil esperar?

— Totalmente inútil — respondeu Messines, e lhe dedicou um sorriso culpado para suavizar a má notícia.

Sharpe se levantou e ajeitou corretamente a grande espada.

— Estou seguro de que o príncipe de Gales ficará fascinado com minha notícia.

Foi um tiro no escuro, mas deve ter acertado o alvo, pois Messines levantou ambas as mãos em sinal de apaziguamento.

— Meu querido major Sharpe! Por favor! Sente-se, eu lhe peço!

O fuzileiro supôs que restava pouco amor fraternal entre o príncipe de Gales, amante dos prazeres, e seu austero irmão, o duque de York. A inépcia do duque como general havia dado lugar a alguns versos jocosos que explicavam que, na campanha de Flandes, havia feito dez mil homens avançarem até o cume de uma colina e depois os havia feito descer; contudo, tinha se revelado um administrador eficiente, metuculoso e mais que honesto. Tinha havido apenas um escândalo, quando se soube que sua amante vendia nomeações e cargos. As palavras de Sharpe insinuavam que o príncipe de Gales saborearia outro escândalo que podia manchar a severa reputação de seu irmão.

Messines sorriu.

— Se o senhor pudesse me dizer do que se trata, major.

— Não.

Richard havia decidido que tinha que falar somente com o duque, o comandante-em-chefe. Havia outros homens importantes nesse edifício, mas ele não sabia quais deles estariam implicados, como Fenner, no caso de Foulness. Inclusive lhe ocorrera que talvez existissem outros acampamentos realizando o mesmo tipo de recrutamento.

O capitão voltou a suspirar. Ficou olhando o quadro de um cavaleiro pendurado em uma parede; depois deu de ombros olhando para Sharpe.

— Talvez tenha que esperar durante muito tempo, senhor.

— Não me importa.

Messines desistiu. Convidou o fuzileiro para ficar no pequeno cômodo, e inclusive foi buscar para ele um exemplar do *Times* daquela manhã.

O diário lhe deixou surpreso. Havia um informe a respeito de San Sebastián, no norte da Espanha, e dizia, ainda que não de forma destacada, que pelo menos um assalto contra a cidade havia fracassado e que o Exército britânico, apesar do tom otimista do jornal, se sentia frustrado e havia sofrido numerosas baixas. Mas o que seguia lhe deixou ainda mais atônito: o

jornal falava de uma vitória. Ainda que a informação fosse confusa, Sharpe, a quem o general Nairn dissera que o restante do verão seria um respiro em meio da guerra, agora lia que os seus haviam rechaçado um ataque francês do outro lado dos Pirineus depois de um horrível combate. Havia uma lista de baixas em uma página interna e o fuzileiro a leu atentamente. Não se mencionava a nenhum homem do reduzido South Essex, portanto, talvez, pensou, seguiam vigiando os cais de *Pasajes*.

Ficou olhando o campo de instrução. Os homens combatiam e morriam na Espanha e ele estava aqui! Achava que fosse um destino amargo. Seu lugar não era ali onde os homens bebiam o café em xicarazinhas excelentes.

No corredor um relógio deu as onze.

Leu o resto do jornal, mas não havia mais notícias da Espanha. O aumento do preço do pão em Leicestershire havia causado um monte de alvoroços; a milícia, que fora chamada, havia tido que disparar uma descarga de mosquetes contra a multidão. O povo havia entrado à força em uma fábrica de tecidos, temerosa de que a maquinaria lhes tirasse os postos de trabalho; os teares foram destroçados com martelos, os eixos das rodas eram incendiados, e os juízes municipais se viram obrigados a chamar a milícia local.

Sharpe voltou ao informe sobre a Espanha. Havia sido travada uma batalha em Sorauren. Nunca ouvira falar desse lugar, e se perguntou se ficava na França ou na Espanha, pois a fronteira era um pouco confusa nos Pirineus. Pensou que o *Times* provavelmente mencionaria se alguma das tropas britânicas houvesse atravessado a fronteira. Ele queria estar lá quando isso acontecesse, queria estar lá com seu próprio regimento.

O relógio deu as doze e a porta que havia atrás dele se abriu.

— Richard! Por todos os santos! Richard!

Sharpe se virou, assombrado pela amável interrupção. Um homem com um só braço, de boa aparência e elegantemente vestido com roupa de civil, entrou olhando-o de frente, sorrindo e cumprimentando-lhe com naturalidade.

— Meu querido Sharpe! Tinha assuntos com o ajudante do general e o zelador me disse que estava aqui!

— Senhor! — O fuzileiro sorriu com verdadeiro prazer.

— Meu querido Richard! Alegro-me de ver-lhe! E você quase está vestido da forma adequada!

Sharpe lhe apertou a mão.

— Como está, senhor?

— Meu querido amigo! Extraordinariamente bem. Você tem muito bom aspecto, mas que muito bom. — O honorável William Lawford sacudia a mão de Sharpe de cima abaixo. — Salvo a cara. Andou brigando com um gato?

Lawford estava mais gordo que quando fora o tenente-coronel do South Essex, e muito mais ainda de quando fora tenente na Índia e Sharpe era seu sargento. Foram prisioneiros do

sultão de Tipu, e naquele tempo o tenente Lawford era magro como uma baqueta. Agora, fora do Exército, e evidentemente prosperando como civil, sua cintura havia se alargado e o rosto tinha ficado arredondado com a boa vida e o êxito.

— O que está fazendo aqui, Richard?

— Tentando ver o duque.

— Meu querido amigo! Você vai esperar em vão! O duque foi a Windsor e duvido que voltemos a vê-lo esta semana. Quer comer algo?

Sharpe hesitou, mas a certeza de que o duque não regressaria para a Guarda Real acabou por convencer-lhe.

— Sim, senhor.

— Esplêndido.

Lawford tinha uma carruagem, um veículo luxuoso, alto e aberto puxado por quatro cavalos que conduziam criados com libré. Atravessaram o campo de instrução com rapidez e o antigo militar levantou sua bengala, para devolver o cumprimento de um cavaleiro que vinha do parque, e sorriu para Sharpe.

— Tinha ouvido que estava em Londres. Esteve com Prinny, né?

— Sim.

— Que bobo ele é! Quase me corta a cabeça com a espada quando me nomeou cavaleiro!

Deu uma risada, e Sharpe notou que a verdadeira mensagem que estava lhe dando era que se convertera em sir William.

— Foi nomeado cavaleiro?

— Sim — respondeu Lawford, sorrindo com modéstia ante a evidente admiração de seu acompanhante.

— Uma bobagem, certamente, mas Jessica gosta.

Richard sinalizou a carruagem em que iam sentados.

— Deve de estar prosperando, senhor!

— É muito amável de sua parte, Sharpe! — Sir William sorriu. — Na atualidade tenho alguns poucos acres. Estou na câmara comum, certamente — deu uma risada como se fosse uma miudeza —, ocupo uma poltrona de magistrado e também envio alguns safados para a Austrália. Isso me mantém ocupado. Ah! Já chegamos!

Haviam passado pelo palácio de Saint James e se detiveram na colina que havia detrás. Os criados se apressavam a abrir a porta da carruagem. Lawford fez um gesto para que Sharpe fosse à frente, subiram alguns degraus que davam a um grande saguão e alguns criados obsequiosos cumprimentaram sir William. Evidentemente, era um clube de cavalheiros. Guardaram a espada de Richard e o conduziram a uma sala de jantar.

Lawford pegou o fuzileiro pelo cotovelo.

— Preparam um cordeiro frito com tempero que lhe recomendo de verdade. O salpicão é realmente o melhor de Londres. Ou talvez prefira a sopa de tartaruga? Ah, esta mesa, esplêndida.

A refeição foi excelente. Achavam estranho pensar que a última vez que se viram foi no convento de Cidade Rodrigo onde, com a cidade ainda fedendo a fogo e fumaça dos canhões, Lawford jazia em uma cama com o braço esquerdo recém amputado. Deu uma risada ao recordá-lo.

— Ao que parece tive sorte de perder Badajoz, não?

— Foi péssimo.

— Você sobreviveu, Richard!

Lawford levantou a taça de vinho e fez um sinal com a cabeça para o garçom para que servisse outra garrafa. Ofereceram-lhes alguns charutos, e Sharpe ficou admirado ao observar a destreza com que seu anfitrião fazia uso de sua única mão para cortar o charuto e acendê-lo. Dispensou a ajuda do garçom, preferia, disse, cortá-lo ele mesmo. Soltoou uma voluta de fumaça.

— E por que diabos queria ver a York?

Sharpe lhe explicou. Queria dizer aquilo a alguém, e quem melhor que este membro do Parlamento, magistrado e soldado veterano com quem havia combatido em dois continentes.

Lawford escutava, algumas vezes fazia uma pergunta, outras lhe incitava a continuar. Seus olhos astutos observavam o fuzileiro, e se a história de Foulness lhe havia surpreendido, teve o cuidado de ocultá-lo. Na realidade, apenas se surpreendeu quando Sharpe lhe falou da tentativa de assassinato.

Quando a história tinha terminado, Lawford largou o charuto e tomou um trago de conhaque. Fez girar o líquido no interior da taça e ficou olhando para seu antigo oficial.

— Portanto qual é seu interesse pessoal, Richard?

— Pessoal? — perguntou Sharpe perplexo. Lawford voltou a pegar o charuto e desenhrou uma figura no ar deixando um rastro de fumaça.

— O que quer obter disto?

O fuzileiro não respondeu imediatamente. Não era o momento de falar de Jane Gibbons e de seu desejo de salvá-la de um matrimônio odioso.

— Apenas quero homens para levar comigo para a Espanha. Quero um batalhão para combater na França.

— Ah! — exclamou Lawford, maravilhado de que não quisesse nada mais. — Já vejo, já vejo. A quem mais contou isso?

— A mais ninguém.

— Salvo a seu sargento, certamente. Está bem, não?

— Sim, senhor.

— Diga que perguntei por ele. Um tipo excelente, para um irlandês. — Lawford franziu o cenho. — Diz que matou a um homem da milícia?

— Sim. Matamos a um.

Sir Williams sorriu ao ouvir o plural.

— Um pouco desajeitado, talvez? Não deveria tê-lo feito.

— Queriam nos matar!

— Terei que responder perguntas, Richard, muitas perguntas! Haverá tipos que se levantarão sobre as patas traseiras por molestar o Governo. A coisa ficará feia.

— Diga que perseguiam a contrabandistas!

Sharpe não entendia esta preocupação por um homem da milícia.

— Muito astuto! Contrabandistas! Muito bem! Diremos isso. — Inclinou-se para frente e deixou a guimba do charuto em uma bandeja de prata. — Tem alguma prova desses leilões, Richard? Livros de contas, arquivos, papelada? — Sorriu.

— Contas?

— Provas, Richard, provas.

— Eu vi!

Sir William meneou a cabeça lentamente, depois tomou outro trago de conhaque.

— Meu querido Sharpe! Só o que você viu foram soldados no gramado de Simmerson! O resto são conjecturas!

Sharpe não lhe havia falado nada a respeito de Jane Gibbons nem o que ela lhe dissera, ainda que nesse momento, diante do rosto cético de Lawford, duvidava que o testemunho dela contribuísse de alguma forma para seu argumento.

— Eu vi...

— Já sei o que viu — sorriu para tirar acritude de suas palavras —, mas necessitaremos de provas.

Sharpe se reclinou. Sentia-se cômodo no aposento luxuoso, entre esses homens gordos, com papadas que tremiam por cima dos peitinhos de seda.

— Ouvi de lorde Fenner que não havia um segundo batalhão, salvo nos papéis, e demonstrei que estava equivocado.

— Aí está. — Sorriu Lawford. — Fenner é um homem ganancioso. Parece tão rico como Crespo, mas sempre quer mais. Não é alguém que escolheria como inimigo, pelo menos sem ter provas, hem?

— A prova está em Foulness. A um dia de marcha daqui!

— Estou seguro de que seja assim. — Sir Williams levantou sua mão com um gesto

apaziguador. — Mas temos outro ás na manga. O xis da questão é York.

— York?

— O duque; o bobo do Freddie. — Sir William voltou a sorrir. — Não desejará outro escândalo, isso é certo! Teve de renunciar ao cargo durante dois anos. Meu querido amigo, obrigado. — Sharpe tinha servido mais conhaque enquanto Lawford cortava outro charuto. — Eu acredito que deveria deixar comigo, Richard. — O fuzileiro ficou calado e sir William se inclinou para frente, persuasivo. — Deixe-me sondar, hem? Vai me deixar fazer isso, Richard? Digamos que me dá de prazo até o final da semana? — Deu uma risada. — Isso lhe dará a oportunidade de contemplar a batalha de Vitória de Prinny, certo? Gostará!

Sharpe não achava engraçada tal sugestão, mas aceitou. Sir William se movia em círculos que entendiam destas questões, enquanto que ele era um soldado carente de amizades em uma capital na qual ninguém se preocupava com ele.

— Devo então, simplesmente, não tentar ver o duque de York?

— Richard! — disse Lawford com voz aflita. — Só serviria para preocupar-lhe, e você já sabe como essa família é doentia. Meu caro Sharpe! Se eu me achasse diante de um Exército francês me encantaria contar com sua ajuda, não vê que agora você necessita da minha? Você quer seus homens, não?

— Sim.

— Então, farei tudo o humanamente possível! Não posso lhe prometer nada, certamente, mas acredito que posso ajudá-lo a sair desta. Onde está hospedado, Richard?

— Na Taberna da Rosa, em Drury Lane.

— Sei onde fica a Rosa, Richard — disse Lawford mal-humorado, e anotou o nome em uma caderneta com capa de prata. — Dê-me dois dias e venha me ver aqui na hora do almoço. Pode fazer isso? E não se preocupe a respeito de desobedecer a essas ordens de regressar à Espanha, eu me assegurarei que não haja queixas excessivas a esse respeito.

Sharpe franziu o cenho.

— Posso saber o que pretende fazer, senhor?

— Fazer? — Lawford fechou a caderneta de golpe. — O adequado, o inteligente. Umas poucas palavras discretas, Richard, aqui e ali. Graças a Deus, o Parlamento está de recesso, de maneira que podemos manter toda esta maldita confusão em segredo. E você, Richard — deu alguns golpes em Sharpe com o charuto novo —, não vai fazer nada. Ficar quieto, sem incitar o inimigo desde a linha de escaramuçadores. Isto é Londres, não a Espanha! — Deu uma risada. — Poderá vir jantar um dia destes? Lady Lawford não me perdoaria nunca que não o fizesse cair na armadilha uma noite.

— É muito amável, senhor.

— Bobagem! — Lawford sorriu. — Deixe que me ocupe de tudo, Richard! — pegou um morango que havia sobrado da comida e o pôs na boca. — Apenas deixe comigo.

— Sim, senhor.

Lorde Fenner se encontrou com seu hóspede na biblioteca. Sua senhoria estava chateado, pois tinha o hábito de pedir a lady Camoynes que o visitasse no final da tarde, deixando-lhe assim as noites livres para buscar outros prazeres. Naquela tarde, quando fechou a porta da biblioteca, lady Camoynes esperava lá em cima, e lorde Fenner, em vez de observar como se despia, se viu obrigado a ser educado com aquela visita inesperada e incômoda.

— Normalmente tomo uma taça de conhaque a esta hora. Acompanha-me?

Sir William Lawford consentiu com um sorriso. Apreciou os quadros que penduravam entre as estantes e ressaltou a presença de um desenho de navios no mar e de um Reynolds muito bom.

— É sua mãe?

— Sim — respondeu lorde Fenner, e ladrou pedindo um conhaque. — O senhor disse que este assunto era urgente, sir William?

— Se não fosse assim, não teria incomodado a sua senhoria.

Lawford ignorou a descortesia tão pouco dissimulada de seu anfitrião, e admirou o busto romano de uma mulher com um coque. Tudo naquele cômodo, desde os livros ao delicado papel chinês pintado à mão, dava testemunho do gosto excelente e da riqueza de lorde Fenner. Lawford aceitou o conhaque, esperou até que o servente se retirasse e se sentou na cadeira que Fenner lhe ofereceu.

— À saúde de sua senhoria.

— E à sua.

O dono da casa se sentou. Vestia um traje negro, um colete de seda branca e peitilho. Tentou adivinhar, através do comportamento de Lawford, que tipo de assunto era tão urgente a ponto de impor um encontro, mas seu rosto não transluzia nada. Fenner ia recordando o que sabia de Lawford: um soldado veterano, que agora se sentava nas cadeiras de couro verde da Câmara dos Comuns. Lorde Fenner cruzou as pernas e limpou a borla de um bota.

— O senhor me desculpará, sir William, se lhe disser que tenho outros compromissos esta noite?

— Certamente — disse Lawford, sorrindo. — Contudo, acredito que o senhor me escutará até o final. Ambos, afinal de contas, compartimos o interesse em assegurar que nenhum escândalo perturbe nossa administração. Este conhaque é muito bom! Meus contrabandistas me trazem um produto muito inferior.

— O senhor disse um escândalo.

Lawford olhou fixamente para o rosto pálido e magro de nariz aquilino.

— Girdwood, Foulness, leilões. Posso fumar?

Lorde Fenner estava muito assombrado para dar-lhe permissão ou negar. Ficou em

silêncio até que Lawford tivesse cortado e aceso um charuto com sua única mão, depois fez que sua voz nasal soasse deliberadamente calma.

— O senhor me desconcerta, sir William.

— Desconcerto?

— Brinca de adivinhações, assim como um menino.

Lawford deu de ombros em sinal de desculpa. Estava nervoso.

Aquele lorde bonito, ministro do Governo, transmitia tal ar de elegância e gravidade que parecia impossível que estivesse relacionado com um assunto tão sujo como o de Foulness. Lawford sorriu.

— Não imagino, nem por um momento, senhor, que saiba do que falo. Contudo, suponhamos que tenha alguma influência sobre aqueles que sabem. Sir Henry Simmerson, talvez?

Lorde Fenner não mostrou nem uma pitada do alívio que sentiu. Lawford estava mostrando suas cartas, e ainda que a primeira carta lhe tenha assustado, esta última demonstrava que sir William não buscava sua desonra.

— Suponhamos que sim, sir William — respondeu Fenner, com uma voz fria e inexpressiva.

Lawford, que havia meio esperado ser jogado à força da casa, até mesmo desafiado para um duelo, notou que as acusações de Sharpe eram verdadeiras. Lorde Fenner não havia admitido nada, mas o simples fato de que fosse falar significava que tinha muito que admitir. Sir William largou seu charuto e pegou o conhaque.

— Se as notícias das malversações de sir Henry em Foulness se fizessem públicas, milorde, não preciso lhe dizer quais seriam as consequências. Outro escândalo que sacudiria o Governo, gritos de traição, de corrupção, exigências de investigações e Deus sabe o quê.

Fenner seguia sentado sem se mover.

— Como poderia se tornar público?

— O major Richard Sharpe está totalmente a par dos fatos. — Sir William sorriu. — Ele tentou ver o duque de York hoje. O ajudante de York mandou me chamar porque sabia que eu fora comandante de Sharpe, e eu, de momento, consegui que ficasse calado. Deve me agradecer por isso. — Lorde Fenner conseguiu ocultar seu horror. Sharpe estava vivo? Ele havia achado estranho que os assassinos que contratara não tivessem reclamado sua recompensa, mas Sharpe tampouco havia voltado a aparecer, e se convencera de que o incômodo fuzileiro estava bem morto.

A porta do salão estava entreaberta e chiou; Fenner supôs que Arme Camoyne estava escutando. Maldita! Não se atrevia a fechar a porta por medo a que parecesse um sinal de nervosismo e, para ocultar sua surpresa e consternação, acendeu um charuto e se esforçou para que sua voz parecesse despreocupada.

— Diz que Sharpe falou com o senhor?

— Demoradamente. Um homem extraordinário, senhor. Quando o conheci era sargento; tem um dom para o combate, mas temo que não para a política. — Lawford sorriu como se tal carência em um homem fosse digna de compaixão. — É um tipo imoderado, amiúde temerário, e difícil de dissuadir. Defendeu, com uma paixão digna de elogio, a necessidade de manter na Espanha batalhões veteranos. Seu próprio batalhão, como bem sabe sua senhoria, está em perigo de ser dissolvido, e ele sente, não sem razão, que tem muito que fazer ainda na invasão da França. Se achar seus reforços são negados deliberadamente poderia chegar a ser muito incômodo. Compreende sua senhoria?

Fenner consentiu com a cabeça. Santo Deus! Como Sharpe podia ter descoberto Foulness? Teria gostado de saber; contudo, perguntá-lo revelaria demasiada inquietação.

— Afortunadamente — continuou Lawford —, não tem provas, portanto as possibilidades de molestar ao Governo são pequenas. Concordou em não fazer nada até depois de amanhã, milorde, e em deixar a resolução deste assunto totalmente em minhas mãos.

Fenner inclinou a cabeça com um gesto de alívio, pois agora sabia com quem tinha que tratar. Não com um fuzileiro safado qualquer, cuja paixão e inimizade assustavam a sua senhoria, mas com outro político, um homem que entendia que a diplomacia era a mais delicada das artes.

— O senhor tem alguma sugestão, sir William?

— Só uma vaga ideia — respondeu sir William sorrindo. — Na realidade, não sei se algo vai mal em Foulness. Um nome estranho, não?

Lorde Fenner sorriu, estas palavras indicavam que sir William não viera para dar lições de moralidade, mas para tirar proveito. Lawford chupou seu charuto.

— O que me preocupa é o major Sharpe. Eu lhe devo muitíssimo, senhor, incluída minha vida. Estará de acordo com meu desejo de conseguir tirá-lo desta complicação. Não queria vê-lo castigado, nem prejudicar sua carreira de forma alguma; além do mais, gostaria de vê-lo promovido. Se for culpado de algo, milorde, é simplesmente de um excesso de zelo no cumprimento de seu dever.

Lorde Fenner consentiu com a cabeça.

— O senhor disse que está em Londres?

— Não. Disse que concordou em não fazer nada até que fale com ele dentro de dois dias.

— O ele que quer?

— Seu batalhão.

Fenner sabia que agora era sua vez de jogar.

— Mas se não há batalhão, sir William, não pode tê-lo — disse com olhar desafiante.

Lawford notou que lorde Fenner queria dizer que todas as provas físicas existentes em Foulness (os homens, o próprio acampamento e tudo o que desse pistas do batalhão oculto),

seriam retirados. Os homens seriam enviados para diferentes depósitos da Grã-Bretanha, repartidos em diferentes seções, enquanto que as tendas e os edifícios seriam destruídos. Não haveria desonra para lorde Fenner, pois não haveria prova de nenhum tipo. Lawford sorriu.

— Eu pensava, milorde, que ele poderia receber um comando em um batalhão de fuzileiros na guerra da América. Necessitamos de bons homens lá.

— América? — Fenner achou muito bom; era uma guerra menor e se travava a cinco mil quilômetros. Ninguém se importava com o que ocorria na América. — Sem dúvida isto poderia ser arranjado, desde que não diga nada deste assunto absurdo.

— Se não tem provas, milorde, que importância teria?

Fenner ficou calado. Havia apenas uma prova que poderia destruí-lo: os arquivos secretos dos leilões do batalhão, mas estavam a salvo. Mesmo se o major Sharpe chegasse a encontrar os próprios recrutas leiloados, o que poderiam provar? Estavam inscritos em um batalhão de reserva, portanto tudo estava justificado. Os oficiais não podiam falar dos leilões, já que, como haviam recebido dinheiro, arriscavam-se a sofrer um castigo, enquanto que nenhum outro oficial, além de Girdwood, sabia que sua senhoria estava implicada.

Sir William lançou o charuto para a lareira vazia.

— O senhor me dá permissão para regressar amanhã e falar com o senhor, milorde? Não quero forçá-lo a uma decisão precipitada.

Fenner se levantou.

— América?

— Seria o mais conveniente. Ao comando de um batalhão, certamente. É o mínimo que podemos fazer.

Lawford se assegurava que Sharpe não saísse prejudicado. O escândalo seria evitado, o Governo estaria a salvo, e sua recompensa podia esperar.

— Certamente. — Fenner indicou a porta a seu hóspede. — Eu realmente sou grato ao senhor, sir William. Os homens com senso comum e discrição são um luxo atualmente. Temos de nos assegurar que suas qualidades não fiquem sem recompensa.

— Obrigado, milorde.

Isso significava que agora Lawford podia esperar um cargo no Governo, algo um pouco chato mas com um salário generoso.

Lorde Fenner não chamou um criado, ele mesmo abriu a porta principal.

— Espero sua visita amanhã. O senhor trouxe um casaco, um chapéu?

Sir William ficou no umbral sob o suave crepúsculo londrino e pensou que fora uma boa tarde de trabalho. Não haveria escândalo, não se ouviriam zombarias obscenas no Parlamento, a prova do delito desapareceria silenciosamente e Richard Sharpe, a quem apreciava de verdade, conseguiria uma recompensa justa. Seria promovido, teria para si um batalhão de fuzileiros, e ninguém, salvo os inimigos que enfrentassem esse batalhão, sofreria. Ninguém.

Lawford sorriu quando seu servente lhe abriu a porta da carruagem. Lorde Fenner, das janelas da fachada, observou como a carruagem de sir William se dirigia para Saint James. Estava contrariado. Havia sido descoberto; contudo, reconhecia que sir William fora muito delicado. Lawford queria uma recompensa; senão por que viera? Seu preço era o futuro de Sharpe. Fenner preferiria ver Sharpe esfolado vivo, mas a ascensão desse homem era um preço muito baixo.

Regressou ao salão, abriu a porta que havia ficado entreaberta e encontrou lady Camoynes folheando um livro.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Há um tempo, Simon.

— Você ouviu?

— Foi por isso que vim para esta sala. — A mulher sorriu, seus olhos brilhavam à luz da lamparina. — Você gostará de saber, Simon, que Lawford tem uma mulher muito ambiciosa e cara. Você é afortunado.

— Afortunado?

— Poderá comprar seu silêncio. Um batalhão para o major e um soldo para sir William.

— Você desaprova, não?

Disse isto para zombar dela, para menosprezá-la. Ela era sua, estava em dívida com ele, escravizada a seu vontade pela sorte de seu filho e sua herança.

— Em no lugar dele, Simon — disse lady Camoynes fechando o livro —, usaria isso para lhe destruir.

Ele deu uma risada.

— Mas você não é ele, e seu lugar em minha casa, Anne, fica lá em cima.

Lady Camoynes deixou cair o livro e, sem dizer uma palavra, virou-se e saiu da sala. Lorde Fenner a seguiu de graus acima. Como sempre, demonstrar que tinha poder sobre ela estimulou seu desejo. A noite ainda era jovem, e ia se divertir.

Capítulo 13

A maioria dos londrinos afirmava que os jardins de Vauxhall estavam fora de moda, que as delícias do jardim de recreio mais antigo de Londres tinham diminuído, eram meras sombras das glórias do passado; contudo, Sharpe sempre havia gostado de Vauxhall. Quando menino ia até ali desde os cortiços, era enviado para roubar carteiras entre seus passeios sombreados e por seus coretos, grutas, pavilhões, templos, estátuas e pórticos. Era iluminado por uma miríade de lâmpadas, a maioria com forma de estrela ou de lua minguante, algumas lâmpadas que ficavam colocadas entre as árvores a diferentes alturas, de maneira que de qualquer ponto do parque parecia que o visitante caminhasse como um gigante entre uma galáxia.

Haviam marcado um encontro com ele ali; uma nota perfumada, escrita com caligrafia de mulher que lhe recordava uns olhos surpreendentemente verdes, levava-o até aquele lugar. Estava na Taberna da Rosa, reunido com D'Alembord, Price e Harper, quando chegou a nota. Havia outra mensagem para ele, que lhe esperava desde o dia que havia fugido de Londres. Era um cartão de papel em relevo dourado no qual se convidava o major Richard Sharpe a acompanhar sua alteza real o príncipe regente, às dez da manhã do sábado, 21 de agosto, e na tribuna de autoridades, junto à zona conhecida como Ring em Hyde Park. Sharpe, pensando com amargura na maldita ironia que era assistir tropas representarem uma batalha na qual não estiveram presentes, tinha metido o cartão na bolsa. Depois a carta perfumada havia chegado, o encontro misterioso nestes jardins chamativos, embriagadores e cheios de música.

Vauxhall estava abarrotado naquela noite. Aqui vinham todo tipo de pessoa, das mais altas às mais baixas classes; neste lugar os nobres e os ricos se misturavam com qualquer um que pudesse pagar os poucos peniques que custava a entrada. Muitas das mulheres, e alguns homens, usavam máscaras pretas baratas. Algumas mulheres usavam as máscaras presas em varetas, e cobriam o rosto se viam alguém que podia reconhecê-las. Outros usavam a máscara com a esperança de que os abelhudos acreditassem que detrás se ocultava um rosto famoso. Era um lugar para fantasias, onde a luz mortiça ocultava as sórdidas roupas e a decoração de gesso dava rédea solta aos sonhos.

A carta não citava lugar algum no jardim, nem hora alguma para o encontro, e Sharpe foi caminhando lentamente por entre a grande extensão de prazeres. Olhava cada rosto mascarado, porém, se a mulher que lhe havia enviado a carta estivesse aqui, não via sinal dela. Dois soldados o cumprimentaram, mas outros soldados entre a multidão, ao ver que um oficial se aproximava, simulavam não perceber, de maneira a não terem que se rebaixar sob os olhos de suas garotas fazendo uma saudação. Passou pelo pavilhão central, de quatro pisos, onde tocava uma orquestra. Vários casais bailavam sob as lâmpadas. Uma mulher, desde uma plataforma elevada, cantava uma canção romântica. Abaixo dos toldos do pavilhão, nos restaurantes de Vauxhall havia uma grande atividade.

Foi avançando por um dos longos passeios cobertos de cascalho entre as intrincadas cercas que, no mais profundo, tinham pequenos aposentos privados aonde os casais podiam se

retirar. Os meninos aprendiam a arte da espreita entre estas cercas. Sharpe os via então, deslizando silenciosamente pelos cantos do buxo, limpamente cortado, para observar os amantes.

Passou por um pavilhão construído junto a uma fonte. O tanque da fonte estava repleto de sujeira, mas de noite, sob as lâmpadas coloridas, a água brilhava como ouro mágico. A estátua de uma deusa despida lhe sorriu junto à porta do pavilhão, enquanto que, do interior de um dos quartos privados, saía a música de um violino. Um destes aposentos não tinha basculantes e, através das janelas abertas, Sharpe viu três garotas bebendo vinho e olhando de forma convidativa e dispendiosa para os passeantes que havia do outro lado da fonte.

As pombas de Vauxhall também estavam acordadas. Pavoneavam-se pelos passeios, sabendo que encontravam mais sobras quando as lâmpadas estavam acesas que ao longo das horas vazias do dia. Os meninos as perseguiam inutilmente.

Sharpe regressou em direção ao som chamativo da orquestra que havia no coreto central, e, na noite quente, se perguntou se faria frio nos elevados desfiladeiros dos Pirineus. Ainda que fosse verão, podia haver noites amargas naquelas colinas onde os franceses, surpreendentemente, haviam lançado um contra-ataque contra Wellington. Os jornais insinuavam que o ataque fora rechaçado, mas Sharpe teria desejado estar lá para sabê-lo com certeza. Perguntava-se o que pensariam os homens que haviam ficado em *Pasajes* se o vissem agora, passeando por entre os prazeres despreocupados de Londres, enquanto eles escutavam os canhões distantes que assediavam San Sebastián.

Ia se livrando das prostitutas que apareciam no caminho, rechaçava os vendedores ambulantes de doces e maçãs caramelizadas, e andava com passo majestoso como uma figura escura por entre a multidão chamativa. Seu rosto que ainda tinha as marcas da chibata de Girdwood, era triste neste lugar de música e pecado discreto. Aqui se sentia tão fora de lugar como se sentira em Carlton House. Olhava os rostos que riam, rostos bêbados, rostos tristes, e tentava adivinhar que vidas ocultavam aqueles rostos. Eram secretários e costureiras que roubavam umas poucas horas de prazer de uma vida longa e monótona? Que preocupações tinham? Será que se preocupam pelos franceses terem regressado ao sul, pelos britânicos os terem rechaçado, por homens estarem morrendo nas montanhas espanholas? Acreditava que não. Londres, assim como a Inglaterra, se alegrava com as vitórias, mas não queria ter nada mais a ver com a guerra. Mesmo Isabella, a mulher de Harper, percebera isso. Ninguém estava interessado. Ninguém se importava com a sorte dos soldados. Isabella queria regressar com seu marido, rogava-lhe que não a deixasse naquela cidade rica e fértil, onde ninguém se importava e ninguém entendia, e onde ficaria sem saber nada da vida ou da morte de seu marido.

Sharpe comprou uma cerveja e a levou até a borda de um tanque. Sentou-se observando os verdadeiros cavaleiros, que iam rindo e passeando presunçosos, com os bastões compridos nas mãos enluvadas, entre a gente simples. Sharpe não era bem-vindo entre eles, o sabia. Ele era bem-vindo na Espanha, pois lá ganhava batalhas e o julgavam com a medida da bala e da espada, mas aqui, em Londres, se sentia desajeitado ante a amável suavidade de sir William Lawford. Mesmo em Carlton House, onde o príncipe o havia elogiado tanto, não era mais que

um bicho raro que exibiam, como os gêmeos siameses ou a mulher barbuda da feira de contratação. Era útil porque era cruel. Via isso às vezes em algumas caras dos homens na Espanha, homens que se horrorizavam pelo que ele ocultava e aos quais, contudo, lhes agradava que o fizesse.

— Tem um penique, coronel?

Um menino de não mais que seis anos, com a cara suja e as calças esfarrapadas, olhava com agressividade para Sharpe. O menino, assim como costumava fazer Sharpe, havia subido no muro, apesar dos pedaços de vidro quebrado incrustados na parte superior. Será o garoto acreditar, perguntou-se, se lhe dissesse que o “coronel” fora outrora um dos safados esfarrapados que vinham aqui para roubar.

— Para que o quer?

— Para comprar algo de comer.

— Somente um. Se me pedir outro, arranco sua cabeça com uma bofetada. E se me enviar os seus amigos para que me peçam, irei buscá-lo e lhe sacarei os olhos de uma mordida. Entendido?

O garoto sorriu zombeteiro.

— Dois peniques?

Sharpe lhe deu um.

— Agora vá embora.

— Quer uma garota, coronel?

— Disse para ir embora! — O garoto fugiu e foi comprar genebra, tal como Richard havia suposto que faria.

Pensava em Jane Gibbons, e a recordação da garota lhe fazia sentir culpado por comparecer a esses jardins expectante ante a ideia de se encontrar com outra mulher. Perguntou-se, pela enésima vez, por que estava tão seguro de que tinha que se casar com ela. Não a conhecia; além do mais, apenas a havia visto três vezes. Não sabia nada dela, salvo que era bonita e que lhe havia ajudado. Recordava seu rosto travesso, tão cheio de vida e tão encantador quando tinha falado com ele na escada do cais. Contudo, o que podia lhe oferecer? Perguntava-se, enquanto o desfile de moda e exibição passava ante seus olhos: Implacabilidade? Talento na hora de exigir a morte de seus homens para derrotar os franceses? Para o que ele servia? Podia fazer avançar uma linha de escaramuçadores, podia conseguir que impusessem seu fogo contra o inimigo, e podia matar. Ano atrás de ano, dezenove no total, ele havia matado. Sabia quando matar, quando não matar, e pensou, enquanto olhava os rostos vazios e escutava os risos vácuos, que esta era a gente por quem ele lutava. E de novo, enquanto observava um jovem bêbado dar alguns passos de baile ridículos ante uma garota que ria, notou que, se tivesse nascido na França em lugar de na Inglaterra, usaria as dragonas vermelhas dos *voltigeurs* franceses com o mesmo orgulho que usava sua casaca verde, e que teria matado os oficiais britânicos da linha de escaramuçadores com a

mesma destreza que deixava as tropas ligeiras de Napoleão sem comando.

Acabou a cerveja. A orquestra tocava uma valsa. Que vida poderia levar com Jane Gibbons ou com qualquer outra mulher? O que faria com sua vida se não houvesse guerra? Tinha se endurecido tanto com ela, ansiava tanto sua emoção, estava tão seguro de si mesmo em suas façanhas que, o que faria as vinte e quatro horas do dia? Mesmo com o dinheiro dos diamantes, o que faria? Arar? Cavar novas terras? Criar vacas? Ou ficaria — e via vagamente a possibilidade ainda que a temesse — no Exército, insistindo em não deixar de ser a máquina que havia derrotado Napoleão? Teria um criado para limpar-lhe o uniforme, um cavalo sobre o qual desfilas, e um monte de recordações para contar e assombrar os oficiais jovens. Os soldados do Exército britânico, refletia, não estavam ali por escolha, mas por necessidade. Era um Exército de fracassados, unidos pelas vitórias, e ao contrário de seus colegas franceses militares, a maioria não tinha uma vida para a qual regressar, nem um lar ao qual voltar quando a guerra terminasse. O Exército era seu lar, o regimento era sua família, e lorde Fenner os ameaçava.

— O senhor é um tolo.

A voz vinha de atrás dele, do outro lado da mureta do reservatório. Levantou-se e se virou. Ela o observava; cobria o rosto com uma máscara negra barata, mas não havia maneira de ocultar seu cabelo ruivo arrumado para trás com agulhas de pérolas. Vestia, naquela quente noite de agosto, um traje de seda lilás que se ajustava ao seu corpo como uma luva elegante. Usava sobre os ombros despidos um xale de renda escura. Richard recordava, desde a noite em que a conhecera em Carlton House, que era bonita, e a extravagância da máscara apenas acentuava aquela beleza. Inclinou-se pela metade, torpemente e com insegurança.

— Senhora.

— O senhor tem um aspecto muito triste hoje. Deu-se conta do bobo que foi? — A mulher pegou o leque com a outra mão e lhe ofereceu seu cotovelo. — Ande comigo.

Foram passeando por um dos caminhos com cascalho beirado por intrincadas cercas de buxo, e Sharpe percebia como os homens observavam o corpo da mulher e o olhavam para ele com inveja. Dois dos vigilantes de Vauxhall iam arrastando um bêbado, que protestava debilmente, para a porta; e um deles, talvez um velho soldado, sorriu para Richard e esboçou um cumprimento.

A mulher caminhava lentamente, com a cabeça erguida; havia diversão em sua voz.

— Acharão que sou sua amante, major. — Ele não soube o que dizer, e ela deu uma risada zombando dele. — As esposas não andam vestidas assim.

— Ah não?

— É como se atraísse um marido, major, porém, uma vez casada, ele lhe roga que não volte a se vestir assim. — Com desenvoltura arrogante, afastou um menino de seu caminho com o leque. — Da mesma maneira que um homem que se enamora de uma atriz lhe roga para deixar os palcos, ainda que fosse precisamente sua profissão o que o atraía a princípio. O senhor foi — continuou com um tom de voz chateado — excessivamente estúpido.

— Estúpido?

— Vai foi à Guarda Real, mesmo que tenham lhe ordenado que regressasse para a Espanha, e atua de um modo misterioso e infantil. Na Guarda Real, que não são estúpidos, chamaram sir William Lawford, sabendo que fora seu coronel, e o senhor, com toda inocência, lhe conta tudo. Que acha de nos sentarmos aqui? Servem um champanhe de contrabando que é aceitável, e afortunadamente caro demais para a ralé.

Haviam chegado a um lugar onde, debaixo das lâmpadas pendurados nos galhos de grandes carvalhos, mesas de ferro pintadas de branco estavam colocadas diante de um pequeno restaurante. Um garçom com avental tomou nota e, muito atento, separou as mesas mais próximas para que ninguém pudesse ouvir o que falavam.

Ela estava de costas para o restaurante e para as pessoas que passavam pelo jardimzinho. Tirou a máscara e seus olhos verdes se cravaram nele com certo desprezo.

— Tire a boina, major. Está parecendo um noivo me esperando na igreja.

Sharpe deixou a boina sobre a mesa; imediatamente o garçom trouxe o champanhe, um pouco de pão, e uma das estranhas peças de carne em gelatina como a qual Jane Gibbons lhe havia oferecido justo na noite anterior. Parecia que havia passado um mês.

— O que é isso?

Ela sorriu ante sua ignorância.

— Uma gelatina. Não sente curiosidade por saber como conheço seus assuntos tão bem?

— Sim, senhora.

Sharpe lhe serviu champanhe. De repente teve desejo de fumar um charuto.

A mulher suspirou, talvez porque ele não lhe tivesse perguntado diretamente como sabia tantas coisas, e cortou a gelatina.

— O senhor também é um bobo com sorte. Sir William é um homem ambicioso, preferiu não falar com a Guarda Real, mas com lorde Fenner. Prove a gelatina, major, não é como o boi do racionamento — disse com desprezo —, mas não o matará.

— Lorde Fenner? — Sharpe não podia acreditar que um homem que ele considerava um amigo tivesse se dirigido a seu inimigo. — Ele foi ver lorde Fenner?

— Fará um bom trato com sir William. — Deu uma risada ao perceber a expressão de Sharpe. — Fenner, major Sharpe, tem poder. Pode dar a sir William uma pequena propina. O senhor não sabe como são estas coisas?

— Uma propina? — Sharpe tropeçou na palavra desconhecida.

— Uma pequena recompensa, gato de rua. — Tomou um trago de champanhe e esquadrinhou a expressão do fuzileiro com seus olhos verdes. — O senhor parece um gato de rua, um muito bonito.

Richard procurava cautelosamente o significado que se escondia em suas palavras. Apenas podia traduzir o que ela dissera como um fracasso desesperado.

A mulher mordiscou o pão.

— Sir William só quer evitar um escândalo, não vai lhe conseguir seu batalhão. Ainda que seja isso o que o senhor quer, não?

Sharpe consentiu e teve a impressão de que os olhos verdes zombavam dele.

— Não quer causar danos ao senhor, mas primeiro protegerá o Governo. — A dama sorriu. — Entende, major? Sir William não lhe deseja nenhum mal.

Mas ele ainda estava tentando entender por que Lawford foi diretamente ver lorde Fenner.

— Por que foi vê-lo?

A mulher sorriu ao notar um certo alarme em sua voz.

— Para sacar proveito do assunto, certamente — disse bruscamente. — Lawford quer um alto cargo e tem uma mulher muito cara. Ou talvez queira que o façam lorde. Porém, acima de tudo, quer que o escândalo não saia à luz para permanecer no poder. As provas serão destruídas, major, e nunca ninguém o saberá, salvo o senhor. — A mulher apontou-lhe uma faca. — O senhor é um estorvo. Tentaram matá-lo uma vez, mas não podem voltar a fazê-lo. Eu suponho, major, que o mandarão para alguma guarnição remota no Canadá. Ou talvez lhe deem o comando de algum presídio na Austrália. Creio que preferiria a Austrália.

Havia decidido não mencionar para Sharpe que lhe dariam seu próprio batalhão de fuzileiros. Talvez, pensou ela, pudesse aceitar tal oferta, e então perderia um homem que poderia ajudá-la.

Richard franziu o cenho.

— Mas Lawford me prometeu...

— Lawford não lhe prometeu nada! — replicou ela com rudeza. — É um político, major; gostaria de lhe dar o que o senhor quer, mas não à custa de seus interesses.

— Como sabe tudo isto?

Sharpe estava realmente surpreendido. Supunha que ela era como a marquesa; uma mulher sutil, bonita e fascinada pelos segredos do poder. Lady Camoyne se reclinou na incômoda cadeira de ferro. Atrás dela, no restaurante, um quarteto de corda tocava. Ficou olhando para o fuzileiro, lamentando que este fosse tão bonito e tão bastardo.

— Simplesmente sei.

— Como?

Ela não respondeu. Tinha vontade de dizer, porque Sharpe lhe agradava, mas a verdade era muito agressiva. A verdade havia lhe produzido ódio, um ódio que a levava até ali. Teria gostado de contar a este fuzileiro o quão monstruosa era sua dívida com lorde Fenner, contraída por seu marido morto, uma dívida que ela pagava na cama de Fenner, uma dívida de humilhação. Estivera escutando essa noite na porta da biblioteca, escutando sem nenhuma vergonha, pois era uma mulher que sabia que todo conhecimento é poder. Se pudesse prejudicaria lorde Fenner, e se para isso tinha que esconder de Sharpe que iam lhe oferecer

uma ascensão e um batalhão de casacas-verdes, o faria. Queria destruir Fenner e com ele sua dívida, para que seu filho, que herdara o condado de Camoynes, não tivesse que carregá-la também.

Teria gostado de dizer tudo isso ao fuzileiro, mas seu hábito de manter segredo era muito arraigado e seu medo de infundir-lhe piedade grande demais, portanto o olhou desafiante.

— Eu sei de tudo, major. Sei sobre Foulness, de sir Henry, de Girdfilth ou como se chame. Eu o vi uma vez se arrastando na casa de Fenner. Vai se casar com a sobrinha de Simmerson, o que parece muito apropriado. Ela não é um grande partido, ainda que suponho que herdará o dinheiro de seu tio. — Lady Camoynes arqueou as sobrancelhas. — Disse algo inconveniente?

— Não senhora. — Sharpe tinha ficado ruborizado ao ouvir o nome de Jane. Ficou olhando para a mesa. — Não.

A mulher seguia olhando-o com curiosidade, depois deu de ombros.

— Digamos, sem mais, major, que estou aqui porque desejo destruir lorde Fenner. Quero rasgado em mil pedaços, e o senhor, gato de rua, pode fazê-lo por mim.

— Como?

Richard estava pensando em Jane Gibbons e em sua beleza suave e vivaz no leito de Girdwood.

Lady Camoynes indicou o champanhe e Sharpe lhe serviu mais. Ele quase não havia tocado no seu. A mulher sorriu.

— Quer seus homens?

— Sim.

— Nada mais?

— Quero que o leilão pare e que Girdwood seja castigado.

— Eu o farei gostosamente para o senhor. Mas tem que me trazer uma coisa, major, e logo. — Sharpe a olhou sem dizer nada e ela lhe cravou seus olhos verdes. — Tem que haver alguma prova, major. Livros, cartas, qualquer papel. Traga-me.

Ele estava a ponto de dizer que não sabia onde encontrá-los, mas achou esse argumento fraco demais e se calou. Lawford também lhe pedira provas; contudo, agora lorde Fenner estava prevenido e, sem dúvida, tomaria precauções para que não houvesse nenhuma prova que encontrar.

Lady Camoynes se inclinou aproximando-se dele. Para as pessoas que caminhavam pelo pequeno jardim do restaurante enramado parecia que fossem um casal de belos amantes, um oficial e sua dama.

— Prometo, major, que lhe darei o que o senhor quer.

— Nem ao menos sei quem é a senhora.

— Sou lady Camoynes. A condessa viúva de Camoynes. — Parecia que revelar-lhe sua

identidade era garantia de honradez. — Traga-me essa prova, e pode pedir o que quiser à Guarda Real. Eles lhe darão um exército para fazê-lo calar. Quer seu batalhão de fuzileiros? Eles lhe darão.

Sharpe sorriu ao pensar nisso.

— Onde posso encontrá-la?

— Não me encontrará. Leve a prova para a Rosa. Eu enviarei um criado a cada dia para ver se o senhor já a tem.

Sharpe teria que regressar a Foulness, e com rapidez, porque se existisse alguma prova, estava lá. Deu de ombros.

— A senhora sabe, eu sei, nossa palavra não é suficiente?

A mulher fechou os olhos com exasperação.

— Eu sou uma mulher, e o senhor não é ninguém, gato de rua, ninguém. — Abriu os olhos. — Eles são políticos e homens de posição. — Disse isso com zombaria. — Em quem acreditarão?

— Já não terão destruído as provas?

— Ainda não. Lorde Fenner não fará nada até que veja sir William outra vez. O senhor tem um dia, eles acham que não vai fazer nada. Depois de amanhã pela noite — disse dando de ombros —, destruirão as provas, major, e dentro de três dias não haverá mais homens em Foulness. Eles os farão sair, os repartirão por uma centena de depósitos e guarnições. Tudo isto nunca terá ocorrido, e se o senhor afirmar que existiu dirão que está louco e o rebaixarão.

A mulher se inclinou e tomou um trago de champanhe. Sharpe ficou calado. Acreditara que tudo seria mais simples: revelaria o que havia descoberto e um Exército ultrajado lhe agradeceria, dar-lhe-ia o que queria, e depois, antes de regressar triunfante para a Espanha, visitaria a grande casa de tijolo nas marismas e exigiria ver Jane Gibbons. Em lugar disso, tudo o que havia descoberto se ocultaria e seria negado, e o tratariam como um estorvo e um estúpido.

Lady Camoyne acabou o champanhe, levantou-se, e o garçom aproximou-se entre as mesas quando ela se voltou a tapar o rosto com a máscara. Sharpe pagou e a seguiu até o interior dos jardins. A mulher caminhava pelo centro de um dos caminhos para o pavilhão central, majestosa, autoritária e bonita.

— O senhor terá que agir com rapidez, major.

— Verdade, senhora.

— Partirá esta noite?

— Pela manhã.

Sharpe já estava planejando o que ia fazer, sabia que tinha que trazer a documentação de Foulness.

— Bom.

A mulher o conduziu pelo braço para um espaço escuro em umas cercas de buxo.

— Estes não são verdadeiros jardins de recreio, gato de rua, e esta noite, por motivos que não são de sua conta, necessito de um homem de verdade. Busquemos um lugar privado.

Ele sorriu e a conduziu até a maranha de buxo onde, fazia tempo, havia aprendido suas primeiras lições de habilidade. Essa noite se deitaria com ela sob as folhas, e pela manhã, como major do Exército de sua majestade, voltaria a Foulness. Acreditara, enquanto escapava pelas marismas, que seu trabalho havia acabado, mas essa mulher, que se agarrava a ele e o amava como se esta fosse sua última noite na terra, lhe dissera que o combate acabava de começar.

Capítulo 14

— Propriedade de uma viúva, senhor.

O proprietário do estábulo de cavalos de aluguel limpou as mãos no avental de couro, cuspiu tabaco para um gato que tomava o sol sobre alguns seixos e passou a mão pelas molas da carruagem.

— Não está limpa, major, concordo, mas está em bom estado! Eixos novos! Ela lhe levará a qualquer lugar! — Deu um golpe em uma das rodas com a jante de ferro. — Falo a verdade, major, estava pensando em usá-la eu mesmo.

— Necessito dela por uma semana.

— Cavalos também?

— E criado e cocheiro.

O proprietário, um homem corpulento e calvo, com olhos astutos, voltou a olhar o uniforme novo de Sharpe, como se calculasse o quanto custava e sacudiu a cabeça como se o que estava a ponto de dizer lhe afligisse em grande maneira.

— Certamente posso fazer-lhe um preço especial, major, sempre gosto de ajudar aos militares, sim, mas não é barato! Quero dizer que alugar uma carruagem de quatro cavalos, major, não é o mesmo que uma liteira!

— Quanto?

— E cavalos! Terão que trocá-los, certamente, ou vai ficar na cidade?

— Nós os trocaremos.

— Temos que adicionar a tarifa de retorno, o depósito pelo veículo, pelos cavalos, e sua forragem, os salários dos homens, se puder encontrar uma dupla para o senhor, sua comida, o aluguel da carruagem, o depósito pelo arreio. Some, major.

— Quanto?

— Os cocheiros têm que dormir em algum lugar, major. — O homem ia olhando as armas de Sharpe, perguntando-se quanto se atreveria a pedir. — Não se vai o senhor irá ao estrangeiro, major? É uma brincadeira, senhor. — Sorveu o nariz. — Contudo, vendo que está no Exército e como seus garotos estão derrotando Bonaparte, major, acho que posso deixar por trinta guinéus, mais o depósito e a tarifa de volta. Tudo adiantado, major. Em dinheiro.

— Quinze.

O dono do estábulo ficou olhando assombrado, depois deu uma risada para demonstrar que o soldado devia ter ouvido mal.

— Este é um veículo de qualidade, major! Não é a carreta de um comerciante! Há nobres que gostariam de tê-lo, major!

Deixaram em vinte e cinco guinéus, o que ainda lhe deixava a impressão intranquila de ter sido enganado, e teve que deixar uma fiança de outros duzentos guinéus como garantia da carruagem e esperar que o proprietário encontrasse um cocheiro e um criado interessados em ser contratados por uma semana. Viajar em carruagem era muito mais rápido que a cavalo, e essa era a razão pela qual havia optado por alugar um veículo; a outra era poder usá-la para levar os montes de documentos que esperava encontrar em Foulness, mas enquanto esperava a resolução dos problemas teve momentos em que pensou que preferiria ir caminhando. D'Alembord, Price e Harper, por outro lado, estavam de muito bom humor porque o dia se apresentava promissor.

O sargento Harper, encantado de voltar a usar o uniforme, estava igualmente encantado com a carruagem. Nunca havia viajado em uma, e ficava olhando fixamente pela janela pelo puro prazer de contemplar uma paisagem através do vidro.

— Isto é esplêndido, senhor! Isto é, simplesmente, esplêndido!

— Custou-me um olho da cara.

— Terá que se casar com uma caolha, hem?

O tenente Price grunhiu.

— Havia esquecido seu humor irlandês, sargento.

Sharpe dissera aos três que não tinham por que ir com ele, e os três, tal como ele desejava, se haviam negado a abandoná-lo. D'Alembord, sentado na frente dele, contemplava as tristes marismas pelas quais avançava a rota, plana e monótona, para West Ham.

— Acha que lorde Fenner já enviou uma mensagem para esse Girdwood?

— Talvez.

Se lady Camoynes estivesse certa, Sharpe tinha pelo menos um dia. Ela lhe havia lambido o rosto, espalhando pela pele o sangue das feridas que tinha voltado a abrir com seus dentes. “Acreditam que o senhor está adormecido, gato de rua. Portanto não espere. Não fale com Lawford; vá”. Sharpe a obedecera naquela precipitada empresa, com a segurança de que sir William Lawford ia ver Fenner, de que atraíçoiaria aos homens que estavam em *Pasajes*.

Trocaram de cavalos em Stifford, e de novo em Hadleigh, e o cocheiro e o criado, a quem Richard havia prometido uma gratificação se fizessem o trajeto antes do pôr do sol, trabalhavam depressa. Em Hadleigh, sua última parada, onde o velho castelo se elevava sobre o estuário do Tâmsa, Sharpe comprou cavalos selados. Naquela manhã estivera na Rua Saint Albans e comprovara, com prazer, que o primeiro dinheiro da venda dos diamantes havia chegado, e retirara uma grande soma para poder levar a cabo seu plano. Sabia que esta semana, o dinheiro que havia roubado dos franceses seria de utilidade para os britânicos.

Nesse momento já estavam perto. Enquanto o cavalariaço colocava os arreios nos cavalos descansados, chamou Harper e os dois oficiais.

— Recordem por que estamos aqui. Necessitamos de seus livros de contas e temos que levar os homens de Foulness para que Fenner não possa voltar a ocultá-los. Isso é tudo. Não

vamos castigar ninguém.

Eles consentiram com a cabeça. Já dissera isso vinte vezes, mas estava nervoso. Tinha pensado em encontrar as provas que seguramente existiam, provas que poderia enviar para a dama de olhos verdes que queria se vingar de Fenner. Depois faria os homens marcharem até Chelmsford, e ali os alistaria formalmente no primeiro batalhão e os protegeria enquanto as provas causavam efeito em Londres.

— Lembrem. Não vamos para castigar ninguém.

— Na verdade bem que eu estava desejando. — Harper deu uma risada. — Por Deus que sim!

Sharpe sorriu.

— O senhor tem uma veia vingativa, sargento.

— Por Deus, senhor, o senhor tem razão.

Harper sorriu, e seguiram para Foulness.

As seis em ponto, como sempre, o tenente-coronel Bartholomew Girdwood se sentou em sua mesa e se pôs a escrever, com sua letra pequena e limpa, os informes sobre o progresso de suas companhias.

— A número quatro está preparada para a instrução de mosquete?

— Sim, senhor — respondeu o capitão Smith, sentado bem erguido na frente da escrivaninha.

— Bom, bom!

Girdwood fez uma marca em seu gráfico. Ouviam-se gritos de ordens que provinham do campo de instrução. Deu alguns golpezinhas no bigode recém embreado com o talo da pena que produziram um ruído agudo e seco.

— Quantos homens, Havercamp trouxe hoje?

— Dez, senhor.

Girdwood grunhiu.

— Estamos nos aproximando da época da colheita. Sempre é um mau momento. Partirá amanhã?

— Sim, senhor.

— Proporcione-lhe os fundos necessários. — Franziu o cenho. — Isso é uma carruagem?

— É o que parece, senhor.

O tenente-coronel Girdwood supôs que sir Henry havia chegado, como fazia amiúde na última hora da tarde, para inspecionar o acampamento. Não encontraria nada errado, salvo, certamente, os estábulos queimados. A recordação do fogo e dos dois desertores lhe doía. Um deles, o irlandês, havia se atrevido a disparar-lhe!

— Suponho que seria demais esperar ter alguma notícia da milícia.

— Ainda nada, senhor.

— Meu Deus! Alguns soldados de verdade teriam encontrado aqueles sacanas há dias. Eles escaparam, Smith! — Girdwood sacudiu a cabeça com tristeza. — Não voltaremos a vê-los!

Ouviram cascos de cavalo no exterior. O ruído, junto com o tilintido das correntes dos tirantes, fez que Girdwood recordasse que sir Henry tinha planejado ficar em Londres até depois do desfile da vitória do príncipe regente, e deu uma olhada mal-humorada para a porta.

— Vá ver quem é, Smith.

Para Girdwood, ninguém tinha nada que vir fazer ali, ninguém. O vigário de Great Wakering viera uma vez, havia passado a vigilância da ponte dizendo que vinha oferecer consolo espiritual ao acampamento, mas Girdwood havia ordenado que o homem partisse e dissera que não regressasse jamais. Perguntava-se se era de novo o vigário e gritou para o capitão por entre a porta aberta.

— E mande-o à merda!

— Senhor!

Foi um grito desesperado, que se extinguiu quase ao começar; a porta se abriu de golpe, e Girdwood, agarrando-se às bordas da mesa, viu a um homem alto desenhado no vão da porta. Instantaneamente, um sentimento de culpa o atravessou, pois o homem usava um uniforme e uma espada. O momento que tanto Girdwood temera, apesar de todas as seguranças que lhe havia oferecido sir Henry, havia chegado. Um oficial viera para prendê-lo!

— Mandar quem à merda? — perguntou o homem.

Girdwood se levantou. Agora que o homem havia entrado na sala e havia fechado a porta, via que o incômodo visitante era um major de fuzileiros. Girdwood era superior a ele, e apesar do medo que ainda sentia, conseguiu que sua voz soasse severa.

— Saia deste escritório, major! Agora! Não tem minha permissão para entrar.

O major tirou a boina que deixava as faces sombreadas e o deixou cair sobre uma cadeira. Pôs as mãos sobre a mesa de Girdwood, inclinou-se para frente e sorriu.

— Recorda-se de mim, Bartholomew?

Girdwood ficou olhando fixamente, sem estar seguro se o rosto era familiar ou não. As duas cicatrizes recentes que o fuzileiro tinha no rosto eram de um colorido escuro pelo sangue seco, e ao vê-las, junto com algo que havia naqueles olhos que lhe olhavam tão implacavelmente, lembrou-se dos dois desertores.

— Não.

Não tinha a intenção de falar alto. Sacudiu a cabeça e se encolheu em sua cadeira.

— Não!

— Sim. — Sharpe pegou a chibata de Girdwood e o tenente-coronel era impotente para protestar. — Você me conhece, Girdwood, como soldado Vaughn. Ou talvez só se lembre de mim como escória?

Richard ia golpeando ritmicamente a palma da mão com a chibata.

— Você tem por costume, Girdwood, espancar os recrutas? Ou perseguir homens famintos pelas marismas?

— Quem é você?

Sharpe havia falado com calma, mas agora, deu um golpe repentino e selvagem sobre a mesa com a chibata, e a tinta se derramou sobre os gráficos tão cuidados de Girdwood. Disse, alçando a voz:

— Eu sou o homem, Girdwood, que está encarregado deste batalhão. O senhor foi exonerado.

Girdwood ficou olhando-o. Não podia imaginar que um desertor, uma escória desse acampamento, tivesse entrado de repente em seu escritório vestido de major. Tinha dificuldade para que sua voz fosse coerente, mas o conseguiu.

— Tem ordens?

— Trago ordens — respondeu Sharpe mentindo. — Certamente que as trago! Acha mesmo que viria a este lugar pelo prazer de sua companhia de merda?

Girdwood sabia que deveria estar mostrando maior aprumo, mas não tinha força para se mover, e sua voz, normalmente tão segura e severa, era apenas algo mais que um sussurro.

— Quem é o senhor?

— Meu nome, Girdwood, é major Richard Sharpe, primeiro batalhão do South Essex, e, até três dias atrás, conhecido como soldado Vaughn. — Sharpe percebeu o terror nos olhos de Girdwood, e não sentiu pena alguma. — O homem que senhor perseguiu pelos pântanos, coronel, era o sargento-mor do regimento: Harper, um irlandês. Talvez você se lembre que uma vez capturou uma águia francesa. — Sharpe apontou com a chibata para a insígnia brilhante que havia na barretina de Girdwood. — Essa.

— Não — disse Girdwood sacudindo a cabeça. — Não, não.

— Sim.

Sharpe voltou a dar pequenos golpes na mão com a chibata; depois, com uma rapidez brusca e terrível, açoitou a cara de Girdwood, não para cortá-la como ele havia cortado a de Sharpe, mas para estragar o cuidadoso bigode esculpido. O golpe destroçou o breu brilhante e uma massa caiu pendurando do lábio do tenente-coronel. Sharpe ficou olhando-o.

— Sacana sem caráter! Daily!

D'Alembord abriu a porta de um empurrão e apareceu dando mostras de uma maravilhosa precisão militar.

— Senhor?

— Esse é o tenente-coronel Girdwood. Está preso. Conduza-o ao seu alojamento e reviste-o para ver se encontra algum documento que pertença a este batalhão. Se lhe dê sua palavra de honra, pode deixá-lo sem guarda.

— Sim, senhor.

D'Alembord olhou para o homenzinho com o bigode destroçado e sorriu. Então se lembrou que se supunha que tinha que mostrar-se solene.

— Certamente, senhor.

Sharpe partiu a chibata com empunhadura de prata em duas e lançou os pedaços no colo de Girdwood.

— Levante-se, senhor, e mova-se.

Lá fora, enquanto ia seguindo D'Alembord e seu prisioneiro, viu um grupo de homens que o olhavam boquiabertos. Sharpe os ignorou.

— Tenente Price?

— Senhor?

— Comece a revistar os papéis deste escritório. — Lançou seu fuzil para Price. — E Harry?

— Senhor?

— Se alguém tentar impedi-lo, dispare.

— Sim, senhor.

Sharpe soltou seu cavalo e montou. Ele estava começando a se divertir.

Sargento Lynch não estava se divertindo. Estivera gritando para seu esquadrão para que formasse uma coluna de quatro filas, maldizendo àquela ralé porque estavam fazendo errado, quando de repente notou que os homens, em lugar de olhá-lo, olhavam atrás de si, e que seus rostos, por cima das gargalheiras de couro opressoras, mostravam um aspecto de surpresa e inclusive de contente.

— Olhem para mim, escória!

O sargento Lynch deu meia volta.

O soldado O'Keefe estava ali, salvo que já não era um soldado raso, mas um sargento, um sargento enorme que levava um fuzil ao ombro, uma arma de sete canos enorme no outro, e o extremo de uma baioneta no cinturão. Harper, brincalhonamente, se pôs em sentido a um só passo do sargento Lynch.

— Recorda-se de mim, escória?

Lynch levantou a vista para olhá-lo, sem saber o que fazer nem o que dizer, e o imenso irlandês voltou a sorrir.

— Diga “Deus salve a Irlanda”, sargento Lynch.

Lynch não disse nada. O cangote lhe doía por causa da gargalheira de couro, porque tinha que manter a cabeça formando um ângulo muito aberto.

Harper ergueu a voz:

— Meu nome, escória, é sargento-mor Patrick Augustine Harper, de Donegal, e com muita honra; do primeiro batalhão do South Essex, e com muita honra também. Deus salve a Irlanda! Sargento, repita-o.

— Deus salve a Irlanda — disse o sargento Lynch.

— Não lhe ouço!

— Deus salve a Irlanda!

— É fantástico ouvi-lo dizer isso, John! Fantástico! — Harper olhou atrás de Lynch e viu o esquadrão, que sorria com cinismo e se relaxavam nas filas. — Ninguém disse que os senhores podiam descansar!

Puseram-se firmes de golpe. Charlie Weller olhava fixamente para Harper como se o enorme irlandês acabasse de aterrizar no lombo de uma vassoura. Harper lhe piscou um olho e voltou a olhar para o sargento.

— O que estava dizendo, Johnny Lynch?

— Deus salve a Irlanda.

— Outra vez, mais forte!

— Deus salve a Irlanda!

— Amém. E que o Santo Padre reze por sua alma, John Lynch, porque, por Cristo que está em perigo.

Harper se afastou dele, respirou fundo, e gritou para todo o campo de instrução:

— Batalhão! O batalhão formará uma linha com a companhia número um. A minhas ordens! Esperem-nas!

Os oficiais observavam. O sargento-mor Brightwell começou a atravessar a grandes passadas o amplo campo e pareceu que a voz do sargento se multiplicava.

— Ninguém lhe disse para se mover, imbecil! Fique quieto!

Era maravilhoso estar vivo, pensou Harper, era maravilhoso! Inclusive ser um soldado neste Exército tinha seus momentos de autêntica alegria. Sorriu zombeteiro, voltou a encher os pulmões e ordenou ao batalhão que formasse para revista.

— Soldado Weller!

Sharpe havia cavalgado até a frente do desfile. Harper foi para junto dele.

— Weller! Aqui! Em marcha, garoto! Não corra!

Weller, sorrindo maliciosamente, avançou até Sharpe, se pôs em sentido, e levantou a vista até o fuzileiro como se não pudesse acreditar no que via. Sharpe voltou a sorrir.

— Meu nome, Charlie, é major Richard Sharpe. Chame-me “senhor”.

— Sim, senhor.

— O sargento-mor tem instruções para você. Escute-o.

— Sim, senhor.

Ele os deixou e fez avançar lentamente seu cavalo enquanto ia observando o batalhão, que, vestido de azul e cinza, se estendia pelo campo de instrução. Sharpe vinha do leste, de maneira que o sol poente lhe batia no rosto e o ofuscava, de tal maneira que quase não podia ver os rostos. Desceu a vista até Brightwell e o homem o olhou com olhos cheios de horror.

— Sargento-mor?

— Senhor?

— Ordem de castigo. Agora mesmo!

Brightwell ordenou às companhias que formassem os três lados de um quadro. O fez com voz indecisa, uma indecisão que se refletia nos rostos dos sargentos e oficiais. Todos eles haviam ouvido a ordem de castigo.

Sharpe se virou e viu que Charlie Weller saía correndo do campo de instrução.

— Sargento-mor Harper.

— Senhor?

— Faça os homens descansarem.

Os homens o observavam. Sharpe calculava que ali havia mais de quinhentos, suficiente para que se considerasse um batalhão completo na Espanha, e esperou que um bom número deles estivesse instruído para ocupar seu lugar na linha. Fizera-os formar em ordem de castigo, não porque tivesse planejado nenhuma ação contra os sargentos ou os oficiais, mas porque era a formação mais adequada para que sua voz chegasse a todos os homens.

— Tirem as gargalheiras!

Os homens obedeceram. Alguns sorriram cinicamente, outros pareciam preocupados. Alguns, poucos, o reconheciam como o soldado Vaughn, e outros escutavam as repentinas ondas de sussurros que corriam pelo batalhão como o vento pelo milho.

— Silêncio! — A voz de Harper foi obedecida no mesmo instante.

Sharpe fez avançar o cavalo.

— Meu nome é Major Richard Sharpe. Venho do primeiro batalhão deste regimento na Espanha. Vou levar alguns dos senhores para lá. — Deixou que aquelas palavras penetrassem neles, enquanto observava os rostos dos homens que estavam nos flancos, os únicos que não eram silhuetas sob o sol poente. — Amanhã nos poremos a caminho! Iremos a Chelmsford. Dentro de umas semanas, talvez menos, alguns dos senhores irão a nosso primeiro batalhão

comigo e o sargento-mor Harper. Têm que ter ouvido falar dele. Uma vez capturou uma águia dos franceses!

Viu que os sargentos observavam Harper assombrados. Os oficiais estavam lívidos.

— Portanto esta noite estão livres do serviço! Despertarão às três, e às cinco nos poremos em marcha! Preparem seu equipamento esta noite. As gargalheiras podem jogar fora, não serão cobrados pela perda.

Isso último causou um grande alvoroço, a princípio inseguro e leve, que foi crescendo conforme se deram conta de que nem Harper nem Sharpe iam calá-lo.

Sharpe esperava.

— Os oficiais informarão no escritório do tenente-coronel dentro de cinco minutos! Por sua vez, os sargentos reportarão a seus oficiais. Sargento-mor Harper! Que rompam a formação!

Harper deu um passo adiante, mas antes de poder gritar a ordem, uma forte voz procedente da esquerda do batalhão o interrompeu. Era a voz do sargento Horatio Havercamp, que gritava a pleno pulmão.

— Três hurras para o major Sharpe, garotos! Hip, hip, hip!

Gritaram hurras. Havercamp, com a mesma habilidade instintiva com a qual assombrava as multidões das feiras, havia percebido o sentimento que corria pelo batalhão, e agora, quando o último hurra se havia desvanecido e Richard cavalgava para aquele homem grande e de bigode ruivo, levantou a vista e exclamou:

— Bem-vindo de novo, senhor! — Sharpe examinou o sargento. Um canalha, sem dúvida, mas inteligente. Havercamp sorriu. — Já lhe disse que teria que chamar-lhe de “senhor” algum dia, senhor.

Sharpe cruzou os dedos da mão direita e lhe disse em voz baixa:

— Não mudará, né, Horatio? Compartilhamos uma jarra de cerveja muitas vezes, e lhe disse para não me chamar de “senhor” outras muitas. — Havercamp deu uma risada sem a mínima vergonha porque se recordava do que dissera em Sleaford.

— Eu estava dizendo mais verdades que o senhor naquele dia, senhor.

— Então teremos que manter uma conversa de verdade pela manhã, sargento Havercamp.

— Sim, senhor. — Havercamp fez uma pausa e ergueu a voz para que o batalhão pudesse ouvi-lo:

— E eu já lhe disse, senhor.

— Me disse o quê?

— Que qualquer um de vocês podia se converter em oficial! E rápido!

Os homens riram e Sharpe gostou daquilo. Homens que riam eram homens que podiam lutar, e começou a acreditar que, se fosse capaz de encontrar a prova pedida pela dama de

olhos verdes, o South Essex deixaria de estar condenado. Havia contado uma lorota a Girdwood, tinha conseguido o comando do batalhão e agora tudo o que se interpunha entre Sharpe e o êxito eram os livros de contas.

— Sargento-mor!

— Senhor?

— Que rompam filas!

Sharpe puxou as rédeas de seu cavalo e se encaminhou para os escritórios. Ele não era um jogador, mas estava se arriscando como nunca havia feito diante dos canhões da Espanha. Esporeou seu cavalo e foi salvar seu regimento.

Capítulo 15

Os sargentos se puseram firmes quando Sharpe entrou. Nenhum, salvo Horatio Havercamp, ergueu o olhar. Alguns retrocederam quando Harper deu uma batida na porta. As botas do enorme irlandês ressoaram com força sobre o piso de madeira quando foi se colocar atrás de Sharpe.

Sharpe, enquanto o silêncio se estendia de forma quase insuportável, contou trinta e um homens na sala. Havia decidido começar aqui, deixando que os oficiais suassem no antigo escritório do tenente-coronel Girdwood. Esses homens, os sargentos, eram os que na realidade governavam o acampamento. Eles eram os que treinavam, os que mantinham a disciplina, os trabalhadores que se encarregavam de rapazes e os convertiam em soldados. Nove oficiais eram mais que suficiente para Foulness, mas Sharpe sabia que Girdwood necessitava de todos os sargentos que pudesse encontrar.

Sharpe falou com suavidade.

— Podem se sentar.

Com grande embaraço, como se todo ruído que fizessem pudesse atrair uma atenção não desejada, sentaram-se em cadeiras ou mesas. Alguns ficaram de pé.

Sharpe esperou. Estava olhando para cada um deles, deixando de novo que o silêncio lhes atemorizasse, e quando falou o fez com voz selvagem:

— Cada um dos senhores vai morrer. — Ficaram gelados. Esperavam qualquer coisa, mas não aquilo. Parecia que quase não pudessem respirar enquanto o olhavam fixamente. — Vão morrer porque são vagabundos inúteis. Uma dúzia dos senhores contra um homem! — Ele fez um gesto para Harper. — E perderam! Acham que os franceses são fracos? Não poderiam mesmo nos pegar! Corremos círculos em sua volta! Seus sacanas fracos. Brightwell!

— Senhor! — O sargento estava sentado rigidamente em uma poltrona velha, que perdia tufos de crina de cavalo.

— Creio que deva ao sargento-mor Harper um crucifixo. O senhor o tem?

Brightwell não disse nada. Seu rosto, normalmente vermelho de veias rompidas, estava vermelho agora.

Sharpe olhou para ele.

— Eu lhe fiz uma pergunta!

— Não, senhor!

— Não o quê?

— Não o tenho, senhor.

— Então, vai ter que pagar por ele. — Sharpe procurou por Lynch, e o encontrou na parte de trás da sala.

— Lynch!

— Senhor!

Sharpe caminhou em sua direção, parando a meio caminho da cabana longa e nua.

— Eu o vi cometer um assassinato, Lynch. — Lynch estava branco.

— Ordens do coronel, senhor.

— Vá lá fora e lamba uma latrina, agora!

— Senhor? — Lynch parecia horrorizado.

— Mexa-se!

— Mas, senhor!

Sharpe esperou até o sargento relutantemente se moveu, então, disse para ficar onde estava.

— Entende, Lynch? Existem algumas ordens que você pode optar em obedecer e algumas que não. Sente-se, seu bastardo. Sua punição para aquele assassinato será adiada.

As botas de Sharpe ecoaram nas tábuas enquanto caminhava de volta para frente da sala. Um dos sargentos estava nervosamente dedilhado um dominó deixado sobre uma mesa, e sua inquietação derrubou uma peça pela borda. O barulho de sua queda parecia insuportavelmente alto, fazendo alguns dos sargentos pularem como se tivesse sido o som de Sharpe armando um rifle. Sharpe se virou.

— Eu tomei o comando deste Batalhão. O capitão sênior agora é o Senhor D'Alembord. O chefe dessa bagunça é o sargento-mor Harper. Como sabem, o sargento-mor e eu tivemos que usar métodos incomuns para encontrá-los. O que aconteceu a mim e ao sargento-mor neste lugar agora está esquecido. Está acabado. Não haverá recriminações para qualquer coisa que nos aconteceu, não haverá punições, nada.

Eles olharam para ele, surpresos com a clemência.

— Então me escutem. Eu sei o que vem acontecendo aqui. O Exército sabe. Cada um dos senhores, cada um dos senhores ganhou uma pena de prisão ou pior. — Improvisava enquanto avançava, mas o efeito disse que ele estava no caminho certo.

— Mas o exército, em sua sabedoria, não vai perseguir acusações, não se agora fizerem direito o que lhe for ordenado! — Nenhum deles se moveu. Os últimos raios de sol cortaram através da poeira no ar. — Não haverá mais venda de recrutas. Estamos marchando para Chelmsford amanhã. Vamos, finalmente, para a Espanha. Eu estou deixando os senhores em seus postos atuais, e espero que façam por merecer essa confiança! Deverão se reportar ao sargento-mor Harper e se alguém não gostar disso, sugiro que trate disso pessoalmente com o sargento. Posso dizer por experiência própria que não tem objeções de resolver disputas, em particular.

Harper manteve sua postura rígida, mas lentamente, muito lentamente, um sorriso apareceu em seu rosto. Ninguém sorriu de volta.

Sharpe estava quase totalmente na frente deles.

— Creio que todos os senhores se recordam como os sargentos de verdade se comportam. É assim que devem se comportar de agora em diante. Não haverá castigos, salvo os impostos pelo oficial de sua companhia, ou o oficial de guarda, ou eu mesmo, e todos estes castigos serão registrados na caderneta do batalhão. E se eu descobrir que algum dos senhores descumpriu esta ordem, castigarei esse homem eu mesmo, em particular, sem registrar na caderneta. Duas últimas coisas. — Não levantou a voz e apenas Harper sabia o que Sharpe faria. — Se qualquer homem de qualquer companhia desertar durante a marcha de amanhã, eu o castigarei por essa deserção. Dentro de três horas terão as ordens para marchar; estejam preparados para recebê-las. E por último...

Notou uma certa agitação quando todos levantaram o olhar para ele. Apesar de tudo, e dos insultos que mereciam, não fora duro.

O rosto de Sharpe refletia um desprezo absoluto.

— Se algum dos senhores teme ir para a Espanha e deseja ficar em um segundo batalhão adequadamente constituído, que dê seu nome ao sargento-mor do regimento. Em pé! — Esperou que estivessem todos levantados. — Boa tarde.

Sharpe se foi e apenas parou para fazer uma pergunta a Harper:

— Algum sinal de Charlie?

— Nada, senhor.

— Não espere se souber algo novo. Procure-me.

— Sim, senhor.

Sharpe se dirigiu ao escritório e ali falou da mesma maneira aos oficiais, mas também lhes ofereceu a oportunidade de recusar sua nomeação nessa mesma noite se desejassem.

— Simplesmente, não estejam aqui pela manhã, entenderam?

Não houve resposta. Havia os dois capitães, Smith o mais velho e Finch mais novo, com seis tenentes. Todos eles eram mais velhos para o posto que tinham e Sharpe supôs que Girdwood os havia escolhido. Sem dúvida, tinham rancor por um Exército que havia permitido que garotos mais jovens ascendessem antes que eles; contudo, isto havia permitido que um homem proveniente da tropa, Richard Sharpe, fosse major. Do mesmo modo, estava seguro, ainda que ainda não tivesse nenhuma prova, que seu ressentimento fora aliviado com pagamentos generosos provenientes dos benefícios de Foulness.

— Sei o que é este lugar. — Nenhum deles, assim como os sargentos, se atreveu a olhá-lo fixamente. — Os senhores são uns malditos canalhas! Grande trabalho para uns cavalheiros, hem? E ladrões.

O capitão Finch, que ainda tinha a cabeça vendada pelo golpe que Harper lhe dera com a culatra da pistola, olhou com raiva para Sharpe, mas o fuzileiro lhe fez baixar a vista.

— Para encontrar este lugar tive que me alistar, maldita seja! E o que encontrei? Ladrões

disfarçados de cavalheiros. Malditos delinquentes comuns. O senhor! Capitão Smith?

— Senhor?

O capitão Hamish Smith, cinco anos mais velho que Sharpe e com o cabelo muito grisalho para sua idade e as bochechas afundadas, olhou timidamente para o fuzileiro.

— Onde fica o cofre do batalhão?

— Naquele armário, senhor.

— Abra-o.

— O cofre está fechado com chave, senhor, e só o coronel a tem.

Sharpe pegou seu fuzil. Os homens observaram em silêncio como, com a eficácia, rapidez e prática próprias de um fuzileiro experiente, Sharpe carregava sua arma. Quando o fuzil estava escorvado, abriu o armário, arrastou o grande cofre fechado com um cadeado pelo piso e colocou o cano sobre o ferrolho de aço.

Os homens retrocederam quando a bala arrancou o ferrolho do cofre, produzindo um estouro de lascas e o berro do metal retorcido.

— O senhor! Qual é mesmo o seu nome? — Sharpe apontava para um tenente alto e de rosto longo que vigiava a ponte quando Sharpe chegou, e que ainda parecia estar sobressaltado com as duras palavras com que Sharpe havia respondido quando lhe havia dado o alto.

— Mattingley, senhor.

— Conte o conteúdo.

Sharpe havia levantado a tampa de um chute. Via que havia bolsas com moedas e um monte de notas, mas não o livro de contas e nenhum outro papel. O tenente Price, na revista que fizera naquele escritório, tampouco havia encontrado documentos incriminatórios. A única prova que Sharpe tinha naquele momento das ilegalidades de sir Henry Simmerson e do tenente-coronel Girdwood, era o próprio batalhão. As provas que ele necessitava tão desesperadamente não estavam aqui, e rezou para que D'Alembord as encontrasse no alojamento de Girdwood.

Deu as ordens para o dia seguinte, enquanto Mattingley contava o dinheiro. Quando terminou, olhou fixamente cada um dos homens.

— Direi uma última coisa. Não sei, nem me importa muito, se o Exército castigará suas ações delitivas e de roubo. O que sei é isto: a atitude da Guarda Real dependerá em grande medida do comportamento que os senhores tiverem durante os próximos dias.

A verdade era que ele não podia controlar o batalhão sem esses homens ou os sargentos, e, ainda que os desprezasse e preferisse vê-los licenciados, necessitava deles.

— Meu objetivo, cavalheiros, é simples. Desejo que nosso regimento tome parte na invasão da França. Este é o motivo por que estou aqui, e se me ajudarem a conseguir isso farei tudo o que possa para assegurar a sua sobrevivência. — Olhou para Mattingley. — Quanto?

— Duzentos e quatro guinéus em moedas, senhor. Quarenta e oito libras em notas.

— Este cômodo permanecerá fechado com chave e sob vigilância esta noite. Se faltar algo, qualquer documento ou dinheiro, já sei a quem perguntar. Capitão Smith? Peço que fique aqui. O restante, cavalheiros, pode se retirar.

Sharpe observou como iam saindo em fila pela porta. D'Alembord esperava lá fora e Sharpe lhe fez um gesto para que entrasse.

— Encontrou algo?

— Nada, senhor. — D'Alembord havia revistado o alojamento de Girdwood, inclusive o de seu criado. — Salvo poesias — acrescentou sorrindo brincalhão, e Sharpe sentiu um grande alívio ao ouvir uma voz honesta e com senso de humor, depois daquela última meia hora.

— Poesia?

— Há escrito um monte, senhor, muito do tipo dos tambores da batalha. A palavra estalido aparece amiúde como uma rima adequada — acrescentou D'Alembord sorrindo. — Mas não há nenhum documento. Também deu sua palavra de que não vai sair de seu alojamento esta noite.

— Mas não há documentos comprometedores, Daily?

D'Alembord sorriu com compaixão ao perceber a decepção de Sharpe.

— Temo que não, senhor.

Portanto Sharpe seguia sem ter uma prova escrita. Maldisse em voz baixa, pediu a D'Alembord que se sentasse, e depois, com a ajuda de Smith, revisaram os gráficos de Girdwood e os informes de instrução para determinar que homens estavam preparados para o combate e quais não. Isto pelo menos foi satisfatório: duzentos e quarenta e três homens, incluindo as duas companhias de guarda, haviam acabado totalmente, ou quase totalmente, a instrução. D'Alembord sorriu.

— É suficiente, senhor.

— Mais que suficiente. — Sharpe esfregou os olhos. Tinha ficado até tarde nos jardins Vauxhall e havia dormido pouco. — Quero que se dissolvam essas companhias de guarda pela manhã, Daily.

— Sim, senhor.

— Forme quatro companhias com os homens instruídos. Os outros ficarão nos pelotões atuais. Fique com uma companhia, Harry com outra. — Fez uma pausa. Necessitava dois comandos mais para as outras companhias. — O que acha daqueles garotos de Chelmsford, Daily?

— Carline poderia servir, — respondeu D'Alembord a contragosto. — Merrill e Pierce são uns malditos galinhas.

— Daremos a Carline uma companhia, a outra terá que esperar.

— Sim, senhor.

Sharpe percebeu no rosto do capitão Smith uma avidez patética para que lhe dessem a quarta companhia. De momento, não fez caso disso e foi aproximando dele os enormes montes de formulários de juramentos que Price havia descoberto nesse escritório. Havia um para cada homem e, assim como quando Sharpe havia posto uma marca em um deles em Sleaford, nenhum deles tinha o nome do regimento a que pertenciam.

— Daily. Busque alguns secretários. Ponha o primeiro batalhão do South Essex em cada um destes malditos formulários. E tire O’Keefe e Vaughn do monte, certo?

D’Alembord olhou o monte enorme e consentiu com a cabeça. Sabia da importância daquele trabalho. Uma vez em Chelmsford, o batalhão ainda não estaria a salvo de lorde Fenner, mas se aqueles formulários, com a firma do juiz municipal, indicassem que os homens faziam parte do primeiro batalhão, isso constituiria de certa forma uma prova de que os homens existiam e isso desconcertaria qualquer oficial que tentasse levar o segundo batalhão. Sharpe vigiaria bem esses formulários, ficaria com eles até que as provas estivessem nas mãos de lady Camoyne em Londres. Se é que apareceriam.

D’Alembord se foi com as declarações juradas e Sharpe se levantou. Caminhava para cima e para baixo pela sala e observava o capitão de cabelo grisalho, que estava sentado triste e envergonhado em uma das duras cadeiras de Girdwood. Também estava ansioso para agradar seu novo amo.

— Smith, quanto dinheiro Girdwood cobrava por cada homem?

Hamish Smith se ruborizou. Falava a contragosto.

— Cinquenta libras.

— É o que eu imaginava.

Sharpe não mostrou o repentino alívio que sentia, porque aquela resposta era a primeira prova direta que tinha de que o batalhão havia recrutado ilegalmente. Tinha a palavra de Jane Gibbons e a de lady Camoyne, mas Smith era o primeiro homem do batalhão que lhe confirmava.

— Certamente, variava. — Smith esfregava as mãos, enroscando os dedos, brincava com eles tristemente. — Alguns leilões eram mais rentáveis.

— Quem os comprava?

— Destacamentos de países estrangeiros. — Smith deu de ombros. — Das Índias Ocidentais, normalmente; alguns, da África.

Aquilo tinha sentido. Os regimentos destinados nas Índias Ocidentais perdiam muitos mais homens que os regimentos da Espanha, a maioria deles por causa da temida febre amarela. Era difícil, quase impossível, encontrar recrutas, e ao vender homens para tais regimentos o tenente-coronel Girdwood se assegurava que a prova de suas malversações era levada para longe e destinada a jazer logo em uma tumba.

Smith olhou envergonhado para Sharpe.

— Sinto muito, senhor.

— Sente muito! Cristo todo-poderoso! O que me diz dos homens que foram enviados para longe? — Não obteve resposta. — Por que fez isso?

Smith permaneceu em silêncio; depois as palavras foram saindo. Era tenente, esquecido para uma ascensão, endividado, incapaz de comprar a promoção para capitão, e, como se fosse um presente do céu, Girdwood lhe oferecera esta oportunidade. Smith, assim como Finch, tinha comprado a ascensão para capitão e saldado suas dívidas com os benefícios obtidos no acampamento. Levantou a vista para Sharpe.

— Faz vinte e quatro anos que sou soldado, senhor!

Sharpe conhecia aquele desespero: ele também o sentira. Havia lutado para chegar a capitão e apenas uma intervenção fortuita do príncipe de Gales o convertera posteriormente em major. Para um homem sem dinheiro, a ascensão era difícil; e se esse homem, como Smith, não estivesse servindo em um batalhão na linha de combate, aonde as mortes dos homens iam criando vagas, era praticamente impossível. Bartholomew Girdwood oferecera outro caminho, ofereceu a todos estes homens uma ascensão, de maneira que suas pensões fossem mais altas e seu futuro mais seguro. Smith baixou os olhos.

— O que vai nos acontecer, senhor?

— Nada, se fizerem o que eu mandar.

Sharpe se perguntava o que Smith pensaria se soubesse que ele não tinha ordens para estar ali, que toda ordem a partir desse momento não fora sancionada pelo Exército, que Sharpe estava roubando aquele batalhão, literalmente.

— Portanto onde estão os livros de contas, Smith?

— Não sei, senhor. É o coronel que os guarda.

— Ouvido dizer que vai se casar.

— Sim, capitão. — O capitão Smith sorriu timidamente. — Ele não gosta do cachorro da senhorita.

— Talvez não tenha que viver com ele agora. Depois disto.

Smith consentiu lentamente com a cabeça.

— Não, senhor. Suponho que não.

Sharpe se perguntava se Jane Gibbons havia concordado, ainda que de má vontade e sob coação, sua aprovação para o matrimônio. Talvez, a menos que Girdwood fosse desonrado, ela pensasse que aquele matrimônio era inevitável, e de novo Sharpe se perguntou onde encontraria a prova para aquela desonra.

— Ele escreve poesia, não é mesmo?

— De guerra, senhor. Quando está bêbado a lê em voz alta.

— Cristo — disse Sharpe e deu uma risada. — Portanto, o que fazia com o pagamento dos

recrutas?

Smith, que havia relaxado à medida que Sharpe se tornava mais afável, de repente franziu o cenho.

— Isso era para nós, senhor, e os sargentos.

— E suponho que nunca se pagou a nenhum homem aqui.

— Apenas para as companhias de guarda, senhor.

Sharpe olhou os gráficos que havia sobre a escrivaninha.

— Portanto, sem contar as companhias de guarda, têm quatrocentos oitenta e três homens?

— Sim, senhor.

— Seria melhor que recebessem algum pagamento amanhã, não? — deu um chute no cofre do batalhão. — Cinco xelins para cada um. Não é muito, não?

E isso, pensou, levaria quase a metade do dinheiro do cofre.

— Fugirão, senhor — disse Smith.

— Não, não o farão.

Sharpe o disse com firmeza, embora ele mal acreditasse. Aqueles homens foram maltratados, e se recebessem dinheiro e fossem para a estrada, teriam a enorme tentação de fugir na primeira oportunidade.

— Nós dirigimos homens, Smith, não os conduzimos. E caso se encontre em um campo de batalha com estes homens, necessitará deles. Não são pesteados, Smith, são soldados, e constituem a melhor infantaria do mundo.

— Sim, senhor — respondeu Smith com humildade e Sharpe se sentiu pomposo.

— Quero uma lista dos sargentos pela manhã. Quem é bom, quem é mau e quem é inútil.

— Sim, senhor.

— Apenas os levaremos para Chelmsford, para onde pertencem, isso é tudo.

Isso não era tudo. Sharpe se perguntava como ia proteger aqueles homens se não achasse uma prova escrita que pudesse enviar para Londres. Sabia que, em dois ou três dias, o próprio céu desceria sobre o quartel de Chelmsford. Necessitava do livro de contas dos leilões.

De repente a porta abriu e, sem bater, Patrick Harper entrou na sala mostrando excitação no rosto. Viu o capitão Smith e, pensando que Sharpe não queria que esse assunto se espalhasse pelo acampamento, passou a falar em espanhol.

— O rapaz regressou, senhor. Vem a caminho. — Sorriu zombeteiro.

Sharpe pegou a boina e o fuzil. Era estranhamente agradável voltar a ouvir espanhol, e lhe respondeu na mesma língua.

— A pé ou a cavalo?

— Cavalo.

Isso significava que Charlie Weller, posto como sentinela e oculto para vigiar o alojamento do tenente-coronel Girdwood, havia informado que o coronel, quebrando sua palavra, havia fugido. Era o que Sharpe esperava.

Sharpe voltou a falar em inglês.

— Quero vigilância nesse prédio, sargento-mor. Ninguém pode entrar sem minha permissão. Ninguém.

— Entendo, senhor.

Os oficiais esperavam no exterior, como se temessem que o capitão Smith, que havia ficado sozinho com Sharpe, fosse ser comido vivo.

Sharpe, enquanto recarregava seu fuzil e esperava que lhe trouxessem o cavalo, lhes recomendou que dormissem um pouco.

— A menos que queiram nos deixar, cavalheiros.

Ninguém respondeu. Observaram como montava, fazia avançar o cavalo e se adentrava na noite. O capitão Smith, que havia deixado o chapéu no escritório, pensou em dar a ordem para que o deixassem entrar, mas deu uma olhada para o enorme e respeitoso sargento-mor irlandês, tinha oito balas carregadas em suas duas armas, e isso convenceu Smith de que naquela noite, e talvez em todas as noites vindouras, seria melhor obedecer. Afastou-se.

Enquanto, Sharpe, com a espada ao lado e o fuzil ao ombro, galopava atrás de seu inimigo, que o conduziria, ou pelo menos era o que suspeitava, à casa com o cata-vento da águia, onde vivia uma garota de beleza travessa; uma casa que, como Sharpe havia suspeitado desde que a revista do escritório fora inútil, conteria os papéis que ele necessitava para destruir seus inimigos.

Capítulo 16

Foi numa noite como aquela que Harper e ele tinham fugido. A lua resplandecia do mesmo modo sobre as marismas, convertia a erva e as canas em um prata metálico e reluzente. Nas extensões de água pouco profundas que inundavam os bancos de lama nas enseadas, Sharpe viu as silhuetas escuras de aves aquáticas. De bem longe, onde a maré crescente avançava sobre os bancos de lama da margem, chegava, como uma batalha distante e quase inaudível, o som das águas agitadas. Em uma ocasião, enquanto metia seu cavalo por um banco de terra que retinha como um dique as terras de cultivo da marisma, viu uma linha branca e rizada de ondas, ao leste, e além, uma forma escura sob a noite, era um navio ancorado esperando a maré. Na popa se via uma diminuta chispa de luz.

Sharpe cavalgou com cautela. Via em sua frente a figura pequena do tenente-coronel Girdwood, e diminuiu o passo para se assegurar que o coronel não percebesse que o estavam seguindo. No lugar em que o caminho se dirigia para o norte, Girdwood virou, e se confirmaram suas suspeitas de que ele ia para a casa de sir Henry. Richard esperou até que o cavaleiro se fundisse com as distantes sombras da noite e depois continuou.

Atravessou o vau do Rio Roach. Parecia que estava sozinho em uma terra úmida, mas atrás dele via o resplendor das luzes do acampamento Foulness, enquanto que, à sua frente, a casa de sir Henry não era mais que uma sombra escura manchada com as luzes brilhantes das velas. Sharpe voltou a parar do outro lado do vau, situou seu cavalo junto a um maciço de juncos altos e ouviu com clareza, por cima daquela terra plana e silenciosa, o som das grandes portas de ferro que se abriam. Quando ouviu que se fechavam e soube que Girdwood estava a salvo no interior do muro do jardim, esporeou o cavalo e continuou.

Avançou pela parte direita da casa, seguindo a rota que Harper e ele tinham tomado três noites atrás. Oculto da casa pelo muro da frente do jardim, desmontou, levou o cavalo para a enseada abaixo, o prendeu, e depois seguiu a pé pela enseada lodosa e molhada. A maré crescente havia enchido pela metade o canal e obrigava Sharpe a ir pelo lado. Cheirava a vegetação que apodrecia e que seu pelotão havia limpado sob o comando do sargento Lynch.

O alpendre estava outra vez fechado, mas era bastante simples usar as barras da grade como escada. Sharpe, com o fuzil ao ombro, subiu até o cume do arco, assomou-se pela parte mais alta e viu que o gramado que dava para o leste estava deserto; depois rodou pela grama.

Lá ficou, como uma sombra no extremo do gramado, tentando escutar os cachorros de guarda, mas não ouviu nenhum. As janelas altas que davam para o terraço sobre o gramado estavam iluminadas, a luz das velas competia com a lua que mostrava cada detalhe da casa em negro e prata. Perguntou-se se sir Henry teria regressado. Seria péssimo se em Londres lorde Fenner, ao saber que Sharpe havia partido da Taberna da Rosa, achasse que viera aqui; e quem melhor que sir Henry para vir a Foulness para esconder as provas do delito.

Avançou, com sua sombra diante de si, mas ninguém o via, ninguém deu sinal de alarme; ele se agachou com cuidado no topo do banco e observou os aposentos.

À sua esquerda ficava a sala de jantar vazia, na mesa se viam os restos do jantar. Na parede acima da prateleira da lareira havia um quadro enorme como o que havia no saguão da Guarda Real: a infantaria britânica alinhada debaixo da fumaça da batalha.

No segundo aposento, menos iluminado, viu Girdwood. Era a biblioteca, cujas estantes eram pouco providas de livros, mas cujas paredes transbordavam de armas. Uma rosácea formada com espadas ficava acima da porta situada na frente de Sharpe, também havia mosquetes dispersos por cima da lareira. O tenente-coronel Girdwood, de costas para Sharpe, estava abrindo as gavetas de uma escrivaninha. Pegou um par de pistolas, armas preciosas com as empunhaduras de prata, depois dois livros encadernados em couro negro com as bordas das páginas frisadas de cores brilhantes.

Sharpe planejava seguir Girdwood quando este saísse da casa, pensava que seria mais fácil conseguir os arquivos dos leilões no caminho solitário das marismas do que na casa onde os criados de sir Henry com toda segurança lhe impediriam. Estava pronto para correr através do gramado, saltar para a enseada e ir pegar seu cavalo, porém, enquanto o tenente-coronel Girdwood metia os livros e as pistolas em um alforje e o atava, um criado chegou à porta da biblioteca e lhe disse algo. Parecia que o criado gesticulava e convidava Girdwood a ir para outro cômodo, e Sharpe preferiu esperar em lugar de correr em busca de seu cavalo.

Girdwood afivelou a última correia, deixou cair a bolsa sobre a mesa da biblioteca e seguiu o criado para o saguão. Giraram para a direita, e Richard, que ainda estava no alto do banco situado por baixo do terraço, moveu-se silenciosamente para esse lado.

Viu uma sala de estar. Uma mulher de cabelo grisalho estava sentada de costas para a janela, enquanto que junto à lareira vazia e com um livro no colo estava sentada Jane Gibbons. O tenente-coronel Girdwood penetrou no aposento, cumprimentou com uma inclinação a sua prometida. O criado que fora buscar Girdwood cruzou o aposento até situar-se ao lado da garota e pegou o cachorrinho branco para evitar que molestasse o coronel.

Sharpe ficou observando durante alguns segundos, depois regressou para a janela da biblioteca. A sala estava vazia, o alforje sobre a mesa, e dentro daquela bolsa de couro, sabia, estavam os livros que acabariam com lorde Fenner, sir Henry e Girdwood. Sharpe olhava fixamente a bolsa, sabia que podia pegar os livros nesse momento, e depois, ao recordar que a indecisão é fatal, soltou o fuzil e abriu a tampinha de cobre que fechava um compartimento talhado na culatra.

Dentro daquele compartimento estavam os utensílios que se utilizavam para limpar o mecanismo de uma arma e para tirar uma bala depois de um disparo frustrado. Havia uma escova dura, uma chave de fenda pequena para tirar a chapa, um prego de ferro de uma polegada que aguentava a tensão da mola principal quando se desmontava o percussor, uma latinha plana e redonda com óleo, outra chave de fenda que encaixava na baqueta para retirar a bala e uma vareta de metal para servir de alavanca da baqueta quando se parafusava à bala que havia falhado. Pegou as duas chaves de fenda e a vareta, fechou a tampa da culatra e se dirigiu, pelo terraço cheio de cascalho, para a porta da biblioteca.

A espada soou quando Sharpe se agachou, mas não se produziu pausa alguma nos sons

indiferentes de vozes que provinham da janela contígua do terraço. Introduziu a lâmina delgada da chave de fenda entre as folhas da janela, empurrou suavemente e comprovou que estava fechada; notou que a sombra das velas no interior da biblioteca revelava a presença de uma lingueta. A fechadura não tinha olhal na parte exterior da porta, mas a chave de fenda que sua majestade os provia era a ferramenta perfeita para um assaltante. Introduziu a vareta por um extremo, de maneira que fosse uma espécie de saca-rolhas, e dirigiu a ponta do parafuso para onde ele sabia que estaria o extremo da lingueta. E a girou.

A ponta do parafuso arranhou, chiou, e ele a empurrou metendo-a no espaço das portas. Rompeu a madeira velha, voltou a girar e a madeira rangeu de forma alarmante quando a pressão alcançava o metal; finalmente, com um clique que ele pensou que despertaria os mortos, a lingueta retrocedeu. Sharpe ficou imóvel. Não ouvia nada, salvo as vozes baixas e o distante burburinho do mar. Desceu a trava, fez pressão suavemente na porta para ver se havia ferrolhos em cima e embaixo, porém, para sua surpresa, a porta se abriu. Os criados não haviam passado o ferrolho, talvez esperassem fazê-lo quando fechassem e travassem as pesadas basculantes.

Deixou a porta do jardim aberta uma polegada, depois atravessou em silêncio o piso de madeira polida e, rezando para que as dobradiças não chiassem, fechou a porta da biblioteca. Passou o ferrolho. Agora, se alguém entrasse na biblioteca, poderia partir com os livros e ele e seu cavalo se achariam bem longe antes que alguém pudesse forçar a porta ou pensar em utilizar a entrada do jardim.

Sorriu enquanto desafivelava o alforje e pegou os dois livros pesados. Abriu um. Na guarda e escrito à mão com clareza se lia Propriedade de Bartholomew Girdwood, major. A palavra major estava riscada e, junto dela, estava escrito tenente-coronel. O sorriso de Sharpe se desvaneceu, pois o pesado volume não era um livro de contas. Não tinha as páginas marcadas com colunas, nem cifras umas sobre as outras que se iriam somando para a desonra de sir Henry Simmerson. Era um livro normal, cujo título era *Descrição dos sítios do duque de Marlborough*. Sharpe foi passando as páginas e só viu texto e esquemas. O segundo livro, também carente de cifras, chamava-se *Pensamentos da última campanha no norte da Itália, com especial referência às manobras de cavalaria*. Não havia outros livros no alforje, apenas feixes de papéis que eram poemas, todos eles escritos pela mesma mão meticulosa. Sharpe ficou gelado: havia posto todas suas esperanças em encontrar os arquivos dos leilões nesta casa, e em lugar disso havia encontrado dois livros de história militar. Ele os colocou de novo no alforje, junto com os poemas, e o afivelou.

Voltou a abrir a porta, pensava em deixar o aposento tal como a havia encontrado, de maneira que ninguém pudesse pensar que um intruso estivera na biblioteca. Tirou o ferrolho da porta, girou a alavanca e a entreabriu. Então voltou a ficar paralisado.

Quando fechou a porta, preocupado apenas com o ruído das dobradiças e do chiado do trinco, sabia que o saguão da casa estava abarrotado de armas, assim como a biblioteca na qual ele estava. Rosáceas formadas com baionetas e leques de lanças que competiam com pistolas penduradas e espadas cruzadas. Aquelas armas poderiam abastecer uma pequena fortaleza, mas não foi a cuidada disposição daquele armamento o que chamou sua atenção,

mas algo que quando havia dado uma olhada anteriormente acreditara que eram as dobras das cortinas.

Mas agora não via cortinas. Via duas bandeiras enormes. Cada uma media três e meio metros quadrados de seda colorida, adornadas nas bordas com bainhas amarelas. Os estandartes estavam orgulhosamente culminados com as coroas da Inglaterra. Sharpe estava vendo os estandartes do segundo batalhão do South Essex que, sem honra nem decência, foram levados para esta casa e pendurados no saguão como troféus de uma batalha.

Sir Henry Simmerson se achava um grande soldado, mas na primeira vez que enfrentou os franceses em uma batalha, perdeu uma bandeira. Na segunda vez fugiu. Agora que Sharpe contemplava a casa daquele homem, via a fantasia de sua carreira. A casa estava cheia de armas, de quadros de soldados, de modelos de pistolas e agora isso!

Sharpe sentiu uma raiva tremenda ao ver aquilo. As bandeiras eram o orgulho do batalhão, o símbolo de seus propósitos. Aqueles quadrados grandes de seda estavam tão fora de lugar na casa como a águia francesa estava na corte de Saint James, ainda que, pelo menos, a águia francesa estivera na guerra, fora ganha lutando, enquanto que aquelas bandeiras, aquelas bandeiras novas e intactas, não haviam ondeado nunca sob a fumaça dos mosquetes nem haviam servido de sinal para os homens enquanto o fogo inimigo rugia e açoitava a linha. Foram furtadas para alimentar as fantasias de sir Henry, do mesmo modo que o batalhão foi roubado para encher seus bolsos.

A porta que dava para a sala de estar se abriu com um clique, e Sharpe, que estava na porta da biblioteca, notou que não podia alcançar a janela sem ser visto. Havia apenas um lugar onde se esconder, e ali foi, rezando para que sua espada não batesse contra a madeira: detrás do canto da porta aberta da biblioteca.

Ouviu a voz do tenente-coronel Girdwood apenas a umas polegadas de seu ouvido.

— Desculpe-me, pois tenho pressa, senhorita Jane.

— É estranho, senhor.

Os passos de Girdwood ressoaram nas tábuas do piso. Sharpe ouviu que o alforje era arrastado sobre a mesa, Girdwood emitiu um risinho.

— Quando o Exército convoca um soldado, querida senhorita Jane, tudo o que se pode fazer é obedecer com celeridade. Sempre foi assim. — Seus passos se detiveram do outro lado da porta. — Um dia, talvez, quando tenha acabado meu serviço, desejarei passar meu tempo de ócio junto da senhorita. — Bateu os saltos um contra o outro e suas esporas ressoaram. — Senhorita Grey, desejo-lhe boa noite.

— Obrigado, senhor. Estão a salvo seus livros?

— Bem a salvo.

— Peço que dê a sir Henry nossas saudações mais sinceras.

— Será um prazer.

Ouviram-se mais pisadas no saguão, o som da porta ao se abrir, e Sharpe ficou quieto e em

silêncio, hesitando entre sair ou não. Talvez, no caminho sob a luz da lua, pudesse obrigar Girdwood a que lhe dizer o paradeiro dos livros de contas.

Contudo, antes que pudesse se mover, o som dos cascos sobre o cascalho se viu cortado bruscamente pelo ruído da porta principal que se fechava, e ouviu o burburinho de vozes fora da biblioteca. Estavam perto e se aproximavam mais.

— Tenho que levar o remédio de sua tia, Jane.

— Obrigado, senhorita Grey — disse Jane com voz recatada.

— E a senhorita irá dormir agora? — perguntou de maneira que parecia mais uma ordem que uma pergunta.

— Vou pegar meu livro primeiro, senhorita Grey.

— Então, boa noite.

Sharpe ouviu as pisadas no saguão. Estava olhando fixamente a janela: se entrasse um criado para fechar os janelões e as basculantes, provavelmente o veria atrás da porta. Prendeu a respiração ao ouvir o som de passos na biblioteca.

— Fecho as janelas, senhorita Gibbons? — perguntou uma voz do outro lado da porta.

— Eu fecho, King.

— Obrigado, senhorita.

Sharpe estava na sombra. O cômodo cheirava a mofo e umidade. Sharpe ouviu passos dentro do aposento, uma chave dentro da fechadura, depois o chiado de uma gaveta ao abrir. Supôs que Jane Gibbons estava olhando no interior da escrivaninha de onde se haviam tirado os livros e as pistolas. A gaveta se fechou, ouviu a chave outra vez, e então Sharpe a viu. Avançava para os janelões, fechava-os e não pareceu mostrar surpresa alguma de que uma das folhas estivesse entreaberta. Nesse momento, quando se inclinou para passar o trinco inferior, ficou completamente quieta.

Sharpe via seu cabelo dourado e com cachos. Usava um vestido azul com o colarinho branco e uma cintura apertada e fora de moda que insinuava suas magras coxas. A garota olhava para o piso.

Ali havia barro, das botas de Sharpe, barro que conduzia até seu esconderijo.

Jane se endireitou, virou-se e levantou os olhos lentamente seguindo o rastro do barro seco até que ficou olhando a sombra junto da porta. Deu um salto quando o viu, mas não gritou. Sharpe moveu-se de lado, saiu da sombra, e ficaram se olhando fixamente, sem dizer palavra. O soldado sorriu. Por um momento pensou que a garota se ia dar uma risada, pois seu rosto era de travessura; depois, e com decisão, avançou até a porta que estava junto dele.

— Tenho que falar com o senhor!

— Aqui?

Ela moveu a cabeça em sinal de negação. Havia uma pérgola no jardim, construída no canto da parede voltada para o norte, e se reuniria com ele ali.

— Esperará?

— Esperarei.

Sharpe ficou aguardando debaixo da escura sombra das rosas que cresciam pela gelosia do refúgio. Havia um assento na pérgola, ao longo de uma mesa feita com pranchas grosseiras. O mar, longe a sua direita, se agitava, se desvanecia e voltava a se agitar. Ele havia ido até ali em busca dos livros de contas desaparecidos do batalhão, e em lugar disso se encontrava esperando uma garota a quem acreditava amar.

Ficou esperando cerca de vinte minutos e estava começando a pensar que ela já não viria, quando ouviu o chiado de uma porta e, instantes depois, viu uma figura escura com capa que corria pela grama. A garota entrou na sombra, sentou-se e depois olhou para trás, nervosa, intranquila, as janelas superiores da casa de tijolos que brilhavam com a luz das lamparinas.

— Não deveria estar aqui.

Richard ficou olhando-a, de repente sem saber o que dizer, e ela mordeu o lábio superior e deu de ombros como se tampouco ela estivesse muito segura.

— Obrigado pela comida e o dinheiro — disse Sharpe.

A garota sorriu, mostrando dentes brancos sob a luz da lua que se filtrava por entre as rosas.

— Eu o roubei — respondeu quase como um sussurro.

De repente estremeceu, talvez recordando o homem que havia morrido na marisma naquela noite.

— Eu não deveria estar aqui.

Sharpe era consciente disso, pois, apesar de toda sua vivacidade, estava atemorizada. Por isso pôs suas mãos lentamente em cima da mesa e cobriu as da garota.

— Eu tampouco deveria estar aqui.

— Não. — Jane não moveu as mãos que estavam, apesar da noite quente, terrivelmente frias. — Não, não deveria. — Sorriu com certa insegurança. — Por que estava na casa?

— Queria encontrar os arquivos dos leilões. Tem que haver arquivos. Livros de contas. — A voz de Sharpe se foi apagando, pois ela consentia com a cabeça.

— E existem, em Londres.

— Londres? — perguntou Sharpe surpreso e, em sua decepção, falou alto demais com a garota, com o rosto atemorizado, olhou para a casa. Richard baixou a voz. — Pensei que Girdwood os pegava da gaveta.

— Ele guarda aqui algumas coisas. Livros, pistolas. — Deu de ombros. — Disse que o haviam chamado em Londres e acho que queria as pistolas para o caminho. O que está acontecendo?

Sharpe lhe explicou o que havia feito naquele dia, como havia despojado o comando de

Girdwood. Não lhe disse que não tinha ordens para assumir o acampamento.

— Mas necessito desses livros de contas.

— Apenas vêm aqui para os leilões. Eu escrevo neles e meu tio volta a levá-los.

— É a senhorita que escreve?

— Meu tio me faz anotar as cifras.

A garota deixou suas mãos nas de Sharpe e em voz baixa lhe falou do dinheiro que fluía em Foulness. Sir Henry Simmerson havia obtido mais de quinze mil libras, lorde Fenner, o mesmo, e o tenente-coronel Girdwood, aproximadamente a metade. Haviam tido alguns gastos de três mil e oitocentas libras. A garota sorriu, pela sua precisão.

— Estão em dois livros grandes, de couro vermelho.

— Onde?

— Na casa de meu tio, na cidade.

— Onde fica a casa de seu tio? — Sharpe se perguntava se suas antigas habilidades seriam submetidas a uma dura prova.

— Não sei. Não vou muito a Londres.

— Não vai a Londres?

A garota percebeu a surpresa na voz de Sharpe, como se ele achasse que ela assombrava a sociedade londrina e como se essa expectativa lhe tivesse dado a inveja irracional sentida a respeito da vida desconhecida de alguém a quem se deseja. Ela ficou olhando-o.

— O senhor não entende, senhor Sharpe.

— O que não entendo?

A garota tardou em responder. As ondas iam batendo contra os bancos de lama que Sharpe tinha detrás, a água succionava e borbulhava na enseada; então ela tirou as mãos das dele, esfregou o rosto e começou a falar.

— Minha mãe era a irmã mais nova. Casou-se mal, pelo menos isso é o que pensa meu tio. Veja, meu pai se dedicava ao comércio, era coureiro. Era bem sucedido, mas seguia sendo comércio, não? Portanto eu não sou suficientemente bem nascida para entrar na sociedade, e não tenho o dinheiro suficiente para que a sociedade venha até aqui. — Sorriu de novo com tristeza.

— Entende?

— Mas seu irmão...

Ela consentiu rapidamente com a cabeça, pois já entendia a pergunta. Seu irmão tinha o aspecto de um aristocrata de nascimento e educação, isso o convertera em um pastrano arrogante, insensível e elegante.

— Christian sempre gostou de estar na moda. Esforçava-se muito, senhor Sharpe. Imitava o sotaque, a roupa, tudo. Herdou o dinheiro, mas perdeu a maior parte.

— Perdeu?

— Cavalos, roupa. — Deu de ombros. — Mas acho que era um bom soldado.

Não podia estar mais equivocada, ainda que Sharpe não dissesse nada. Jane afastou o cabelo da frente.

— Queria entrar na Cavalaria, mas era muito caro. Não éramos ricos, ou pelo menos não tão ricos como CHRISTIAN teria desejado.

Jane explicou que seus pais morreram há onze anos, quando tinha catorze, e que ela e seu irmão haviam vindo viver naquela casa, onde vivia a irmã de sua mãe, a mulher de sir Henry. Lady Simmerson estava enferma. Jane deu de ombros.

— Ou, pelo menos, é o que ela diz.

— O que quer dizer?

Voltou a sorrir com rapidez, mostrando tristeza e surpresa, e olhou atrás de si como se estivesse preocupada que um criado a pudesse estar vendo das janelas da casa que brilhavam com a luz da lua.

— Não sai de seu quarto e quase nunca de sua cama. Diz que está enferma. Acha que pode haver pessoas tão infelizes que acreditam que estão enfermas?

— Não sei.

A garota olhou para o tampo da mesa. Empurrou uma folha entre duas pranchas, e ele viu que o punho branco de seu vestido estava cerzido com pontos pequenos e nítidos.

— Eu não acredito que ela quisesse se casar com meu tio, mas as mulheres não têm escolha, realmente.

Falava em voz muito baixa, não só porque temia que sua voz fosse ouvida, mas também porque nunca tinha falado daquilo com ninguém. Jane deveria ter se casado há dois anos, mas o noivo perdeu sua fortuna e sir Henry anulou o casamento.

— Quem era? — perguntou Sharpe sentindo ciúmes.

— Um homem de Maldon. Não muito longe daqui.

Agora lhe haviam dito que ia se casar com Bartholomew Girdwood.

— Dito?

Ela sorriu, seu sorriso travesso, repentino e encantador, que, tal como Sharpe sempre havia percebido, lhe deixava no rosto certa tristeza.

— Eu escapei quando o combinaram. Meu tio me trouxe de volta.

Sharpe se perguntava se era por isso que ela ia na carruagem no dia em que ele e Harper avançavam para Foulness como recrutas.

— Fugiu?

— Tenho uma prima que se casou com um vigário. Celia me disse que podia ficar com

eles, mas meu tio conhece o proprietário da paróquia e já pode imaginar o que se passou.

Sem dúvida, sir Henry havia ameaçado o vigário com a perda de sua paróquia e de seu sustento. Jane sorriu para Sharpe.

— Eu não fiz muito melhor quando fugi — disse Sharpe. — A senhorita tem medo de sir Henry?

Ela pensou, tinha as mãos enlaçadas sobre a mesa, depois consentiu com a cabeça.

— Sim. Mas a maior parte do tempo ele fica em Londres. Passa aqui apenas um par de dias seguidos.

Jane dirigiu o olhar para as marismas banhadas pela lua, onde a maré alta empurrava as ondas do outro lado dos lamaçais inundados, formando lâminas prateadas e resplandecentes que se rompiam em chispas brilhantes de espuma aonde se encontravam com a força do rio.

— Portanto aqui estou. Faço companhia a minha tia, falo com a governanta, e às vezes, quando meu tio está em casa, sirvo de anfitriã em seus almoços. — Jane sorriu. — Quer dizer, reuniões de soldados.

— Girdwood?

— Sempre está aqui — respondeu com uma risada triste. — Meu tio gosta dele. Ficam horas e horas falando de batalhas e de táticas. — Deu uma entonação interrogativa na última palavra como se não estivesse acostumada a utilizá-la. — Mas creio que é o que fazem todos os soldados?

Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— A maioria de soldados que conheço fala do que farão quando acabar a guerra. Querem ter um pedaço de terra, eu creio que sonham em não voltar a ver um uniforme.

— E o senhor?

Ele deu uma risada.

— Não sei o que farei.

Sharpe lembrou seus tristes pensamentos quando estava sentado na mureta do reservatório dos jardins de Vauxhall, seus pressentimentos cinzentos de soldado em tempo de paz.

A garota suspirou.

— Precisa muito daqueles livros?

— Sim. Tenho de ter provas.

— Claro — respondeu ela consentindo com a cabeça. — Quero ajudar, mas é difícil.

Sharpe queria voltar a pegar suas mãos, mas não estava seguro de que esse gesto fosse bem aceito. Jane tinha a cabeça baixa e a lua projetava as sombras de seus cílios formando linhas compridas e delgadas sobre suas bochechas, que de repente desapareceram quando ela ergueu a vista para olhá-lo.

— Posso me arriscar. Posso tentar encontrá-los. Gostaria de fazê-lo, de verdade. Mas

podem me castigar.

— Sir Henry?

— Ele me bate — respondeu ela sem olhá-lo, observando além das marismas as pequenas ondas.

— Bate?

— Sim — respondeu ela como se fosse o mais normal do mundo. — Na última vez deixou Girdwood ver, para o coronel saber como tinha que tratar uma mulher. Usava uma chibata. Não é sempre: não muito, pelo menos.

A mulher deixou escapar um risinho, para indicar que não procurava sua compaixão. Sharpe achou que não era apropriado dizer nada e permaneceu em silêncio. Ela sacudiu a cabeça.

— Há marcas nas paredes de seu estúdio. Ele açoita, sabe? E a chibata arranha o gesso. Chateia-se muito.

Disse estas últimas palavras com voz desmaiada, como se na realidade não pudesse descrever os açoites. No silêncio que seguiu a suas palavras, Sharpe ouviu um relógio que soava na casa. Contou as dez, e quando terminou ela levantou o olhar para ele.

— O que acontecerá se não conseguir os livros?

Ele não sabia. Tudo o que planejava para os dias seguintes dependia desses livros de contas. Estivera tão seguro de que estariam aqui, de que poderia armar uma emboscada para Girdwood e levá-lo, e depois fazer marchar os homens até Chelmsford onde esperaria com o batalhão... Havia planejado enviar D'Alembord à Taberna da Rosa, mas sem os livros não tinha provas. Não tinha nada. Sharpe olhou para o interior de seus olhos enormes, que brilhavam com o reflexo da lua, e deixou que seu olhar se demorasse sobre as sombras abaixo de seus pômulos e sobre seu pescoço. Sorriu.

— Lembra que deu a seu irmão um relicário com seu retrato no interior?

— Sim — respondeu ela com surpresa.

— Eu o usei quando ele morreu.

Jane sorriu timidamente, entendia a mensagem que ele queria lhe transmitir; contudo, não estava segura do que dizer. Baixou o olhar para a mesa.

— Ainda o tem?

— No início do ano me fizeram prisioneiro. Agora pertence a um francês.

Sharpe o havia usado como um talismã, todos os soldados têm talismãs contra a morte.

— Espero que se pergunte quem é a senhorita.

Ela sorriu ao ouvir isso, depois levantou o olhar para ele.

— Quero que o senhor consiga os livros — ela disse depressa. — Mas tenho medo.

Tinha medo porque, uma vez que Sharpe tivesse os livros e sua vitória, ela ficaria à mercê

da vingança de seu tio.

Sharpe voltou a tocar em suas mãos. Naquele momento, parecia um ato de tanta coragem como subir pela sangrenta brecha de Badajoz.

— Por que quer me ajudar? — perguntou ele, com seu sorriso travesso.

— Nunca me esqueci do senhor — respondeu Jane muito baixinho. — Às vezes acho que é porque meu tio o odeia tanto. Se é seu inimigo, tem que ser meu amigo? — Deu um tom interrogativo a estas palavras e depois deu uma risada em voz baixa. — Ele lhe inveja.

— Invejar?

— Ele gostaria de ser um grande soldado, valente! — disse ela com zombaria. — O que houve com ele na Espanha?

— Fugiu.

Ela deu uma risada. Seguia com as mãos nas de Sharpe, sem movê-las.

— Sempre fala disso como se fosse um herói. Christian capturou aquela águia?

— Esteve perto.

— Quer dizer que não o fez?

— Na realidade, não.

Jane sacudiu a cabeça como recordando todas as mentiras de seu tio.

— Sempre quis ver a Espanha. Havia uma garota de Prittlewell que se casou com um major de artilharia. Partiu para a Espanha com ele. Marjory Beller. Conhece?

Sharpe meneou a cabeça em sinal de negação.

— Não. Mas lá há muitas mulheres de oficiais.

A garota ficou em silêncio um bom momento. Baixou a vista para suas mãos, que ainda estavam nas de Sharpe.

— Poderia ir a Londres, mas necessitaria de algum dinheiro. Conheço alguns dos criados de sua casa porque nos visitam. Talvez pudesse encontrar os livros.

Ele não disse nada. Suas palavras continham demasiada incerteza para a paz de espírito de Sharpe e, ainda que lhe animasse vê-la desejando ajudá-lo, temia muito o castigo ao qual se expunha. A garota mordeu o lábio.

— Mas e se não os encontrar?

— Terei que pensar em outra coisa.

Respondeu alegremente, contudo, sem a prova não tinha nada. Talvez pudesse ordenar ao capitão Smith e aos outros oficiais que escrevessem sua confissão, mas logo se lembrou das palavras de lady Camoyne. Que confiança tais testemunhas ofereceriam frente ao que dissessem lordes e políticos e homens de alta estirpe? Sharpe, sem os livros de contas, necessitava de aliados do mesmo peso, e, de repente, esse pensamento, o de aliados, lhe

ofereceu uma ideia violenta, maravilhosa e impossível. A ideia, que se elevou como uma grande cortina de chamas na escuridão de sua cabeça, era tão esplêndida que sorriu e lhe agarrou as mãos com força.

— Não os necessito, de verdade!

— Não?

A ideia lhe fervia no interior e fazia que suas palavras saíssem precipitadamente.

— Seria maravilhoso tê-los. Facilitaria as coisas. Porém, se não é assim, posso me arrumar.

— Mas lhe seria de ajuda tê-los? — perguntou Jane com sinceridade, e ele notou, de repente, que essa garota queria ajudá-lo.

— Sim, certamente.

— Quer que eu tente?

— Sim — respondeu ele consentindo com a cabeça.

— Como posso encontrá-lo?

— No próximo sábado. — Retirou a mão das de Jane e sacou alguns guinéus de sua bolsa e as pôs sobre a mesa. — Conhece a porta de Hyde Park? Onde acaba Piccadilly?

A garota consentiu com a cabeça. Sharpe empurrou as moedas para ela.

— Estarei lá ao meio-dia, e se a senhorita conseguir os livros os derrotaremos; mas se não for assim, ganharemos do mesmo jeito!

Jane sorriu diante do entusiasmo que ele mostrava, aquela esperança total e repentina que lhe dera poder. A garota remexia as dez moedas com o dedo.

— Estarei lá. E levarei os livros de contas.

— E ninguém a castigará. — Sharpe pegou suas mãos com força. — Tenho dinheiro, mais que suficiente. — Por um momento esteve tentado a explicar-lhe sobre Vitória, do campo de batalha cheio de ouro e jóias, de sedas e pérolas. — Pode ir aonde queira. Pode fugir.

Jane rompeu a rir. Seus olhos brilhantes estavam cravados nele.

— Não sou muito boa nas fugas.

Sharpe ficou olhando-a, constrangido por seu rosto, por uma beleza preciosa e pouco frequente, e pensou em todas as coisas que tinha querido lhe dizer, que durante anos havia sonhado lhe dizer e de repente soube que deveria dizê-las nesse momento, ou talvez, não poderia dizê-las nunca. Sharpe havia se arriscado com frequência; incitado por um pensamento repentino e sem pensar nas consequências havia feito coisas no campo de batalha que lhe deram fama no Exército de Wellington. Subira por uma brecha onde jaziam mortos centenas de homens, atuando em um arrebatamento porque o pensamento o conduzia diretamente para a ação e, ainda que a prudência seja sábia na vida de um soldado, a indecisão é fatal. Contudo, quando falava, escutando com surpresa suas palavras, pensava que

estava se arriscando mais que nunca na Espanha.

— Tem que se casar comigo.

Jane ficou olhando-o em silêncio. Ele o dissera rápido, como de passagem, em um tom amistoso como se fosse um pensamento que lhe acabasse de vir à cabeça. Ela retirou as mãos, apesar da pressão que exercia Sharpe sobre seus dedos, e ele lamentou aquelas palavras no mesmo instante.

— Sinto muito.

— Não, não — disse ela sacudindo a cabeça perturbada.

Ouviram uma porta que se fechava no interior da casa, um estalido seco que pareceu que se estendia ameaçador para o jardim. Jane se virou imediatamente, ficou olhando as janelas como se pelo resplendor branco pudesse dizer o que sucedia naqueles aposentos cheios de armas penduradas.

— Tenho que ir! A senhorita Grey às vezes vai ao meu quarto.

— Sinto muito, de verdade.

— Não — disse ela, negando de novo com a cabeça, e se levantou. Voltou a ouvir a porta e desta vez se estremeceu. — Tenho que ir.

— Jane!

Mas ela correu. Parecia frágil e delgada sob a luz da lua. Sharpe a contemplou até que penetrou nas sombras junto à casa e desapareceu.

Sharpe ficou na pérgola, com a cabeça entre as mãos e maldizendo sua torpeza. Estava a quatro anos sonhando com aquela garota e, quando tivera a oportunidade de falar com ela, fora brusco quando era necessária a delicadeza. Sua proposta de matrimônio lhe ressoava nos ouvidos para zombando dele, e desejou com todas suas forças poder retirar aquelas palavras. Ele a tinha perdido, não viria a Londres. Os guinéus que lhe dera ainda estavam na mesa, o ouro de um bobo sob a luz da lua.

Esperou até que as últimas luzes se apagassem na casa, e só então se moveu. Arrancou uma única rosa da pérgola e, como uma sombra entre a escuridão, desceu até a enseada que estava inundada pela maré alta. Deixou para trás as moedas.

Cavalgou com as mãos vazias para Foulness. Não tinha as provas que necessitava, nem era provável, pensou, que as tivesse. Jane tinha querido ajudá-lo e ele a havia assustado. Ele agora teria que fazer a coisa desesperada, a coisa imprudente; utilizaria o próprio batalhão como arma contra os vigaristas e tolos. Ainda podia ganhar, mas o que havia perdido nesta noite faria com que todas as vitórias fossem insubstanciais. Era um bobo.

Capítulo 17

Tal e como Sharpe imaginava, a manhã seguinte foi caótica. Os homens estavam dispostos, mas os oficiais de Foulness e os sargentos pareciam incapazes de resolver a menor das dificuldades.

— Senhor?

Sharpe se virou e viu o tenente Mattingley que franzira o cenho desagradavelmente sob a luz da lua, já quase inexistente por causa do amanhecer.

— Os caldeirões, senhor. Não temos transporte. — Apontou debilmente para enormes recipientes de ferro, cada um deles grande o bastante como para poder cozinhar dentro um boi inteiro.

— Não os podemos transportar, senhor.

— Tenente Mattingley — Sharpe falou com uma paciência da qual carecia —, imagine que a três quilômetros deste lugar houvesse dez mil franceses que não tivessem outro desejo que partir-lhe o crânio. Imagine também que o senhor recebeu ordem de retirada. O que faria com os caldeirões se fosse esse o caso?

Mattingley pestanejou, pensou, depois dirigiu um olhar duvidoso para Sharpe.

— Abandoná-los, senhor?

— Exatamente. — Sharpe se afastou com seu cavalo. — Faça-o.

Também abandonou as tendas. Não havia mulas para acarretá-las, apenas transporte para a metade do equipamento que havia sido levado para Foulness. A carruagem alugada se converteu no escritório do batalhão, o interior estava abarrotado de papéis que teriam que ser selecionados em Chelmsford. O cofre do batalhão, que agora continha os Valiosos formulários e o dinheiro, estava metido entre os assentos da carruagem.

— Senhor? — O capitão Smith cumprimentou Sharpe. Observou, sob a pálida luz da lua, que o major usava uma rosa presa na primeira casa, mas o capitão Smith não era o tipo de homem que fazia perguntas.

— Capitão?

— O tenente Ryker se foi, senhor. — Esse era o oficial que havia decidido abandonar antes que permanecer com o batalhão. — E, senhor?

— Sim?

— O coronel também se foi, senhor! — exclamou Smith com surpresa.

— Bom! Bom!

Sharpe se esforçava para parecer animado. Na maioria das manhãs, como bem sabia Harper, Sharpe ficava de mau humor até o sol ou uma boa marcha o esquentar, mas hoje, com a

incerteza e o caos que tinha ao redor, tinha que simular que tudo estava normal.

— Encontrou algum vaqueiro?

— Sim, senhor.

— Ponha-os em movimento!

Sharpe havia ordenado que procurassem por homens que antes de se alistarem ao Exército tinham sido vaqueiros. Necessitariam de uma dúzia deles para conduzir o gado do batalhão durante a marcha.

— E, capitão Smith?

— Senhor?

— A companhia número quatro é sua!

— Obrigado, senhor!

Sharpe conduziu aquele batalhão heterogêneo para fora de Foulness. Quando a alvorada começava a iluminar o escuro céu, aproximaram-se de um vau para cruzar o Crouch, e Harper, que avançava à frente da coluna, ia mostrando à companhia que marchava na frente a letra de *Garoto do tambor*.

— Cantem, bastardos protestantes! Cantem!

Quando já haviam cruzado o Crouch e os primeiros atrasados iam coxeando para alcançar o restante, a companhia que ia à frente já sabia as três primeiras estrofes. Não era uma canção que se ouvisse muito pelas estradas britânicas, onde os oficiais achavam que as únicas canções de marcha eram as patrióticas e austeras, mas a melodia era contagiosa e as façanhas do garoto do tambor eram extraordinárias, e os homens berravam os versos referentes a como o garoto satisfazia à mulher do coronel. Do outro lado do Crouch, quando se aproximavam de um pequeno povoado, Sharpe ordenou um alto. Alguns gansos passaram voando sobre suas cabeças, um moleiro soltava as pás de seu moinho para aproveitar o vento; Sharpe olhou para os homens que se deixavam cair nos lados do caminho e decidiu lhes conceder uma oportunidade, aqueles homens podiam combater tão bem como quaisquer outros na Espanha.

Tinha que lhes dar essa oportunidade. Não tinha provas, nada que evidenciasse o recrutamento, e Sharpe sabia que as provas estavam perdidas. Se tivesse sido mais suave com Jane, se não tivesse estragado tudo com um pedido de matrimônio justo na quarta vez que a via, então ela estaria inclusive planejando ir à busca dos livros. Contudo, ele a espantara antes que pudesse lhe dizer onde poderia encontrar alojamento ou ajuda, antes que pudessem combinar todos os pequenos detalhes tão importantes. Seus dez guinéus estavam sem dúvida perdidos, algum criado teria apanhado e Sharpe se lançou a um risco desesperado.

— Nenhuma prova então, senhor? — perguntou D'Alembord, que cavalgava junto a Sharpe.

— Nenhuma, Daily.

D'Alembord olhou a rosa vermelha que Sharpe usava na lapela e decidiu não dizer nada,

senão mostrar um sorriso confiante.

— Vamos ter que arrancar uma confissão daqueles sacanas — disse apontando para os oficiais e sargentos que tinham pela frente.

— Suas palavras contra lorde Fenner? — Sharpe deu de ombros. — Acho que tenho uma ideia melhor.

Explicou a D'Alembord o que havia pensado na noite anterior, a ideia selvagem, esplêndida e desesperada e D'Alembord, depois de escutá-la, deu uma risada. Depois, ao ver que Sharpe falava sério, ficou horrorizado.

— Não pode fazer isso!

— Sim — respondeu Sharpe suavemente. — Você não tem a obrigação de vir.

— Certamente que irei! O pior que podem fazer é nos enforcar, não?

Sharpe deu uma risada, agradecido por aquele apoio. Para Sharpe, esta manhã, este dia e esta marcha constituíam uma prova. Não só pela ação temerária que planejava, mas porque lamentava muito a proposta de matrimônio, estúpida e impulsiva, que pronunciara. Ele a havia assustado. Sentia-se um bobo; sentia como se lhe tivessem dado a oportunidade de se aproximar de algo precioso e maravilhoso e, com uma torpeza extrema, ele tivesse estragado. Tentou se convencer de que havia tido sorte por Jane não ter aceitado no momento, mas apenas sentia arrependimento por sua falta de tato.

Jane Gibbons lhe perseguia em seus pensamentos e lhe fazia sentir vergonha, e seus inimigos perseguiram seus pensamentos e lhe faziam sentir temor. Tão logo Girdwood chegasse a Londres, seria redigida a ordem de prisão contra Sharpe. Sem dúvida, Fenner enviaria primeiro alguém a Foulness e depois a Chelmsford, e Sharpe observava a estrada por atrás de suas colunas, que avançavam como se esperasse ver os mensageiros galopando para si. A vantagem que levava sobre seus inimigos era escassa, e cada hora que passava enquanto a lerda coluna avançava com dificuldade pelo caminho empoeirado se aproximava cada vez mais do fracasso. Sharpe sabia que não devia mostrar seus temores. Encontrou-se com Horatio Havercamp e o chamou, de maneira que o sargento foi caminhando junto ao cavalo de Sharpe durante um trecho entre as companhias.

— Senhor?

— Quanto obtinham, Horatio?

— Obter, senhor?

— Horatio Havercamp, comecei neste Exército no mesmo tempo que você. Conheço todos os malditos truques e inclusive alguns que você não aprendeu. Quanto obtinham?

Havercamp sorriu com cinismo.

— Nós ficávamos com o pobre salário dos bastardos, senhor.

Não era de admirar, pensou Sharpe, os sargentos deviam estar mais que dispostos a descobrir qualquer pequena imperfeição no equipamento dos homens que pudesse ser

deduzido do pagamento. Aquelas deduções constituíam a renda extra dos sargentos.

— Portanto, quanto recebiam?

— Três libras por semana? Variava um pouco, certamente.

— Talvez cinco libras por semana?

— Digamos quatro, senhor — replicou Havercamp, sorrindo com cinismo. — Mas tudo era oficial! Ordens, senhor.

Sharpe olhou aquele rosto astuto.

— Você sabia que não era.

— Não fazia nenhum mal, senhor, não? O Exército necessita de homens; sempre se pagou para recrutar, por que não nós?

— Nunca pensou no que aconteceria quando alguém descobrisse?

O sargento seguia mantendo seu astuto olhar de prazer.

— Se fosse para nos prender, senhor, já o teria feito. Não o fez, o que quer dizer que precisa de nós. Além do mais, já viu um sargento de recrutamento melhor que eu, senhor?

Sorriu com cinismo para Sharpe e sacou do bolso os dois guinéus de ouro que com maravilhosa destreza fazia ir e vir sobre os nós dos dedos.

— Não há muitos sargentos que possam dizer que recrutaram o major Sharpe, não?

Sharpe sorriu.

— Suponha que eu ache que me possa ser mais útil na Espanha.

— Eu sempre ouvi dizer que o senhor era um homem sensato, senhor. Os recrutas se encontram aqui, não lá.

— Mas já não há benefícios nesse trabalho, sargento.

— Não, senhor.

O sargento Havercamp sorriu contente. Sabia que seguia havendo benefícios, talvez não tão grandes, mas os que recrutavam tinham que levar o dinheiro do Governo, e se inventasse um par de desertores por semana, isso daria cerca de dois guinéus que se poderia repartir com seus cabos. O sargento Havercamp sabia que se sairia estupendamente, ainda que, como era usual, enviassem oficiais com cada grupo de recrutamento. Horatio sabia como molhar a mão de um oficial assim como o de qualquer outro homem.

— Algo mais, senhor?

— Mais uma coisa. Há uma mãe Havercamp? Já sabe, daquela com a qual o general fala desde a grade do jardim.

Havercamp deu uma risada.

— Faz anos que não vejo esse velho verme, senhor. Nem quero.

Sharpe deu uma risada.

Chegaram a Chelmsford no meio da tarde e inundaram o depósito adormecido de homens. Os problemas que atormentaram Sharpe antes do amanhecer viam-se agora multiplicados por cem, pois era aqui onde começaria seu verdadeiro trabalho.

Estava pensando neste momento desde o instante em que tivera aquela ideia, sentado-se à mesa diante de Jane Gibbons. Havia tentado antecipar-se aos problemas, mas apesar disso havia milhares de detalhes nos quais não havia pensado, e salvo D'Alembord, Price e Harper, não tinha homens capacitados para arrumar-se no meio daquele caos.

Não tinha as provas que necessitavam para proteger aqueles homens da mão de lorde Fenner, nem, pensava ele, essas provas apareceriam. Se Jane Gibbons o ajudasse de verdade, se lhe trouxesse os livros de contas no último momento, então poderia poupar-se o que planejava com tanto risco, porém, sem tais provas, tinha que fazer o que seus inimigos já tinham feito; tinha que ocultar o batalhão.

Não a totalidade, pois nem todos estavam preparados para fazer o que ia lhes pedir. Separou as quatro companhias já instruídas das outras, e para estas quatro forneceu uniformes e mosquetes. As outras, as que não haviam acabado a instrução, teria que deixá-las ali com a esperança de que nos próximos quatro dias ninguém conseguisse levá-las.

— Senhor! — gritou Charlie Weller, ao mesmo tempo em que rompia as filas de seu esquadrão e corria junto a Sharpe. — Por favor, senhor!

— O que foi, Charlie?

Sharpe observava a arcada do quartel temendo que houvesse chegado um mensageiro de Londres.

— Quero ir com o senhor, senhor. Por favor! — Weller apontava para as quatro companhias com as casacas novas e reluzentes. — Vão à Espanha, não é mesmo, senhor?

Sharpe sorriu.

— Algum dia irá para lá, Charlie.

— Senhor! Por favor! Eu consigo!

— Nem ao menos sabe manejar o mosquete, Charlie! Os franceses são bons, muito bons.

— Eu posso, senhor. Dê-me uma oportunidade! — Tinha lágrimas nos olhos. Apontou para o fuzil de Sharpe. — Posso lhe mostrar, senhor!

Sharpe afastou o fuzil para que não pudesse pegá-lo.

— Pode disparar uma arma, mas não é como disparar em coelhos. Aqueles sacanas também disparam.

— Senhor!

Sharpe contemplou a desespero de Weller e se lembrou como o garoto havia corrido atrás do grupo de recrutamento ao amanhecer.

— Diga ao sargento Harper que está na companhia do tenente Price.

O garoto explodiu de felicidade.

— Obrigado, senhor!

— Mas não deixe que o matem na primeira batalha, Charlie.

Teria desejado que todos os problemas fossem tão fáceis de resolver. Tinha que procurar chaleiras de acampamento, roubar mulas dos estábulos da milícia, e tudo teria que ser feito depressa porque Sharpe sabia que precisava sair daquele lugar antes que chegasse qualquer ordem de Londres. Repartiu os sargentos entre as duas unidades e deixou o sargento Havercamp para recrutar. Também deixou Brightwell como sargento-mor sob as ordens do capitão Finch. Sharpe não gostava desse arranjo, mas se nos dias vindouros tudo corresse bem, poderia substituir Finch e Brightwell por homens melhores. Sharpe deixou o sargento Lynch com seus homens instruídos. Sharpe queria ter o irlandês traidor e rancoroso sob sua vigilância.

O gado ainda não havia chegado e o cocheiro se queixava de que a carruagem estava partindo, mas se acalmou quando Sharpe lhe prometeu uma moeda de ouro se conseguisse que a madeira permanecesse inteira. O capitão Carline, horrorizado pela repentina energia que se havia insuflado naquele quartel tranquilo, empalideceu quando Sharpe lhe disse para se preparar para partir.

— Regressaremos esta noite, não, senhor?

— Por quê?

— Tenho um encontro para jantar... — Respondeu enquanto suas palavras iam se apagando.

— Depressa, capitão!

Ainda havia mais problemas: a metade dos sapatos dos homens tinha ficado totalmente destroçada no dia da breve marcha, e agora não havia suficientes para distribuir. Price foi à busca de homens que tivessem sido sapateiros antes de se alistar ao Exército.

Guardaram a maioria dos papéis de Foulness nos escritórios, mas Sharpe ficou com os formulários de alistamento. Aqueles documentos, onde agora constava que aqueles homens estavam todos no primeiro batalhão do South Essex, seriam muito incômodos para seus inimigos. Não eram prova de uma infração, mas a ausência dos documentos, em um Exército inundado de papeladas, impediria quase totalmente que lorde Fenner dispersasse os homens que restavam em Chelmsford enviando-os para outros quartéis. O formulário de recrutamento era o passaporte de um homem no Exército: sem ele não existia. Sharpe os guardou na carruagem.

E finalmente, às sete em ponto, quando as moscas anãs dançavam entre o ar da tarde sobre a porta de entrada e as andorinhas se precipitavam por cima do telhado, as quatro companhias estavam preparadas. Formavam em ordem de marcha, com todo o equipamento e as armas ao ombro. Acreditavam que Sharpe os preparava para um exercício incômodo que consistiria em fazê-los marchar até os arredores da cidade e depois regressar. Isto era o que todos acreditavam, salvo seus três companheiros mais chegados.

— Batalhão! Em frente! — gritou Harper bem alto. — Marcha rápida!

As quatro companhias, seguidas pela carruagem, passaram debaixo da arcada e giraram para o oeste para Chelmsford. Sharpe rodeou a cidade indo para o norte e, até que o pináculo mais alto de Chelmsford tivesse desaparecido de seu vista, não sentiu Sharpe uma leve esperança. Seguiu fazendo-os marchar a um passo rápido, levou-os por veredas estreitas e com as ervas altas, metendo-os por uma campina doce e perfumada por hortos, cercas e colinas suaves. Fez que avançassem até que o sol, enorme e glorioso, quase tocava o horizonte a oeste. Então, ali onde se estendia um pasto junto ao grande refúgio de carvalhos e faias, fez que a coluna, exausta, se detivesse, e chamou os oficiais.

— Aqui, cavalheiros, é onde vamos dormir.

O capitão Carline, cujas elegantes calças se desgastaram com o passeio a cavalo, o olhou assombrado.

— Dormir, senhor? Mas não temos tendas!

— Bom.

Dormiram ali.

Durante dois dias avançaram em direção oeste. Dormiam ao relento, como teriam feito na Espanha, e Sharpe poupou os homens dos desfiles e da instrução que os atormentara em Foulness. Não é que fosse fácil, mas ele tentava, na medida em que lhe permitisse esta campina rica e fácil, dar-lhes uma amostra do que era a marcha em uma campanha.

De noite postavam piquetes. Para dois de seus capitães, Smith e Carline, um piquete era um grupo de homens que ficavam em posição de sentinela nos arredores do acampamento e que não tinham outro propósito que o de cumprimentar os oficiais.

Na primeira noite que Smith posicionou os piquetes, o sargento-mor de regimento Harper, oculto em moitas de amoras, disparou uma bala contra o tronco de uma árvore junto ao capitão. Smith deu um salto.

— Senhor! Senhor!

Sharpe indicou que ficasse de lado.

— Se fossem os franceses e não o sargento-mor, o senhor estaria morto. Esconda-os.

— Escondê-los?

— Se o senhor fosse um francês, capitão, como se aproximaria deste lugar?

Smith franziu o cenho, depois apontou para onde a vereda desaparecia do outro lado da colina junto a uns olmos.

— Por ali, senhor?

— Então o vigie. E diga-lhes que virei em sua busca.

Naquela noite e nas seguintes, ao redor da fogueira dos oficiais, Sharpe relatou batalhas. Não o fez com presunção, mas porque nenhum destes homens, salvo D'Alembord e Price,

sabiam o que era enfrentar os franceses. Explicou como cheirar a cavalaria oculta, como limpar o mosquete em um campo de batalha, como enfrentar a carga de um cavalo, como construir um alojamento do nada, e algumas vezes Sharpe vagava por outras fogueiras do acampamento e contava aos homens as mesmas histórias. Harper também o fazia, pondo em ação sua mágica irlandesa, de forma que ao cabo de dois dias podia maldizê-los e eles seguiam sorrindo e tentavam impressioná-lo com sua resistência.

— São bons rapazes, senhor — disse Harper.

Sim, eles eram e começavam a querer ir para a Espanha, mas algumas vezes Sharpe temia durante as noites que suas esperanças se vissem quebradas por sua temeridade. Tentava não pensar na derrota e seguiu fazendo avançar seu batalhão oculto.

Os homens não estavam livres de toda a instrução. Aonde podiam, em algum campo ou em terrenos baldios que iam descobrindo à medida que avançavam para o oeste, Sharpe lhes gritava de repente que formassem um quadro, ou uma linha, ou uma coluna de meias companhias; e tinha o tenente Mattingley a seu lado, que cronometrava a manobra. Cada dia eles ficavam melhores, inclusive começavam a desfrutar com aquela experiência. Uma fraca chuva os abençoou, e um sol quente; e também algum pagamento atrasado que saiu do cofre do batalhão, que ainda seguia guardado na carruagem de aluguel. O dinheiro diminuiu rapidamente, pois foi utilizado para pagar aos moleiros a farinha, aos granjeiros a cerveja e aos hospedeiros por algumas rações.

No terceiro dia, Sharpe deteve a marcha. Os homens estavam mais fortes que nunca, tão sujos e andrajosos como qualquer soldado que estivesse na Espanha e mais contentes do que teriam esperado. Fez que fosse um dia de práticas, duas companhias contra as outras duas, jogos com os quais os homens tentavam surpreender os piquetes ou ocultar-se nos bosques; jogos de esprieda que não lhes seriam de muita utilidade a menos que fossem para uma companhia ligeira, mas que constituíam um descanso da dura marcha. Aquela noite, com grande preocupação dos sargentos e oficiais, permitiu que fossem à taberna do povoado próximo, e prometeu que se açoitaria a todo homem que causasse problemas ou que não regressasse ao acampamento.

— Não voltará a ver essa escória — afirmou o sargento Lynch, que estava na companhia de D'Alembord e sempre estava disposto a chamar mau tempo.

Lentamente, e como o castigo que havia previsto não se materializou, foi recobrando sua segurança presunçosa. Charlie Weller seguia olhando-o com ódio, ao se recordar da morte de Buttons.

Sharpe não sorria; sentia que o ódio era mútuo entre o sargento irlandês e ele.

— Não gosto de apostar, sargento Lynch, mas aposto uma libra por cada homem, coisa que o senhor pode se permitir, de que todos eles regressarão.

Lynch não aceitou a aposta, e todos os homens voltaram.

Duas vezes Sharpe se encontrou com algum oficial superior que cavalgava por suas propriedades rurais, e em ambos os casos se mostraram encantados de vê-lo. Eles acenaram

alegremente para os homens que avançavam com aprovação. Sharpe disse que estavam em exercício e nenhum dos oficiais pensou que houvesse algo estranho nisso, o que significava que não se havia levantado nenhuma agitação por causa do meio batalhão perdido na Inglaterra.

Sharpe estava seguro de que lorde Fenner mandaria procurá-lo, mas supunha que esta se concentraria em Chelmsford e depois, talvez, em um dos depósitos, como Chatham, de onde partiam os substitutos para a Espanha. Se o encontrassem no prazo de dois dias, antes que pudesse preparar o desfile que tinha planejado, então sabia que estava perdido.

Na sexta-feira pela manhã, quando o meio batalhão girou para o sul, Sharpe mandou chamar o tenente Mattingley. Este, assim como Smith, queria causar boa impressão para Sharpe, queria o perdão, e mostrou um grande alívio quando viu que o major sorria.

— Senhor?

— É sexta-feira, Mattingley.

— Verdade, senhor.

— Quero frango para o jantar.

— Frango, senhor? Temos carne de boi.

— Frango! — insistiu Sharpe, ao mesmo tempo em que apontava para uma mulher que observava a passagem dos homens e que devolvia comentários tão grosseiros como os que recebia da tropa que avançava. — Frango branco, Mattingley, uns sessenta.

— Sessenta frangos brancos, senhor?

— O frango branco é mais gostoso. Compre-os, roube-os se não tivermos bastante dinheiro, mas encontre sessenta frangos brancos para o jantar.

Mattingley se perguntou se Sharpe não era só mais um oficial excêntrico.

— Sim, senhor.

— E Mattingley.

— Senhor?

— Quero um colchão de penas, ou seja, guardem as penas.

Mattingley estava agora convencido de que Sharpe, que ainda usava uma rosa murcha na lapela, estava mau da cabeça. Excesso de combate, talvez.

— Um colchão de penas. Certamente, senhor.

Naquela noite, antes de tomar um jantar com refogado de frango, Sharpe ensaiou seu meio batalhão em uma manobra que, pelo que ele sabia, nunca havia sido executada por nenhum batalhão na história da guerra ou da paz; uma manobra que fez os homens rirem, mas que, até que a executassem de forma satisfatória, ele insistiu em praticar. Alguns, como o sargento Lynch, pensavam que estava louco; outros acharam que, simplesmente, todo o Exército estava louco, enquanto que Harper, que gritava aquelas ordens estranhas, sabia que o bom humor de

Sharpe significava que estavam a ponto de entrar em ação.

E, certamente, era assim. No amanhecer seguinte, que deixou ver ao sul um céu coberto de uma grande fumaceira, Sharpe se vestiu com seu uniforme velho de combate, seu uniforme descolorido, esfarrapado e cheio de remendos que não dava sinais de seu posto. Fez que Charlie Weller, que era hábil com a agulha, lhe costurasse a coroa de louro outra vez na manga.

— Eu usava esta casaca quando capturamos a águia, Charlie.

— Era, senhor?

Weller observava com os olhos bem abertos enquanto Sharpe vestia a casaca verde e enquanto afivelava a grande espada na cintura.

— Algo especial hoje, senhor?

— Sim, Charlie. É sábado vinte e um de agosto. — Sharpe desembainhou a espada e a girou de forma que o sol nascente percorresse com sua luz a lâmina. — Um dia muito especial.

Weller sorriu brincalhão.

— Especial, senhor?

— Especial, Charlie, porque você irá a Londres para conhecer um príncipe.

Sharpe sorriu, introduziu a espada na bainha e montou em seu cavalo. Estava indo para a batalha.

Capítulo 18

A multidão se concentrou cedo em Hyde Park. Ao recinto público se chegava pela antiga Tyburn Lane, agora chamada Park Lane para livrá-la da recordação odiosa das execuções públicas. Uma vez que se atravessava a porta Grosvenor havia uma generosa extensão de grama, delimitada por barreiras de cordas, em frente ao reservatório onde os londrinos podiam passear, contemplar os processos e comprar cerveja, tortas e fruta. As melhores vistas da revista e do desfile se teriam, ou da parte mais alta do dique da represa, ou então de uma das numerosas arquibancadas com lugares que permitiram construir para serem alugadas ao público. Atrás da zona acordada, entre o recinto público e Tyburn Lane, havia cortinas de aniagem para os serviços, cujos proprietários estavam sentados recolhendo quartos de peniques dos espectadores mais exigentes.

Ali se misturavam ladrões, prostitutas, e mais sargentos de recrutamento que possíveis recrutas. Todo mendigo de Londres que pudesse afirmar, fosse verdade ou não, que era um ex-combatente, ia para Hyde Park acreditando que a multidão daquele dia teria compaixão dos feridos nas guerras britânicas. Diante do recinto público, do outro lado da esplanada onde ocorreria o desfile, uma extensão de trezentos metros cruzada pelas veredas do parque público, ficava o Ring. No centro deste, ficava o teatro, e ao redor de seu perímetro os jovens de Londres costumavam ir para se exhibir a cavalo e para cumprimentar com o chapéu as damas que tomavam ar nas carruagens descobertas. Nesse dia, não. Havia uma grande tribuna coberta que tampava o Ring ao público, da qual penduravam bandeiras vermelhas, brancas e azuis, coroadas por cinco hastes de bandeira. Quatro das hastes, as que flanqueavam a do centro vazia, já tinham as bandeiras penduradas; eram duas bandeiras da União, e nas hastes mais exteriores penduravam as bandeiras dos aliados, Portugal e Espanha. A haste central esperava o estandarte do príncipe regente. No telhado do pavilhão, por cima dos lugares com almofadas, ficava a coroa real, flanqueada à esquerda pelo escudo de armas do duque de York e à direita pelas três penas cacheadas que eram a insígnia do irmão mais velho do duque, o príncipe de Gales.

De cada lado do grande pavilhão havia mais duas áreas públicas, acordadas como a que ficava na frente da represa, mas nestas se proibia a passagem das pessoas. As cordas dos dois recintos eram de tecido escarlate, com borlas douradas; dentro dos recintos penetravam as carruagens dos ricos. As capotas de couro dos coches iam baixadas, pois luzia um sol brilhante. Diante das carruagens ficava um espaço por onde os mais endinheirados podiam passear e cavalgar em seus cavalos bem domados para impressionar as damas. Também ali havia cortinas de aniagem, mas ocultas atrás das árvores do Ring e ricamente cobertas com bandeirolas vermelhas que faziam quadruplicar seu preço. Pelas dez, as carruagens estavam alinhadas umas ao lado das outras, tocando-se as rodas, com os cavalos sem os jaezes. As damas contemplavam suas rivais por baixo das bonitas sombrinhas, enquanto que os homens gritavam a seus criados que lhes trouxessem champanhe ou vinho.

A celebração não começaria até as onze, mas o enorme espaço que se estendia entre as

duas filas de espectadores já estava cheio de soldados. Uma tropa da Artilharia Real Montada corria de forma espetacular pelo grande retângulo, as rodas de seus canhões levantavam pedaços de grama enquanto as carretas giravam atrás das dotações a galope. Uma banda tocava.

Na frente do recinto das carruagens, onde desfilavam as mulheres vestidas com seus trajes de verão, os oficiais a cavalo exibiam sua destreza de cavaleiros. Nesse dia os oficiais eram os senhores do parque e, ainda que a maioria não tivesse se afastado de Londres mais que até Bath, todos tentavam aparentar que haviam sobrevivido ao massacre de Vitória. Usavam os uniformes carregados de cordões dourados, dragonas com correntes brilhantes e esplêndidas. Cumprimentavam as damas tocando-se com naturalidade os capacetes com os dedos, às vezes se inclinavam para pegar uma taça de champanhe que oferecida pelos amigos. Combinavam-se encontros e um ou outro duelo.

A tribuna real foi se enchendo pouco a pouco de oficiais superiores com suas esposas, embaixadores e homens de poder procedentes dos círculos de Saint James e Westminster, e os criados lhes serviam chá, café e vinho. Os lugares enormes e acolchoados no centro da tribuna ainda estavam vazios. Os jovens oficiais passavam com seus cavalos belamente rastelados pela tribuna real cumprimentando os presentes e, com precisão germânica e em uníssono, uns sessenta generais e almirantes devolviam o cumprimento. Lorde Fenner, ministro do Governo, tinha um lugar na tribuna real; mas vinte minutos antes da hora prevista para a chegada do grupo real, dirigiu-se caminhando para o recinto das carruagens situado ao norte. Enquanto caminhava, ia cumprimentando com frieza os conhecidos, sorria às vezes para alguma mulher cujos favores desejava ou havia desfrutado, e inclusive teve tempo de golpear com sua bengala a um criado que caminhava torpemente em sua frente com uma bandeja de taças.

Viu a carruagem que buscava e observou como sir Henry Simmerson, ao aperceber que se aproximava, ordenava a um criado que abrisse a porta e baixasse os degraus da carruagem. Simmerson, depois de fazer que o criado se retirasse, chamou por sinais a Fenner para que entrasse.

— Milorde?

— Simmerson.

Lorde Fenner se sentou no banco de couro e com desprezo pôs os saltos sobre as almofadas da frente. Contemplava com desagrado o recinto público que tinha diante de si, depois baixou o olhar até suas botas brilhantemente escovadas nas quais, ainda que deformado pela curva da ponteira, via os reflexos de seu rosto magro e distinto.

— Então?

Sir Henry, suando em seu uniforme, sorriu por baixo da ponta adornada com uma borla de seu chapéu bicorne.

— Milorde.

Levantou a bolsa de couro até situá-la sobre o assento que ficava entre eles e a abriu. No interior havia dois livros grandes encadernados em pele vermelha.

— Eu lhe asseguro que estavam a salvo.

— Estou vendo. — A voz de Fenner, ainda que ele tentasse que soasse calma e distante, deixou transluzir o alívio que sentia. — A correspondência está aí?

— Tudo está a salvo.

Sir Henry, cuja bílis e fleuma ao ouvir que Richard Sharpe ainda estava vivo não puderam ser aliviadas com as três sangrias que seu médico lhe fizera, empurrou os livros para lorde Fenner.

— Garanto, senhor, que estão totalmente a salvo em minha casa.

Lorde Fenner fechou a bolsa como se a simples vista dos livros de contas incriminatórios pudesse causar-lhe dano.

— Tenho que lhe recordar, Simmerson, que tenho mais a perder que o senhor?

Simmerson, ofendido, não disse nada.

Fenner grunhiu.

— Onde está Girdwood?

— Ele se reunirá comigo aqui, senhor.

Fenner deu de ombros, como se não lhe importasse.

— E Sharpe?

Lorde Fenner fez a pergunta sem esperar uma resposta. Ficou olhando por baixo da aba de seu chapéu de seda para um oficial cujos penachos se elevavam com elegância ao ritmo do trote de seu cavalo.

— Onde diabos está Sharpe?

Sua senhoria havia descoberto a metade do batalhão perdido, sem os formulários, apanhados no quartel de Chelmsford. Contudo, da outra metade e do próprio major Sharpe não tinha sinal.

Lorde Fenner, ao ouvir que sir William Lawford não havia conseguido que Sharpe ficasse calado e quieto, perdeu as estribeiras; maldisse a Lawford dizendo que era um bobo traidor, e depois, pressentindo que ele mesmo estava em perigo, começou a procurar seu inimigo. Havia ordenado a prisão de Sharpe, mas a ordem não fora divulgada em excesso, pois Fenner queria evitar as perguntas do príncipe de Gales.

— O que está fazendo?

Sir Henry, cujo ódio por Sharpe não havia diminuído com o passar dos anos, franziu o cenho.

— Chatham ou Portsmouth?

— Olhamos ali. Ademais, ele não pode embarcar sem ordens! Deve saber disso, a menos que esteja louco!

— Está louco. — Sir Henry passou o dedo por debaixo da gargalheira, depois secou o suor no banco a seu lado. — É um insolente, eu recomendei que o destituíssem em 1809, mas não me escutaram.

Lorde Fenner escutou a queixa, como havia feito uma dúzia de vezes anteriormente, e ignorou. Nesse momento sentia que seu primeiro arrebatamento de mau humor, ao descobrir que Sharpe ainda tencionava lutar contra ele, era desnecessário: pesara os riscos e tomara providências. Havia se preocupado pelos homens desaparecidos, mas não era uma preocupação excessiva. Sempre foi consciente de que o plano teria que acabar, e tomou as devidas precauções. Os arquivos oficiais do Ministério da Guerra e da Guarda Real mostrariam que o segundo batalhão do South Essex era um verdadeiro batalhão de reserva, e os únicos documentos incriminatórios eram os dois livros de contas que, como havia insistido, estavam em seu poder.

O único problema que restava eram os homens desaparecidos; mas que estrago poderiam causar se não sabiam de nada. Os oficiais poderiam, arriscando-se a ver-se castigados, admitir que recebiam dinheiro, mas nenhum deles era capaz de provar que lorde Fenner estava implicado, pois sua senhoria fora muito cuidadosa e se mantivera oculto na sombra, permitindo que outros se expusessem e ganhassem o dinheiro que ele tanto ansiava. Ninguém, salvo Simmerson e Girdwood, conhecia o alcance dessa implicação. Só Sharpe, fora de Foulness, era um perigo para sua senhoria; e sem estes livros de contas, Sharpe estava indefenso.

E fariam o major Sharpe se calar. Se o príncipe de Gales insistisse que ficasse no Exército, lorde Fenner aceitaria a proposta de sir William Lawford e enviaria Sharpe para a guerra da América como oficial de fuzileiros. Fenner sorriu ao pensar nisso.

— Deixaremos que os americanos o matem, hem?

Simmerson deu de ombros.

— As Ilhas Fever seriam uma solução melhor, milorde. Ou a Austrália.

Havia inclusive a possibilidade, pensava lorde Fenner com otimismo, que Sharpe pudesse ser preso discretamente, liquidado sem conhecimento público, e os homens enviados de volta a Foulness. Aquele assunto havia sido mais proveitoso do que jamais se atreveu a imaginar, e seria duro prescindir daquelas entradas. Teria, certamente, que comprar o silêncio de Sir William Lawford, mas lorde Fenner estava seguro de que sir William se agarraria a um cargo de boa vontade. Lorde Fenner, ainda que incomodado pelo major Richard Sharpe, sentia-se confiante. Pegou a bolsa de couro e abriu a porta da carruagem.

— Espero que desfrute do dia, sir Henry.

— Desejo-lhe o mesmo, senhor.

Fenner não se dirigiu diretamente à tribuna real. Em lugar disso, foi para o Ring, onde estava estacionada sua carruagem, e deu a bolsa a seu criado.

— Leve-a para casa.

— Sim, senhor.

— Diga ao mordomo que a queime.

Afastou-se. A prova seria destruída e ele se encontrava a salvo. Aguentaria aquela estupidez no parque antes de regressar para casa, onde, como sua senhoria sentia a necessidade de provar seu domínio do mundo, havia convocado lady Camoynes para jantar cedo. Quando a tivesse usado, pensou, tinha que ir à recepção do príncipe. Lorde Fenner, a salvo do escândalo, tinha muito que considerar, mas mais que nada saboreava, com um grande prazer, a ideia de castigar ao major Richard Sharpe por sua maldita insolência. Sorriu, depois voltou a se sentar na tribuna real: o desfile estava a ponto de começar.

A zona de reunião das tropas que iam desfilar, e que depois representariam a batalha de Vitória, estava situada no norte do parque. Marchariam diante da tribuna real uma vez, formariam para o sul junto ao caminho privado do rei, e depois voltariam a marchar com as bandas tocando atrás dos troféus que foram capturados na Espanha. As águias, oito no total, iam ser transportadas em réplicas de carros romanos. Iriam atrás dos canhões capturados, aproximar-se-iam do príncipe, dariam uma volta para o norte, e depois passariam diante das pessoas que estavam no recinto. Algumas tropas, homens da milícia de Middlesex, permaneceriam ao sul durante o desfile dos troféus. Seu trabalho consistiria em fazer o papel do Exército francês derrotado.

Às nove, muito antes de lorde Fenner chegar, um jovem vestido com roupa campestre de qualidade entrou a cavalo na zona de reunião. Parecia, para todo mundo, o filho de um fazendeiro que tivesse ido a Londres passar a temporada, e perguntou com jovialidade se alguém podia dizer onde poderia encontrar o capitão William Frederickson. Ninguém podia fazê-lo, pois o capitão estava nos Pirineus, mas o jovem, tão impressionado com os uniformes dos oficiais, parecia um ingênuo admirador. Também levava uma garrafa de conhaque, e se pôs a conversar amigavelmente com os oficiais jovens, desejou que passassem bem e se foi quando descobriu as respostas a todas as perguntas que Sharpe havia lhe feito.

— Então? — perguntou Sharpe cumprimentando Price.

O tenente Price, que trocava o abrigo de casimira por sua casaca vermelha, descreveu o horário do dia, as áreas de encontro, e deu os nomes dos marechais do desfile.

O momento de Sharpe estava perto, e o medo lhe subia pela garganta como o vômito. Aferrou-se à esperança, tonta e remota, de que Jane Gibbons já tivesse recuperado os livros e estivesse aguardando no parque, mas sabia que tal esperança era inútil. Tinha fazer o que havia planejado, e tinha que fazê-lo com a certeza da vitória, pois os soldados que ganham são os que acreditam na vitória. Contudo, com vitória ou sem ela, protegeria a um homem da derrota.

Foi para junto do sargento-mor Harper.

— Isto é para você.

Harper pegou o papel que Sharpe lhe estendia.

— O que é isto, senhor?

— Uma licença. Diz que lhe feriram em Vitória.

Harper franziu o cenho.

— Para que vou querer uma licença?

— Porque, Patrick, ou amanhã estaremos a caminho da Espanha ou estarei preso.

— Não vão prendê-lo.

— Se puderem o fãrão. Se algo sair mal, Patrick, fuja.

— Correr por todo o Hyde Park com a cavalaria da corte me perseguindo? — Harper deu uma risada. — Tome. — Devolveu-lhe a licença.

— Guarde e boa sorte.

Sharpe passou revista a suas tropas, esfarrapadas e sujas pela marcha, e quando o sol se elevou naquele céu limpo, as fez avançar para o sul, pelas veredas frondosas que iam de Hampstead a Londres e para o fracasso ou a invasão da França.

As bandas de música soavam de forma discordante, destroçando as belas melodias do Exército, e as tropas avançavam em colunas de meias companhias pela frente do príncipe, que, encantado com tudo aquilo, levantava sua mão enluvada e gorducha em resposta a seus cumprimentos. As espadas dos oficiais montados cintilavam quando cavalgavam diante dele, a cavalaria da Casa Real passou com o som esplêndido das correntes e com penachos que se agitavam por cima de seus capacetes polidos.

Diante da tribuna real, em três filas, havia duas companhias da Guarda de Infantaria, da Guarda Real. Oito oficiais a cavalo flanqueavam a linha, cuidadosamente situados para que sua altura não tapasse a vista da tribuna real.

A Artilharia Montada desfilou com tal passo que parecia que a terra tremia com seu avanço. Atrás deles, a um trote muito mais tranquilo, avançava uma tropa de Cavalaria de Foguetes, com as varas de suas curiosas armas sobressaindo por cima como hastes de lanças. Ao vê-los, o príncipe recordou que fora o major Sharpe o primeiro que havia provado sua utilidade contra o Exército francês, um uso que o príncipe havia prognosticado e apoiado; virou-se com dificuldade em sua cadeira e procurou lorde John Rossendale.

— Sharpe está aqui?

— Não, senhor.

— Muito estranho! — O príncipe olhou para seu irmão, o comandante-em-chefe do Exército. — Temos algum desses na Espanha, Freddie?

O duque de York havia conseguido que assim fosse, mas só ante a insistência de seu irmão, pois, assim como o resto do Exército, achava que os foguetes eram um invento perigoso e louco.

- Alguns poucos — respondeu grunhindo.
- Gostaria que se pudesse disparar um agora.
- Isso é impossível. Londres é muito valiosa.

O príncipe deu uma risada. Estava se divertindo muito, vestido com seu uniforme e imaginando que estava a ponto de levar àqueles homens esplêndidos ao combate. Algumas vezes sonhava que Napoleão invadia a Inglaterra e não havia nenhum general disponível, e assim, montado em seu cavalo, o príncipe em pessoa conduzia as tropas da Casa Real para enfrentar o tirano. Ganhava, certamente, e trazia Napoleão enjaulado até Londres. Era um sonho estupendo, mas os aplausos o despertaram.

— Quem é? — perguntou indicando o batalhão de infantaria que vinha atrás da tropa de foguetes.

Lorde John Rossendale se inclinou para frente.

— O 87º, senhor, primeiro batalhão. Um dos seus.

— Meu?

— O irlandês do príncipe de Gales, senhor.

— Esplêndido! — Cumprimentou aos homens. — Muito bem! Muito bem! — Virou-se para Rossendale. — Quantos regimentos tenho?

— Um de guarda de dragões, senhor, dois de dragões leves e três regimentos de linha.

O príncipe se levantou, aproximou-se de seu ajudante e baixou a voz de maneira que só pudessem ouvi-lo nos cinco lugares mais próximos.

— E quantos ele tem? — perguntou levantando o polegar para seu irmão.

— Apenas um regimento irlandês, senhor, o 101º.

O príncipe deu uma risada e se virou para seu irmão, o duque de York.

— Ouviu isso, Freddy?

— Tenho todo o maldito Exército. E se supõe que você deve saudá-lo.

O príncipe estava se divertindo. Era um dia de verão esplêndido e a multidão se mostrava especialmente entusiasta. Para variar, nenhuma zombaria lhe dera as boas-vindas e as tropas brilhavam maravilhosas. Pediu uma taça de champanhe e esperou o desfile dos troféus.

Sharpe deixou Edgware Road, entrou em Polygon e fez seu batalhão avançar para o oeste em direção à Porta da Rainha de Hyde Park.

Havia pouca gente nas ruas, a maioria se sentira atraída pela diversão que ocorria no parque, mas alguns moleques, com bastões ao ombro, seguiam o passo de seus homens.

Era estranho, pensou Sharpe, que isto parecesse uma ação bélica. Ele não tinha permissão para levar aquelas tropas a Londres, portanto se encontrava, de fato, em território inimigo. Seu

objetivo estava no sul, mas ia dando uma volta para o oeste para aproximar-se sigilosamente, como se fosse um ataque surpresa autêntico contra o flanco do inimigo, pois tinha que manter-se oculto até o último minuto.

Conduzia seus homens pelas casas novas e elegantes da Rua Polygon, cujas fachadas brancas brilhavam sob a luz do sol. As criadas contemplavam os homens parapeitos negros das escadas que levavam aos porões, e algumas caras se assomavam pelas cortinas das janelas dos pisos superiores. Sharpe, montado em seu cavalo, via o interior dos saguões e, considerando sua ação como uma marcha de aproximação secreta, temia passar com seus homens pela frente da casa de algum oficial graduado do Exército que, como um escaramuçador francês, fosse estender-lhes uma emboscada.

Avançavam sem entoar nenhuma canção. Para muitos daqueles homens, como Charlie Weller, esta era a primeira visita a Londres. Estava absolutamente maravilhado: tantas casas altas, ricas e ornamentadas, tanta gente, tantas chaminés de cozinhas, bosta de cavalo, carruagens; tanto o que olhar e admirar. Casas tão altas como o campanário de uma igreja, filas inteiras, e nunca a reconfortante visão de colinas e de árvores ao final de uma rua que recordasse a um garoto que o campo estava apenas a um passo dali. Hyde Park, que às vezes podia ver à sua esquerda por algumas ruas, não era o campo. Era uma grande extensão de grama manchada com árvores, como o parque de um terratenente, um terreno proibido para todos salvo para os caçadores furtivos mais atrevidos.

Ouviam as bandas atrás deles e, algumas vezes, uma alegria que se elevava e crescia para logo desaparecer com a brisa. Ouviu-se um canhão, uma descarga de festim que explodiu no ar quente da tarde. Para Sharpe aquele som lhe era estranhamente familiar, enquanto que para seus homens era um anúncio assustador do que podiam encontrar na Espanha e na França.

Giraram para a Porta da Rainha, não havia ninguém para desafiá-los. Os moleques seguiam acompanhando a tropa, gritando o passo imitando os sargentos. Um deles se aproximou demais do sargento Lynch e desceu a rua cambaleando segurando o ouvido. Ao chegar a Serpentine, Sharpe fez que parassem e chamou os oficiais ao seu redor.

Todos os oficiais iam a cavalo. Sharpe foi trotando com eles para a grama, afastando-se das quatro companhias. Não estava seguro do que diria, porém, agora que estavam tão perto do objetivo, esperava encontrar problemas, e aqueles homens tinham que saber como enfrentá-los.

— Estamos aqui a convite do príncipe.

Isso os agitou. Não era verdade, pois o convite não pedia a Sharpe que trouxesse com ele meio batalhão roubado, mas a mentira talvez lhes desse confiança.

— Contudo, pelas sacanagens usuais do Exército, os marechais do desfile não sabem disso. Entendido?

Eles não o entendiam, mas a voz de Sharpe não dava pé a mais indagações.

O capitão Smith tinha aspecto de estar mais que preocupado, enquanto que o capitão Carline, que se estivera queixando da falta de comodidades durante a marcha, estirou o

uniforme como para fazê-lo digno do olhar real.

Sharpe sentiu um terror repentino pelo que ia fazer.

— Se algum oficial, não importa sua graduação, quiser saber o que fazem aqui, mande-o a mim. Isso é tudo! Mande-o a mim. Minhas ordens são as únicas que os senhores deverão obedecer. Somente as minhas!

— Quais são suas ordens, senhor? — perguntou o capitão Smith, nervoso.

— Vai haver uma representação da batalha de Vitória, e temos ordens de participar nela. Vamos ser os franceses. Ficaremos em ordem fechada, os senhores escutam minhas instruções, e se esquecem de todas as outras. Como hoje somos tropas francesas, não vamos obedecer aos oficiais britânicos.

Sorriu com cinismo e alguns dos homens também o fizeram. D'Alembord e Price, que sabiam a verdade, tinham aspecto solene.

— Ignoramos os oficiais superiores, senhor? — perguntou o capitão Smith franzindo o cenho. — Podemos fazer isso, senhor?

Sharpe esteve a semana toda lhes oferecendo caramelos, e chegados a esse ponto, pensou, precisavam de algo mais amargo.

— Os senhores farão o que eu disser, capitão, exatamente o que eu diga. Todo oficial de merda de Foulness merece algo muito pior do que os senhores vão receber. Sua única oportunidade de sobreviver, de sair com honra, está em minhas mãos. Portanto não me incomodem, ou recomendarei destituições, julgamentos e prisão.

Isto, depois da cordialidade dos dias passados, trouxe o silêncio. Nenhum deles, salvo D'Alembord e Price, sabia o que fazia. Contudo, tinham bem arraigado o costume de obedecer, portanto, até que um oficial de maior graduação que Sharpe lhes desse ordens contrárias, eles o obedeceriam. Isto era o que havia levado Sharpe tão longe com sua exitosa ajuda, mas agora os levava a um lugar repleto de oficiais, com mais generais que os batalhões de Wellington, e, durante aquelas horas cruciais, tinha que garantir sua obediência com algo mais que o simples costume. Usava a ameaça, e confiava em que a ameaça os mantivesse dóceis.

Virou-se na sela e contemplou a revista: viu o Ring e, nos flancos, as duas linhas de carruagens. Ninguém olhava para ali. Estava longe da entrada de Hyde Park, mas não via nenhuma garota de cabelos dourados naquela direção, apenas alguns cavaleiros que esquentavam os cavalos detrás do parque de carruagens e que não viam nada estranho em alguns soldados que esperassem junto ao Serpentine. Sharpe observou durante um bom momento, buscando por Jane Gibbons, mas não a viu. Deu meia volta de novo.

— O importante, cavalheiros, é desfrutar disto.

— Desfrutar, senhor? — perguntou Smith.

— Certamente, capitão. Vamos ganhar uma batalha. — Sharpe deu uma risada, ainda que também sentia desespero. — Para suas companhias, cavalheiros!

Ela não viera. Não viera, e sua maior esperança se havia desvanecido. Agora tinha que lutar.

Sharpe se situou à frente de seus homens. Gostava de ouvir as bandas de música, pois lhe invadia o autêntico espírito bélico. A música, melodias marciais e comoventes, se aproximava debilmente desde o outro lado do pasto do parque e os tambores grandes perfuravam o ar quente como canhões. O sargento-mor Harper, fazendo avançar as forças de Sharpe para a revista, marcou o passo inconscientemente ao ritmo da música. Os homens avançavam em silêncio, com os mosquetes ao ombro e, ainda que marchassem no coração da própria Inglaterra, dirigiam-se para a guerra.

Capítulo 19

A viagem de Jane Gibbons para Londres não fora muito dura: um carreteiro de Great Wakering a havia levado a Rochford e dali havia tomado uma diligência que deixara em Charing Cross, mas Londres a atemorizava; visitara-a anteriormente, mas nunca sozinha e não conhecia ninguém. Tinha dinheiro, restavam oito guinéus dos que havia resgatado da mesa da pérgola, em um amanhecer coalhado de orvalho.

Levava duas bolsas, uma sombrinha e *Rascal* presa em uma correia. Estava contente com o cachorrinho branco. Os odores da cidade lhe eram estranhos, as pessoas lhe assustavam e o ruído era constrangedor. Nunca vira tantos aleijados. Em suas visitas anteriores, isolada das misérias pela janela de vidro da carruagem de seu tio, não havia percebido quanto horror se agitava e se movia pelas calçadas de Londres. Inclinou-se para acariciar o cachorro.

— Está tudo bem, *Rascal*, tudo bem.

Perguntava-se como ia conseguir comida para ele, e muito menos onde ficaria.

— Senhorita!

Levantou a vista e viu um homem bem vestido que a cumprimentava tocando o chapéu.

— Senhor?

— Parece estar perdida, senhorita. É forasteira?

— Sim, senhor.

— E necessita de alojamento, eu diria.

O homem sorriu, e, como lhe faltavam três dentes e os outros estavam tão enegrecidos que se percebiam com dificuldade, a garota se estremeceu. O homem se inclinou para pegar a grande bolsa.

— Permite que a leve?

— Largue-a!

— Agora, senhorita, posso...

— Não!

Sua voz atraiu olhares curiosos. Afastou-se do homem, lutando com sua bagagem e pensando se era realmente necessário meter tantos vestidos, a escova com dorso de prata e o quadro de navios que tanto lhe agradava. Levava suas jóias, peças escassas e pequenas de sua mãe que sir Henry não lhe havia tirado, e os retratos de seus pais. Também havia trazido consigo os dois primeiros cantos de *Child Harold*, seus desenhos e uma pistola com um grande mecanismo de faísca que havia tirado de seu tio da parede da biblioteca e que, ainda que não soubesse se funcionava, achava que assustaria e faria fugir a qualquer assaltante. Levou tudo para o oeste, passou por Royal Mews, onde se dizia que iam fazer um grande espaço para comemorar por Nelson e Trafalgar. Virou para Whitehall.

Em outras duas ocasiões, alguns homens lhe ofereceram alojamento. Alojamento limpo, diziam, respeitável, a cargo de senhoras, mas Jane Gibbons não era tão tonta a ponto de aceitar. Outros homens lhe sorriam, maravilhados com sua inocência e beleza, e foram aqueles olhares errantes e também os rufiões atrevidos que se aproximavam, o que a obrigaram a buscar refúgio.

Escolheu com sensatez: selecionou aos que a ajudariam com o mesmo cuidado que Richard Sharpe escolhia seus campos de batalha. O par que escolheu era um clérigo empolainado, de rosto vermelho e amigável, e sua mulher de meia idade que, assim como seu marido, se assombrava ante a visita de Londres.

Jane explicou que tinha sido enviada a Londres por sua mãe, para conhecer seu pai, mas ele não estava na diligência de Portsmouth, e ela temia que não chegasse até o dia seguinte. Tinha dinheiro, disse, e não queria caridade, apenas que lhe indicassem um lugar limpo e a salvo onde pudesse dormir. O reverendo Octavius Godolphin e senhora estavam na Rua Tothill, nas habitações da senhora Paul; eles, cujos filhos eram crescidos e já haviam saído de casa, estavam encantados de oferecer-lhe suas asas protetoras para a senhorita Gibbons. Chamaram um cabriolé, apresentaram-na à senhora Paul, e nada lhes satisfaria mais que a senhorita Gibbons os acompanhasse nas vésperas e depois compartisse com eles um lombo de cordeiro pelo qual não admitiriam receber pagamento. Foi dormir a salvo, bem protegida de um mundo selvagem pela quantidade de ferrolhos e trancas colocadas na porta principal da senhora Paul. O reverendo Godolphin lhe lembrou que rezasse suas orações para que seu pai tivesse uma boa viagem no dia seguinte. Para Jane, tudo parecia uma grande aventura.

Na manhã seguinte, sábado pela manhã, quando rezara ao redor da grande mesa da senhora Paul, Jane convenceu o reverendo e à senhora Godolphin de que não necessitava sua companhia para esperar em Charing Cross. Foi difícil convencê-los, mas conseguiu; deixou sua bagagem e *Rascal* sob a vigilância da senhora Paul e pegou um cabriolé que a levou até a casa de seu tio.

Observou a casa da esquina da rua, meio oculta por algumas bananeiras, e meia hora depois viu que seu tio saía em sua carruagem descoberta. O coração lhe batia com força enquanto ia caminhando por Devonshire Terrace e também quando puxou a pera brilhante que tocava o sino no interior da casa. Viu alguns soldados que avançavam pelo extremo da rua, dirigiam-se para a Porta da Rainha do parque. A porta que tinha a suas costas se abriu.

— Senhorita Jane!

— Bom dia. — Cumprimentou sorrindo a Cross, o mordomo de seu tio. — Meu tio me enviou para pegar alguns livros.

— Que surpresa! — Cross, um homem tímido, sorriu enquanto a fazia entrar. — Não mencionou que estivesse em Londres.

— Estamos com a irmã da senhora Grey. Que tempo mais maravilhoso, né?

— Não durará, senhorita Jane. Alguns livros, disse?

— Uns livros de contas grandes e vermelhos. Acho que devem estar no estúdio, Cross.

— De couro?

— Sim. Aqueles que ele leva para Paglesham, a cada mês.

— Mas recordo perfeitamente que o amo os levou. Agora mesmo!

A garota ficou olhando-o, sentia suas esperanças se desmoronarem. Havia desejado tanto fazer aquilo pelo major Sharpe, um homem que lhe havia dado e insuflado esperança e alegria ainda que somente fosse pela inimizade que seu tio sentia por ele.

— Ele os levou? — perguntou com voz débil.

— Creio que sim, senhorita Jane!

— Cross! — gritou uma voz. — Minhas botas, Cross! Onde diabos estão minhas botas? — O tenente-coronel Bartholomew Girdwood abriu a porta do salão e olhou dentro do saguão. Arregalou os olhos. — Jane?

Mas ela havia partido. Abriu bruscamente a pesada porta, lançou-se de degraus abaixo, e correu como se todos os rufiões de Londres a perseguissem.

— Jane!

Girdwood gritava desde o degrau superior, mas ela já havia desaparecido.

Ao longe, procedente do parque, ouvia uma música que lhe recordou que estava atrasado para a revista. Maldita garota, pensou, mas ele realmente nunca havia entendido as mulheres. Nem às mulheres, nem aos cachorros nem aos irlandeses. Todos eles eram coisas inúteis que atrapalhavam.

— Maldita seja, onde estão minhas botas? O cabriolé já vem?

— Já o chamamos, senhor, nós o chamamos.

Cross trouxe as botas e ajudou o coronel se vestir para a grande celebração da batalha de Vitória, que naquele bonito dia embelezaria o parque real.

As bandas concentradas tocavam o iniludível *Rule Britannia* enquanto os troféus franceses desfilavam por Hyde Park. Os canhões inimigos, uma pequena amostra da artilharia que Wellington havia capturado, encabeçavam o desfile, que brilhava com as bandeiras e os guiões que eram estandartes menores dos franceses. As bandeiras enchiam o ar de cores, mas eram as oito águias, polidas e brilhantes e erguidas em chamativos carros, as que levaram os aplausos mais entusiastas. Cada regimento francês recebia uma águia como estandarte, ainda que nem todas as que agora se exibiam tivessem sido capturadas em combate. Sharpe sabia que duas tinham sido encontradas em fortalezas francesas que haviam caído. Nenhuma delas levava gravado o número do regimento, de maneira que, obviamente, estavam armazenadas para quando as necessitassem. Outra tinha sido lançada de uma ponte elevada por uma unidade francesa que cercada, e os camponeses espanhóis tiveram que mergulhar durante vários dias no rio para resgatar o troféu do fundo. Havia apresentado a Wellington, e agora, como se tivessem sido capturadas em combate, eram exibidas com solenidade diante do príncipe de

Gales.

As outras foram conseguidas pela luta. Tinha a águia de Barossa, capturada pelos irlandeses do 87º, que, como a águia de Talavera, fora capturada por um sargento e um oficial. Harper olhava o desfile a distância.

— Qual é a nossa?

— A primeira.

O capitão Hamish Smith, que via pela primeira vez o resplendor distante de uma águia francesa, olhou assombrado para os dois fuzileiros. Na realidade, eles haviam feito essa coisa maravilhosa, haviam capturado um estandarte inimigo do campo de batalha, e nenhum soldado, por mais suja que fosse sua carreira, podia deixar de se comover.

— Capturamos mais de oito — disse Harper contente.

— Mais, sargento-mor? — perguntou Smith.

— Capturaram duas em Salamanca, senhor, mas os garotos quebraram uma delas, foi o que fizeram. Achavam que era de ouro! Ouvi que outra fora vendida a um oficial. Que me matem se alguém provar!

Sharpe deu uma risada: havia ouvido aqueles rumores, mas nunca soube se eram verdadeiros.

Fez avançar o meio batalhão pela ponte Serpentine, depois girou em direção leste para o caminho privado do rei. Olhou em direção à entrada de Hyde Park, mas Jane Gibbons não estava ali. Disse a si mesmo que não esperava vê-la, o que não era verdade, mas se sentiu igualmente decepcionado. Nesse momento os homens estavam no campo de formação do sul, livre de qualquer tropa, salvo a milícia desconsolada que hoje teria que se passar pelos franceses.

Estavam vestidos com casacas de faxina azuis e sujas e levavam bandeiras tricolores vermelhas, brancas e azuis; bandeiras pobres e delgadas confeccionadas com rapidez para aquele dia e que sem dúvida alguma seriam capturadas antes do final da tarde.

O restante das tropas do desfile estava no lugar de concentração ao norte, ordenando-se para o magnífico avanço, com a artilharia nos flancos, do que se supunha que representava o cenário final de Vitória, quando o Exército de Wellington, que se havia estendido do outro lado da planície do rio, havia varrido os franceses da Espanha em meio ao caos.

Os troféus estavam no extremo norte da esplanada do desfile. Havia passado diante do príncipe, do duque, do parque de carruagens, e agora os levavam os batalhões do desfile antes de regressar para mostrá-lo ao recinto público abarrotado de gente.

— Senhor? — inquiriu Harper com voz alarmada.

Um capitão de infantaria, esgotado e acalorado, se dirigia a trote para eles. Levava um monte de papéis. Sharpe se apressou e foi ao encontro do homem.

— Um dia estupendo!

O capitão era incapaz de distinguir a graduação de Sharpe. Franziu o cenho olhando as bainhas amarelas do South Essex e contemplou, com surpresa, o uniforme descolorido e andrajoso que Sharpe usava.

— O senhor é...

— Major Richard Sharpe. O senhor?

— Senhor? Mellors, senhor. — O capitão o cumprimentou com rapidez. — Sharpe, senhor? — perguntou inseguro.

— Sim. Está tudo bem, Mellors?

— Perfeitamente, senhor. O senhor... — Hesitava o capitão.

— Que notícias têm da Espanha?

— Da Espanha, senhor? — perguntou o capitão Mellors, compreensivelmente confuso. — Wellington os fez retroceder, senhor, para o outro lado dos Pirineus.

— Esplêndido! Já estamos na França?

— Não que eu tenha ouvido.

Graças a Deus, pensou Sharpe. Queria estar de regresso em *Pasajes* antes que os britânicos avançassem para o norte.

— Prossiga, Capitão! Muito bem!

Mellors pestanejou.

— Está seguro de que deveriam estar aqui, senhor? — perguntou olhando fixamente para o South Essex. — Sem suas gargalheiras e com os uniformes manchados pela semana de marcha, careciam do aspecto de uma unidade trazida para a revista.

— Absolutamente! — respondeu Sharpe, sorrindo. — Ordens do coronel Blount. Alguém tem que limpar isto depois.

— Certamente, senhor.

Aquela explicação pareceu deixar satisfeito o capitão Mellors. Blount, tal e como descobriu Harry Price, estava encarregado de toda a organização, e o capitão achou normal que algumas tropas tivessem que realizar o trabalho pesado de retirar o equipamento do parque.

— Perdoe-me, senhor, mas o senhor é...?

— Sim — interrompeu Sharpe, e apontou em direção do carro chamativo que encabeçava o desfile com os estandartes capturados. — Aquele é meu.

Mellors sorriu amplamente.

— Posso apertar sua mão, senhor?

Sharpe estendeu a mão.

— Não se importará se meus homens assistirem o desfile daqui, né?

— Certamente que não, senhor.

Mellors estava ansioso para satisfazer a um homem que havia capturado um dos troféus.

— Avise a seus garotos de que estamos aqui.

— Certamente, senhor. — Mellors voltou a cumprimentar. — É uma honra tê-lo conhecido, senhor.

Mas Sharpe não escutava. Estava olhando fixamente em direção leste e seu rosto se iluminou de alegria com tanta intensidade que Mellors virou-se em sua sela.

— Dou a minha palavra, senhor!

Estava despenteada, acalorada, esgotada pela corrida, mas ainda podia provocar admiração. Era bonita. Sharpe esporeou seu cavalo.

— Jane!

— Deus misericordioso se apiede de nós — murmurou o sargento-mor Harper quando viu que seu oficial saltava da sela e apertava a garota em seus braços.

— Santo céu!

— Sargento-mor? — O capitão Smith estava nervoso.

Harper sorveu pelo nariz.

— Não tenho por costume criticar os oficiais, senhor — coisa que sempre dizia quando o fazia —, mas deve ter notado que há uma mulher, senhor, e as mulheres e o senhor Sharpe não são a melhor das misturas do mundo. Problemas, senhor! Problemas!

— É a garota de sir Henry!

— Foi o que eu disse. Problemas.

Harper se pôs na frente do meio batalhão.

— Tirem seus selvagens olhos dela! Já viram mulheres antes! Olhar para frente!

A garota ofegava, exausta pelo trajeto através de Londres, e estava entre seus braços. Tentava falar com respiração entrecortada.

— Estão com ele.

— Você veio.

— Estão com ele!

— O quê?

— Os livros!

— Não importa.

Naquele momento não importava nada salvo que ela estava ali, onde a grama cortada era cheirosa, onde ele quase tremia enquanto a olhava fixamente.

— Você veio!

Sharpe não sabia que pudesse existir tanta felicidade, algo insensato e florescente, algo que enchia o mundo.

— Eu precisei. Ele estava lá, sabia? Ele colocou alcatrão nele novamente. É tão horrível...

— A garota deu uma risada, como se a própria felicidade estúpida a invadissem, como a Sharpe. — Meu tio está com os livros.

— Não importa.

Jane olhou sua casaca, gasta e remendada, ainda com as manchas secas de seu sangue e a de seus inimigos.

— É terrível!

— É a casaca com a qual luto.

Passou a mão por um farrapo.

— Já vejo por que quer uma esposa.

Sharpe a segurava rodeando-a com seus braços e durante alguns segundos achou que não podia falar.

— O que quer dizer?

A garota não respondeu. Ele apenas ouvia sua respiração; não sentia mais que o corpo de Jane e não via mais que seus olhos.

— Jane?

— Não posso voltar. Nunca.

— Não quero que volte.

— Quero dizer que não deveríamos.

— Não.

— Não lhe conheço.

— Não.

— Mas me casarei contigo.

A garota o olhava com solenidade, Richard pestanejava, e, durante aquele momento de glória, não existia a guerra, os recrutamentos, as bandas não tocavam; apenas os olhos da garota e uma felicidade maior que a que ele acreditava possível. Sharpe engoliu saliva.

— Será uma grande honra.

— Para mim também, senhor Sharpe.

Houve um silêncio estranho. Sharpe sorriu.

— Achava que a tinha ofendido.

— Foi tão repentino, eu tive medo. — A garota mordeu o lábio superior. — Mas eu desejava que me pedisse.

Sharpe deu uma risada, ainda admirado, depois se virou.

— Sargento-mor!

— Senhor!

Harper não foi caminhando até Sharpe, foi marchando. Marchou como se os olhos dos guardas estivessem postos nele, como se fosse buscar a rendição do próprio imperador dos franceses. Ficou em sentido e cumprimentou com vigor.

— Senhor!

— Recorda-se da senhorita Gibbons, sargento-mor?

— Sim, senhor — respondeu Harper, piscando um olho para a jovem com atrevimento.

— Vamos nos casar.

— Muito bom, senhor.

— E quando avançarmos, sargento-mor, quero que um bom homem fique com ela. O soldado Weller, talvez?

— Muito bom, senhor.

— Avançar? — perguntou Jane olhando-o.

Sharpe respirou fundo como se voltasse a submergir em seu desespero.

— Não temos provas dos leilões. Necessito destes homens, se não meu regimento morrerá. Tenho de fazer algo — parou para procurar a palavra adequada — dramático.

— Quer dizer insensato, senhorita — interveio Harper.

— Entendi — disse Jane sorrindo.

Sharpe percebeu que uma cumplicidade perniciosa estava se estabelecendo entre aqueles dois, uma sucessão de réplicas a sua custa, mas continuou.

— Tenho que provar que estes homens existem, que não são um batalhão no papel, e necessito de um aliado poderoso contra meus inimigos. Entende?

— Perfeitamente. O que vai fazer?

— Pretendo colocar estes homens debaixo da proteção do príncipe regente — respondeu com solenidade.

— Ele está aqui?

Sharpe pegou sua luneta, abriu os tubos, apoiou-a na sela de seu cavalo para que a garota pudesse ver o príncipe onde passava revista nos soldados que iam representar a batalha.

— É muito gordo.

Jane olhou pela luneta, um instrumento precioso metido em um tubo de marfim e ouro. A garota leu a inscrição em voz alta.

— “Para José, rei da Espanha e das índias, de seu irmão, Napoleão, imperador da

França”. Richard! — Era a primeira vez que o chamava por seu nome. — Como a conseguiu?

Era um presente da Marquesa, mas Sharpe pensou que era melhor não dizer.

— Em Vitória.

— Realmente pertenceu ao rei José?

— Sim. Gostaria de tê-la?

— Só quando comprar outra. Acha que Napoleão a segurou?

— Tenho certeza.

Um canhão disparou no outro extremo do campo e assustou as pombas, que voaram. O príncipe e seu séquito estavam de volta à tribuna. Um trompete soou, as baquetas golpearam contra as peles esticadas e a milícia começou seu avanço. Alguns oficiais montados anunciavam com seus megafones para a multidão que o que estavam observando era o avanço do Exército francês. Ante aquele acontecimento, os espectadores que estavam nas carruagens aplaudiram com educação e o público que estava no recinto vaiou com força. A milícia tinha que se dividir ao avançar para passar pelos lados dos troféus, que ficavam encostados formando uma falange sólida ao sul do terreno onde se desenvolvia a revista. Ao vê-los ali, Sharpe se lembrou das bandeiras que sir Henry havia roubado para expor em sua casa. Virou-se e olhou para seus homens. Seria bom avançar sob um estandarte.

— Patrick.

— Senhor?

— Se precisar de mim, estarei por ali! — disse apontando para os troféus. — Você se ocupará da senhorita Gibbons?

Sharpe sorriu para a garota, deixou a luneta em suas mãos e subiu para a sela.

Harper baixou a vista e olhou para Jane.

— Alegro-me muito por vocês, senhorita.

A garota sorriu com formosura.

— O que ele está fazendo Sharpe, sargento?

— Algumas vezes, senhorita, eu não pergunto, apenas rezo.

Jane deu uma risada e Harper começou a pensar que a garota seria boa para seu oficial, que naquele momento continha seu cavalo junto aos troféus que estavam nos carros.

Os “carros” eram simples carretas com duas rodas que foram decorados com papelões pintados. Estavam estacionados diante dos brilhantes canhões franceses, cada um dos quais com seu “N” coroadado no cano que fazia Sharpe se recordar da Espanha e do número de vezes que havia enfrentado aquelas armas. Alguns daqueles canhões capturados haviam tentado matá-lo, talvez em Badajoz ou em Salamanca; contudo, ali estavam, dóceis e polidos, em um parque de Londres. Gritou para os homens que estavam com os estandartes:

— Quem está no comando?

Um major o olhou e franziu o cenho.

— Quem demônio é o senhor?

— Sharpe. Major Richard Sharpe, e lhe peço que seja educado. Vim para buscar isto! — disse apontando sua águia, com uma coroa de louro verde ao redor da base e com uma das asas ainda dobrada pelo golpe com o qual havia matado a um homem.

— Não pode... — Começou a dizer o major. Sharpe sacou o cartão convite gravado, o desdobrou e mostrou ao major.

— Ordens de sua alteza real!

— Quem o senhor disse que era?

Sharpe sorriu. Às vezes era agradável usar o prestígio que a águia lhe dera.

— Sou o homem que a capturou.

— Sharpe?

— Sim.

Ainda estava sob efeito da alegria da chegada de Jane. Não podia falhar agora! Ia se casar com ele e aquilo era um sinal de êxito, de uma vitória maior que esta águia.

O major se debatia entre as ordens que lhe haviam dado, que eram não perder de vista nenhum troféu capturado, e o privilégio de conhecer ao homem que havia conseguido a primeira daquelas águias. O uniforme de Sharpe o preocupava, mas o convite era impressionante. Sharpe voltou a sorrir.

— É uma bobagem, certamente, mas Prinny quer nos ver com ela.

As coisas ficavam claras para o major.

— Aqueles são seus homens?

— Sim.

— E querem mostrar-lhe o aspecto que têm na Espanha, hem?

— Exatamente.

— Esplêndido — disse o major sorrindo. — O senhor a trará de volta?

— Já o fiz anteriormente, major.

O major deu uma risada, ordenou que entregassem a águia a Sharpe, que, levantando-a e quase desejando que levasse sua magnífica bandeira atada, partiu a galope em direção a seus homens. A águia ia entrar pela última vez em combate. Sharpe sorriu para Jane.

— Aqui está. — A baixou para que ela pudesse tocar. — Napoleão também a teve em suas mãos.

— É a que você capturou?

— Com Patrick. — Lançou o estandarte para o irlandês. — Harps! Aqui!

Os oficiais de Foulness se amontoaram ao redor. Depois Harper a mostrou por entre a tropa andrajosa, deixando que os homens a tocassem, deixando que pegassem dela um pouco da mágica de uma batalha distante. Apenas o sargento Lynch mostrou um marcado desinteresse pelo troféu, deu as costas e se afastou do avanço triunfante de Harper.

Sharpe observava o que sucedia ao norte. A milícia havia formado uma linha que atravessava a grande esplanada retangular, e se ouvia às bandas que tocavam desde o extremo do parque; notou que o momento estava próximo. Nesse momento, a coordenação, como em todas as batalhas, era tudo.

— Jane, você terá que ficar aqui.

— Está nervoso.

— Sim — respondeu ele sorrindo. — Mas voltarei.

— E depois?

— Iremos para a Espanha. — Virou-se em sua sela. — Sargento-mor.

— Senhor?

— O soldado Weller ao seu dever, a águia fica comigo; e faça formar colunas de meias companhias!

— Senhor!

Tinha que se esquecer de Jane Gibbons. Nesse momento, assim como qualquer oficial casado que estivesse na Espanha, tinha que deixá-la e travar sua batalha. Pegou o troféu pela haste e o colocou de maneira que a águia resplandecente sobressaísse por cima de sua cabeça.

— Fixem as espadas!

Com o nervosismo havia dado a antiga ordem dos fuzileiros. Viu os rostos admirados.

— Calar baionetas!

Já que tinha que fazer isso, então que fosse com estilo.

Fizeram uma formação com os componentes muito juntos, oito meias companhias desfilando uma atrás da outra, com Sharpe à frente. D'Alembord encabeçava a primeira companhia, Price a última, de maneira que os oficiais mais leais a Sharpe, os que com maior probabilidade provocariam a ira dos marechais, estavam nos extremos de sua formação. Olhou uma vez para Jane e depois voltou a erguer a voz.

— South Essex, avançar!

Ouviram aplausos provenientes da multidão, o que queria dizer que as forças britânicas avançavam do norte da zona de concentração. Os canhões dispararam a última carga de pólvora, a fumaça se elevou com realismo por cima da grama, e a milícia, com os mosquetes descarregados, simulavam apontar e disparar para a magnífica formação, perfeitamente uniformizada, brilhante e bem instruída, que avançava com as baionetas e os mosquetes sob as grandes e esplêndidas bandeiras.

Sharpe pegou as rédeas.

— Direita! Marcha rápida!

O meio batalhão do South Essex avançava.

Havia dois mil soldados naquele lugar, todos eles embonecados e reluzentes, e no meio deles, sem ordens, Sharpe fazia avançar menos de trezentos homens sujos e desalinhados sob um estandarte inimigo. Ninguém os notou, salvo o major que estava encarregado dos troféus e que levantou a mão cumprimentando amigavelmente.

Avançaram. Harper ia marcando o passo com sua voz potente e segura. Um dos sargentos da milícia se virou, olhou e se perguntou por que a coluna de homens que, ainda que ele não soubesse, parecia uma formação de ataque francesa, se aproximava de forma tão ameaçadora de sua retaguarda.

Sharpe os conduzia para a linha central do campo onde ocorria a revista. A milícia retrocedia e deixava alguns homens simulando que estavam mortos no solo. Um oficial da milícia notou Sharpe.

Já se encontravam à vista de todas as tribunas, de todos os espectadores, mas todos os olhos estavam postos no esplêndido avanço das tropas britânicas, com as bandeiras ondeando, cujas bandas enchiam o parque com a música do triunfo. Apenas os membros da milícia, ao ver que a coluna vinha por sua retaguarda, olhavam nervosos para trás como as tropas que temem ser cercadas em um campo de batalha.

De repente os marechais perceberam sua presença. Sharpe viu dois que vinham, viu a grama se levantando atrás dos cascos de seus cavalos a galope e disse a Harper que apertasse a marcha, que fizesse as companhias se juntarem. Aquele era o desafio, aquele era o momento que havia planejado. A partir desse momento, assim como em uma batalha, tinha que deixar de lado tudo o que pudesse distraí-lo, ignorar tudo o que não tivesse a ver com sua vitória. Fazia isto pelos homens que estavam em *Pasajes*, pelos homens que jaziam nas tumbas por toda a Espanha, pela garota que o estava observando.

— Você! Quem é você? — perguntou um capitão de cavalaria, de pé sobre os estribos e gritando com raiva.

Sharpe o ignorou.

— Fileiras, dar passagem! Dar passagem! — ordenou à milícia que tinha diante de si com uma voz que se forjara em campos de instrução e na prática dos campos de batalha.

— Alto! — gritou um coronel que estava agora a seu lado. — Alto! É uma ordem!

— Ordens do príncipe! Dê passagem! — grunhiu Sharpe.

Levantou ainda mais a águia e o coronel, achando que o troféu de metal estava a ponto de lhe dar um golpe, desviou seu cavalo de lado.

— Quem diabo é você?

— O rei José da Espanha. Agora caia fora! — disse Sharpe com violência e com um gesto

selvagem.

Aquelas palavras surpreenderam ao coronel; depois Sharpe avançou com seu cavalo pelo espaço que ia se abrindo entre os homens da milícia.

— Fechar fileiras, sargento! Fechar fileiras!

O campo era todo gritos e música, mosquetes de festim salpicando o ar com fumaça, e Sharpe voltou a gritar a ordem, a ordem mais comum em um campo de batalha quando as filas foram derrubadas com um disparo de canhão e os homens se movem para o centro da linha e carregam suas armas.

— Fechar fileiras! Fechar fileiras!

O coronel ia esporeando seu cavalo atrás dele, mas Sharpe não o olhava. Ele observava a infantaria que se aproximava, calculava o tempo que tardariam em percorrer aquela centena de metros que os separavam da frente de sua coluna.

— Virar à esquerda! Com elegância!

O coronel tentou agarrar as rédeas de Sharpe, mas a águia se inclinou para o cavalo do coronel, lhe golpeou na cabeça e a besta deu um virada, retrocedeu e Sharpe se soltou.

— Fechar fileiras! Fechar fileiras!

Sharpe havia aberto um caminho de destruição através da reconstituição tão cuidadosa da batalha. Em lugar da retirada ensaiada minuciosamente, parecia que o “inimigo” voltava a combater, penetrando pelo centro da linha para avançar contra os vencedores surpresos.

— Alto! — gritou o coronel.

Mais marechais avançavam esporeando os cavalos em direção àquela coluna pequena e esfarrapada que, de repente, e sob as ordens de Sharpe, girou à esquerda e se dirigiu para a tribuna real.

— Marchem! As cabeças altas! Marchem!

Sharpe pôs a águia junto com as rédeas do cavalo na mão esquerda e, invadido pela excitação, pois já via seu alvo, o objetivo desses dias de marcha e ocultação, desembainhou sua grande espada. Seu cavalo, pouco habituado a tal alvoroço, ia dando pequenos passos nervosos, e Sharpe apertou seus joelhos contra seus flancos para fazer que seguisse reto para o príncipe regente.

A Guarda Real contemplava assombrada para os homens que se aproximavam. O flanco direito do avanço britânico, estrepitoso com as batidas da cavalaria, parou porque seu caminho estava bloqueado, enquanto que o flanco esquerdo, que não tinha obstáculos, seguiu avançando e fez que toda a simetria do avanço fosse desviada. Nesse momento eram quatro os oficiais que gritavam para Sharpe, um gritava para o South Essex para que parasse, mas a voz de Harper era mais forte que a de qualquer um dos marechais e, apesar dos olhares nervosos de seus oficiais, os homens continuaram avançando. Sharpe ia à frente; já via o príncipe, e a

um homem junto dele que apenas podia ser o duque de York. Ele meio se virou e gritou para Harper o seguinte:

— Ordem aberta!

Formaram uma linha, de frente e superando a Guarda Real, e Sharpe viu a consternação que se vivia na tribuna real quando os homens se deram conta de que esse dia, preparado com tanto cuidado, tinha sido consumido no caos por tropas sujas e desalinhas que, com as baionetas caladas, se dirigiam para o regente da Inglaterra, seu irmão e a flor e nata da sociedade. O príncipe, que havia se levantado, estava a vinte metros de Sharpe e contemplava o oficial montado que segurava a águia francesa no alto.

— Guardas! — gritou um oficial da Guarda Real para seus homens para que carregassem suas armas, pois temia que uma descarga de mosquetes fosse banhar em sangue a tribuna real.

Sharpe ignorou a ameaça. Apoiou a espada na sela, tirou a boina e ficou olhando para o príncipe que, ao reconhecê-lo, sorriu com repentino regozijo.

Sharpe olhou para Harper.

— Sargento-mor do regimento? Agora!

Aquela era a manobra que haviam praticado, a manobra que nunca se vira antes em um campo de batalha ou um desfile, e os homens de Sharpe a executaram ante os olhos assombrados da guarda de infantaria, cujas baquetas ainda estavam empurrando para dentro as balas desnecessárias. A tribuna real, lorde Fenner, a totalidade da formação do desfile já em desordem, observavam aquelas tropas estranhas e desalinhas que baixavam os mosquetes e, às ordens de um sargento enorme, tiravam os chapéus.

Os sessenta frangos haviam proporcionado aos homens uma comida esplêndida e um monte de penas. Cada homem recebera três penas brancas, que, imitando Sharpe, meteram por entre as insígnias das barretinas de maneira que, alguns segundos depois, quando os voltavam a pôr as barretinas na cabeça, cada um deles usava o distintivo branco do príncipe de Gales que se destacava em seu fundo negro.

O príncipe se encantou com as plumas, que o duque de York contemplava raivoso. O sargento Harper gritou a ordem para que cumprimentassem.

Sharpe não tinha provas de que este batalhão tinha sido roubado, de que seus senhores fossem criminosos, portanto agora tentava pôr estes homens sob a proteção do príncipe regente, do homem gordo que consentiu satisfeito enquanto Sharpe baixava a águia em sinal de homenagem submissa. Sharpe, que não podia provar nada contra lorde Fenner, se aferraria à proteção e influência do regente da Grã-Bretanha e, ainda que o príncipe não tivesse poder formal sobre o Exército ou o Ministério da Guerra, Sharpe sabia que seus inimigos não poderiam contrariar os desejos do príncipe. Sharpe apresentava estes homens ao príncipe com a esperança de que o regente se convertesse em seu aliado e protetor, e o príncipe estava encantado.

— Que batalhão é este, Rossendale?

Lorde John Rossendale viu as bainhas amarelas. Com a luneta do príncipe olhou para uma das barretinas e viu a insígnia da águia acorrentada.

— South Essex, senhor — disse com surpresa, recordando que lorde Fenner havia negado sua existência.

— Meu, agora, hem? Meu! Esplêndido!

Sharpe, mantendo a espada vertical para cumprimentar, não ouviu o príncipe. Jane Gibbons, que compartia a luneta com Charlie Weller, se pôs a aplaudir quando viu as plumas nas barretinas.

— Batalhão! — A voz do sargento Harper se elevou por cima dos protestos dos marechais. — Três hurras por sua alteza real! Hip, hip, hip!

Gritaram os hurras. Algumas das plumas se inclinaram ou caíram, mas não importava, o príncipe estava encantado.

— Major Sharpe!

Sharpe sabia que sua vitória não seria completa até que falasse com o príncipe. Viu a mão gorda que lhe chamava, e tentou aproximar seu cavalo para deixar a águia junto a seu príncipe, mas se ouviram outras ordens e alguns homens a cavalo se apressaram para ele. Um coronel dos azuis lhe arrebatou a águia e um major forcejou para tirar-lhe a espada. Outra mão lhe agarrou os bridãos e o separou da tribuna real.

— Major Sharpe! — voltou a chamar o príncipe, mas o fuzileiro estava rodeado por marechais e oficiais, homens montados raivosos que o afastavam aos empurrões.

— Sua alteza real? — apressou-se lorde Fenner por entre os lugares. — Sua alteza real?

— Fenner!

— Confio em que a sua alteza real tenha gostado da exibição — disse lorde Fenner, que ao ver a alegria do príncipe pensava com rapidez.

— Maravilhosamente boa, Fenner! Eu gostei! Os homens que capturaram a águia, hem? Vestidos como iam naquele dia. Gostei de verdade, me agrada. Obrigado, Fenner! Gostei muito! Rossendale!

— Senhor?

O príncipe tentava ver Sharpe entre a confusão, mas havia muitos homens montados.

— Diga ao major Sharpe que o espero na recepção esta noite.

— Certamente, senhor.

O duque de York, horrorizado por aquela bagunça, não fez caso do regozijo de seu irmão mais velho.

— Está sob prisão! Maxwell!

Um general da Guarda vestido de gala se aproximou.

— Leve-o para a Guarda Real agora! Isto vai lhe custar caro, por Deus que sim! — Virou-

se para Fenner. — Que diabos está acontecendo, Fenner?

— Acho que posso explicar, alteza real.

Lorde Fenner sorriu pacificamente. Observou como o general Maxwell mandava uma escolta em busca de Sharpe, e lorde Fenner, ao ver que Sharpe era preso, soube que o fuzileiro havia apostado e havia perdido.

— O que está acontecendo, Freddy? — perguntou o príncipe em tom lamuriento.

— Nada em absoluto.

O duque de York indicou aos marechais que resolvessem aquele caos repentino e que prosseguissem com a batalha. Virou-se e fez sinais com suas mãos gordas para os espectadores situados na tribuna real que, temendo algo mau, estavam preocupados.

— Não há nada com que se preocupar, nada em absoluto! Sentem-se!

Deixou-se cair no assento, com o rosto indignado, para dar exemplo aos espectadores.

Sharpe havia avançado pelo flanco, havia surpreendido o inimigo e havia perdido. Sua escolta o rodeou e o tirou do campo com rapidez. Não havia chegado a alcançar o príncipe, tinha fracassado.

Enquanto isso, do outro lado do parque, assombrados e acalorados, o reverendo Octavius Godolphin e sua senhora estavam de acordo que o Exército regular convertera a tarde em uma boa bagunça. Ir até ali apenas para ver aquele caos desastroso e embaralhado? Graças a Deus que existia a armada, pensou o reverendo Godolphin, que depois levou sua mulher para tomar o chá na casa da senhora Paul.

Capítulo 20

A sala ficava no piso superior da Guarda Real. Era um aposento grande, com móveis confortáveis, nas paredes empapeladas penduravam mapas de fortalezas, e as cadeiras eram forradas com couro fino. Umas velas caras e brancas ardiam, com uma chama brilhante, por cima das mesas e das escrivaninhas. Lorde Fenner, com alguns papéis espalhados em sua frente, estava sentado no lugar de honra. A seu lado estava o general sir Barstan Maxwell, com o rosto ainda vermelho de fúria por esse fuzileiro inesperado que havia destroçado uma celebração ensaiada com tanto esmero. Em uma mesa lateral, bem iluminada por compridas velas, um secretário escrevia na ata. Atrás de todos eles, comodamente sentado, estava sir Henry Simmerson, cujo prazer ante a humilhação de Richard Sharpe era absoluto. Abaixo, no pátio da Guarda Real, Girdwood vigiava a sobrinha de sir Henry, a quem haviam encontrado sozinha no parque com um soldado raso. Naquela noite, sir Henry assegurara, a açoitaria até moer-lhe os ossos. O major Richard Sharpe permanecia no centro do cômodo. Sua espada, fuzil e luneta se encontravam em cima da ampla mesa na frente de lorde Fenner.

Ele havia conseguido, ainda que fosse pouco consolo, uma vitória parcial: havia salvado o batalhão. Apresentara-o ao comandante-em-chefe, havia demonstrado de forma inequívoca sua existência ante o príncipe regente; já não podiam desculpar-se afirmando que era meramente um batalhão de reserva, uma conveniência burocrática para a administração. No lapso da última hora, junto com um convite formal ao major Sharpe para ir a Carlton House à noite, havia chegado um documento, selado com magnificência, que dizia que sua alteza real o príncipe regente tinha o prazer de que, a partir desse dia, o regimento South Essex fosse conhecido como o dos Voluntários do Príncipe de Gales. Uma carta adjunta agradecia a lorde Fenner o momento de deleite que as plumas haviam proporcionado a sua alteza real, e recordava a lorde Fenner a recepção que ia ter lugar à noite em Carlton House. Fenner tinha intenção de comparecer, porém, antes de abandonar a Guarda Real, destruiria àquele homem insolente que o havia desafiado.

— O senhor tinha ordens de voltar para a Espanha, major Sharpe — disse com sua voz nasal e precisa. — O senhor a desobedeceu.

— Já sabe por quê.

Os dedos compridos e brancos de Fenner iam dando golpezinhos sobre os papéis que tinha em cima da escrivaninha.

— Sua insolência é notória.

O secretário ia rabiscando com sua pena de forma inquietante, enquanto que Fenner olhava suas próprias notas.

— Deixou de obedecer a uma ordem, major, que lhe mandava ao nosso Exército na Espanha. Isso equivale à deserção.

— O senhor é um maldito recrutador e um ladrão.

— Silêncio! — O general Barstan Maxwell bateu na mesa com o punho e fez que as velas se agitassem e as chamas vacilassem. — O senhor é um oficial! Tente se comportar como um cavalheiro! — Sharpe olhou para o general, um homem da Guarda Real.

— Estes cavalheiros, senhor, estiveram ocultando um batalhão como uma unidade de reserva, recrutando homens para seu proveito próprio e roubando-lhes os pagamentos.

Lorde Fenner emitiu um riso suave e fácil. Reclinou-se na cadeira e fez um sinal ao secretário, que, assustado com a repentina batida sobre a mesa, havia deixado de escrever.

— Escreva, homem, escreva! Escreva que o major Sharpe está acusando formalmente ao ministro da Guerra de sua majestade de “recrutamento ilegal”. São essas as palavras, major?

— Roubo também.

— Escreva isso também! Certamente, o senhor pode apresentar provas destas acusações, major?

Fenner sorriu, sir Henry ofegou, e o general sir Barstan Maxwell olhou com ferocidade para Sharpe.

Sharpe não podia. Havia pensado que ao pôr-se sob a proteção do príncipe de Gales estaria a salvo de qualquer processo deste tipo, mas havia julgado mal a situação. Julgara-a muito mal, e sabia que, naquele aposento caro e luxuoso, sua carreira havia chegado a um final desonroso. Não só sua carreira, mas também aquela grande bolha de felicidade que havia experimentado com Jane: já não haveria casamento. Sir Henry se gabara de que a garota que estava em sua carruagem, e que regressaria para casa imediatamente; não era para ele. Sharpe, que trabalhara para desonrar estes homens de maneira que Girdwood não pudesse se casar com Jane Gibbons, é que seria desonrado.

Outro secretário bateu à porta, entrou na sala e, sem olhar para Sharpe, como um jurado não olharia para o condenado, levou uma pasta de pele com papéis até a escrivaninha. Escolheu uma folha e deu para Fenner ler. Ele a assinou rapidamente e depois levantou a vista e olhou para Sharpe.

— Esta carta, major Sharpe, informa a sua alteza real de que o senhor não pode, por ordens minhas, ir à recepção. Nem nenhuma outra noite. Dê-me os destinos! — pegou outro papel que lhe estendia o secretário, passou o dedo pela lista e cravou a unha. — Este.

— Muito bom, senhor.

— Anote-o!

— Certamente, senhor.

O secretário se retirou.

Um relógio deu as oito no corredor do exterior. Lorde Fenner sorriu.

— O regimento dos Voluntários do Príncipe de Gales — pronunciou o novo nome com desprezo — irá imediatamente para a Espanha, major, mas não contarão com sua presença. Estarão ao comando do tenente-coronel Bartholomew Girdwood. Estou seguro de que sob seu

comando se defenderão com nobreza.

— Certamente — interveio sir Henry.

Fora ideia dele que dessem a Girdwood o comando do primeiro batalhão que tinha que levar para a Espanha, junto com os homens instruídos em Foulness e os oficiais do acampamento desmantelado. Lorde Fenner e ele, de má vontade, mas com sensatez, estavam de acordo que, já que o batalhão havia saído à luz de forma tão dramática, seria prudente abandonar o negócio de vender recrutas. Tinham se convencido de que não perderiam muito dinheiro. A guerra não ia durar muito. Os aliados do norte haviam concordado voltar a lutar, a França estava cercada e Fenner estava seguro de que a paz estava à vista. Simmerson e ele tinham feito uma grande fortuna, e agora, graças à prisão de Sharpe, podiam evitar todo o escândalo.

Sharpe calou, não tinha nada a dizer.

— O senhor, major Sharpe — Fenner o olhava triunfante e com repugnância — tem um novo destino. Partirá dentro de dois dias, e até então, major, está sob prisão. Será capitão em um presídio da Austrália.

Sir Henry Simmerson não pôde evitar que lhe escapasse um riso repentino.

— Não há alfaiates na Austrália; o senhor parecerá estupendo!

Fenner sorriu daquela brincadeira e olhou para sir Barstan Maxwell.

— O duque estará de acordo?

— Achará muito indulgente, senhor. — Maxwell sorveu pelo nariz. — Porém, se lhe propõem, estará de acordo.

— Sou indulgente — disse lorde Fenner com magnanimidade — porque não se pode negar que o major Sharpe serviu bem a seu país. Desejamos, general, que uma viagem por mar lhe devolva o juízo.

— O duque será informado.

O general sir Barstan Maxwell, que teria preferido ver Sharpe enforcado e esquartejado, emitiu um gemido. De toda maneira, um destino na Austrália era equivalente a uma sentença de prisão. Sharpe não voltaria nunca, seria esquecido.

— Bem. — Fenner fechou bruscamente a tampa de prata de um tinteiro. — Estão escrevendo suas ordens, major, espere por elas no corpo da guarda. Ah! Parece que já estão aqui! — Haviam ouvido um discreto golpe na porta. — Entre!

Certamente, era o secretário ao qual lhe haviam dado instruções para redigir as ordens para Sharpe, porém, em lugar de levá-las até a escrivaninha, ficou quieto na porta com insegurança.

— Senhor?

— Tem as ordens?

— Estão sendo redigidas, senhor. É sua mulher, creio. Eu lhe disse que sua senhoria não

pode ser incomodado, mas ela insiste muito.

— Insiste muito — confirmou uma voz precisa e segura desde a porta.

Fenner, que não era casado, ficou olhando consternado, não para o secretário, mas para a mulher alta e de olhos verdes sorrindo docemente, e que entrou no cômodo e fez um sinal para que o secretário se fosse. A condessa viúva de Camoynes, com uma capa pendurada em um braço, esperou até que a porta se fechou, deu uma olhada para Sharpe e depois falou:

— Eu disse que era sua mulher, Simon, para convencer aquele homenzinho chato de que me deixasse entrar. Sir Henry? Por favor, não se levante.

Sorriu para Simmerson, que não havia feito gesto de mover-se, depois olhou com zombaria para sir Barstan Maxwell e depois para lorde Fenner.

— Por favor, apresente-me.

— Anne? — disse Fenner com uma voz que parecia um grunhido de indignação.

— Recorda-se de mim! Que encantador. Do mesmo modo que eu me recordo do major Sharpe. Espero que esteja bem, major.

Sharpe ficou olhando-a, mas não disse nada. Estava tentando adivinhar como havia calculado tão mal, tudo havia saído péssimo. Culpava-se por ter feito o meio batalhão parar tão longe da tribuna real; tinha que ter aberto passagem por entre a Guarda Real até a grade atrás da qual estava sentado o príncipe. Chorava por Jane; foram como crianças, acreditando que o amor era um jogo que a valentia podia ganhar, mas os bastardos haviam ganhado.

Lorde Fenner franziu o cenho.

— Minha querida Anne, estou metido em assuntos de Estado.

— Apresente-me, Simon!

Fenner se levantou de má vontade, clareou a voz.

— General sir Barstan Maxwell, tenho a honra de apresentar a condessa viúva de Camoynes — exclamou em tom peremptório. — Suponho que poderá esperar, Anne — disse de má vontade e com um tom de segurança recuperado após a surpresa daquela entrada.

— Certamente que posso esperar, Simon. Simplesmente, queria me assegurar de que não havia se esquecido jantarei com o senhor esta noite.

— Não havia esquecido. — Fenner se sentou e aproximou a cadeira da mesa. — Mas estou me atrasando e lhe agradeceria que esperasse lá fora, senhora.

— Como pede tão graciosamente, meu lorde, eu vou. É uma honra tê-lo conhecido, sir Barstan. — A dama sorriu para o oficial da Guarda, depois para sir Henry e finalmente lançou um olhar frio e hostil para Sharpe. — Seu uniforme é uma vergonha, major.

Sir Henry Simmerson, que dissera o mesmo no início de tudo aquilo, ofegou em aprovação. Lady Camoynes lhe sorriu e voltou a olhar para Sharpe.

— É também muito negligente, major.

— Anne! — exclamou lorde Fenner mal-humorado.

— Um momento, Simon. — A mulher o repreendeu docemente, depois olhou para Sharpe de forma autoritária. — Muito negligente, major.

— Negligente, senhora?

Lady Camoynes tirou a mão esquerda de baixo da capa.

— O senhor me prometeu isto, mas o que é a promessa de um soldado? Uma bugiganga, não? — A mulher sorriu. Tinha na mão um livro encadernado em pele vermelha. — Tive que encontrá-los por minha conta! Seu mordomo, Simon. Queria saber o que era que ia queimar, portanto ainda os estava lendo quando cheguei para nossa janta. Os criados são tão curiosos em tudo que se refere a nossas vidas, não acha? — Sorriu para lorde Fenner. — Tenho o outro. Está em um lugar seguro, certamente, o recuperei das chamas. Tem algumas cartas assinadas por você no interior. Que descuido de sua parte não tê-las destruído. Segure o livro para mim, major. — Girou uma cadeira e a pôs de frente para a grande mesa. — Acho que talvez eu fique agora, Simon. Acho tão fascinantes seus assuntos de Estado...

O general sir Barstan Maxwell pensou que o mundo havia ficado louco.

O fuzileiro estava sorrindo, olhando um livro de contas que lorde Fenner e sir Henry, com a cara branca e horrorizada, olhavam com incredulidade. A condessa viúva de Camoynes se sentou, e de seu rosto elegante e depreciativo brotou uma expressão de alarme e esperança inteligente.

O secretário já não era necessário. Lorde Fenner pegou as atas e as rasgou em duas.

— Senhor! — protestou o general Maxwell.

— Sir Barstan, isto não é assunto seu. Vá embora, homem! — disse ao secretário, que, excitado pelo insólito daquele caso, soltou a pena e fugiu pela porta.

O general sir Barstan Maxwell ficou olhando as atas rasgadas.

— Milorde, insisto em que isto se faça como é devido! Insisto!

— Estamos agindo da forma correta, sir Barstan. — Lady Camoynes estava de repente dominando a sala. — De forma mais que correta. Caso se atue de outra maneira, meu querido general, é provável que haja um escândalo horrível. Não é mesmo, Simon?

O general dirigiu os olhos para lorde Fenner, que, sob o olhar de lady Camoynes, consentiu com a cabeça debilmente.

A mulher deu uma risada.

— Um escândalo esplêndido, general. Eu acredito realmente que seu senhor de York gostará que o mantenhamos em segredo, não acha? Freddie já teve muitos problemas. — Ninguém discutia suas palavras, enquanto ela olhava para Sharpe. — Talvez, major Sharpe, o senhor tenha algumas petições a fazer a lorde Fenner.

— Petições?

A dama o olhou desconcertada.

— Suponho que quer pedir um favor a Simon. — Apontou para lorde Fenner. — Acho de verdade que este seria um momento oportuno. Minhas próprias petições — sorriu olhando para lorde Fenner — podem esperar.

Ela era que mandava naquele aposento. Sir Henry, que havia entregado os livros para que fossem queimados, sentia que seu coração batia a uma perigosa velocidade.

Lady Camoyne suspirou.

— Apresse-se, major.

Sharpe, arrancado do profundo poço da derrota até este repentino e assombroso êxito, obedeceu. Iria à Espanha com os homens instruídos dos Voluntários do Príncipe de Gales. Lorde Fenner estava de acordo. Seus gastos das últimas semanas seriam ressarcidos a Hopkinson e Filho na Rua San Alban.

Lorde Fenner franziu o cenho.

— Quanto é?

— Duzentos guinéus — disse lady Camoyne. — Em ouro. É o suficiente, major?

— Certamente, senhora.

Era mais que suficiente.

— Então, continue, major Sharpe.

O pagamento atrasado do batalhão seria restituído. O segundo batalhão se estabeleceria adequadamente em Chelmsford e se nomeariam novos oficiais. Tudo isto foi combinado. As bandeiras seriam levadas da casa de sir Henry para o quartel. Sir Henry, incapaz de falar, consentia com a cabeça. Sir Barstan, escandalizado por as bandeiras estarem na casa de sir Henry, deu uma colérica respiração.

Sharpe sorriu.

— E não haverá mudanças, nenhuma, a respeito dos oficiais que o senhor escolheu para ir à Espanha.

Fenner ficou olhando como se não tivesse ouvido bem o que Sharpe dissera.

— Quer dizer...

Sharpe ergueu a voz.

— Quero dizer que quero ficar sob o comando do tenente-coronel Girdwood.

Sir Henry franzia o cenho. Fenner, derrotado, seguia perplexo.

— Se o tenente-coronel Girdwood ainda quiser o comando, major, o senhor se porá sob suas ordens?

— Esse é meu desejo.

Lady Camoyne sorriu.

— Já terminou, major?

— Certamente, senhora.

Suas outras petições não eram assunto de lorde Fenner, nem de ninguém mais além de Sharpe e da garota que esperava lá embaixo.

Lady Camoyne estendeu sua mão enluvada.

— Agradeceria que me desse o livro, major. Simon e eu nos veremos amanhã, não vamos, meu Lorde?

Fenner consentiu com a cabeça, pressentindo a humilhação que se aproximava. Sir Henry Simmerson seguia boquiaberto olhando o livro que a dama pegou de Sharpe. Lady Camoyne abriu as páginas e mostrou as colunas do livro razão.

— Gostaria de ter o livro, sir Henry? Tenho dois para vender. — Levantou-se. — Major? Vamos embora?

— Certamente, senhora.

— Major Sharpe! — gritou o general sir Barstan Maxwell em uma última tentativa de servir a seu senhor com honestidade. — O senhor estava dizendo a verdade?

Lady Camoyne levantou a mão para calar a resposta de Sharpe. A dama sorriu para o general.

— A verdade, querido Barstan, é o que lorde Fenner e eu decidamos. E vai provar, querido Simon, que será uma mercadoria muito cara. Boa noite, cavalheiros.

— Vamos, major.

Sharpe pegou suas armas e sua luneta da mesa, ofereceu seu braço para sua salvadora e se foi triunfante.

Sharpe abriu a portinhola da carruagem de sir Henry.

— Senhor?

Girdwood, ao ver Sharpe, ficou boquiaberto. Emitiu um ruído de terror, como de um musaranho. Viu a espada que Sharpe levava ao lado e o fuzil pendurado ao ombro daquele homem tão alto, e sua voz soou indecisa, como se visse o fantasma de um homem que tinham destinado ao selvagem deserto australiano.

— Veio me buscar, major Sharpe?

— A seu tempo, senhor.

Sharpe sorriu. Havia homens cuja carne há tempos havia se separado de seus ossos, que a última coisa que tinham visto na terra fora aquele sorriso.

— Mas de momento vim para buscar a senhorita Gibbons. — Estendeu a mão. — Jane?

Girdwood levantou com fraqueza uma mão como se fosse detê-la, mas se ouviu um

esfregar, o lampejo de uma luz sobre o aço comprido e a espada de Sharpe resplandeceu no pátio.

— Senhor?

Girdwood ficou bem quieto. Sharpe embainhou a espada e ajudou a garota a descer.

— Jane. Tenho a honra de apresentar a condessa viúva de Camoynes. — Sharpe se inclinou ante a condessa. — Jane Gibbons, senhora. Vamos nos casar.

A condessa olhou para a garota de cima abaixo com olho crítico.

— Aceitou-se se casar com ele, senhorita Gibbons?

— Sim, senhora.

— Ele é mais afortunado do que merece. É um gato de rua, não é mesmo, major?

— Se sua senhoria o diz.

A dama o olhou com uma expressão desafiante e divertida.

— Sim, ela o diz. Aonde vai esta noite, gato de rua? Tenho uma carruagem e me sinto generosa.

— Carlton House — respondeu Sharpe sorrindo. — Fomos convidados.

— Vestidos assim? Suponho que seja um baile a fantasias. Muito bem! Iremos todos para a casa de Prinny! Jane e eu podemos nos apresentar no braço de um herói. Querida senhorita Gibbons — e a condessa estendeu sua mão para Jane —, faça-me o favor de esperar em minha carruagem.

Quando a condessa ficou a sós com Sharpe, ficou olhando-o.

— Não me falou dela.

— Achei que não havia necessidade.

A dama sorriu.

— Verdade. Não se fala da prometida quando se está debaixo dos arbustos de Vauxhall. — Deu uma risada. — Você não o faria, major, né? Eu sim, mas você não. É muito gentil. Já lhe disseram alguma vez que é muito amável?

— Não, senhora.

— Não me chame “senhora”. Faz com que me sinta velha. — Com seus dedos lhe tocava o apito que pendurava do cinturão e tinha os surpreendentes olhos verdes cheios de diversão. — Se não fosse um gato de rua, poderia ter ficado contigo.

— Teria sido mais afortunado.

— Obrigada. Está enamorado?

Sharpe se sentiu perturbado.

— Sim. Sim, estou.

— Seja o que for o amor. Provavelmente acabará em desastre, é claro.

Sharpe franziu o cenho.

— Você acha?

Ela deu uma risada.

— Não, se cuidar dela; e eu creio que é bastante bom nisso. — Sorriu. — É muito bonita, se gosta dessa aparência inocente. Tem bom gosto para as mulheres, major. Queria lhe agradecer.

— Agradecer-me? — perguntou Sharpe confuso.

— Você não me conseguiu a prova, não? Mas ainda permanecia no campo de batalha, major, foi um aliado de uma grande vigor. — A mulher se virou para a carruagem. — Vamos, não fica bem fazer um príncipe esperar, ainda que seja esse bobo gordo.

A mulher deu uma risada, porque havia ganhado e ia poder se vingar, e porque seu filho estava a salvo.

De repente a vitória era muito doce. O príncipe achou o uniforme de Sharpe “monstruosamente bom”. Foi a amabilidade em pessoa para ambos.

— Quem é ela? — perguntou sir William Lawford contemplando Jane Gibbons, a quem lorde John Rossendale havia levado por um momento.

— Vou me casar com ela. Chama-se Jane Gibbons.

— Gibbons? Gibbons? — perguntou Lawford franzindo o cenho. — Não os conheço.

— Seu pai era coureiro.

— Ah! — disse Lawford sorrindo. — Então creio que não os conheço. De toda maneira, é um bom partido para você. Bonita, hem?

— Acho que sim.

Lawford ficou olhando para Sharpe em silêncio durante alguns segundos.

— Portanto se sente satisfeito, hem? Fez tudo sozinho, não necessitou de minha ajuda?

— Espero que não se sinta ofendido, senhor.

— Ofendido! Deus, não. Você foi um estúpido, Richard. Sabe que bobagem fez hoje? Sabe? Tem sorte de ter ainda a cabeça sobre os ombros, sem falarmos de sua graduação.

— Estou seguro, senhor.

Lawford, com sua maravilhosa habilidade, pôs fogo na isca e acendeu um charuto.

— Sabe o que tinha combinado para você, Richard?

— Combinou para mim, senhor?

— Um batalhão de fuzileiros para você. Seus, fuzileiros, tenente-coronel Sharpe. —

Sorriu para mostrar o bobo que fora Sharpe ao não confiar em sua ajuda. — Certamente, na guerra da América, mas não se pode ter tudo.

Um batalhão de fuzileiros para ele? Sharpe sentiu o horrível atrativo do suborno, a luxúria e cobiça selvagem por conseguir que lhe dessem um instrumento de guerra tão maravilhoso, mas depois se recordou dos homens desconsolados nos cais de *Pasajes*, os homens com as casacas vermelhas descoloridas e remendadas que confiavam nele para que lhes trouxesse o orgulho da Inglaterra.

— Não teria podido aceitar, senhor.

— É fácil dizer isso quando não há escolha. — Lawford deu uma risada. — Portanto achou que não precisava de mim, hem?

— Claro que necessito, senhor.

Sharpe se perguntava como Lawford podia tê-lo julgado tão mal. Realmente sir William acreditava que Sharpe ia abandonar seus homens por uma ascensão? Isso lhe feria, mas não queria que se notasse. Em lugar disso, sorriu.

— Quero lhe pedir um favor e talvez eu possa lhe dar uma compensação.

Lawford, com a desconfiança de um político, franziu o cenho ante a ideia de uma troca que não fosse de sua invenção.

— O que pode me oferecer, Richard?

Sharpe se sentia perturbado, pois não estava em seu terreno.

— Ocorreu-me, senhor, se me perdoar, que se o senhor falar com lady Camoynes, poderá comprovar que de repente tem grande influência na Guarda Real e no Ministério da Guerra. Deve fazê-lo com rapidez, senhor, digamos que esta noite; suspeito que vai a haver ascensões, senhor, no seio do Governo.

Lawford, que de nenhuma maneira esperava receber este tipo de informação de um homem que fora outrora seu sargento, ficou olhando para Sharpe com ressentimento.

— Conhece lady Camoynes?

— Não muito — disse Sharpe com rapidez. — Teve a amabilidade de falar uma ou duas vezes comigo.

Lawford soltou um grunhido.

— Espero que tenha sido educado, Richard.

— Certamente, senhor — respondeu Sharpe sorrindo. — Fui muito humilde.

— Bom. — Lawford olhou a casaca verde horrível e manchada das batalhas. — Porque às vezes você parece ter dificuldades em saber o seu lugar.

— Sim, senhor.

— E o que posso fazer por você?

— Acho, senhor, que o tenente-coronel Girdwood vai tentar renunciar a seu grau de oficial

e eu lhe agradeceria, senhor, que dissessem a ele que, se não aceitar o comando do primeiro batalhão na Espanha, poderiam incriminá-lo. Seria possível?

Lawford soltou uma baforada de fumaça enquanto observava Sharpe.

— E por que diabos você quer servir sob o comando de Girdwood?

— Não tenho intenção alguma de servir sob seu comando, senhor.

Sir William sorriu lentamente, já o entendia.

— Posso dizer que me alegro de não ser seu inimigo, Richard?

— Também me alegro, senhor.

Sharpe levou Jane Gibbons da corte. Ia regressar para a Espanha e havia uma centena de coisas que queria fazer antes que o batalhão partisse. Desceram pela impressionante escada para o aposento octogonal, e de repente Jane deu um grito e lhe agarrou o braço.

— Major!

— Agora pode me chamar de Richard.

Ela não escutava. Olhava fixamente e aterrorizada para o final da escada.

Os derrotados, conhecedores de que no dia seguinte teriam que se redimir do escândalo pagando, e desejosos de calar o menor dos rumores que pudesse manchar sua reputação, haviam decidido aguentar a dificuldade com descaramento. Tinham vindo a Carlton House. Lorde Fenner viu Sharpe e retrocedeu para não se ver obrigado a dirigir a palavra a seu inimigo. Mas sir Henry Simmerson, que acabava de entregar a capa a um criado, não era tão sensato. Ficou olhando com ira ultrajada. Sua sobrinha, vestida com um simples vestido azul, descia pelos degraus do príncipe regente de braços dados com o homem a quem mais odiava no mundo.

— Jane! Ordeno que venha para casa! Vou lhe esfolar!

— Sir Henry! — respondeu Sharpe.

Sua voz, que ressoou no mármore esplendoroso do saguão, pareceu alta demais. Sharpe pôs a mão direita sobre a de Jane para que não tivesse medo.

Sir Henry os olhava fixamente, e Sharpe, também em voz alta, disse duas palavras curtas que, ainda que muito utilizadas no Exército britânico, não se ouviam com frequência em Carlton House. Então, com sua noiva em seu braço e sua espada ao seu lado, foi para a noite. Estava voltando para a Espanha.

Epílogo

França, novembro de 1813

O amanhecer mostrou uma paisagem esbranquiçada pela geada e cortada por vales escuros. A fumaça, como volutas de neblina matinal, se elevava desde as íngremes ladeiras das colinas onde as tropas preparavam chá ou limpavam a carga dos mosquetes usados na noite anterior. Os homens, que golpeavam as botas contra o piso e davam palmadas com as mãos enluvadas para afugentar o frio, olhavam fixamente para o norte para as colinas rochosas, empinadas e em poder do inimigo.

O sargento-mor Harper deu uma risada.

— Parece decepcionado, Charlie. O que foi? Achava que tinham chifres e caldas?

O soldado raso Charles Weller, membro da companhia ligeira de D'Alembord, olhava surpreso para um grupinho de homens que, a mais oitocentos metros de distância de Weller, abriam passagem colina acima com baldes de água até as trincheiras com frestas de rocha no alto da colina.

— São franceses?

— O artigo genuíno, Charlie. Franchinotes, sapos, como queira chamar esses sacanas. E são como nós.

— Como nós?

Weller havia crescido em um campo onde se falava dos franceses como se fossem macacos, diabos, qualquer coisa, menos humanos.

— Exatamente como nós. — Harper bebeu um pouco de chá e pensou nisso. — Um pouco lentos com os mosquetes e um pouco rápidos a pé, mas isso é tudo. Deus, que frio chato!

Era novembro nas montanhas. Os Voluntários do príncipe de Gales haviam avançado através de desfiladeiros elevados e rochosos, envolvidos em névoas repentinas, com os precipícios cobertos de musgo que jorravam águas que empapavam a delgada e esponjosa grama dos vales altos. As cabras e as águias compartilhavam as rochas, os lobos uivavam na escuridão. Uma tormenta dera as boas-vindas ao batalhão em uma noite, os relâmpagos cortaram o céu, branqueando os escarpados e haviam feito estourar as rochas como as chicotadas de uma condenação.

Em algum lugar daquela terra de névoas, chuvas, relâmpagos e frio ululante, entraram na França. Ninguém sabia exatamente onde. Em um momento estavam na Espanha, e no seguinte correu a voz entre a tropa de que tinham entrado em território inimigo. Ninguém havia se alegrado: estavam em um Exército que havia lutado e brigado desde 1793 para atravessar esta fronteira, mas estavam cansados demais para dar vivas. As correias das mochilas magoavam através dos uniformes molhados, tinham as botas cheias de água e os sargentos ameaçaram

crucificar quem permitisse que a pólvora se molhasse.

— Lembre de uma coisa, Charlie. — Harper jogou os restos de seu chá. — Consiga uma mochila francesa assim que for possível. São mais cômodas.

Era possível distinguir os veteranos do regimento, não só por seus uniformes descoloridos remendados com tecido marrom espanhol, mas também por suas mochilas francesas. Weller sorriu com zombaria. Sua casaca vermelha, que parecia tão nova em Chelmsford, tinha virado um rosa estranho, a tinta barata se diluía com a chuva e gotejava sobre as calças cinzas que estavam agora avermelhadas pelas coxas.

— Vamos lutar hoje?

— Por isso estamos aqui.

Harper observava as colinas ocupadas pelos franceses. Os britânicos se encontravam no terreno mais elevado, mas entre eles e as planícies do sul da França estavam todas essas colinas em mãos dos inimigos, colinas protegidas com fortificações, trincheiras e o terreno pantanoso e traiçoeiro dos vales.

Wellington, cujos homens haviam arrancado os franceses dos picos mais altos durante semanas de combates duros e confusos, queria sair daquelas montanhas antes que a neve chegasse. Nenhum Exército podia invernar ali. Se os fortes escavados nas rochas das últimas ladeiras não fossem tomados, os britânicos teriam que recuar de volta para a Espanha. Harper se virou.

— Soldado Clayton!

— Sargento?

— Vigie esse indivíduo. — Harper algemou Weller. — Não quero que morra em sua primeira batalha. E Charlie!

— Sargento?

— Mantenha seu cachorro longe dos portugueses. Eles os comem quando têm fome.

Weller, que havia desembarcado em *Pasajes* no início de outubro, havia adotado o primeiro cachorro de rua que encontrou. Era um mestiço de feiúra surpreendente, com uma orelha faltando e uma cauda encurtada por uma briga. Provou ser um covarde diante de outros cachorros, mas dedicado a seu novo amo, que tentara, sem êxito, batizá-lo com o nome de *Buttons*. O restante da companhia ligeira o chamava de *Ossudo*.

O major Richard Sharpe havia manifestado que os cachorros eram mascotes apropriadas para os soldados. Como resultado deste estímulo de Sharpe, às vezes parecia como se os Voluntários do Príncipe de Gales tivessem recolhido todos os cachorros de Rua da Europa.

O general de brigada Nairn recebeu Sharpe como a um amigo. Durante as três semanas em que o batalhão havia tido para reorganizar suas companhias e instruir os homens novos para lutar como veteranos, Nairn foi amiúde jantar com Sharpe e escutar as histórias da Inglaterra. Viu o tenente-coronel Girdwood brevemente.

— Ele é louco, Sharpe?

Estavam sentados no porão que era o refeitório dos oficiais.

— Ele apenas se mantém para si mesmo, senhor.

— Ele é louco! — Nairn olhava reverente dentro de seu copo de uísque.

Sharpe havia trazido duas barricas de Londres e havia presenteado ao general.

— Louco! — disse Nairn. — Ele me recorda um ministro que conheci em Kirkcaldy. O reverendo Robert MacTeague. Não comia mais que vegetais! Pode acreditar? Achava que sua mulher estava grávida de um raio de lua. Provavelmente era mesmo, pois duvido que sequer soubesse fazer isso. Não bebia, tampouco, nem uma gota! Dizia que a bebida era coisa do diabo.

O general Nairn se girou e olhou para a porta do quarto de Girdwood. Viu uma luz por debaixo da porta que havia permanecido fechada a tarde toda.

— O que faz lá dentro?

— Escreve poesia, senhor.

— Cristo! — Nairn ficou olhando para Sharpe, bebeu um bom gole de uísque. — Fala sério?

— Sim, senhor.

O velho escocês sacudiu a cabeça com tristeza.

— Por que o sujeito não renuncia?

— Na realidade, não sei, senhor.

Sharpe não sabia se a petição que fizera a Lawford havia dado frutos e a ameaça de um conselho de guerra e desonra havia obrigado Girdwood a ir para a Espanha, ou se o homem, dados seus tortuosos sonhos de glória, queria travar sua luta contra os franceses.

— Está aqui, senhor, isso é tudo o que sei.

— Enquanto que você — o dedo espetando Sharpe — fica ao comando do batalhão, né? Você é um safado inteligente, senhor Sharpe, e quando tenha deixado esse pobre bobo louco eu me assegurarei de que tenha um verdadeiro bastardo de coronel para que o faça correr.

O general de brigada Nairn estava certo a respeito da suposição de que Sharpe havia arranjado para que Girdwood tivesse o comando do batalhão porque isso permitia a Sharpe ter o verdadeiro comando.

Girdwood, envergonhado e humilhado por Sharpe na Inglaterra, não podia competir com ele na Espanha. O tenente-coronel havia tentado. Na ocasião da primeira revista formal, quando o batalhão, reforçado com os homens de Foulness, haviam formado diante dos armazéns de *Pasajes*, o tenente-coronel Girdwood havia repreendido publicamente o major Sharpe. Foi a única tentativa que fez de impor sua autoridade, tal como dissera a Sharpe em particular, de começar de novo esquecendo o passado.

A revista havia sido um assunto formal, as companhias estavam alinhadas na ordem adequada, com os capitães na frente e os sargentos atrás. Diante das bandeiras içadas, de cara para toda a formação, estava o tenente-coronel sentado sobre seu cavalo. A quatro passos atrás das bandeiras, no lugar designado ao major mais antigo, estava Sharpe.

— Major Sharpe! — gritou o tenente-coronel Girdwood, que ia fazendo a inspeção, por cima das cabeças do grupo que portava as bandeiras.

— Senhor!

— Faça o favor de afastar-se um par de passos!

O manual de instrução estipulava que o major mais antigo tinha que ficar a seis passos para trás da retaguarda. Todos os homens do batalhão, não só os provenientes de Foulness, mas também os veteranos, perceberam nesta ação uma prova de força. Uma extravagância, sem dúvida, mas se o major Sharpe, repreendido tão publicamente por sua falta de precisão militar, retrocedesse os dois passos, então Girdwood teria conseguido impor sua autoridade sobre todos esses homens. O coronel, conhecedor da importância do momento, optou por falar em voz alta e entrecortada.

— Agora, se me faz o favor, major!

— Senhor! — respondeu o major Sharpe. Respirou fundo. — Batalhão! O batalhão dará dois passos para frente a minha ordem! Batalhão, agora!

Desde esse momento, que trouxe sorrisos para cada rosto no batalhão, Sharpe estivera ao comando. A partir desse momento ficava junto de Girdwood, diante do batalhão, e ainda que tivesse o cuidado de consultar o tenente-coronel, e ainda que Girdwood ainda presidisse em silêncio a mesa de oficiais, não havia nenhum homem nos Voluntários do Príncipe de Gales que não soubesse quem dava de verdade as ordens no batalhão.

O general de brigada Nairn, durante a última visita que havia feito a Sharpe antes que o batalhão recebesse ordens de atravessar as montanhas, tinha ficado surpreso olhando a porta sempre fechada.

— Você não é muito duro com ele, Sharpe?

— Sim, senhor. Eu sou — admitiu Sharpe. — Em Foulness, senhor, esse bastardo dava ordem para que atirassem sumariamente nos desertores. Eu vi matarem um, e de acordo com o que põe nos livros, eu diria que fez o mesmo com uma dúzia. Sem julgamento, sem nada, simplesmente, pum. Também perseguia os homens pelas marismas como se fossem ratos. Roubou muito dinheiro. — Sharpe franziu o cenho. — Eu também, mas somente do inimigo; eu não roubo de meus homens. Além disso, quer ver uma batalha, portanto estou lhe fazendo um favor.

— Um favor?

— Eu combaterei em sua maldita batalha por ele, o que quer dizer que temos alguma oportunidade de ganhar — Sharpe sorriu ante sua falta de modéstia.

— Algum outro inimigo aqui, major Sharpe? — perguntou Nairn com um tom de zombaria.

Sharpe sorriu, pensou no sargento Lynch e mentiu.

— Não, senhor.

— Não parece muito diferente da Espanha, né? — perguntou Harper.

Estava, com uma xícara de chá recém feito, junto a Sharpe, sobre a grande colina, e olhava para baixo para as últimas fortalezas do inimigo situadas antes de chegar a campo aberto.

Sharpe apoiou um espelho quebrado em uma tigela de água e afiou a lâmina de barbear na lateral de sua bota direita.

— Os bastardos não tinham trincheiras na Espanha.

Escrutinou as posições francesas com sua luneta, e não lhe agradou muito o que viu: os franceses haviam transformado a grande corcova daquela montanha que via abaixo em uma fortaleza extraordinária, construindo muros de pedra que conectavam os pequenos fortes entre si, escavando trincheiras. No pé da colina, como uma crista entre colinas mais baixas, encontravam-se uma série de muralhas concêntricas que rodeavam um pináculo rochoso. A roca era coroada por canhoneiras, cheias sem dúvida de mosquetes, que os canhões britânicos não podiam alcançar, pois não se podia fazer canhão algum atingir o pináculo. Sharpe sabia que isto seria um duro trabalho para a infantaria. Um ataque colina acima, contra pedras e trincheiras, contra um inimigo fanático que defenderia sua terra natal. As ordens do batalhão, que deram a Girdwood, mas que Sharpe recebeu, mandavam os Voluntários do Príncipe de Gales atacarem atrás de outros dois batalhões. Os primeiros batalhões realizariam o trabalho prévio, desalojar as primeiras trincheiras, e deixariam para os Voluntários do Príncipe de Gales acabarem o trabalho. Os homens de Sharpe tinham que revistar as últimas defesas e tomar o pináculo, a última fortaleza. À direita e à esquerda da colina inimiga havia outras, coroadas por obras similares, para as quais se dirigiriam e atacariam os demais batalhões. Ao cair da noite, se tudo corresse bem, a via pela qual se saía das montanhas estaria desimpedida, e a França, com seus celeiros cheios e os pastos de inverno, estaria à disposição de Wellington.

Sharpe passou a navalha pela pele sem a ajuda da água quente. Estremeceu e seguiu raspando.

— Vou lhe dar um esquadrão especial, Patrick.

— Especial, senhor?

Sharpe meteu a lâmina na água suja e gelada que já tinha sido usada por outros nove oficiais.

— Não podemos realizar um assalto formal a esse lugar, tem muitas rochas, seria como atravessar um labirinto de valas e muros que destroçaria qualquer formação. Vamos avançar em duas colunas, a companhia ligeira e os granadeiros à frente, mas vou dar a você um esquadrão próprio. Vá para o centro, e se vir que alguma coluna tem problemas meta-se no flanco. Não espere minhas ordens, apenas faça.

— Sim, senhor — respondeu Harper sorrindo contente. Ele gostava dessa independência. — Posso escolher eu mesmo os homens, senhor?

— Eu já fiz isso. — Sharpe enxugou o rosto com a faixa de oficial. — O’Grady, Kelleher, Rourke, Callaghan, Joyce, Donnell, os irmãos Pearce, O’Toole, Fitzpatrick e Halloran. — Olhou o amplo sorriso de Harper. — Pensei que talvez necessitasse de um sargento a mais. Só para ajudá-lo.

— E quem seria, senhor?

— Não sei. — Sharpe pôs a casaca velha e começou a abotoá-la. — Talvez Lynch?

— Acho que os rapazes gostarão, senhor.

Sharpe imitou o sotaque de Donegal de Harper.

— Estupendo, Patrick, estupendo. E se importaria se acabasse seu chá?

— O que o senhor queira, senhor. — Harper deu uma risada. — Deus, como é bom estar de volta.

Às oito em ponto o batalhão começou a descer para o vale. O sol ia se convertendo em uma sombra. As veredas traçadas pelas cabras obrigavam as companhias a ir em fila indiana. Os criados dos oficiais levavam seus cavalos. Sharpe, como a maioria dos oficiais veteranos, havia deixado seu cavalo com a bagagem.

Tinha comprado uma égua de sete anos na Inglaterra, para substituir o cavalo barato que havia adquirido no segundo trecho para Foulness. Jane Gibbons tinha chamado a égua *Sycorax*.

— Mas eu não consigo nem pronunciá-lo! — havia grunhido Sharpe.

— Suponho que a chamaria de *Florence* ou *Peggotty* — disse Jane enquanto acariciava o focinho da égua. — *Sycorax*.

— Por que *Sycorax*?

— Era uma bruxa asquerosa com um nome bonito; a mãe de Caliban. — A garota riu. — Além disso, é um nome bonito, Sharpe.

Portanto ficou *Sycorax*, uma besta robusta e segura com um nome de bruxa, que havia comprado com os ganhos dos diamantes.

Maggie Joyce lhe investia o dinheiro dos diamantes na Rua Saint Albans, onde foi convertido em quatro por cento de ações. Sharpe recuperou algumas das jóias; Jane tinha colares, brincos e pulseiras que foram usados por uma rainha espanhola. Sharpe também ficou com um segundo colar, a peça bonita e delicada de filigrana de ouro da qual penduravam pérolas e diamantes, que havia embrulhado, metido em uma caixa e enviado com um mensageiro especial a um endereço de Londres.

A resposta chegou um dia antes de o batalhão zarpar de Portsmouth.

Caro major Sharpe,

Como posso aceitar um presente tão esplêndido? Com gratidão e, certamente, surpresa. O senhor é um homem muito generoso. Boa sorte.

Anne, condessa de Camoynes.

Havia um pós-escrito:

Deve ter lido nos jornais que lorde Fenner renunciou. Já não tem a riqueza para manter sua posição. Por todos seus serviços, lembrarei de você com carinho, e confio que se lembrará de mim, pelos meus.

O batalhão formava no vale. Por cima deles, amortecido pela distância e pela ladeira convexa da colina que ocultava os acontecimentos dos homens que esperavam, ouvia-se o som de mosquetes. Sharpe ordenou que se pegassem as bandeiras, as cores do primeiro batalhão que estavam manchadas e em farrapos pela guerra. Havia mandado que acrescentasse a insígnia das três penas no emblema do batalhão, mas ainda não haviam tido tempo de pô-las nas bandeiras. O vento, que levantava a fumaça dos mosquetes para o céu, ondeava as pesadas telas de seda e sacudia as bordas douradas. Soavam canhões, não britânicos, mas canhões de montanha franceses que vigiavam as fortalezas das rochas. Os recém chegados olhavam para cima nervosos, os veteranos esperavam. Para o tenente-coronel Girdwood, que tantas vezes havia sonhado com o momento em que pudesse entrar em combate, os sons lhe pareciam uma cacofonia de inferno e glória e tremores e morte; esperava.

Deixaram os cavalos com os criados no vale. Sharpe, que já não simulava consultar a Girdwood, deu as ordens pertinentes. O batalhão avançaria em formação de duas colunas. A companhia de granadeiros iria à frente da coluna da direita, a companhia ligeira a da esquerda, enquanto que o sargento-mor Harper e seu destacamento iriam no centro, na frente de Sharpe e do grupo com as bandeiras.

— Não quero nenhuma bobagem, não estamos em um campo de instrução. Ali não se podem manter as filas, portanto sigam avançando! Escutem as ordens, mas se não ouvirem nenhuma não sigam atacando em frente. Atacar! Sempre! — Deu uma olhada para os rostos, em particular os dos novatos, como o capitão Smith e o capitão Carline. — E não deixem que seus homens se escondam em buracos, entendido? Eles gostam de fazer isso, mantenham-nos se movendo, sempre! Tirem-nos para fora, façam-nos avançar!

Descreveu o que havia visto pela luneta; aquela paisagem de pesadelo cheio de trincheiras e muros, de condutos cegos onde os homens podiam ser apanhados pelos escaramuçadores franceses situados acima deles, uma paisagem rochosa e complicada desenhado pela defesa.

— Tem que ser um trabalho rápido! Se pararmos, estaremos perdidos! Portanto digam a seus homens que disparem à primeira vista, que não esperem ordens, e avisem-nos que será

difícil. — O capitão Smith parecia preocupado com as baionetas. — Entraremos depressa. Digam a eles que os franceses têm mais medo que nós.

— Então devem de estar mortos de medo — disse o tenente Prince, e sorriu para os outros oficiais.

— E estão — replicou Sharpe —, porque sabem que lutam contra nós.

E ainda que parecesse estranho, mesmo os novos oficiais que nunca haviam combatido e que deram uma nova vida a suas maltratadas carreiras, sabiam de repente que podiam ganhar. Seguiam um soldado e iam entrar em combate.

Levaram mais de duas horas para subir a colina e alcançar os primeiros batalhões que atacavam. Charlie Weller, metido na última fila da companhia ligeira, viu o seu primeiro inimigo morto; um homem destroçado sobre as rochas, com o sangue congelado pelo frio. A barba de outro francês morto estava também congelada e branca.

Viu os mortos britânicos: um com o braço aparentemente desencaixado, outro arruinado pela bala de um canhão com as tripas azuis sobre as rochas. Mas mais terríveis que os mortos eram os feridos. Charlie passou diante de grupos de franceses, um gemia porque tinha ficado sem olhos, outro abandonava a vida em grandes e terríveis ofegos: uma espada havia aberto seu ventre. Um soldado britânico lhe deu vinho, mas o homem já não podia tomá-lo.

Um sargento britânico que tinha a coxa esquerda aberta até o osso e cujo sangue, apesar do cinturão de pele enrolado na virilha, jorrava no piso, sorriu para Weller.

— Vá em frente, rapaz! Dê-lhes o inferno.

Weller achou que ia vomitar. Avançou aos esbarrões, seguindo o grupo de homens que tinha na frente, pensando se iria se lembrar de tirar a baqueta do mosquete antes de disparar. Em sua frente, cada vez mais perto, ouvia-se o ruído dos canhões.

O tenente-coronel Girdwood caminhava junto de Sharpe. Sem o breu no bigode parecia mais fraco. Seus olhos, pequenos e negros, escrutinavam aquele cenário tão pouco familiar. Ele também percebia a morte, mas já havia visto antes homens destroçados por balas. Contudo, na Irlanda nunca havia visto homens destroçados pelo fogo de artilharia. Os pedaços de carne, como se cortados por um açougueiro bêbado e perturbado, pareciam irreais. Uma vez se sobressaltou quando um cachorro atravessou sua frente. O sol saía de vez em quando entre as nuvens, a fumaça dos canhões de montanha era como uma delgada meada que se elevava por cima do batalhão e que trazia o horrível odor da fumaça da pólvora. Em algum lugar, um homem gritou, o grito se elevou e se desvaneceu com uma cadência espantosa. De repente se calou e Girdwood estremeceu.

O tenente-coronel não entendia o que via. Não podia distinguir onde o inimigo estava, ou o longe que haviam chegado os batalhões que iam à frente. Via, no extremo norte do cume, o escarpado pináculo rochoso, envolvido em fumaça, mas havia um terreno vazio ante o pináculo e Girdwood estava confuso. Uma vez, por entre a cortina de fumaça, viu uniformes vermelhos que avançavam correndo, um grupo de homens sem nenhum tipo de formação, e

achou ouvir vivas, mas não estava seguro. Observava o sargento John Lynch, que avançava com dificuldade diante dele, e pensou que se Lynch não mostrava medo ele tampouco tinha por que mostrá-lo.

O sargento Lynch estava aterrorizado. Pressentia que ter sido incluído naquele grupo de irlandeses tinha algum fim, e era um fim que não lhe agradava. Havia deixado que seu sotaque voltasse, e soasse mais irlandês que o deles, mas sentia seu desprezo e tinha medo.

Nunca estivera em um grupo como aquele. Sabia quantos irlandeses combatiam nesse Exército, mas havia pensado que apenas eram carne de canhão, camponeses obrigados a obedecer. Nunca havia visto seu orgulho. Aqueles homens estavam seguros de que o major Sharpe os havia reunido porque queria os melhores na frente, e quem melhor que eles? Falavam mal do rei da Inglaterra, sob uma bandeira que não era a sua, com um deleite que quase era contagioso.

— Sabem por que Deus fez a Irlanda tão pequena? — perguntou a Lynch um deles, enquanto afiava a baioneta a golpes contra uma pedra.

— Não — respondeu Lynch nervoso pela confiança que mostravam, uma segurança tremenda.

— Se não, teríamos conquistado todo o maldito mundo e já não restariam lutas, hem? — O homem deu uma risada e levantou a lâmina para examinar a ponta. — E o que fariam os homens então?

Alguns deles falavam em gaélico, riam com Harper; e Lynch estava seguro de que riam dele. Recordava a morte de Marriott no rio entre as marismas de Essex, sabia que ainda seguia impune e tinha medo.

D'Alembord, à frente da coluna da esquerda, ia entrar em sua segunda batalha. Sabia que o grupo de irlandeses de Harper estava a sua direita, e tinha decidido que sua companhia ligeira seria melhor. Achava que tinha os melhores homens, os mais rápidos, os mais enérgicos, mas desejava que Harper regressasse para ser seu sargento. Desembainhou a espada e, sob a fraca luz do inverno, o aço fino parecia uma arma frágil a se empunhar naquela terra de rochas e fogo de mosquete e morte repentina.

Huckfield, um homem atento e prudente do norte da Inglaterra que fora ascendido a sargento-mor de companhia, gritou para frente:

— O major manda parar, senhor!

O batalhão parou. Sharpe, na frente dos estandartes que indicavam aos franceses quem eram seus novos inimigos, empunhou sua espada. O aço, afiado com cuidado antes do amanhecer, roçou na bainha.

— Calar baionetas!

Desembainharam as folhas de quarenta e três centímetros, as encaixaram nas bocas, enquanto os poucos fuzileiros que ainda se contavam nas filas de D'Alembord meteram suas espadas mais compridas em suas armas. Entre os fuzileiros havia um jovem espanhol, Angel,

que não havia prestado formalmente juramento ao entrar no batalhão, mas que era um dos melhores atiradores. Os outros homens da companhia ligeira, sabendo com que fanatismo combatia, asseguravam que não viveria muito.

Estavam à beira da luta, enfrentando o caos e a confusão do ataque, e um major de brigada, suando apesar do frio depois de uma comprida corrida para o novo batalhão, deu a Sharpe a pouca informação que podia da batalha; depois ordenou que avançassem.

Sharpe ergueu a voz e a espada.

— O batalhão se reunirá no pináculo! — Todos os homens sabiam qual era seu trabalho e a espada mostrava o caminho. — Avançar!

Em *Pasajes*, Sharpe havia dissolvido as quatro companhias que formaram em Essex. Repartiu os homens entre as companhias existentes, misturando experiência com inexperiência. Contudo, e apesar disso, sabia que metade desse batalhão nunca havia entrado em combate. Se tivesse podido escolher uma batalha ideal para seu batismo, teria preferido combater em uma ação defensiva, com seus homens seguros de que desde que recarregassem seus mosquetes com rapidez, nenhum mal lhes aconteceria. Em lugar disso, os entregava a um ataque frontal em posições que foram firmemente mantidas e barbaramente fortificadas. Ali não podiam atacar pelo flanco, os fundos do vale estavam empapados com lamaçais, e a estrada que se dirigia ao norte corria ao longo do lado da colina e era cortada pelos fortes franceses.

A coluna da direita, encabeçada pela companhia de granadeiros, desapareceu em um labirinto de trincheiras e muros que os primeiros atacantes haviam tomado. A coluna da esquerda, com menos cobertura, se converteu em um alvo para os artilheiros franceses. Balas de canhão, menores que o punho de um homem, fustigavam as filas.

— Fechar fileiras! Fechar fileiras! — gritavam os sargentos.

O tenente-coronel Girdwood olhava emocionado para quatro homens que jaziam no piso, todos eles golpeados pela mesma bala de canhão. Um deles, tossindo e sangrando, tentava se reunir com sua fila. Os mosquetes resplandeciam na frente, as chamas atravessavam a punhaladas a fumaça que se abria desde um muro de pedra. As balas davam puxões nas bandeiras, rasgavam o ar por cima da cabeça de Sharpe, e ele observava com aprovação enquanto D'Alembord se inclinava à direita para flanquear a ameaça. O esquadrão irlandês disparou uma descarga contra o muro, acompanhada com gritos gelados, mas os franceses haviam partido, retrocedendo para a barreira seguinte, e Sharpe sabia que o batalhão tinha que avançar até o coração daquela confusão defensiva.

— Gritem, sacanas! Que eles os ouçam!

Saltou o muro atrás dos irlandeses. Uma trincheira formava ângulo para frente, as laterais se levantavam com muros de pedra. Um francês estava morrendo nos charcos que havia no fundo da trincheira, tinha a roupa feita farrapos que lhe haviam feito o esquadrão de Harper ao revistá-lo em busca de dinheiro. Ouviu-se um mosquete na frente de Sharpe, um homem gritou, e Sharpe saiu de um salto da trincheira para procurar a sua direita algum sinal de sua coluna

mais ao leste.

As bandeiras se detiveram atrás dele. Ouvia à companhia de D'Alembord disparando, o estalido agudo dos fuzis se distinguia entre o ruído constante do fogo de mosquetes que enchia o ar. Umas balas atingiam a rocha do seu lado, retorcendo-se em quiques, zumbindo e punçando ao seu redor, e seguia sem poder ver a coluna da direita. Ouvia os estalidos dos mosquetes procedentes de sua direção, um grito de alegria e depois as explosões que soavam como pequenos projéteis que estouravam.

— Sargento-mor! Direita! Direita!

Alguém gritou a ordem para Harper. Sharpe já estava atravessando a rocha aberta em busca dos granadeiros. Atravessou um banco de fumaça de mosquete e os viu agachados em um barranco. Seu avanço era detido por duas companhias de tropas francesas situadas ao longo de um muro de pedra por cima deles, vertiam fogo de mosquete nas filas bem apertadas e jogavam bombas, com as mechas acesas e fumegantes, pelo que o ataque emperrava, onde os projéteis explodiam e faziam a companhia de granadeiros retroceder.

— Avançar, sacanas! Avançar!

Sharpe observava os granadeiros que escalavam o muro. O sargento Lynch, com sua imaculada baioneta, ia caminhando atrás dos homens de Harper, e Sharpe gritou que os alcançasse. O alferes que levava a bandeira do rei foi atingido, o estandarte caiu e um sargento o pegou. Sharpe viu que a barreira seguinte estava cheia de fogo de mosquetes. Os homens de Harper estavam voltando a carregar, agachados atrás de um muro, e Sharpe gritou para os granadeiros que atacassem depressa. Os franceses, que haviam fugido para a nova posição, ainda estavam se instalando. Estavam nervosos e este era o momento de atacar.

— Avançar! Avançar! — Não tinha via a coluna da esquerda, mas havia entendido que a luta ia ser assim. — Avancem, bastardos! Gritem!

Os rapazes gritaram. Iam correndo junto dele, com as baionetas brilhantes. Os homens de Harper dispararam uma descarga diante deles, lançando pedaços de pedra nas caras dos defensores, depois Sharpe ouviu o bramido dos mosquetes franceses, viu a onda de fumaça suja, mais cinza que a dos ingleses, e sentiu que as balas passavam perto e atingiam os homens que vinham detrás, mas ele estava a salvo, tinha a espada na mão e gritou enquanto saltava o muro e ia golpeando com esta.

Um francês tentou parar o golpe com seu mosquete, mas só o que conseguiu foi desviá-lo de maneira que a enorme espada atingisse seu antebraço, destroçando o osso e cortando a articulação do cotovelo. O homem gritou, Sharpe passou, e um oficial francês, com uma espada delgada e brilhante, o desafiou. O oficial gritava para seus próprios homens, Sharpe não sabia se para retrocederem ou contra-atacarem. Ele lançou seu grito de guerra, viu o medo no francês e arremeteu com sua espada, torcendo ao mesmo tempo sua mão de maneira que a lâmina, ao cravar-se na barriga do inimigo, não ficasse presa pela sucção da carne. Arrancou a lâmina, deu um revés na resposta frágil e moribunda do francês, passou por cima do homem caído e gritou para seus homens continuarem avançando. A velocidade era tudo, ali, a velocidade faria que o ataque fosse atravessando os sucessivos muros antes que os defensores

pudessem se instalar e apontar.

A seu lado, gritando e gritando como homens possuídos pelo diabo, avançava atropeladora a companhia de granadeiros. Tinham o moral alto: resistiram ao primeiro golpe, sobreviveram, e agora corriam ante ele sem pensar na morte que, apenas uns minutos antes, lhes havia aterrorizado. O ar zumbia com as balas dos mosquetes, os gritos, a fumaça espessa como a névoa. Sharpe sabia que os homens novos, dominado o primeiro terror, estavam na frente das filas de ataque. Os veteranos, mais cautos porque eram mais sábios, os deixavam ir à frente.

Sharpe foi para a esquerda. O grupo com as bandeiras, tentando acompanhá-lo, o seguiu. Voltou a ouvir os fuzis, depois viu os homens ocupados com as baionetas, metendo as lâminas em uma trincheira enquanto que, atrás deles, a companhia número três havia ultrapassado D'Alembord pelo flanco para a esquerda e aguentava o ataque desse lugar. Isso era o que se supunha que tinham que fazer as companhias de apoio, mas a terceira estava ao comando de Carline. Sharpe contabilizou um ponto para o novo oficial.

Um muro de pedra, depois de outro. Os franceses formavam uma linha, mas os ataques procediam primeiro da esquerda, depois da direita, os franceses retrocediam. Um pedaço de pedra acertou na maçã do rosto de Sharpe, uma baioneta arranhou sua coxa e uma bala de mosquete lhe arrebatou e destroçou o cantil. Eram os instantes que depois recordaria com terror, mas de momento fazia o batalhão seguir se movendo e se aproximando cada vez mais das últimas defesas, os muros que rodeavam o pináculo. Seus homens lutavam agora em profundas trincheiras, encurralando o inimigo em armadilhas de rochas, seguindo seu caminho em meio do júbilo da batalha que não permitia que um homem sentisse medo e nem piedade, apenas ira para matar e sobreviver.

Viu casacas-vermelhas com bainhas brancas a sua direita e notou que os homens de outros batalhões seguiam atrás do espaço que se havia aberto nas defesas da colina. Ninguém disse para viessem, nenhum oficial os havia organizado, mas aquele era o Exército de Wellington e era assim como combatiam. O South Essex, pensou Sharpe, poderia ter retido aquela colina contra as legiões do próprio inferno. Então um estalido o fez se virar. Levou a mão ao rosto, pois lhe havia batido o ar de uma bala de canhão ao passar. Os canhões de montanha, no pé do pináculo, massacraram com uma descarga os atacantes, e fizeram com que Sharpe e o grupo que portava os estandartes se metessem em uma trincheira. Não havia sinal do tenente-coronel Girdwood.

Ia pisando nos mortos e feridos. Viu um mosquete britânico abandonado, com a baioneta quase dobrada pelo meio por causa da força de uma estocada dada contra a rocha. Havia charcos escorregadios de sangue. Um cachorro bebia de um deles, depois correu correr para alcançar seu dono. As balas dos mosquetes franceses passavam continuamente por cima de sua cabeça, o som das descargas era como o de um fogo furioso entre arbustos, os estrondos dos canhões de montanha ensurdecadores. O ataque parou. As trincheiras que conduziam ao pináculo, ziguezagueando por entre os muros, estavam bloqueadas, ali onde atravessavam as defesas exteriores, por barreiras transversais de pedra. À medida que os franceses se viam obrigados a retroceder, os fugitivos das posições capturadas reforçavam as outras defesas.

— Anda! Venha!

Sharpe abriu caminho até a frente onde os homens, ajoelhados nas trincheiras, disparavam inutilmente contra os obstáculos. Três corpos jaziam acima da trincheira, o que queria dizer que os franceses, ocultos pelo muro superior, tinham o avanço coberto pelos canhões.

Parecia que os homens tremiam, não de medo, mas de impotência, o olhavam fixamente com os olhos bordejados de manchas de pólvora, salpicados de sangue. Sharpe notou que ainda queriam atacar, mas nenhum homem podia atravessar a trincheira e sobreviver enquanto os canhões de montanha, que disparavam desde o coração da posição inimiga, convertessem o terreno que ficava acima em uma armadilha mortal. Sharpe subiu até o parapeito da trincheira e olhou para a direita. O terreno descia abruptamente para a estrada, mas não se podia passar por ali. Perguntava-se onde estavam os homens de D'Alembord e sentiu vergonha por esperar que a outra coluna arrancasse o inimigo de sua posição e lhe poupasse a necessidade de atacar.

— Carreguem! — Esperou enquanto os homens que tinham os mosquetes vazios voltavam a carregar. — Direto para os bastardos! Um esforço, rapazes, só mais um esforço.

Os rapazes sorriram. Tinham os nós dos dedos brancos de agarrar suas armas.

Não tinha sentido esperar. A indecisão apenas proporcionava tempo para a mente imaginar o que esperava naquele lugar onde as balas dos mosquetes vibravam no ar e a fumaça que saía das baterias dos canhões era espessa. Tão espessa, percebeu Sharpe, que o inimigo tinha que olhar através da neblina que ele mesmo produzia.

— Vamos! Deixem que os ouçam! Deixem que os ouçam! — uivava como se fosse um grito de guerra enquanto subia pela lateral da trincheira.

Durante alguns segundos pensou que estava sozinho. Temia se levantar sobre o parapeito da trincheira, temia perder a felicidade que havia encontrado, mas se obrigou a fazê-lo e avançou correndo, gritando, ouvindo sua voz sozinha no estrondo dos canhões. Então ouviu vivas atrás dele e viu, a sua esquerda, que mais homens surgiam do refúgio dos muros e escutou seus gritos selvagens.

Patrick Harper, no centro da linha, viu que Sharpe fazia avançar a coluna da direita e gritou para seu grupo que fosse para o muro. Havia um canto rodado no exterior da linha inimiga, com os flancos lascados e brancos pelas balas, e ele correu para lá, descendo a arma de sete canos enquanto avançava, cantando um ar estranho inventado por ele enquanto saltava, se detinha no cume da borda, um alvo enorme para todos os mosquetes franceses que estivessem na cidadela rochosa, e começou a disparar.

As sete balas saíram vomitadas, limpando um pedaço de muro ao derrubar três inimigos, e Harper saltou, levantando a arma como um garrote. Tinha seus homens junto com ele, gritando como espíritos malignos irlandeses, os *banshees*, rachando e arrancando com suas lâminas, e tomaram o muro. Sharpe estava do outro lado, à direita, e a trincheira estava tomada; gritou para que as companhias avançassem para o muro seguinte que estava envolvido pela névoa da bateria:

— Avançar! Avançar!

A velocidade era tudo. Não havia tempo para formar uma linha, ou alinhar filas, apenas havia tempo para levantar as baionetas manchadas de sangue e levá-las até a defesa seguinte e voltar a matar. Um cabo britânico, com a mandíbula arrebetada por um canhão de montanha, chorava entre suas mãos empapadas em sangue. Um cachorro, que atingido nas ancas, gemia inutilmente chamando seu dono morto.

Charlie Weller, em seu primeiro combate, escutava os gritos e o ruído, e pensou que nunca seria capaz de avançar, mas o fez. Havia ajudado ter ficado no final da companhia, seguindo ao homem que ia à frente, sem saber com certeza que coisas terríveis provocavam os gritos que procediam das primeiras filas. Uma vez, através de uma cortina de fumaça, viu uma bandeira francesa que ondeava no pináculo, e, de alguma maneira, aquela batalha não se parecia com nada que ele tivesse imaginado. Ouvia os gritos dos inimigos, mais altos do que ele tivesse imaginado, e viu o que haviam feito a homens maiores que ele; contudo, avançava escutando os sargentos, mas na realidade sem ouvi-los. Ossudo, gemicando por causa do ruído, permanecia perto e leal. A bala de um mosquete acertou a barretina de Weller, fazendo-a cair sobre o olho esquerdo e ele a endireitou nervoso. Ficou de cócoras quando seu esquadrão parou, olhou sua baioneta sem sangue e pensou que nunca chegaria a ser um soldado.

— Senhor Price! — gritou uma voz desde a frente da coluna. — Leve seu esquadrão para a direita!

— Esses somos nós, Charlie. — O soldado Clayton, um canalha cuja mulher era a inveja do restante do batalhão, sorriu para Weller. — Reze suas orações e não se mije. Pronto?

Ouviu-se um estrondo de mosquetes na frente da coluna, depois o tenente Price, com sua desajeitada espada na mão, ordenava a seus homens que o seguissem.

— Avançar, rapazes! Recebemos para isto!

Weller, achando que ao cabo de alguns segundos estaria morto, e pensando em sua mãe que lhe dissera que teria um fim miserável se virasse soldado, percebeu que suas pernas se moviam obedecendo aos gritos do oficial. Segurou o mosquete diante de si, imitando os outros homens, e depois ouviu que gritavam e tentou gritar também, ainda que o que lhe saiu foi mais um gemido de terror acriançado; e de repente, em uma trincheira atrás de uma barricada de pouca altura feita com rochas amontoadas, viu alguns homens com bigode que apontavam com seus mosquetes enormes contra ele.

Os mosquetes dispararam. Weller gritou com terror absoluto e, sem saber como, o grito se converteu em ira e viu Clayton saltar dentro da trincheira e atravessar um inimigo com a baioneta. Para Charlie eram enormes e de repente se sentiu muito pequeno, mas já se encontrava na borda da trincheira e um francês, um homem que lhe recordou o ferreiro de seu povoado, arremetia com sua baioneta.

Desesperadamente, como se fosse um forçado, Weller parou o golpe. O estalido dos dois mosquetes ao encontrar-se foi potente e, com a força de sua criação em uma fazenda, fez a

arma do inimigo de um lado e, de repente, ouviu a Clayton que lhe gritava:

— Mate o sacana, Charlie! Mate-o!

Empurrou a baioneta, gritando mais de medo que de raiva, e a lâmina penetrou no pescoço do inimigo. O homem girou, Weller perdeu o equilíbrio e caiu em cima do ferido. O francês lhe golpeou e Weller lhe desferiu um soco na cara com bigode, e depois uma lâmina passou por cima de seu ombro e penetrou no peito do francês. O homem ofegou uma vez, afogou-se e ficou quieto.

— Nada mau, Charlie, mas agarre-se a sua arma. — Clayton o levantou. — Pegue a mochila do franchinote. Rápido!

— Sua mochila? — perguntou Charlie, que havia se esquecido totalmente do conselho de Harper.

— Não o matou para isso?

Weller desafivelou as correias da mochila, tirou-a das costas do cadáver sem se importar que estivesse empapada em sangue. Derramou tudo o que continha, abandonou a roupa, mas compartilhou uma salsicha com Ossudo, depois se afezou o troféu. Quando tudo tivesse terminado, transferiria seus pertences para a nova mochila. Olhou-a orgulhoso.

— Anda! Venha! Venha! — gritava-lhes o capitão D'Alembord. — Movam-se!

Angel, gritando de raiva, tentava contar os franceses que havia matado enquanto ia matando mais. Junto dele, sempre em silêncio, Daniel Hagman, com o ombro ferido já curado, disparava seu fuzil com precisão mortífera.

— Anda, Charlie — disse Clayton empurrando-o.

A companhia ligeira estava chegando às defesas do pináculo e Weller, com a baioneta ensanguentada e as mãos escorregadias do sangue inimigo, começava a pensar que talvez chegasse a ser soldado.

O tenente-coronel Bartholomew Girdwood entoava uma canção. Estava sentado em uma trincheira abandonada, com os mortos jazendo como coisas quebradas ao seu redor, e cantava:

Estamos juntos no fragor da batalha

e tudo é pela vitória, garotos,

por nossa bandeira lutamos.

Hurra!

Voltou a cantar, enquanto as lágrimas rolavam pelo rosto e se acumulavam nos cantos de seu bigode sem embrear. Ouviu o disparo dos canhões de montanha e sentiu um estremecimento que lhe provocou mais lágrimas. O tenente-coronel Girdwood olhou para um dos mortos, um cabo galês que jazia com um buraco de bala na garganta, e explicou ao homem que, na verdade, aquilo não era uma batalha. Não era uma batalha em absoluto, pois as batalhas, disse, eram travadas em planícies. Sempre em planícies, não em colinas. O cabo não

respondeu e o tenente-coronel Girdwood gritou para o homem que se não respondesse o prenderia.

— Fale, sacana! Fale!

Outro canhão o fez gemer. Olhou para o céu.

— Setenta centímetros é o intervalo adequado entre os homens no ataque. Formem.

Deu uma risada. Pensava que talvez pudesse sair da trincheira e pôr um pouco de ordem naquele lugar. Olhou para o cabo.

— A pele dela é branca, sabia? Sabia? Branca, branca. — Olhou para seus pés. — Dois pés.

Voltou a cantar seu poema.

Então, do outro lado do canto da trincheira, um dos muitos cachorros que infestavam aquele batalhão avançou trotando para o coronel. Olhou para Girdwood, farejou o sangue do morto e começou a se interessar com a garganta do cabo galês.

— Não! Não! — gritou Girdwood para o cachorro.

Sacou sua pistola, apontou, mas a pederneira bateu em uma caçoleta vazia. Suas mãos tremiam demais para poder voltar a carregar. O cachorro o olhava, com as queixadas vermelhas e úmidas, meneou a cauda e o tenente-coronel Girdwood, que só o que queria era combater em uma batalha real, gritou e gritou sem parar.

— Cristo! — exclamou D'Alembord, que achava um milagre continuar vivo, separando-se de um ricochete que bateu na rocha ao seu lado.

Ouviu os gritos provenientes da direita, notou que a companhia de granadeiros devia estar atacando o muro e, ainda que uma parte dele tivesse a terrível tentação de deixar que eles acabassem o trabalho, também sabia que não poderia se perdoar se o fizesse.

— Estão carregados?

— Sim, senhor! — responderam as vozes em coro.

— Uma vez mais, garotos! Uma vez mais para a brecha e devemos ir como loucos. Avançar!

Ria histericamente enquanto os ia guiando. Viu os franceses situados atrás do muro, gritou a ordem de disparar, e a própria descarga de seus homens passou assobiando por seus ouvidos enquanto ele saltava pelo extremo superior do muro. Brandiu sua espada contra o ar vazio e fez que seus homens, que iam avançando com dificuldades por cima das pedras, fossem em direção às frestas dos canhões de montanha, rodeados por uma fumaça espessa. Um oficial francês lançava pedras desde a parte superior da muralha improvisada, pedaços enormes de rocha que quicavam e caíam com grande estrépito em direção ao ataque britânico.

Charlie Weller não havia disparado quando D'Alembord deu a ordem. Havia apalpado o mosquete, depois se sobressaltou pelo estouro dos canhões perto de seus ouvidos. Ainda tinha

o mosquete carregado. Em Lincolnshire, na granja onde trabalhava seu pai, às vezes o deixavam ir com o granjeiro caçar coelhos. O granjeiro gostava de se exhibir diante do jovem Weller.

— Atire nos olhos!

Apontou para o oficial francês que lançava as pedras grandes. De repente, Weller não tinha que pensar, a arma parecia uma parte dele; disparou, sentiu a pólvora queimando que lhe ardia na bochecha, e o oficial retrocedeu. Finalmente havia matado. Gritou de alegria por tê-lo conseguido e carregou junto com os outros homens de sua companhia; era um soldado. Angel lhe deu uma palmadinha nas costas.

— Muito bem!

O capitão Smith, cuja companhia se colocara no flanco direito de D'Alembord, tremia aterrorizado. Um oficial francês morto jazia a seus pés, Smith o havia matado com a espada. Acabava de fazer o que tinha feito Charlie Weller; convertera-se em um soldado.

— Atrás de mim!

Achou o grito fraco, mas os homens o seguiram. Observou como desalojavam as últimas trincheiras, ouviu seus gritos e não notou que o fogo francês diminuía.

Charlie Weller, com o cachorro ao seu lado, já não encontrou mais inimigos naquele lado do pináculo. Estava observando o outro ataque, vendo Sharpe e Harper juntos; e, de repente, se surpreendeu por ter compartilhado a tenda durante oito dias com aqueles homens que, buscando instintivamente na batalha, iam abrindo uma passagem para as últimas defesas. O grupo de irlandeses ia com eles, gritando suas ameaças, mas os franceses corriam. Os gritos eram ouvidos por toda parte, o som da vitória, mas ainda restavam alguns homens entocados nos vãos das rochas, com os mosquetes carregados e, como se fossem de parasitas, Harper os atacava. As lâminas de seus homens estavam vermelhas até a empunhadura. Ele tinha seu rifle e sua baioneta nas mãos, mas nesse momento, ao ver que os franceses que desciam correndo pela ladeira oposta, gritou para que seus homens que cessassem fogo.

— Façam prisioneiros! Façam prisioneiros!

Sharpe ouviu aquele grito. Havia voltado a matar, havia metido a espada por um daqueles buracos, mas agora notava o que Harper via: o inimigo se retirava em confusão. Olhou para cima. No pináculo, ao qual se podia subir por alguns degraus naturais escavados toscamente na rocha, não ondeava a bandeira tricolor mas uma camisa branca. Um homem, agitando um lenço sujo, olhava com cautela pela borda. Sharpe lhe ordenou que descesse. Tudo havia terminado: derrubaram a última barreira das montanhas na fronteira.

Subiu no cano quente de um daqueles canhões de montanha, apoiando o pé na roda, e dirigiu o olhar para o norte. Viu uma campina ampla, ondulada, estranhamente verde do outro lado daquelas montanhas invernais, salpicada de pequenas vilas, e povoada com muitas árvores que ainda mantinham as últimas folhas do outono. Como prata fundida que se tivesse derramado, sob os reflexos da luz do sol, viu os rios e os lagos de uma terra fértil: a França. Naquela noite, quando os mortos estivessem enterrados, avançariam por aquela terra, o

coração do inimigo. Atrás dele, ondeadas pela brisa, estavam as bandeiras de seda pelas quais ele havia lutado para que estivessem ali. Estavam na França e haviam conseguido a vitória.

— Murmura algo de campos verdes — anunciou D'Alembord. — Ou algo de peles brancas, que não é muito poético. Ficou louco.

— Não pode ser!

— Perdeu totalmente o juízo! — disse D'Alembord enquanto limpava a lâmina da espada. — Está choramingando, recitando poemas que não me atrevo a repetir e gaguejando como um idiota. Se estivesse em Bedlam, pagariam dois peniques para vê-lo. O sargento Harper afasta os curiosos, mas eu acho que requer sua atenção, senhor.

— Que diabos acha que devo fazer com ele?

— Se fosse você, eu o amarraria e o enviaria para a brigada. Lá estão acostumados com coronéis loucos.

Sharpe sorriu.

— Conte as baixas, Daily, vou ver Girdwood.

Bartholomew Girdwood estava como D'Alembord havia descrito. Amontoava pedaços de rocha sobre a coxa; sentado, com lágrimas correndo pela face, às vezes ria, às vezes cantava pedaços tristes de poemas heróicos sob o ar gelado.

— Tenente Mattingley!

— Senhor?

— Necessitará de dois homens. Leve-o para a brigada.

— Eu, senhor?

— Você.

Sharpe voltou a olhar para o tenente-coronel que perseguira os recrutas de Foulness, que se acreditara o melhor dos soldados, um guerreiro que morria de vontade para ter uma oportunidade de lutar contra os franceses.

— Não precisa amarrá-lo. Trate-o com amabilidade.

— Sim, senhor.

Sharpe regressou ao pináculo, que estava coroado por seus estandartes sob o sol da tarde. A fumaça ainda cheirava a pólvora e a sangue, ainda se ouviam os soluços dos feridos. Agradeceu a Smith, Carline e aos outros oficiais. Parou junto aos feridos e lhes disse que ficariam bem. Gritou para que os músicos se apressassem com as macas. D'Alembord, quando Sharpe voltou ao pináculo, regressava com as baixas da carnificina. Sharpe viu que o alto capitão parecia triste.

— Diga-me, Daily.

— Onze mortos, senhor, quarenta e três feridos.

— Malferidos?

— Uns vinte, senhor.

— Oficiais?

— O capitão Thomas está morto, senhor — disse D'Alembord, dando de ombros. — Isso significa que Harry ficará com sua companhia, senhor?

— Sim.

Price ficaria contente, ainda que a ascensão fosse por causa de uma morte. Sharpe achou que as baixas não eram excessivas.

— Perdemos algum sargento?

— Somente a Lynch, senhor — disse D'Alembord com desaprovação.

— Lynch?

— Dilacerado, senhor — respondeu D'Alembord com olhos acusadores.

— Uma dúzia de bastardos deve de ter caído sobre ele, senhor. Não é muito agradável de ver.

— Ele merecia, Daily.

— Eu achava que havia tribunais militares, senhor.

Sharpe olhou para o alto capitão, sabia que merecia a recriminação de D'Alembord.

— Sim, você tem razão.

D'Alembord se sentiu muito incomodado ao ouvir a resposta de Sharpe.

— Mas o batalhão lutou bem, senhor, realmente lutaram bem.

— Foi? — Sharpe gostou do cumprimento. — Que tal o Weller?

D'Alembord sorriu, aliviado porque já havia passado o momento.

— Muito bem, senhor. Será uma grande soldado. E muito bom, senhor.

— Obrigado, Daily.

Sharpe ficou debaixo do pináculo observando os grupos de homens que passavam pela paisagem rochosa cheios de feridas, e que retiravam os mortos e feridos antes que os animais carniceiros aparecessem no céu invernal.

— Sargento-mor do regimento!

— Senhor? — respondeu Harper avançando para ele.

— Obrigado por seu esforço.

— Não foi nada, senhor.

Sharpe havia encontrado um cantil francês abandonado cheio de vinho, e deu um trago.

— O coronel ficou louco. — Estendeu o cantil para Harper. — E ouvi que você perdeu Lynch.

— Sim, senhor — disse Harper sem sorrir. — Portanto já acabou tudo?

— E esquecido, Patrick. Diga a seus homens que lutaram bem.

— Farei isso, senhor.

O Exército já ia avançando pela estrada que flanqueava a ladeira da colina. Sharpe ouvia o estrondo das rodas dos canhões que entravam na França. Olhou para o outro lado, para os distantes picos da Espanha que, agora que o sol se ocultara entre as nuvens, estavam escurecidos. Tinha uma filha ali. Havia lutado naquele país durante mais de cinco anos, em montanhas e vales, em fortalezas e nas ruas das cidades; e agora partia.

— Senhor!

Olhou para a esquerda. O capitão Smith sorria como um idiota e o olhava com autocomplacência; Sharpe colocou a espada limpa na bainha.

Lá onde a estrada rodeava a ladeira da colina, via a um grupo de quatro mulheres com alguns criados espanhóis que lhes levavam os bridões dos cavalos.

As mulheres eram as esposas dos oficiais de Sharpe. Mais perto, sorrindo e subindo pela colina com a atenção e a ajuda, totalmente desnecessária, de uma dúzia de homens, vinha sua própria esposa. Estavam casados há dois meses. Ela havia insistido, apesar das ordens de Sharpe, em acompanhá-lo.

— Sempre quis viajar. Além disso, será bom para meus desenhos.

— Desenhos?

— Desenho e pinto, não sabia?

— Não.

Isabella, que havia decidido que Londres era um lugar estranho e temível, insistira em regressar como criada de Jane. Harper, que ordenara à sua mulher grávida que ficasse em Londres, fora absolutamente desobedecido, assim como Sharpe.

— Richard! — gritou Jane, coberta com uma capa vermelha.

— Meu amor — respondeu ele, e achou estranho dizê-lo na frente de tantos homens.

A mulher sorriu e o atravessou com sua beleza como uma espada.

— Eu vi o tenente-coronel Girdwood, pobre homem.

— Pobre homem.

Virou-se e olhou o campo de batalha. Os britânicos mortos já não estavam, mas os cadáveres dos franceses, despídos, ainda jaziam entre as rochas.

— Tenho tempo para fazer um desenho?

— Não é muito próprio, não?

— Não seja pomposo — respondeu ela sorrindo; pôs a *Rascal* no solo e tirou de sua bolsa um caderno largo e uma caixa de lápis.

Estavam casados há dois meses e Sharpe não havia se arrependido em nenhum momento. Nunca imaginou aquele tipo de felicidade, inclusive tinha medo de que um dia lhe fosse tirado, e nem mesmo se importava que os homens rissem dele. O riso não era cruel e ele era feliz. Acreditava que Jane também era feliz. Assombrava-se como a felicidade de sua esposa era tão importante para ele. Observou seu lápis, maravilhado com sua destreza.

— Tenho que ir fazer o batalhão formar.

— Isso ocorre por que é importante e pomposo. Não se esqueça que estou aqui.

— Vou tentar, mas você é facilmente esquecida — Ele sorriu para ela, pensando que era o homem mais sortudo do mundo.

Uma hora mais tarde lhes ordenaram que deixassem a colina. O batalhão estava formado em ordem de desfile de um lado da estrada, pronto para avançar e com as bagagens atrás. O capitão Harry Price ia à frente de uma companhia. As bandeiras estavam de novo recolhidas.

Estavam marchando para a França.

Sharpe montou *Sycorax*. Jane estava com ele sobre sua égua. Começava a chover, as gotas eram grandes como peniques quando caíam sobre as rochas.

— Sargento-mor!

— Senhor?

— O batalhão marchará em linhas de companhias.

— Para onde, senhor? — perguntou Harper sorrindo.

— Para a França!

Porém, de repente, antes que desse a ordem de marcha, e com grande embaraço por parte de Sharpe e alegria por sua mulher, alguém deu vivas. Gritaram por eles e por sua vitória. O ruído foi se estendendo até que os Voluntários do Príncipe de Gales encheu o vale com seu regozijo.

Sharpe havia agarrado alguns homens destroçados e perseguidos e os convertera em soldados.

— É suficiente, sargento-mor!

— Senhor! Batalhão!

Girdwood estava louco, portanto estes homens, até que nomeassem outro coronel, eram de Sharpe. Contemplou como marchavam, escutou as canções que já haviam começado e pensou em como lutaram entre as Rochas até conseguir a vitória. Ele considerava que eram tão boas tropas como qualquer outra que tivesse conhecido antes e, de momento pelo menos, eram seus homens, sua responsabilidade e seu orgulho. Jane, que o observava, percebeu no rosto de Sharpe, duro e severo, um lampejo aquoso que não era de chuva. Sharpe contemplava os homens pelos quais havia lutado contra todos os bastardos que os desprezavam porque eram

simples soldados. Eles eram seus homens, seus soldados, seu regimento; eram Sharpe e seu regimento.

Fim.

Nota Histórica

A batalha de Vitória, descrita em *Sharpe e a batalha de Vitória* acabou com as esperanças dos franceses na Espanha. Um punhado de guarnições aguentaram nas fortificações, mas os Exércitos de campo franceses, derrotados por Wellington, fugiram para o norte atravessando os Pirineus. Ninguém esperava que regressassem. Pensava-se que o restante de 1813 se passaria limpando as guarnições francesas e preparando, desde a nova base de aprovisionamento em *Pasajes*, a invasão da França. Um bom momento para regressar à Inglaterra.

Contudo, Sharpe e Harper, ao voltarem para a Grã-Bretanha, perderam um combate duro e confuso. O marechal Soult, enviado por Napoleão para apoiar as defesas que se desmoronavam na fronteira espanhola, surpreendeu Wellington ao atacar em lugar de esperar com passividade ser atacado. Os Exércitos marcharam, contramarcharam e combateram nas brumas dos Pirineus, mas até o final do outono todos os ataques franceses foram derrotados; as últimas fortificações que lhes restavam na Espanha haviam sucumbido, sendo a queda de San Sebastián especialmente horrível, e Wellington pôde finalmente penetrar na França. Sharpe e Harper regressaram a tempo para o final do combate nos Pirineus que limpou os contrafortes.

A ação que se descreve no epílogo do romance é baseada na famosa descrição de sir William Napier do papel que desempenhou o 43º durante a batalha de Nivelles, em 10 de novembro de 1813. Napier descreveu a batalha no volume V de seu *History of War in the Peninsula*. Trata-se de um relato particularmente fidedigno, pois sir William Napier fora o oficial ao comando do 43º durante o ataque no Baixo Ródano.

As batalhas de Sharpe com a hierarquia do Exército na Inglaterra são igualmente históricas. O comando do Exército britânico durante as guerras napoleônicas era um caos: cindido pelos ciúmes entre o Ministério da Guerra e a Guarda Real e com a burocracia sempre ávida a manter sua participação. Era um sistema corrupto, dado a abusos, cujo escândalo mais famoso foi o de 1809, quando se descobriu que Mary Anne Clarke, sendo amante do duque de York, comandante-em-chefe, estivera vendendo ascensões a alguns oficiais. Pagavam a ela e ela persuadia seu amante a fazer as nomeações. Algumas vezes, quando o duque se esquecia, ela lhe deixava notas presas com alfinetes nas cortinas de sua cama. O duque, o segundo filho do rei Jorge III, ainda que se provasse que não recebera dinheiro, viu-se obrigado a renunciar por dois anos.

O duque de York tinha má reputação: até os meninos conheciam ao grande duque de York, que tinha dez mil homens a quem fez avançar colina acima e depois descer outra vez. Era um general de campo tão ruim e indeciso como indica essa canção infantil, escrita depois da desastrosa campanha de Flandes, em 1794, na qual lutou pela primeira vez o soldado Richard Sharpe com dezesseis anos. Porém, na verdade, e à parte da questão das cortinas, foi um administrador dos mais eficientes que levou a cabo reformas muito necessárias e sensatas no

Exército. Dar emprego aos filhos mais novos dos monarcas sempre foi um problema menor da espécie humana, mas para Federico, duque de York e Albany, aquele trabalho lhe caía bem.

Contudo, era pouco o que ele, ou outro, podia fazer para pôr freio na corrupção existente no sistema de recrutamento. Suspeito que o sargento Horatio Havercamp revela a maioria dos enganos do negócio. Ainda que goste de acreditar que Horatio não tenha caído tão baixo como alguns grupos de recrutamento que proporcionavam prostitutas pagas para imobilizar os voluntários resistentes na cama. Os bordéis onde tais damas com tanto senso do dever público trabalhavam eram conhecidos como casas de recrutamento. Não havia serviço militar obrigatório, certamente, e todos os homens, inclusive os prisioneiros que eram entregues ilegalmente aos recrutadores, eram “voluntários”. O Exército teria gostado muito de ter um sistema de patrulhas de alistamento como o da armada, porém, na falta disso, dependiam das artimanhas de seus recrutadores e do peso de suas bolsas. Os prêmios eram generosos, ainda que o recruta se visse, de uma maneira ou outra, privado da maioria, e muitos coronéis acrescentavam suas próprias recompensas pecuniárias aos recrutadores com êxito. Este tipo de recrutamento existia com bastante legalidade. Aos contratistas, comerciantes civis independentes, o Ministério da Guerra oferecia uma quantidade de dinheiro por cabeça e seus benefícios residiam em manter os prêmios baixos e as promessas altas. Foi utilizado na Irlanda, onde a pobreza fez que tantos homens se alistassem nas filas do Exército britânico. Nos primeiros anos da guerra, se ofereciam nomeações aos homens que levassem ao Exército bastantes recrutas; de fato, foi assim como sir Henry Simmerson conseguiu sua graduação de tenente-coronel no romance que iniciou esta série, *Sharpe e a Águia do Império*.

Estes recursos eram muito necessários, pois, com exceção de alguns regimentos seletos, como os Fuzileiros ou as Guardas, a maioria de unidades era sempre carente de recrutas; uma escassez à qual não ajudava a existência de uma Milícia Nacional que levava os homens bons do Exército regular. O príncipe regente gostava dos desfiles em Hyde Park, em particular quando se exporiam ante ele os troféus inimigos. A família real do período de regência não desfrutou do carinho que recebe do público a família real atual; não eram suficientemente atraentes. O rei Jorge III havia perdido a razão por causa de uma doença e seu filho mais velho era um safado fâstuoso que odiava seu pai. Tão impopular era a família real, que o ajudante de câmara do filho mais novo do rei foi aplaudido pelo povão quando abriu a cabeça de seu senhor com um golpe de espada. Os desfiles em Hyde Park, além de dar rédea às fantasias militares do príncipe regente, lhe permitiam aparecer em público para receber mais adulações que aplausos. O público britânico, ainda que nunca tenha sido muito amante do exército, estava orgulhoso do que o Exército estava fazendo sob o comando de Wellington, e comparecia com respeito a Hyde Park para aclamar ou ver as montagens patrióticas que se representavam nos teatros de Londres.

O príncipe regente, depois de converter-se em rei, expressou em público a fantasia de que estivera presente nos campos de batalha durante a última guerra. Chegou a incomodar Wellington afirmando, durante um jantar, que havia conduzido uma carga em Waterloo. O duque, muito diplomático, guardou silêncio. Também é melhor guardar silêncio a respeito de Foulness. Não era um acampamento militar secreto em 1813; ele é agora.

Portanto Sharpe e Harper estão de novo no Exército. Eles, como muitos outros oficiais e homens desse Exército, levam suas mulheres consigo, e, por fim, conseguiram abrir uma brecha nas defesas da França. Wellington foi o primeiro general estrangeiro a invadir a França desde o início da Revolução, vinte anos antes. Naquele inverno de 1813, existia a sensação de que Napoleão faria logo um acordo de paz: era atacado no norte e sua amada França se via invadida pelo sul. Mas ainda restam batalhas a se travar e campanhas a ganhar, portanto Sharpe e Harper voltarão a marchar.